

DAIANI BARBOZA

**AS MÚLTIPLAS CIDADES NA CIDADE:
AS RELAÇÕES ESTÉTICAS DOS CATADORES DE MATERIAL
RECICLÁVEL COM A POLIFONIA URBANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Doutorado do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Práticas sociais e constituição do sujeito.

Linha de Pesquisa: Relações éticas, estéticas e processos de criação.

Orientadora: Prof^a Andréa Vieira Zanella, Dr^a

**FLORIANÓPOLIS
2012**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

B239m Barboza, Daiani

As múltiplas cidades na cidade [tese] : as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana / Daiani Barboza ; orientadora, Andréa Vieira Zanella. - Florianópolis, SC, 2012.
277 p.: il., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Reciclagem. 3. Cidades e vilas. 4. Polifonia. 5. Resistência. 6. Lixo. I. Zanella, Andréa Vieira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

DAIANI BARBOZA

**AS MÚLTIPLAS CIDADES NA CIDADE:
AS RELAÇÕES ESTÉTICAS DOS CATADORES DE MATERIAL
RECICLÁVEL COM A POLIFONIA URBANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Doutorado do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2012.

Prof^a Dr^a Andréa Vieira Zanella
Orientadora (UFSC)

Prof^a Dr^a Maria Aparecida Crepaldi
Coordenadora do PPGD (UFSC)

Daiani Barbosa

As múltiplas cidades na cidade: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

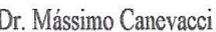
Florianópolis, 27 de fevereiro de 2012.



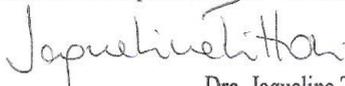
Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Andrea Vieira Zanella
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dr. Máximo Canevacci
(Università di Roma La Sapienza / UERJ - Examinador)



Dra. Jaqueline Tittoni
(PPGP - UFRGS - Examinadora)



Dra. Esther Arantes
(PPGP-PUCRJ/UERJ - Examinadora)



Dr. Kléber Prado Filho
(PPGP - UFSC - Examinador)

Este trabalho é dedicado a Iolanda Albino Barbosa (*in memoriam*).

A morte

*A morte passou
A cidade ficou
Nela as marcas da tua existência
Singela, atenta, sincera;*

*Agora as primaveras já não serão as mesmas
Na hora de ouvir os pássaros cantarem
Os sinos tocarem
Você não estará mais lá
Mas, o que ficou dito, não dito?
Nas imagens, nas fotos, as lembranças da tua presença
Afetiva, corajosa, intensa;*

*A morte passou, mas a história ficou
Nada irá silenciar a lembrança forte, marcante, gentil,
solidária da tua presença
Palavras ditas, bem-ditas palavras
Marcam a tua presença;*

*O tempo passou
A história ficou
A morte não cala a tua presença
Marcada na história, no tempo, na memória
Remanescentes memórias da tua existência.*

(Daiani Barboza, verão de 2005)

AGRADECIMENTOS

Era 04 de dezembro de 2007, e eu esperava ansiosa para saber se havia sido aprovada na última etapa do processo seletivo para o Doutorado em Psicologia na UFSC. Com a aprovação, esse sonho começou a se transformar em realidade. Muitas pessoas contribuíram para que eu pudesse tecer essa trajetória. A cada etapa superada, novos encontros, com vozes diversas, fossem professores, autores, colegas, amigos, pesquisados, comigo mesma, entre outras.

Ao escrever esta tese, pude ampliar meu repertório como pesquisadora, sobretudo em relação à temática cidade. Inúmeras indagações surgiram nesse processo, afinal, viver na cidade é estar imerso em um cenário complexo e multifacetado. Decifrá-la, é como adentrar em uma caverna, cuja lanterna acesa vai iluminando pouco a pouco alguns lugares, mas seria preciso muitíssima luz para começar a visualizar e desvendar tal cenário. Ainda assim, nunca a veríamos completamente.

Essa pesquisa me fez refletir sobre as relações estéticas que tecemos com as cidades. Debruçar-me sobre esse tema fez meu coração bater, sentindo os diversos ritmos e vozes no espaço citadino. As batidas do coração da cidade tocaram-me, tornaram meu olhar mais sensível, ampliaram meu repertório sobre relações estéticas e éticas que ali são gestadas. Ouvir as narrativas dos sujeitos da pesquisa acerca de suas relações estéticas com/na cidade foi profundamente edificante. Desse modo, agradeço aos catadores Maria Denis, Titi, Terezinha, Zênia, Ximiruga e Osmar que participaram da pesquisa, o modo como habitam a cidade, como resistem às dificuldades do cotidiano me possibilitou refletir sobre as cidades que construímos na contemporaneidade.

Nesse longo percurso, pude contar com o carinho de tantas pessoas. Destaco minha família, que esteve sempre presente, me incentivando desde as etapas de seleção do Doutorado, e que sonhou comigo nesse processo de doutoramento. Agradeço às minhas irmãs, Josi e Mariângela e aos meus cunhados Diógenes e Edgar, meus sobrinhos Júlia, Vitor, Tainan e Lucas. Em especial aos meus pais, Olanda Torres Barboza e Ângelo Albino Barboza. Muito obrigada!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP – UFSC e ao Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais: relações éticas, estéticas e processos de criação (NUPRA), pela possibilidade de fazer esse Doutorado. Obrigada pela acolhida e pelo aprendizado que não termina, posto que construiremos outros diálogos.

À minha orientadora, Andrea Vieira Zanella, por ter acolhido o tema proposto por mim para o Doutorado, pelos diálogos diversos e abertura para a construção de uma Psicologia Social com compromisso ético-político e estético na contemporaneidade.

Ao professor Vincenzo Padiglione, da “Università Degli Studi di Roma – La Sapienza”, agradeço o modo amável com que me acolheu na universidade, possibilitando-me ampliar meus horizontes na constituição deste trabalho.

Agradeço à professora Cristina Zuchermaglio, pela acolhida no laboratório de Psicologia da La Sapienza e pelo convite para retornar e apresentar esta pesquisa em sua universidade no ano seguinte.

À professora Kátia Maheirie, pelos diálogos diversos, pelo carinho e pela corresponsabilidade na construção de uma Psicologia Social com compromisso ético, afetivo e político.

Ao professor Kleber Prado Filho, sempre gentil e acolhedor, o qual considero muito mais que um professor, uma pessoa sempre disposta a ouvir, dialogar e acolher nos mais diversos momentos.

Ao professor Massimo Canevacci, pelo seu “nobre” modo de ser, sempre aberto às alteridades. Obrigada pelo incentivo à pesquisa e pelos diálogos sucedidos.

À professora Silvia Zanatta Da Ros, pelo incentivo ao Doutorado e pelas possibilidades de encontro e diálogos inesquecíveis.

Obrigada, Helena, pelo carinho e dedicação que me acolheu no PPGP ao longo do Doutorado.

Agradeço à Verônica, pelo modo simpático e acolhedor que sempre me atendeu na livraria do CFH, atenta às necessidades do meu trabalho.

Agradeço à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida no exterior e no Brasil. O incentivo à pesquisa faz do Brasil um país que desbrava novos cenários e possibilidades.

À Mirko, pela doçura com que me incentivou na construção desta Tese, seu afeto foi indispensável para superar momentos difíceis.

À Nair e Guimarães, presidentes das associações de moradores dos bairros São Luiz e Anita Garibaldi, respectivamente, pela colaboração.

Agradeço às demais pessoas que nesse percurso se fizeram presentes, me incentivando e torcendo por mim nas diferentes etapas deste trabalho. Tia Tina, especialmente, pelo incentivo na etapa final deste

trabalho. À minha madrinha Maria, sua simplicidade e carinho foram essenciais nesta trajetória. Também agradeço a Maris da Luz, Clélia Fontanella, Sandra Ferracuti, Salete, Heliete, Messias, Manoel, Miriam, Marquinhos e Ana, Janice Martignado, Pati, Anita, Sarah Ramos, Marcia, Regi, Ana Cristina, Adriana, Paulo, Ivanir, Liliam, Bete, Zoraia, pela torcida. São tantas que não serei capaz de nomear todos. Afinal, a vida só se faz nos encontros!

Por fim, agradeço aos nominados e não nominados que comigo compartilharam da minha trajetória. A partir dela, me sinto mais qualificada para me envolver em nossos desafios.

RESUMO

BARBOZA, Daiani. **As múltiplas cidades na cidade**: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Uma cidade é feita de sons, imagens, linguagens, arquiteturas, subjetividades, trajetos, contradições, (im)possibilidades. Considerando a polifonia que caracteriza os espaços urbanos, esta pesquisa de cunho etnográfico teve como escopo as relações dos catadores de material reciclável (CMR) com a/cidade. Os objetivos foram: analisar as imagens da cidade produzidas pelos CMR; identificar os movimentos de resistência dos CMR; investigar em quais condições os CMR estabelecem relações estéticas com a cidade. A tese sustentada é de que os CMR, em suas andanças, estabelecem relações estéticas com/a cidade, resistem e afirmam cotidianamente seu lugar na tessitura urbana. Essa perspectiva estética, fundamentada nas contribuições de Bakhtin e seu círculo, é entendida como relação e tem como pressuposto o “acabamento” que o outro nos dá, posto que é nas relações com esses múltiplos “outros” que nos constituímos inevitavelmente. Participaram da pesquisa seis CMR que habitam três bairros de periferia de uma cidade de médio porte no sul de Santa Catarina – Brasil. Para a produção de informações, cada sujeito recebeu uma câmera fotográfica para registrar imagens das suas relações com a urbe. Em outro momento, em suas residências, foram realizadas conversas informais acerca das narrativas fotográficas por eles produzidas. Outro procedimento para produção de informações foi o caminhar com os CMR pelas vias em que costumam transitar ao realizar suas atividades de catação. As informações coletadas foram registradas por meio de videografia e anotações em diário de campo. Foi realizada análise de discurso das narrativas fotográficas e das andanças pela cidade a partir das contribuições de Vigotski, Bakhtin e autores contemporâneos que trabalham com o referencial desses autores. A pesquisa possibilitou evidenciar as lutas cotidianas dos CMR, as dificuldades que enfrentam, como resistem e criam estratégias de sobrevivência, o modo como habitam a cidade e como esta os

constitui. As imagens que produziram falam de suas trajetórias na cidade, do trabalho de catação, do lugar de moradia, de suas condições de vida; falam também de suas relações afetivas, bem como sobre o percurso dos resíduos urbanos que coletam e como os significam. Cada objeto que encontram é destinado à reciclagem, reutilizado ou descartado a partir das relações estéticas estabelecidas com eles. Entre as principais dificuldades que encontram no cotidiano citadino estão: trabalho insalubre e a condição de informalidade, trabalho individual, problemas com a saúde, conflitos e dificuldades no trânsito. Os CMR vivem dos restos da sociedade de consumo, trabalham sob a ótica da sustentabilidade e cumprem um importante papel social em prol da defesa do meio ambiente, porém não são reconhecidos pelo trabalho que fazem. Em virtude dessa condição, a pesquisa permitiu afirmar que, no cenário urbano, compete às políticas públicas na área ambiental, social e de saúde levar em conta o modo como os CMR habitam a cidade para contribuírem com a potencialização da sua cidadania em suas múltiplas facetas. Fundamental, para tanto, é o reconhecimento de que tais políticas públicas precisam ser pensadas em inesgotável diálogo com esses sujeitos, considerando as características das relações que estabelecem com as cidades evidenciadas nesta pesquisa.

Palavras-chave: Catadores de material reciclável. Cidade. Relações estéticas. Polifonia. Resistência. Lixo.

ABSTRACT

Multiple cities in the city: the aesthetic relations between the recyclable material collectors and urban polyphony

A city is composed of sounds, images, languages, architecture, subjectivity, routes, contradictions, (im)possibilities. By considering the polyphony that characterizes urban spaces, this ethnographic piece of research examines the relations of recyclable material collectors (RMC) in the city. The objectives were to analyze the city images produced by the RMC, to identify the movements of resistance of the RMC and to investigate under what conditions the RMC establish aesthetic relations with the city. We hold the argument that the RMC, during their journey, establish aesthetic relations with/at the city, resist and affirm their position in the urban texture daily. In this perspective, aesthetics is understood as relation and it takes for granted that the “final touch” is given us by the other, since we are inevitably constituted by the relations with the multiple others. Six collectors living in three peripheral quarters of a mid-sized city in the Southern region of Santa Catarina, Brazil, have participated. To generate information, each subject received a photograph machine to register their relations with the city. Next, at their homes, we have talked informally about the photographic narratives produced by them. Another strategy to generate information was to walk with those subjects along the ways they are used to collect recyclable material. The collected information was recorded through videography and field diary. We carried out discourse analysis of both the photographic narratives and the journey through the city based on the contributions of Vigotski, Bakhtin as well as contemporary authors that use them as a reference to work. The research allowed offering evidence of the RMC daily struggle, the difficulties they face, how they resist and create strategies for surviving, the way they live in the city and how it constitutes them. The images they produced talk about their trajectory in the city, their work, the place they live, their life conditions; their affective relations as well as the journey of the urban residues they collect from the streets and how they give it meaning. Each object the collectors find is addressed to recycling, reuse or discarded based on the aesthetic relations

established with them. Among the main difficulties faced by collectors in the urban everyday life, there are informal and insalubrious working conditions, individual work, health problems, conflict and difficulties in the traffic. The RMC survive on the leftovers of the consumption society, they work from the standpoint of sustainability and play an important social role in favor of the environment defense; however, they are not recognized for their work. Due to such condition, this piece of research allowed to affirm that, in the urban scenario, it is necessary to organize public policies for the environmental, social and health areas considering the way collectors live in the city and ways of contributing to the strengthening of their citizenship in its multiple aspects. Therefore, it is essential to recognize that such public policies need to be thought with unlimited dialogue with those subjects, considering the characteristics of the relations they establish with the cities as shown by this piece of research.

Keywords: Recyclable material collectors. City. Aesthetic relations. Polyphony. Resistance, Trash.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	19
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	23
2 POLIFONIA DA/NA CIDADE	35
2.1 Cidade: morada dos sonhos?	37
3 MÉTODO.....	51
3.1 Meus passos na coleta de dados.....	53
a) O início da pesquisa: o convite!.....	54
b) O encontro com a câmera fotográfica.....	55
c) O processo de catar imagens	56
d) As fotos e o que elas narram	57
e) Das visitas domiciliares à saída de campo	59
f) Revisitando as andanças	60
3.2 Procedimentos para tratamento das informações e análise dos dados.....	60
3.3 As pedras no caminho: alguns percalços.....	62
4 PASSOS QUE ESTETICIZAM A VIDA DA/NA CIDADE.....	65
4.1 Um pouco sobre a cidade	70
4.2 Os bairros em que habitam os sujeitos da pesquisa – breve relato	75
Tereza Cristina: o lugar de Zênia, Ximiruga e Titi	76
Anita Garibaldi, o lugar de Os mar e Terezinha	77
São Luiz, o lugar de Maria Denis	78
4.3 Os sujeitos da pesquisa e nossos diálogos.....	78
A catadeira Zênia e o catador de papelão Ximiruga: o casal	78
Osmar	86
Titi: “ <i>Agora o cavalo sou eu.</i> ”	95
A rainha da sucata: Maria Denis	97
Terezinha	103
5 A VIDA NAS IMAGENS E AS IMAGENS NAS TRAMAS DA VIDA	105
5.1 Trajetórias na cidade e o trabalho de catação	109
5.1.1 Trabalho: a catação	110
Maria Denis e o universo da catação	117
O trabalho de Zênia e Ximiruga	124

Terezinha e Antônio e a catação em suas vidas.....	130
Osmar e seu desejo de abandonar a catação.....	132
5.1.2 Produção de outros olhares sobre/na cidade.....	133
5.2 O lugar de moradia	141
5.3 Das lixeiras e ruas à casa: ressignificando o MR	161
5.4 Afetos	167
6 ANDANÇAS NA CIDADE.....	179
O prazer de caminhar com Maria Denis: “A rainha da sucata”	180
Caminhando com Titi.....	183
Caminhando com Terezinha	186
Caminhando com Zênia	189
Caminhando com Os mar: a demonstração.....	194
6.1 Dialogando sobre nossas andanças	196
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS.....	207

APÊNDICE 1

TABELA I – ÁREA TEMÁTICA A – Linguagens Artísticas	213
TABELA II – ÁREA TEMÁTICA B – EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÃO ESTÉTICA	220
TABELA III – ÁREA TEMÁTICA C – CORPO.....	227
TABELA IV – ÁREA TEMÁTICA D – CIDADE	230
TABELA V – ÁREA TEMÁTICA E – OUTROS	235

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	241
--	-----

APÊNDICE 3

TABELA I – ITINERÁRIO de MARIA DENIS	243
TABELA II – ITINERÁRIO DE MARIA DENIS	250
TABELA III – ITINERÁRIO DE MARIA DENIS	254
TABELA IV – ITINERÁRIO DE MARIA DENIS E SUA CUNHADA	258
TABELA V – ITINERÁRIO DE TITI	261
TABELA VI – ITINERÁRIO DE TEREZINHA	267
TABELA VII – ITINERÁRIO DE ZÊNIA	274
TABELA VIII – ITINERÁRIO DE OSMAR.....	276

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Vista parcial da cidade de Criciúma, Santa Catarina	70
Figura 2. Titi chegando em casa e descarregando o MR.....	113
Figura 3. O trabalho de Titi com a separação do MR nos respectivos bergs	115
Figura 4. Titi em seu trabalho, sem luvas, exposta a riscos de ferimento e/ou doenças	115
Figura 5. Titi em seu quintal concluindo o trabalho de separação do MR encontrado	116
Figura 6. Titi e um de seus filhos no quintal. Trabalho de separação quase concluído.	117
Figura 7. Maria Denis na praça Nereu Ramos, Criciúma	118
Figura 8. Maria Denis chegando em casa com seu carrinho lotado	120
Figura 9. Maria Denis em frente à sua casa, depois de dia de trabalho	121
Figura 10. Caminhão da empresa compradora de MR, em frente à casa de Maria Denis	122
Figura 11. Amarração do MR no caminhão da empresa compradora.....	123
Figura 12. Caminhão transportador de MR, visto de frente.....	123
Figura 13. Ximiruga puxando o carrinho pela cidade.....	125
Figura 14. Ximiruga recolhe MR espalhados em terrenos baldios	125
Figura 15. Estabelecimentos comerciais guardam MR para os catadores	126
Figura 16. Ximiruga chegando em casa após o trabalho de catação e iniciando a separação.....	127
Figura 17. Ximiruga finalizando o trabalho de separado de MR.....	128
Figura 18. Fundos da casa de Zênia e Ximiruga.....	129
Figura 19. Antônio, companheiro de Terezinha, puxando o carrinho pela cidade.....	130
Figura 20. Antônio e sua bicicleta na residência do casal	131
Figura 21. Destaque dado ao buraco, no meio da rua, evidenciando descuido por parte do Poder Público	133
Figura 22. Imagem da cidade – passagem feita com troncos de madeira envelhecidos	135
Figura 23. Foto denunciando descaso das autoridades em relação ao saneamento básico	136
Figura 24. Lixeira municipal lotada e quebrada.....	138
Figura 25. Lixeira quebrada com parte do material esparramada pela calçada	138
Figura 26. Lixo espalhado pelo chão, nas proximidades do Fórum da cidade.....	140

Figura 27. Visão panorâmica de depósito de lixo a céu aberto, nas imediações do Fórum da cidade.....	140
Figura 28. Casa de Osmar, vista de frente	142
Figura 29. Vista do interior da casa de Osmar	144
Figura 30. Frente do terreno da casa de Osmar, com MR acumulados a céu aberto.....	147
Figura 31. Vista parcial da casa de Zênia e Ximurru ga	149
Figura 32. Lado externo da casa de Zênia – construção inacabada de um banheiro	151
Figura 33. Fundos da casa de Zênia, onde se vê o “morar” relacionado à atividade de catação	152
Figura 34. Filho de Zênia improvisando um fogão à lenha, devido à falta de gás	153
Figura 35. Vista do quarto de Zênia.....	154
Figura 36. Vista da casa de Terezinha	155
Figura 37. Vista do banheiro improvisado, na casa de Terezinha	156
Figura 38. Vista da fachada da casa de Maria Denis	158
Figura 39. Vista interna da casa de Terezinha	159
Figura 40. Vista da parte interna da casa de Zênia	160
Figura 41. Vista interna parcial da cozinha da casa de Terezinha	162
Figura 42. Vista parcial interna da entrada da casa de Terezinha.....	163
Figura 43. Vista parcial do quarto da casa de Terezinha	165
Figura 44. Vista parcial do interior da casa de Zênia.....	166
Figura 45. Filho mais velho de Osmar nas imediações da casa	168
Figura 46. Filhos menores de Osmar	169
Figura 47. Imagem de parte da casa de Osmar que está recebendo cimento nas paredes	169
Figura 48. Imagem do filho de Titi, junto ao MR depositado em seu terreno	170
Figura 49. Imagem do filho de Titi segurando um brinquedo encontrado na catação.....	171
Figura 50. Maria Denis com seu neto, na casa de sua filha	172
Figura 51. Seu Chico, amigo, responsável pela construção da casa de Titi.....	172
Figura 52. Casa da irmã de Zênia (sua vizinha), com a família.....	173
Figura 53. Filha de Zênia e seu bebê	174
Figura 54. Zênia com sua mãe e neto.....	175
Figura 55. Antônio, marido de Terezinha, dormindo na cama	176
Figura 56. Mapa com o itinerário de Maria Denis (Tabela I)	243

Figura 57. Mapa com o itinerário de Maria Denis (Tabela II)	250
Figura 58. Mapa com o itinerário de Maria Denis (Tabela III)	254
Figura 59. Mapa com o itinerário de Maria Denis e sua cunhada (Tabela IV)	258
Figura 60. Mapa com o itinerário de Titi (Tabela V)	261
Figura 61. Mapa com o itinerário de Terezinha (Tabela VI)	267
Figura 62. Mapa com o itinerário de Zênia (Tabela VII)	274
Figura 63. Mapa com o itinerário de Osmar (Tabela VIII)	276

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Uma cidade é construída por diferentes tipos de homens;
pessoas iguais não podem fazê-la existir.
(Aristóteles)*

Cidades ou múltiplas cidades na cidade?

Uma cidade não é homogênea, é feita de vários sons, imagens, linguagens, arquiteturas, subjetividades, trajetos. Uma cidade é movimento, é relação, afeta e é afetada, é espaço para sonhar e para a desilusão, é espaço para a dialogicidade, para a opressão e para a superação. Espaço para a resistência e reinvenção do/no cotidiano. É feita de pedras, mas também de afetos. Requer sensibilidade para ser sentida em seus ritmos diversos, cujas intensidades se fazem e se desfazem, dando lugar a outras. É espaço de infinitas possibilidades, embora também as negue.

A temática cidade para mim é antiga, embora me parecesse nova quando comecei a debruçar-me sobre ela. Minhas reflexões suscitaram o encontro com esse assunto que há tempos me inquieta. Por que tanto descaso, desprezo, arrogância, supremacia, etnocentrismo de uns sobre outros? Desde pequena as diferenças sociais acalentaram em meu coração brasileiro um sentimento de responsabilidade sobre o que fazer a respeito. Aos poucos passei a escrever sobre isso nas redações para a escola e a fazer discursos em defesa dos direitos humanos¹. Esses eram restritos ao meu pequeno círculo familiar e escolar, mas depois expandiram-se para os mais diversos lugares por onde passei. Como posso ver e nada fazer a respeito? Essa pergunta tem sido presença constante na minha existência.

Aos poucos, as cidades que coexistem na cidade constituíram o cenário desta Tese.

Cidades grandes, pequenas, cercadas por mares ou por terra, concretas ou imaginárias, nelas os sentimentos se mesclam e dão asas aos sonhos ou os mutilam. Na cidade de Criciúma, cidade de planícies, onde

¹ Piovesan (2009) sustenta como direitos humanos a defesa da dignidade humana e dos direitos e garantias fundamentais que, enquanto princípios constitucionais, incorporam a tessitura da justiça e da ética. Nessa obra, a autora contempla o direito constitucional internacional como parâmetro para o diálogo acerca dos direitos humanos no Brasil.

habito e que escolhi como lócus para a pesquisa, murmurham segredos, há lugares secretos para seus visitantes e até mesmo para seus transeuntes, mas ali a vida pulsa e seus signos são possíveis de serem decifrados. A partir desta pesquisa, seus cenários assumem novas visibilidades.

Cidade tem sido um tema recorrente em diferentes áreas do conhecimento, e presente em diferentes segmentos da população, desde palanques de políticos, agências publicitárias, pela mídia de modo geral, e até mesmo em conversas informais no cotidiano da urbe. Embora a discussão sobre a cidade remonte a Antiguidade, é assunto habitual no cenário contemporâneo. Aliás, a partir do processo de urbanização, a maior parte da população mundial vive em cidades, o que remete à necessidade de colocar tal tema em pauta nos mais diversos segmentos da sociedade e distintas áreas de conhecimento.

Véron (2008) assinala que no ano de 1950 menos de um terço da população mundial era urbana. Contudo, “hoje, há pouco mais de meio século, metade da população mundial vive em cidades. Segundo as projeções das Nações Unidas, em 2030 a taxa da urbanização deveria superar 60% (Nações Unidas, 2004)”² (Véron, 2008, p. 11). Contudo, o autor reflete que tal processo não é sinônimo de “progresso”, uma vez que o desafio está na tessitura de cidades com desenvolvimento sustentável. Assim,

Não se trata tanto de inventar de modo tecnocrático um “novo” modelo de cidade, quanto de encorajar, em todos os níveis, as iniciativas que tornam possível a conciliação das aspirações e dos comportamentos das populações urbanas com os imperativos econômicos impostos pela globalização, levando em conta ao mesmo tempo as precauções ambientais indispensáveis, diante do contínuo crescimento da população mundial, que em cinquenta anos chegará verossimilmente aos 9 bilhões de habitantes.³ (Véron, 2008, p. 111)

² Tradução livre do original: “*Oggi, a distanza di poco più di mezzo secolo, metà della popolazione mondiale vive in città. Secondo le proiezioni delle Nazioni Unite, nel 2030 il tasso di urbanizzazione dovrebbe superare il 60%* (United Nations, 2004).”

³ Tradução livre do original: “[...] *non si tratta tanto di inventare in modo tecnocratico un “nuovo” modello di città, quanto di incoraggiare, a tutti i livelli, le iniziative che rendono possibile la conciliazione delle aspirazioni e dei comportamenti delle popolazioni urbane con gli imperativi economici imposti dalla globalizzazione, prendendo contemporaneamente le precauzioni ambientali indispensabili, di fronte alla continua crescita della popolazione mondiale, che fra cinquant’anni sarà verossimilmente arrivata ai 9 miliardi di abitanti.*” (Véron, 2008, p. 111)

Isso demarca a importância de abordarmos o tema cidade no âmbito da ciência psicológica. Afinal, falar de cidades é falar de subjetividades, posto que fazemos as cidades, assim como estas nos constituem. As cidades, com suas linguagens, nos conclamam ao convívio do inusitado, para além do supostamente “fixado” com suas delimitações territoriais.

Ao discorrer sobre a polifonia das cidades, Canevacci (2004) refere-se à multiplicidade de vozes, que se apresentam de diferentes formas nos espaços urbanos. Para o autor, “[...] a cidade em geral e a comunicação urbana particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem umas às outras, isolam-se ou se contrastam; [...]” (p. 18). Sob essa ótica, falar de cidade implica também falar em movimentos, diferentes vozes, cores, signos, singularidades, passos, caminhantes e caminhadas, usos e contrausos dos espaços públicos⁴. Enfim, tais questões remetem a falar sobre a polifonia dos espaços urbanos – historicamente constituída – a partir das relações das pessoas com esses lugares. Falar de cidade também requer falar dos “muros” que separam os sujeitos na cidade, das diversas formas de segregação impostas pela lógica de consumo produzida na sociedade contemporânea, que engendra “enclaves fortificados” (Caldeira, 2003). Conforme a autora, enclaves se constituem em “espaços privatizados, fechados e monitorados, destinados à residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser *shopping centers*, conjuntos comerciais e empresariais, ou condomínios residenciais” (Caldeira, 2003, p. 11-12). Tais lugares são reservados àqueles que temem a heterogeneidade social de determinados bairros urbanos e preferem “abandoná-los” para outros sujeitos, dos quais se consideram distintos, alheios e distantes. Caldeira (2003) considera que tais espaços, cuja entrada é controlada privadamente, ainda que apresentem um uso coletivo e semi-público, afetam veementemente o espaço público. Assim, constituem-se em “muros” entre “mundos” que poderiam ser compartilhados de diferentes modos.

Nas cidades, os “muros” anunciam ora o desejo de estar “protegido” do outro, das diferentes formas de “violências” e violações de direitos humanos nesse cenário; ora desvelam a negação da cidadania imposta àqueles que não terão acesso a determinados espaços “privados” e à possibilidade de “consumir” determinados produtos designados somente a específicas parcelas da população. Isso por viverem em condições de pobreza, marcada pelo acirramento da desigualdade social e pelas múlti-

⁴ Sobre os usos e contrausos empreendidos nos espaços urbanos e nos espaços públicos, recomendo ler Leite (2002).

plas formas de não acesso aos direitos humanos presentes nesse cenário de tantas particularidades.

Nessa acepção, discorrer sobre cidade no mundo contemporâneo possibilita falar sobre as “múltiplas cidades” na cidade, uma vez que esse contexto revela-se complexo e multifacetado, anunciando distintos lugares, marcados por diferentes singularidades, formas de constituição dos espaços e da comunicação urbana:

Um edifício se “comunica” por meio de muitas linguagens, não somente com o observador, mas principalmente com a própria cidade na sua complexidade: a tarefa do observador é tentar compreender os discursos “bloqueados” nas estruturas arquitetônicas, mas vívidos pela mobilidade das percepções que envolvem numa interação inquietante os vários espectadores com os diferentes papéis que desempenham. [...] Existe uma comunicação dialógica entre um determinado edifício e a sensibilidade de um cidadão que elabora percursos absolutamente subjetivos e imprevisíveis. (Canevacci, 2004, p. 22)

As arquiteturas da cidade dialogam com esta em sua complexidade e sua polifonia, e são constitutivas também dessa polifonia e complexidade, potencializando outras formas de comunicação. Diante do exposto, cabe indagar: o que é ser caminhante na cidade? E esse transitar implica que trajetórias? De que forma as trajetórias marcam e demarcam os espaços urbanos?

Caminhar é afirmar um “lugar”, assinala a construção de práticas cotidianas cujos sentidos são construídos historicamente. De acordo com Certeau (2004), o ato de caminhar é enunciação, uma vez que nesse movimento o sujeito produz enunciados. Mas o que ele anuncia? Anuncia suas “escolhas”, inscreve suas trajetórias e inclusive os usos e contrausos que faz dos espaços pelos quais circula. Proclama uma apropriação do espaço geográfico, apontando, ora a presença, ora a ausência, diferentes trajetos, acesso ou negação aos sujeitos a determinados lugares, entre outros aspectos. Para Certeau (2004), ocorre nesse percurso dos caminhantes a “fala” dos passos “perdidos” ou talvez não contados, posto que cada passo revela as trajetórias desses sujeitos e as (im)possibilidades de (re)criarem sua existência. Desse modo,

A caminhada afirma, lança, suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc., as trajetórias que “falam”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciativas. Não seria, portanto, possível reduzi-las ao seu traçado gráfico. (Certeau, 2004, p. 179)

Os passos “falam” das condições de vida dos caminhantes, “falam” da cultura contemporânea, do ritmo da cidade, das vidas tecidas nos contextos urbanos. Enfim, “falam” destes e ao mesmo tempo das singularidades daqueles que por ali “caminham”. Esse percurso produzido pelos sujeitos também os constitui do mesmo modo que é constituído por eles.

Sendo assim, os “passos” afirmam os movimentos históricos de criar e recriar o tecido urbano. Destarte, a cidade não pode ser “categorizada” meramente como um conceito, uma vez que isso nega suas múltiplas possibilidades. A “cidade” potencializa infinitas possibilidades de comunicação urbana, tanto em relação à sua arquitetura, prédios, calçadas e ruas, como em relação aos demais transeuntes, que se confrontam ou defrontam-se nesse transitar que gesta o tecido urbano. As escolhas, nesse experimentar e constituir o espaço urbano, podem ser múltiplas, contudo são marcadas por dimensões subjetivas, e ao mesmo tempo econômicas, políticas, éticas, estéticas, culturais e simbólicas. Assim, a cidade se faz marcada pelas inúmeras passagens daqueles que por ali provisoriamente transitam e daqueles que fazem dela seu “templo”, sua morada.

Considero que nesse movimento de ser “caminhante” na cidade, a cidadania de diversas formas é negada à grande parcela da população, visto ela não ter acesso à maioria dos bens culturais produzidos pela humanidade. Desse modo, há aqueles que pouco consomem ou que sequer têm o poder de comprar em determinados espaços na cidade. Mas, apesar disso, é possível constituir movimentos de resistência e de afirmação da cidadania nos diferentes espaços urbanos. Certeau (2004) contribui com algumas reflexões, pois afirma que

A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico

tico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir. (p. 174)

Sendo assim, a cidade expressa também as relações de poder agenciadas, nesse contexto, por aqueles que a consideram como um “campo de batalha”, onde são “travadas” disputas diversas sob o “enredo” de diferentes formas de competitividade, através dos desmandos, pelo viés da “submissão” ou por práticas clientelísticas, individualistas e/ou narcisistas. Por outro lado, outros fazem do cotidiano da cidade também o espaço para o imprevisto, ou ainda, de desvelamento de suas inúmeras contradições e de expressão da sua diversidade. Foucault (2008a) reflete que ninguém detém o poder como sua propriedade. O poder não é

[...] uma força que seria inteiramente dada a alguém que esse alguém exerceria isoladamente, totalmente sobre os outros; é uma máquina que circunscreve todo mundo, tanto aqueles que exercem o poder quanto aqueles sobre os quais o poder se exerce. [...]; ele torna-se uma maquinaria que ninguém é titular. (p. 219)

Portanto, a linguagem do “poder” marca a cidade, porém as “relações de poder” circulam.

No que diz respeito ao universo urbano, este é pautado por formas de concepções, como a moda, os conceitos, entre outros. Se traz benefícios, pois instaura novas possibilidades discursivas, traz também prejuízos, uma vez que banaliza o direito à contemplação, à inquietude e ao questionamento. Esse campo imagético e polissêmico encontra-se implicado, sobretudo pela lógica da imediaticidade, da descartabilidade e pela velocidade com que as imagens vão e vêm ao e de encontro com o nosso olhar. Mas, de que modo as imagens constituem, afetam, provocam nossos olhares? Como se apresentam a nós? Para situar tal questão, é necessário pontuar que estamos inseridos em um contexto da hipervisualidade, marcado pela banalização e descartabilidade das pessoas, das coisas e das imagens. De acordo com Peixoto, no cenário contemporâ-

neo, tudo é produzido para ser visto e em crescente velocidade, o que “determinaria não só o olhar, mas, sobretudo o modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós” (2003, p. 361). Para o autor, as cidades tradicionais eram “produzidas” para serem “vistas” de perto, sendo plausível andar vagarosamente ao observar seus detalhes. Segundo Zanella (2009),

As cidades antigas se caracterizavam por vias e vielas tortuosas por onde as pessoas transitavam, encontravam-se e teciam suas existências. A ausência ou mesmo a impossibilidade de se utilizar meios de transporte em razão das restritas dimensões das ruas produzia encontros com outros marcados pela égide do olho, do tato, do olfato, da gustação e da escuta da palavra. Sensibilidades forjadas pelas vivências cotidianas com outros próximos, na complexidade de interesses, necessidades e jogos de poder que as caracterizavam. (p. 99)

Portanto, o modo como a cidade se apresenta a nós, e concomitantemente como nos comunicamos com ela e nessa arena, constitui nossa subjetividade.

Imersos num emaranhado de relações, o sujeito se constitui ao mesmo tempo em que também constitui os espaços urbanos, posto que nessa comunicação polifônica as diferentes posições, direções e ângulos escolhidos, situações vividas e assumidas por esses sujeitos assinalam suas formas subjetivas de dar seu “acabamento”⁵ à urbe contemporânea.

Desvelar essa trama de relações e suas polifônicas comunicações tecidas no espaço urbano é foco desta pesquisa, que tem como cenário as relações de catadores de material reciclável (CMR)⁶ com a cidade, e

⁵ Bakhtin (2003) nos lembra que o homem não consegue sozinho se ver por inteiro sem ajuda de outro. Desse modo, depreende-se que as relações estéticas têm como pressuposto o “acabamento” que o outro nos dá. É nas relações com os “outros” que nos constituímos inevitavelmente: “[...] pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne, unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externa acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem *exterior* em um novo plano de existência” (p. 33).

⁶ Cabe esclarecer que o trabalho do catador de material reciclado que acontece pelas ruas da cidade é diferente do trabalho realizado pelo gari, que é contratado pelo serviço de limpeza pública. Os catadores podem ser cooperados/associados a cooperativas/associações ou não, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa.

tal escolha implica compreender as relações estéticas que se constituem nesses espaços. O fato de eles circularem a pé pela cidade, explorando-a, faz com que a vejam a partir de ângulos diferentes. Conhecem as problemáticas urbanas sob formas distintas daqueles que a observam pouco no ritmo acelerado do contemporâneo. Às avessas do mundo do consumo, eles percorrem a cidade atrás do descartável e contribuem como agentes ambientais para reciclagem.

Atualmente, 13% dos resíduos urbanos são reciclados. Mas o potencial para reciclagem é muito maior. Recente estudo do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), do governo federal, indica que o país perde anualmente R\$ 8 bilhões por enterrar materiais recicláveis que podem voltar à produção industrial. Além dos aspectos econômicos, a reciclagem economiza recursos naturais, como a água, além proporcionar o uso racional de energia e menor emissão de gases do efeito estufa. (Cempre, 2010, [s.p.])

Os catadores, na informalidade, cooperam efetivamente para a preservação de nossos recursos naturais.

Cabe esclarecer que o meu primeiro contato com os CMR foi em 1999, durante minha graduação em Psicologia⁷. Tal convivência se estendeu posteriormente, tanto enquanto prática de intervenção como pesquisa⁸. Durante o Mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, investiguei a potência e/ou impotência dos CMR na construção da sua cidadania (Barboza, 2003b), compreendida em suas múltiplas dimensões, posto que envolve o direito ao acesso às condições materiais que possibilitam aos sujeitos viver dignamente e ao mesmo tempo abrange a capacidade argumentativa, autonomia e, sobretudo, a potência de agir dos sujeitos para transformarem suas relações cotidianas. Contudo, em decorrência do tempo previsto para a pesquisa, deixei de explorar outras questões pertinentes a esse universo, tal como as relações estéticas constitutivas da existência desses sujeitos, o que me mobilizou a seguir tendo como sujeitos de pesquisa os CMR no Doutorado. Além

⁷ Ver Barboza (2000).

⁸ Barboza (2003b)

disso, um levantamento das pesquisas⁹ permite afirmar que, embora já existam mais trabalhos publicados do que na época em que realizei o Mestrado, ainda há uma lacuna na produção de conhecimento nesse âmbito, que merece ser revisitado e desbravado sobre outros ângulos e olhares.

As pesquisas realizadas por Araújo (2003), Caldeira (1998), Akamine (1999), Almeida (2005), André (1995), Lima (2007), Carvalho (2006) e Dias (2003), Schroeder (2009), Vieira (2009), Silva (2008) estão descritas na categoria D, posto que o foco dos estudos são as relações estéticas tecidas com/na cidade. Revelam um campo multifacetado e polifônico acerca das temáticas pesquisadas por diferentes áreas de produção do conhecimento. Tal exercício possibilitou vislumbrar o foco dessas pesquisas e o campo polissêmico em que se inserem tais produções. Diferentes perspectivas teóricas, epistemológicas e metodológicas os conotam, o que aponta às múltiplas possibilidades que o estudo sobre cidade, aliado à estética e subjetividade, possibilita. Sobre a temática central da minha pesquisa, cumpre dizer que não foi encontrada nenhuma pesquisa até 2008 que se reportasse às relações dos CMR com a cidade. Em nova consulta no final de 2011, averigui que essa situação continua (Apêndice 1). Isso denota que há uma lacuna na produção do conhecimento nesse âmbito, o que requer reflexões que ajudem a problematizar e aprofundar a leitura dos contextos e a produção de saberes nesse campo.

Imerso em um mundo mercantilizado, degradado ambientalmente, marcado por um emaranhado de relações de poder calcadas no capitalismo, no consumo exacerbado e no descartável, o trabalho dos CMR é destacado pela esfera da informalidade, em um cenário urbano que fere o direito “assegurado” pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a saber, que todos são “iguais” perante a lei.

⁹ Ao realizar uma busca no Banco de Teses da CAPES no dia 04 de outubro de 2008 com os seguintes descritores, em variados arranjos: cidade, subjetividade, estética, experiências estéticas, relações estéticas; constituição do sujeito, modos de subjetivação, experiências estéticas, foram encontrados 36 trabalhos: 7 em nível de Doutorado e 29 de Mestrado. Em nova consulta realizada no dia 27 de dezembro de 2011, com os mesmos descritores, foram encontrados 56 trabalhos: 10 em nível de Doutorado e 46 de Mestrado. Observei que tais trabalhos se inscrevem nas seguintes áreas de produção de conhecimento: Educação Física, Antropologia, Antropologia Social, Educação, Educação nas Ciências, Letras, Letras e Linguística, Ciências Sociais, Informática na Educação, História, Artes, Artes Cênicas, Comunicação, Comunicação e Semiótica, Geografia, Filosofia, Psicologia e Psicologia (Psicologia Clínica).

Os resumos foram categorizados a partir das seguintes temáticas: A – linguagens artísticas; B – educação ou educação estética; C – corpo; D – cidade; E – Outros.

Nessa lógica da inclusão perversa na exclusão (Sawaia, 1999) encontram-se esses sujeitos, cujo fazer cotidiano implica lidar com os restos da sociedade de consumo (Barboza, 2003a). Nas mais adversas condições de vida, na informalidade, os catadores enfrentam as condições do tempo, a precariedade de seus recursos de trabalho, muitos dos quais improvisados com materiais constituídos por eles mesmos, como restos de madeiras, cordas, ferros, entre outros, o que denota que deixam suas marcas na cultura, ao mesmo tempo em que se constituem nesta.

A exploração do trabalho dos CMR é, por sua vez, abalada pela ótica do mercado. É um processo complexo a envolver interesses de cunho econômico e político, que remetem à discussão sobre as possibilidades de se recriarem como sujeitos no contexto da constituição de uma categoria social que agrupa pessoas em seus fazeres ocupacionais em função da demanda contemporânea produzida pelo “mercado de consumo”. Mas, num mundo carregado de imagens, o que os CMR veem nos espaços que visitam e revisitam de diferentes formas e ângulos? Que (im)possibilidades de acesso têm ao patrimônio cultural amalgamado na arquitetura da cidade, em seu planejamento e condições? Como se movimentam esses sujeitos frente à complexidade e as múltiplas facetas que demarcam os espaços pelos quais circulam? O que veem, mas, sobretudo, o que podem olhar, reparar, descobrir, redescobrir, conhecer?

As relações estéticas no cotidiano dos CMR aludem às suas condições de vida, às possibilidades e restrições impostas na sua circulação pelo espaço urbano e público. Para compreendê-las, é necessário compartilhar suas vivências, suas trajetórias, os sentidos que dão às múltiplas relações, e as dimensões que envolvem o seu cotidiano e sua história¹⁰. A polifonia desse contexto possibilita ele que seja compreendido de muitas e diferentes formas. Tais sentidos precisam ser entendidos em sua historicidade e no contexto da dialogicidade em que se constituem os sujeitos, uma vez que:

[...] o dialogismo supõe, sempre, homens em relação numa arena de negociação de sentidos que fundamentam e expressam a singularidade do eu em sua relação com o outro e, simultaneamente, como social, o que caracteriza o conceito de acontecimento discursivo onde a diversidade encontra campo fértil no confronto de valores produzidos

¹⁰ O conceito de cotidiano adotado neste trabalho pauta-se na obra de Agnes Heller (2000), portanto é compreendido na relação com a história como espaço para as microtransformações pautadas na ética, na cidadania e na democracia.

por produtores de diferentes lugares sociais. (Da Ros, 2006, p. 224)

Sem dúvida, o diálogo da e na vida em suas inúmeras facetas pressupõe arenas de negociações que são constitutivas dos sujeitos. É isso que potencializa sujeitos abertos às alteridades. Sendo assim, analisar as questões apresentadas neste trabalho requer uma perspectiva pautada nos conceitos de dialogia e alteridade, abrangendo questões relativas à historicidade e dialeticidade, características da condição humana.

Diante do exposto, construí a seguinte pergunta de pesquisa: **Quais as relações dos CMR com a cidade?** Relacionados a essa pergunta, apresentam-se alguns objetivos específicos: **analisar as imagens da cidade produzidas pelos CMR; identificar os movimentos de resistência dos CMR; investigar em quais condições os CMR estabelecem relações estéticas com a cidade.** A minha Tese sustenta que os CMR, em suas andanças, estabelecem relações estéticas com/na cidade e a comunicação que a caracterize, resistindo, criando alternativas mesmo nas mais adversas situações cotidianas na luta pela afirmação de seu lugar na cidade.

Considero que a dimensão estética apresentada neste trabalho está amalgamada às dimensões da ética e da cognição na constituição dos sujeitos. Os estudos que envolvem tais questões estão apoiados teórica e metodologicamente nos aportes fundamentais do Círculo de Bakhtin. Eles têm, também e necessariamente, lugar privilegiado nos estudos que envolvem o problema delimitado na pesquisa proposta para a construção desta tese de doutoramento.

Refletir criticamente sobre essas questões requer um olhar atento e “inquieto”. Olhares desbravadores de fronteiras, de espaços, lançados sobre ângulos diversos que possibilitem compreender a polifonia das cidades. No que diz respeito ao espaço urbano, ele não pode ser visto apenas como um espaço voltado para o “consumo”, espaço da produção dos “excessos”, pois a cada passo o sujeito produz enunciações sobre o lugar, tece os espaços e sua vida. Assim, os diferentes modos de expressão das singularidades se cruzam e se constituem no âmbito coletivo. A cultura contemporânea, marcada por uma lógica voltada para o consumo, não cala a polifonia das cidades, representada pelas múltiplas vozes, trajetórias e lugares de produção de sentidos daqueles que constituem esses cenários urbanos, jamais prontos e acabados, mas puro devir.

Convido, portanto, o leitor a adentrar o universo das cidades a partir das relações estéticas que os catadores produziram em Criciúma/SC.

No capítulo 2, “Polifonia da/na cidade”, apresento uma reflexão acerca das cidades que encontramos na cidade.

O capítulo 3 é dedicado ao método. Tem como foco esclarecer o leitor sobre meus “passos” nesse processo de pesquisar.

No capítulo 4, “Passos que esteticizam a vida da/na cidade”, descrevo brevemente as relações estéticas que os sujeitos da pesquisa tecem com/na cidade. Apresento sucintamente a cidade de Criciúma, os bairros que habitam os sujeitos da pesquisa, estes e nossos diálogos.

O capítulo 5, “A vida nas imagens e as imagens nas tramas da vida”, é dedicado à análise das relações estéticas dos catadores com/na cidade a partir das imagens fotográficas que produziram.

No capítulo 6, “Andanças na cidade”, descrevo e analiso nossas caminhadas na urbe.

Por fim, apresento as considerações finais, seguidas dos apêndices que mostram de modo sistemático parte da pesquisa.

2 POLIFONIA DA/NA CIDADE

Cidade sonhada, imaginada, desejada.

Cidade planejada, projetada, desenhada.

Cidade vivenciada, alterada, cindida.

Muitas cidades cabem em uma mesma formação urbana, e suas facetas poderão ser mais bem captadas se o olhar que se lança sobre ela for igualmente múltiplo.

(Nascimento & Bitencourt, 2008, p. 26)

Na polifonia da cidade encontramos os lugares que a tecem, “igualmente” polifônicos, uma vez que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (Santos, 2006, p. 213). Desse modo, embora exista singularidade nos lugares, estes são constituídos por distintos atravessamentos históricos, estéticos, éticos, culturais, simbólicos, entre outros, que transcendem seus lócus. Santos (2006, p. 213) destaca “[...] que o mundo se encontra em toda parte”, presentifica-se nos lugares. Sendo assim, os fazeres, os dizeres, as marcas que deixamos na história ou nos deixaram dialogam inexoravelmente com e nos lugares, e, para conhecê-los, é preciso compreendê-los em sua complexidade e inúmeras facetas.

Um grande paradoxo social é descrito por Saramago (1995) em seu ensaio sobre a cegueira. Na cidade em movimento, repleta de carros, semáforos, transeuntes, imagens, algo de inusitado acontece; as pessoas com olhos em condições biológicas perfeitas são acometidas por uma cegueira! Assim, seus olhos tinham deixado de ver, mas encontravam-se em perfeito estado, sem qualquer lesão. Então, que cegueira seria esta? Saramago (1995) fala que é uma cegueira que a ciência médica não poderia explicar, mas que atingia a todos nos mais diferentes lugares. Na trama desse ilustre autor, pessoas e lugares, cujas vidas e sítios que habitam se entrelaçam, revelam o drama social da falta de sensibilidade na sociedade contemporânea, carente de afetos que potencializem a vida e a cidadania. A cidade e os lugares nos afetam, bem como nós os afetamos, e essas afecções podem potencializar a vida em prol da justiça e dos direitos humanos e/ou podem diminuir a potência de ação dos sujeitos no mundo.

A cidade comporta lugares e estes tecem as cidades. Nos lugares, a vida acontece; logo, coexiste alegria, tristeza, medo, indiferença, sensibilidade, desamparo, entre infinitas formas de sua expressão. No tocante aos lugares,

[...] são ambientes modelados pela história que os atravessa, feita da vida dos homens que, nos lugares, se realiza e se realizou. Não há lugares feitos de uma só superfície, de uma só história, feita apenas do presente. As grafias dos lugares são cunhadas pela história, transcrita para o seu espaço e também, para a sua superfície visível. (Hissa & Melo, 2008, p. 299)

No meu entender, para falar de cidade, constituição do sujeito e lugares, é fundamental problematizar a questão dos direitos humanos. No espaço polifônico da urbe, a cidadania é negada pela escassez que, segundo Burgos (2005, p. 198) aponta, entre outros aspectos, “[...] para a incapacidade do Estado de fazer cumprir os direitos”. Contudo, essa “escassez” também é de diálogo, de respeito às diferenças, da possibilidade de construir “bons encontros”, de “afetar” o outro para a potencialização da sua cidadania. Zanella (2007) reflete sobre as condições de vida da maior parte da população brasileira submetida a condições desiguais com relação ao acesso aos direitos humanos.

As condições de constituição desses sujeitos, portanto, são variadas e díspares, pois se para alguns é oportunizado o acesso ao patrimônio histórico da humanidade, se podem viver em condições dignas que os permitem estabelecer relações sensíveis como que os cerca e ter contato com experiências culturais as mais variadas, decifrando-as em seus múltiplos sentidos, a grande maioria da população tem sua existência marcada pela simples reprodução da própria existência. São criativos, é verdade – se considerarmos que famílias inteiras sobrevivem com o equivalente a um salário mínimo mensal –, pois cotidianamente (re)produzem estratégias de sobrevivência que por vezes deixam perplexas as autoridades que costumam negar-lhes o direito à autoria. Mas ainda assim a criação é marcada por uma necessidade específica – a manutenção da própria vida – que, se não

transposta, garante unicamente a reprodução e não a recriação da existência. (Zanella, 2007, p. 150)

A negação de condições dignas de vida leva essas pessoas a criarem formas de resistir nos espaços urbanos. Há aqueles que fazem das praças e ruas sua moradia, outros vasculham as lixeiras e assim se alimentam, outros ainda vivem da ajuda que recebem, seja do governo seja de outras formas de doação. Há os que vivem na informalidade em condições acirradas de desigualdades sociais e, nas adversidades, se ajudam entre si. Apesar da precariedade, essas pessoas afirmam que é possível resistir e tecer formas de reafirmação do seu direito à vida.

Para Giacomel, Régis e Fonseca (2004), essa capacidade para resistir é tecida como

[...] desafio à própria expansão da vida, ou seja, embater os fatores que subjagam nos a potência inventiva necessária à criação de territórios existenciais, semos quais a subjetividade não vinga e toda a existência se torna vazia, ou potencialmente destrutiva. [...] em nosso mundo contemporâneo globalizado, os corpos gritam [...]. (p. 96)

Os corpos, ao se encontrarem no emaranhado de relações com os espaços urbanos, são afetados por estes do mesmo modo que eles os afetam. Mas, quando o corpo grita, afirma “eu não suporto mais”, é necessário compreender o contexto em que tais condições são engendradas, para então afirmar a sua capacidade de resistência e de potência de ação, posto que não cabe aos corpos serem enclausurados sobre as amarras da intolerância, pela violação de direitos, pela insensibilidade perante o outro, pela patologização que aprisiona ou por moralismos diversos. Ao contrário, os corpos podem resistir reinventando a vida.

2.1 CIDADE: MORADA DOS SONHOS?

Se, por um lado, a vida no tecido urbano é marcada pelos sonhos de seus cidadãos, por outro, os desencantos são diversos, especialmente para aqueles que vivem cotidianamente a negação da sua cidadania de múltiplas formas, tais como a pobreza e a desigualdade social. Tal questão aponta para a ausência de uma cultura pautada na potencialização dos direitos humanos, na construção da cidadania e consequentemente

para a “reflexão sobre o papel desempenhado pelas principais agências responsáveis pela produção de solidariedade entre diferentes grupos sociais e entre diferentes partes da cidade” (Burgos, 2005, p. 198). A construção de outras formas de comunicação urbana nesse cenário requer olhares críticos e um compromisso ético-político, tanto por parte da população como das organizações governamentais e não governamentais, com vistas a romper com práticas clientelísticas, corporativistas e que atomizam os sujeitos em um cenário constituído por muitas formas de cerceamento da sua cidadania.

Sob a ótica da “pacificação política”, o “diferente” deve estar longe o suficiente para que não se precise recordar da sua presença na cidade. Assim, “não se trata mais de afrontar, polemizar, disputar, negociar, lutar contra o outro, mas simplesmente de evitá-lo na sua inscrição social, de ignorá-lo como portador de discurso, de desprezá-lo como outro do dissenso [...]” (Pechman, 2008, p. 193).

Cidade de contrastes, contradições e desveladora das “portas fechadas”, “janelas cerradas”, que negam ao outro o direito ao encontro, à vida compartilhada e à construção de relações democráticas promotoras da cidadania. Contudo, ao habitar a cidade, o sujeito demarca a sua posição social, seus saberes, direitos e “não direitos”, posto que

Habitar significa deixar rastros. No *intérieur*¹¹ esses rastros são acentuados. Inventam-se colchas e protetores, caixas e estojos em profusão, nos quais se imprimem os rastros dos objetos de uso mais cotidiano. Também os rastros do morador ficam impressos no *intérieur*. (Benjamin, 2007, p. 46)

Sendo assim, habitar é fazer história, para si e para outros, é deixar marcas no lugar. Habitar é construir a subjetividade no entrelaçamento da vida urbana. Afinal, “pensar a cidade pressupõe [...] viver a cidade. É fundamental a experiência do cotidiano, dos movimentos, dos elementos materiais, assim como os imateriais que irrompem de memórias coletivas e individuais, que também estão na cidade” (Faria, 2008, p. 217).

Memórias, histórias, trajetórias diversas marcam as cenas dos espaços urbanos. Cultura, poder e subjetividade são questões que dizem respeito às relações produzidas nos espaços citadinos. Isso nos reporta a

¹¹ Espaço em que o sujeito vive.

olhar a cidade não meramente como uma vista panorâmica, mas também para seus limites e territórios e, sobretudo, seu movimento e devir. Portanto, é necessário ver a cidade em sua polifonia, diversidade e alteridade, o que implica considerar a pluralidade de passagens, suas entranhas e entrelaçamentos diversos, tecidos nas tramas de relações sociais constituídas de diferentes modos e constituidora de múltiplas singularidades. Nessa perspectiva, conhecer a cidade e seus territórios alude ver o mundo para além das “janelas”, “portas”, “chaves” e “muros”. Implica

[...] ver a verdadeira cidade – a cidade de dentro da casa. O que se encontra na casa sem janelas é o verdadeiro. Aliás, também a passagem é uma casa sem janelas. As janelas que a olham de cima são os camarotes de onde se pode olhar para o seu interior, mas não para o seu exterior. (O verdadeiro não possui janelas/o verdadeiro não dirige em lugar algum seu olhar para o universo). (Benjamin, 2007, p. 574)

Desse modo, o “verdadeiro” assume o sentido de desvelamento desses contextos, considerados em suas múltiplas dimensões: histórica, ético-afetiva, social, estética, econômica, política e cultural. O “verdadeiro” requer janelas e portas abertas para o conhecimento de si, do outro, da cidade, das passagens e paisagens que configuram os espaços e os modos de subjetivação. Por outro lado, janelas e portas fechadas limitam as possibilidades de encontro e de diálogo, restringem os passos, os olhares, as possibilidades de movimentar-se e empreender inúmeras descobertas com incontáveis passos e caminhadas. Janelas, portas, chaves e muros podem cercar formas de comunicação urbana, delimitando espaços de circulação, marcando territórios como propriedade de uns em detrimento de outros. O narcisismo e o individualismo que marcam as formas de vida na cultura contemporânea “encerram” diálogos, encobrem diversidades e assinalam a indiferença com a condição humana do outro. A casa sem paredes não é fechada em si mesma, aberta a urbe, remete à multiplicidade de ângulos em que é possível se olhar e transitar pelas cidades em direções diversas. A “verdadeira” cidade só pode ser vislumbrada com seus contrastes, dissonâncias, heterogeneidade; só pode ser compreendida com as diferentes vozes, cores, tonalidades, narrativas e trajetórias, enfim, com os diferentes processos de subjetivação que a constituem. Destarte,

O mundo em que vivemos fala de diferentes maneiras, e essas vozes formam o cenário onde contracenama ambigüidade e a contradição. [...] múltiplas vozes participando diálogo da vida. A unidade da experiência e da verdade do homem é polifônica. Dialogismo e alteridade constituem as características, essenciais e necessárias, a partir das quais o mundo pode ser compreendido e interpretado de muitas e diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento. (Jobim & Souza, 2003, p. 92)

A sociedade contemporânea se comunica mediante diferentes vozes que participam da tessitura do urbano e são constituídas das pessoas que o habitam. Falar de cidade, por sua vez, reporta a falar das subjetividades histórica e dialeticamente constituídas nesses lugares. No encontro e no confronto com diferentes “vozes”, cada sujeito se apropria da cultura ao mesmo tempo em que é constituinte desta. Novos sentidos são produzidos nessas relações polifônicas, onde o encontro com um “outro” é marcado tanto por outros sujeitos como pela arquitetura, a mídia, os *outdoors*, pelas ruas, calçadas, lojas, meios de transportes, pedestres, pelas várias presenças e ausências que tecem a vida urbana cotidianamente. A polifonia de “vozes” constitui a cidade e os sujeitos que nela habitam ou estão de passagem.

Cada sujeito, em contrapartida, deixa suas marcas nesses espaços, posto que a cada passo desvela inúmeras possibilidades de expressar-se no tecido urbano, ao ser caminhante e construir itinerários e trajetórias diversas. A escolha por determinado caminho e não outro pode representar uma “submissão”, uma “errância” ou ainda novas formas de experimentação da vida urbana. Mas a possibilidade de imprimir marcas singulares no urbano é pautada por tensões, posto a força dos sujeitos que ali se apresentam. Essa condição é apresentada por Benjamim ao falar da diferença entre rua e caminho.

Para se compreender a “rua”, é preciso fazer distinção entre ela e o antigo “caminho”. Os dois são completamente diferentes no que diz respeito à sua natureza mitológica. O caminho traz consigo os terrores da errância. Um reflexo deles deve ter recaído sobre os líderes de povos nômades. Ainda hoje, nas voltas e decisões incalculáveis dos caminhos, todo caminhante solitário sente o poder

que as antigas diretrizes exerciam sobre as hordas errantes. Entretanto, quem percorre uma rua parece não precisar de uma mão que o aconselhe e guie. Não é na sua errância que o homem sucumbe à rua; ele é submetido, ao contrário, pela faixa de asfalto, monótona e fascinante, que se desenrola diante dele. (Benjamim, 2007, p. 560)

Na cidade, os muitos caminhos exprimem possibilidades diversas de formas de comunicação urbana. Mas, como nos diz Benjamin, uma faixa de asfalto pode submeter o sujeito à determinada condição urbana. Por outro lado, a ausência do asfalto ou a escassez de determinadas condições objetivas na urbe também podem submeter aqueles que por ali caminham. O caminho, embora perpassasse uma dimensão subjetiva – a “escolha” e os sentidos que o acompanham – também é marcado pelo espaço geográfico, com seus limites e possibilidades. Desse modo, as ruas e as passagens pelos diferentes espaços urbanos tanto podem restringir os passos e os movimentos como podem possibilitar aos sujeitos a contravenção, ou ainda os modos de resistência às diversas relações de poder engendradas nesses cenários da vida cotidiana.

Historicamente, as cidades sofrem transformações em que se mesclam estilos, mensagens, signos, o que constitui sua memória, seu cenário, os modos de habitá-las e tecer cada lugar. Mas cidade diz respeito, sobretudo, aos desejos, necessidades, afetos, relações econômicas, culturais, estéticas e ético-políticas, entre outros aspectos daqueles que a habitam ou por ela transitam. “Ora, uma cidade é, sem dúvida, “materialidade”; ela é pedra, tijolo, ferro, vidro, madeira, cimento, aço, plástico. Tudo aquilo que o homem construiu e que converteu em volume, espaço, superfície, através de edificações, monumentos, vias públicas, equipamentos”. Contudo, “[...] a cidade é sempre obra dos homens e só se realiza na coletividade; a cidade existe porque é habitada, porque é reduto de uma vida social. [...] cidade é, além de tudo, “sensibilidade” (Pesavento, 2008, p. 10). Não há cidade sem subjetividade, posto que é constituída por aqueles que ali passaram e por aqueles que ali vivem ou estão de passagem.

Cidade, espaço para sonhar, rememorar “passagens”, tempo de “despertar” dos sonhos para enfrentar o cotidiano. Flores e pedras, lua e sol, água e fogo, inúmeros contrastes marcam os espaços da urbe contemporânea. A cidade é também constituída pelo comércio em suas diferentes vertentes, pelos espaços de lazer, como bares, boates, cine-

mas, *shoppings*, praças, entre outros, sendo que a maioria desses espaços é voltada ao público consumidor.

Nas cidades, evidenciam-se também diferentes formas de violências e de violações de direitos. Os noticiários anunciam diariamente inúmeras tragédias, que povoam o imaginário social, engendrando um sentimento de insegurança generalizado. Dessa maneira, “A arquitetura do medo e da intimidação espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-a sem cessar – embora furtivamente – em áreas extremamente vigiadas, dia e noite. A inventividade não tem limites nesse campo” (Bauman, 2009a, p. 63).

As tramas e os dramas demarcam os espaços citadinos, mas o medo do porvir faz com que o homem renuncie a determinados lugares, contextos, devido ao medo do desconhecido, do noticiado, do “anunciado” e do “denunciado”. Cabe dizer que:

O fenômeno da aguda violência urbana já faz parte da realidade das cidades brasileiras há pelo menos duas décadas, e mesmo não sendo exclusividade do país, tem encontrado aqui terreno fértil com a territorialização da cidade crescendo ano após ano; o aumento exponencial do homicídio, do latrocínio, do assalto à mão armada, da guerra de traficantes e da delinquência juvenil dá conta de uma sociabilidade com baixo nível de solidariedade. E não é preciso ser futurólogo para afirmar que a situação tende a agravar-se na próxima década, sobretudo se ao vazio de solidariedade se oferece apenas a dimensão punitiva como tentativa cada vez mais desesperada de se resolver pela força a fragilidade do complexo ético-moral, encerrado nos mecanismos de controle social vigentes informalmente nas cidades, em especial do comércio ambulante, em uma questão exclusivamente policial, é uma evidência disso. (Burgos, 2005, pp. 210-211)

Noticiados diariamente, crimes, sequestros, assaltos e inúmeras outras formas de violência geram o medo do “desconhecido”. Aqueles que têm recursos para ampliar suas possibilidades de “segurança” passam a investir massivamente nesse sentido. Câmeras de segurança espalhadas por várias partes das cidades, em lojas, casas e edifícios são uma das iniciativas adotadas. As câmeras diversas anunciam: “sorria, você

está sendo filmado!”, como se essa sociedade de controle¹² fosse desejada pela população. A ilusão de estar seguro serve de consolo apenas àqueles que querem se sentir protegidos. O medo da/na cidade muda a sua estética e o seu panorama é redesenhado de múltiplas formas. Nessa perspectiva, ao invés do medo imposto pela insegurança pública, torna-se premente a necessidade de construção de políticas públicas que priorizem melhorias nas condições de vida da população. Enquanto parte da população dispõe de recursos para se proteger, outra parcela significativa depende do Estado para ter mais segurança.

Destarte, na sociedade contemporânea, o outro é diversas vezes visto como uma ameaça, aquele de quem é preciso desconfiar. No entanto, o medo do outro pode se configurar como maior do que a ameaça, posto que permeia o imaginário cidadão. Nessa perspectiva, Batista (2003) afirma que as cidades têm se transformado em conjuntura do pânico e palco da crise instaurada da insegurança pública, possibilitando implantação de políticas da lei e da ordem: “No Brasil, a difusão do medo do caos e da desordem tem sempre servido para detonar estratégias de neutralização e disciplinamento planejado do povo brasileiro. [...] O medo é a porta de entrada para políticas genocidas de controle social”. (Batista, 2003, p. 53). Para a autora, as políticas do medo têm sido gestadas desde o tempo da corte imperial no Brasil, onde se distinguem as “classes perigosas”, escravos e depois escravos libertos, daqueles que não precisariam ser temidos. Assim,

O cenário imposto pelo Império às ameaças republicanas tratava de garantir a unidade e a questão da territorialidade. Já se desenhava ali um dos embates da *cidadania* no Brasil: a questão do acesso à terra. Essa arquitetura do medo, erigida principalmente a partir das rebeliões da década de 30 no século XIX, reformava a configuração no Brasil da *gigantesca instituição de seqüestro*: dos alagados, favelas e vilas-miséria aos cárceres apinhados e campos férteis e improdutivos cercados e guardados contra os sem-terra. (Batista, 2003, p. 204)

Nesse sentido, imputava-se aos economicamente mais frágeis a lógica que tais condições mereciam ser reproduzidas por serem catego-

¹² Sobre esse assunto, sugiro a obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (2008b).

rias menos confiáveis e desqualificadas socialmente. Foi assim que foram tecidos os incontáveis “muros” visando separar os abastados dos demais. Para a autora, tais processos visam naturalizar

[...] a luta pela ordem, contra o caos, que passa hoje pela criminalização da desqualificação da pobreza, dos não-consumidores, dos novos impuros. [...] esses processos, no Brasil, se reforçam com a herança escravocrata na implantação de um sistema penal que tem tradição genocida, seletiva e hierarquizadora. (Batista, 2003, p. 106)

Nessa luta pela ordem proliferam discursos morais sobre o crime. Os embates nas favelas entre traficantes e policiais, como, por exemplo, os evidenciados no Rio de Janeiro em 2010 nas favelas do Complexo do Alemão, que contaram com a atuação do Exército e da Marinha brasileira, transformaram aquele cenário em palco de guerra. Amplamente divulgada e aplaudida pela mídia, a invasão foi propagada em defesa da segurança pública e do território para a população local. Contudo, tal perspectiva defende o paradigma bélico em detrimento de políticas públicas capazes de efetivamente assegurar os direitos dos seus cidadãos. Afinal, segurança pública diz respeito, sobretudo, ao acesso à cultura, saúde, educação e transporte público de qualidade. Durante a invasão, a população ficou exposta aos tiroteios, tentando proteger-se com seus escassos recursos. Os escândalos envolvendo a polícia civil do Rio de Janeiro que sucederam esses eventos evidenciaram o quanto essa iniciativa estava aquém da implementação de um sistema de segurança pública com justiça social.

As “favelas”, distantes da lógica dos condomínios, apontam para um cenário onde os contrastes com e na cidade são nitidamente observados. Burgos (2005) aborda que as conotações negativas atribuídas à categoria dos “favelados” são inversamente apresentadas para os que vivem em condomínios “enobrecidos”, vistos como exemplo daqueles que supostamente se “enquadram” nos conceitos de “urbanidade, higiene, ético do trabalho, progresso e civilidade” (p. 190). Os “favelados” são associados no imaginário social à condição de sujeitos cuja constituição é abalizada pela ausência dos referenciais da cidade, são vistos como aqueles que precisam ser distanciados, que merecem ter sua cidadania negada por representarem uma “ameaça” ao lado “nobre” da cidade. Dessa forma, o autor critica o sentido pejorativo do conceito de favela, propondo uma compreensão desses lugares pela égide dos direitos

humanos. Enquanto a cidade é vista como referência à condição de civilidade, as favelas são lugares que se encontram imbricados pelos múltiplos estereótipos e estigmas que a cerceiam, como “muros” que a separam da cidade, segregando e desqualificando socialmente aqueles que ali vivem. Tais “muros” significam a restrição imposta a esses sujeitos de terem os mesmos direitos à cidade.

Batista (2003) discorre que os discursos morais higienistas visam erradicar o “mal”, o “sujo”, o “estranho”, aquele que é o “portador do caos”. Tal visão segregadora é reducionista e perpetua práticas que desrespeitam as alteridades, como se tais condições estivessem arraigadas a determinados grupos de pessoas e/ou lugares específicos, como as favelas, por exemplo, em detrimentos de outros. Contrapor favela e asfalto, bem como civilização e barbárie, é ignorar o processo histórico dos que os têm constituídos. Também implica olhar os contextos a partir de uma perspectiva etnocêntrica e de forma dicotômica, como se fossem cindidos.

Tal lógica de higienização está presente na contemporaneidade e perpassa também os condomínios fechados. Caldeira (2003) considera que estes são constituídos no imaginário social de parcela específica da população a partir de uma publicidade que enaltece tais lugares, como se fossem mundos à parte da cidade, vistos como o oposto do caos, da poluição e dos seus perigos. A lógica do “enobrecimento”, do privilégio de viver em tais lugares perpassa a ótica mercantilista. Por isso, o ideário “[...] do condomínio fechado é a criação de uma ordem privada na qual os moradores possam evitar muitos problemas da cidade e desfrutar um estilo de vida alternativo com pessoas do mesmo grupo social” (Caldeira, 2003, p. 275). Tais pressupostos negam o respeito às alteridades e afastam os sujeitos da e na cidade. Para Caldeira (2003), viver em tais locais implica uma polissemia de significados, marcados pela lógica da “privacidade” e do “isolamento”, em um mundo cercado de “fronteiras” simbólicas.

No palco da vida, na cidade, com seus dramas e tramas políticas, o medo da/na cidade muda a sua estética, e o seu panorama é redesenhado de múltiplas formas. Por trás dos “muros” vivem aqueles que querem se proteger dos “perigos” da cidade. Mas a metáfora do muro reporta à separação de “mundos”, como se alguns espaços não pudessem ou não deveriam ser compartilhados. Criam-se categorizações e classificações às pessoas vistas como “confiáveis” e amigáveis, e outras para determinados grupos temidos por grande parte da população, muitas vezes por suas condições de vida deploráveis, que lhes imputam no imaginário social um processo de desqualificação. Nessa acepção, segurança está associada a “cercas” e “muros”, e “felicidade” à exclusão do outro, o

que reforça o individualismo e as diversas formas de narcisismo presentes na cultura contemporânea. Tais formas de segregação urbana permitem afirmar que há múltiplas cidades na cidade, uma vez que em cada uma se encontram polissêmicos espaços, assinalados por suas marcantes diferenças, bem como pelas diferentes formas que cada sujeito, a partir das suas condições de vida, faz a cidade e se faz sujeito na cidade.

A violência, embora marque os espaços nas cidades, não a revela completamente. Aliás, “tão “perigosas” são as cidades na sua proliferação de relações, que os tiranos sempre as tiveram na alça da mira” (Pechman, 2008, p. 205). A cidade não pode ser reduzida a concepções reducionistas e segregadoras que negam sua diversidade, sobretudo desrespeitando o direito constitucional à cidade para todos.

O espaço público, como a rua, por exemplo, é local de transição de todos, é onde os diferentes cidadãos se “encontram”, embora em situações diferentes, com projetos e sonhos distintos. Mas ali, naquele espaço cidadão, não se pode negar os contrastes, a heterogeneidade, que ora se entrelaça, ora é ignorada pela indiferença ou desprezo pelo outro. Mas impossível é sua negação.

O que fazer com esse outro? *Nada, sigo meu caminho!* Essa perspectiva promove a indiferença, o desrespeito às alteridades! Em um cenário assim, o outro é cada vez mais distante, é possível vê-lo se apagando, assim como a fumaça que se desfaz, ou ainda como os castelos de areia tão frágeis que podem ser levados facilmente pelas ondas do mar. Eram ali, mas não estão mais... Outro dia, talvez...

Na cidade, a ambivalência se presentifica no direito de ir e vir. Embora seja um direito legal, evidencia-se que os contornos da cidade, sua arquitetura, na tessitura das múltiplas relações estéticas amalgamadas a negação da cidadania imposta apesar da resistência daqueles que mesmo na opressão não deixam suas vozes, seus passos e sua presença calar.

Mas o que veem os cidadãos a quem a cidade nega espaços de circulação e o direito a uma vida com dignidade? Essa é uma questão importante, porque essas pessoas conhecem a cidade sob uma outra ótica. Não podemos falar por eles, ao contrário, cabe desvelar suas trajetórias e suas relações dialógicas que estabelecem com a cidade polifônica.

Para parcela significativa da população, eles são aqueles que devemos esquecer, “os sem importância”, mas que serão lembrados pelos jornais e pela TV quando se reportarem à ideia de risco e insegurança pública. Nessas situações assim são citados para reafirmar o quanto deveriam ser isolados no contexto cidadão.

Bauman (2009b) faz crítica às desigualdades sociais usando a metáfora da fila, ao referir-se aos cidadãos que, com acessos desiguais aos bens de consumo e culturais, bem como pelo lugar que ocupam na dimensão geofísica, ocuparão a primeira ou a última fila, levando-nos a pensar o quanto o termo cidadania vem sendo banalizado na sociedade contemporânea. Afinal, para a contradição: todos são iguais perante a lei ou os “cidadãos” estão “enfileirados”?

O termo fila remete à ideia de que uns estarão na frente de outros. Em alguns casos, por haverem chegado antes, são “merecedores” dos primeiros lugares. Nesses casos, os primeiros da fila serão atendidos primeiro e supostamente os últimos ainda chegarão do último lugar ao primeiro. Mas a fila como metáfora poderá assumir diferentes sentidos.

Bauman (2009b) afirma que as cidades globais adentraram um outro momento histórico, estabelecido no fim do século XX. Nesse contexto, o individualismo e o descaso com o outro em uma condição social diferente da sua se acirram entre os “cidadãos da primeira fila”. Sendo assim, a relação estética com as vias da cidade é tecida de modo diferente para quem a cidade é lugar onde permanecerão e tentarão de muitas formas subsistir. Para estes, a cidade, “morada dos sonhos e desencantos”, é o lugar em que irão resistir e permanecer, apesar das “tempestades” inesperadas, das catástrofes mais diversas, da recessão econômica e tantas formas de intolerância à sua presença cotidiana.

A potencialização de múltiplas “vozes” anuncia o direito e o desejo dos cidadãos da última fila de terem a sua cidadania constituída nesses espaços urbanos. Burgos (2005) afirma que

[...] é sobretudo na vida local que a cidadania pode emergir, é ali que pode ser estabelecida uma relação concreta com a coisa pública, e as possibilidades de que isso ocorra estão fortemente condicionadas à inscrição social e política do mundo popular no espaço urbano. (p. 189)

O autor nos reporta a dimensão ético-afetiva dos lugares e abaliza o quanto as políticas públicas precisam estar voltadas para o cotidiano das cidades, sendo uma corresponsabilidade social a ser compartilhada, e também “obrigação” do Poder Público. Nesse espaço citadino, as dimensões sociais, culturais, políticas, estéticas e éticas demarcam “fronteiras” para a construção da cidadania, que pode ser engendrada ou não, nos espaços formais e informais.

Abalzar tais condições requer conhecer os modos de comunicação urbana e de subjetivação no cotidiano e no “coração” da cidade. Assim sendo, a questão urbana brasileira só pode ser compreendida a partir dos inúmeros lugares que a tecem, os quais anunciam que nas cidades todos produzem sentidos, desejos e sonhos, embora de diferentes modos. O medo e a insegurança também são sentimentos “compartilhados”, apesar das “fronteiras” geográficas e simbólicas. Superar tais fronteiras remete à construção da cidadania.

Cidadania é abalizada a partir das relações engendradas no cotidiano, considerando-se que, para além do acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, requer ainda o direito a expressar-se nesses espaços, em um movimento de potência de ação de sua capacidade argumentativa, do direito de reinventar a vida, de recriar sua existência numa perspectiva marcada por relações dialógicas e que levem em conta o respeito às alteridades e à ética da responsividade (Bakhtin, 2003).

As relações sociais metafóricamente podem ser associadas a uma “teia”, onde tudo está interligado. Movimentos tecem esse cenário. À medida que cada sujeito se lança no espaço urbano, com seus “passos”, deixa sua indelével marca. Nesse sentido, não há anonimato! Cada um, a partir de suas possibilidades, imprime sua autoria e deixa sua “assinatura” na vida urbana. Portanto,

[...] o lugar singular que eu ocupo é também o lugar da minha assinatura. Somente eu ocupo esse lugar, somente eu posso assinar por e neste lugar. E a assinatura é aquilo que me torna responsável: capaz de responder pelo lugar que ocupo num dado momento, num dado contexto. (Amorim, 2003, pp. 14-15)

Isso remete indubitavelmente a uma dimensão ética, contudo, “só há ética na dimensão do evento porque é no acontecimento que minha posição singular e única defronta-se com os outros singulares” (Amorim, 2003, p. 16). Portanto, o lugar que eu assumo a cada momento na cidade perante suas múltiplas facetas desvela uma posição ética. Assim, também sou responsável pelo lugar que ocupo na urbe e pelo que deixo de fazer ou faço nesse contexto.

Territórios? Cidade simulacro? Cidade de poucos, para poucos? De que cidade falamos? A partir de que pressupostos e reflexões?

Compreender a atualidade requer olhares atentos à pluralidade de imagens que nos cercam. Demanda “o olhar sensível, atento aos detalhes, aos ângulos, à multiplicidade da realidade que permite variados recortes e suas infinitas possibilidades de combinação [...]” (Zanella, 2006, p. 143). Tal sensibilidade implica considerar a dimensão do “olhar” em sua dimensão social e histórica, uma vez que “é produzido nas/pelas relações sociais em que pessoas concretas se inserem e das quais ativamente participam” (Zanella, 2006, p. 143).

Nessa perspectiva, falar de cidade implica ouvir a comunicação urbana, as diferentes subjetividades constituintes e constitutivas das e nas cidades. Abarca passagens, trajetórias diversas que deixam marcas no tecido urbano:

[...] a cidade não se apresenta por inteiro, para os homens da cidade. A cidade não é acessível a todos. Assim, não existiria, para os indivíduos que buscam experimentar a cidade, uma cidade inteira. Existem trechos e fragmentos de cidade, escritos no tecido urbano, como quais os grupos e os indivíduos estabelecem relações de conflito e de identidades de diferentes origens. Existem, portanto, cidades interiores, riscadas e desenhadas pelos indivíduos que escrevem, cada um, com a sua vivência, a sua própria cidade. (Hissa & Melo, 2008, p. 296)

Enfim, todas as questões aqui apresentadas, apontam para a polifonia das e nas cidades, histórica, dialógica e dialeticamente constituídas. Jamais herméticas, previsíveis ou imutáveis, posto que se revelam como devir, assim como os seus habitantes.

3 MÉTODO

Pesquisar implica escolhas teóricas, metodológicas e epistemológicas. Pesquisar demanda escolher caminhos a serem trilhados, mas que ao longo do percurso poderão ser “(re)desenhados”, como um trajeto inacabado que é preciso percorrer para abalizar seu itinerário. Tais procedimentos metodológicos são delineados a partir dos objetivos a serem alcançados, e não existem traçados definitivos e imutáveis.

Pesquisar é deixar marcas na história dos sujeitos da pesquisa bem como do pesquisador, cujas múltiplas vozes se encontram, se mesclam e fecundam outras. Nesse sentido, “nossas” palavras “[...] nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam” (Tezza, 1988, p. 55).

Ao fazer minhas escolhas, assumi, como pesquisadora, o desafio de compreender os vínculos que os CMR estabelecem com a cidade, o que implicou compreender as relações estéticas que eles constituem nesses espaços, ao mesmo tempo em que são constituídos com elas.

No que diz respeito ao contexto dessa investigação, ele encontra-se caracterizado pela pluralidade de relações dos CMR com a cidade – ou com as “múltiplas cidades” em Criciúma/SC, as quais abarcam as trajetórias de vida de cada sujeito investigado e, nessas, os instrumentos de trabalho, as relações com os atravessadores¹³, com os empresários do lixo¹⁴; com familiares, com outros catadores, com o espaço urbano onde exercem suas atividades e por onde transitam em suas horas livres (as ruas, as lojas, os depósitos de lixo, entre outros lugares). Na medida em que fazem suas escolhas em relação ao lixo¹⁵, produzem sentidos diversos e estabelecem relações estéticas e afetivas com o material recolhido: os

¹³ Compram o material dos CMR e revendem para as grandes indústrias. Para tanto, agregam mais valor ao MR, usando recursos que os catadores não dispõem em suas casas como maquinário apropriado.

¹⁴ Essa temática é problematizada por Conceição (2003), ao analisar as cooperativas de CMR no Estado de São Paulo. Contudo, na cidade de Criciúma, a situação se “repete”, conforme pesquisa de Barboza (2003b).

¹⁵ O vocábulo lixo define “tudo aquilo que ‘perdeu o valor’ e pode ser jogado fora” e diz respeito a uma grande diversidade de resíduos sólidos. Intitula-se ainda como lixo o que foi descartado, mas que ainda pode ser reaproveitado e reciclado. Compete dizer que no decorrer deste processo de pesquisar, foi possível evidenciar que os sujeitos da pesquisa significam sempre como lixo os resíduos não apropriados por eles em suas andanças na urbe, e intitulam de material reciclável os resíduos urbanos que designam à venda.

objetos coletados assumem posições diversas, dependendo de quem os vê e do uso que faz dele. A dimensão mercantil, no entanto, se faz presente, uma vez que coletar e vender resulta em ganhos econômicos.

No tocante ao contexto da investigação, parto do entendimento que tanto o sujeito pesquisador como os demais integrantes da pesquisa têm papel ativo na produção do conhecimento, não são meros coadjuvantes, posto que “[...] o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa, porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (Bakhtin, 2003, p. 400). Nesse sentido, a voz de um não poderá calar a voz do outro, e sim potencializar o diálogo. Portanto,

[...] o texto do pesquisador não deve emudecer o texto do pesquisado, deve restituir as condições de enunciação e de circulação que lhes conferem as múltiplas possibilidades de sentido. Mas o texto do pesquisado não pode fazer desaparecer o texto do pesquisador, como se este se eximisse de qualquer afirmação que se distinga do que diz o pesquisado. (Amorim, 2006, p. 98)

A partir de um permanente movimento exotópico, na condição de pesquisadora, percorri, junto aos e com os sujeitos desta pesquisa, itinerários diversos e proficuamente compartilhados, em uma perspectiva dialógica que me constituiu e concomitantemente aos sujeitos da pesquisa.

No tocante ao conceito de exotopia, cumpre dizer que é entendida nesse contexto na perspectiva bakhtiniana, uma vez que “designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro” (Amorim, 2006, p. 101). Desse modo, na condição de pesquisadora, estive implicada nesse movimento dialógico tentando compreender o olhar do outro – do CMR –, sua trajetória de vida, sua leitura da cidade, os itinerários que ali cria e os modos como nessa teia se subjetiva. Isso situado historicamente, em um momento datado e inscrito nas delimitações impostas pela pesquisa e nas condições de sua produção.

A pesquisa¹⁶ foi realizada com seis CMR, homens e mulheres que residem e trabalham na cidade de Criciúma/SC. Os critérios de escolha

¹⁶ Cabe esclarecer o leitor que a pesquisa empreendida nesta Tese é de cunho etnográfico.

dessas seis pessoas foram o tempo que atuam na atividade de catação e o desejo de participarem da pesquisa. No quesito tempo, meu critério foi restringir àqueles que atuam na catação no período que compreende no mínimo um ano, uma vez que era importante para a pesquisa que tivessem um período significativo de vivências nesse campo. Outro critério foi ter a catação como principal fonte de renda ou exclusiva, uma vez que há aqueles que recorrem a essa atividade esporadicamente, para aumentar a renda da família, ou apenas por períodos curtos enquanto não conseguem outra fonte de renda, e cuja atividade temporária é considerada apenas como um “bico”.

Esses critérios foram adotados pela necessidade de os sujeitos da pesquisa se reconhecerem como catadores, assumindo esse lugar social na cidade. Cabe dizer que, embora conheça um número considerável de CMR, devido à minha trajetória de atividades e pesquisa com essa população desde a graduação no curso de Psicologia, o critério de escolha não se restringiu àqueles que eu conhecera outrora.

Os CMR que participaram da pesquisa foram: Titi, Osmar, Maria Denis (a rainha da sucata), Terezinha e o casal Zênia e Ximiruga.

Foram promovidos no mínimo sete encontros com cada catador, que se estenderam a vinte, conforme a necessidade. Os encontros aconteceram em diferentes momentos e tiveram os propósitos abaixo delineados, descritos no subitem 2.1:

- a) 1º momento: Convite à pesquisa;
- b) 2º momento: O encontro com a máquina fotográfica;
- c) 3º momento: O processo de catar imagens;
- d) 4º momento: As fotos e o que elas narram;
- e) 5º momento: Das visitas domiciliares à saída de campo;
- f) 6º momento: Andanças pela cidade;
- g) 7º momento: Revisitando as andanças.

3.1 MEUS PASSOS NA COLETA DE DADOS

Ao longo do processo de pesquisar, detalhado a seguir, como forma de registro, videografei os diálogos sobre as fotos que eles produziram e as caminhadas pela cidade. No tocante aos demais momentos,

ative-me aos diários de campo produzidos a partir das observações que marcaram as relações que estabeleci com os sujeitos da pesquisa. Essas filmagens aconteceram durante as entrevistas, em caminhadas com eles pela cidade e alguns outros momentos. Isso será detalhado a seguir.

a) O início da pesquisa: o convite!

O casal Zênia e Ximirruga foi selecionado de um modo diverso dos demais: eu cruzei com eles na rua, me apresentei, falei brevemente da pesquisa; eles ficaram interessados e me convidaram para ir à sua residência. Estavam curiosos para saber se outros catadores também participariam. Ao saber que foram os primeiros a aceitar meu convite, logo quiseram cooperar, recomendando Titi para a pesquisa. Falaram que ela catava sozinha e que a consideravam uma “boa catadora”, o que definem como uma catadora que se esmera no trabalho. Foi assim que decidi conhecê-la. Fui à sua casa e ela também aceitou participar. Ela falou a respeito de outros catadores nas proximidades da sua casa. Agradei, mas não entrei em contato. Decidira que era o momento de ir ao encontro de catadores que conhecia outrora. Foi assim que Terezinha e Osmar entraram em cena. Terezinha não só aceitou participar da pesquisa, como me levou ao encontro de uma catadora que conhecia: ela foi comigo de carro à casa de Amália¹⁷. Logo constatei que Amália não preenchia os critérios estabelecidos nesta pesquisa. Ela explicou-me que deixara a atividade cotidiana de catação, posto que quando exercia a atividade era acompanhando o marido na catação, contudo ele conseguiu um trabalho com carteira assinada. Com o marido de volta à formalidade, a catação tornou-se para eles um bico. Mas Amália apresentou-me sua cunhada, a catadora Maria Denis, que era sua visita nessa ocasião, e a incentivou a integrar a pesquisa. Empolgada, Maria Denis explicou-me seu endereço para que a encontrasse em breve. Foi desse modo que Maria Denis passou a participar desta pesquisa.

Para convidar Osmar, fui à sua casa; eu já o conhecia, posto que ele participava da Associação dos Catadores de Material Reciclável do Extremo Sul Catarinense (Recesc), da qual fui assessora e pesquisadora durante o Mestrado. Expliquei-lhe a proposta da pesquisa e ele logo concordou em integrá-la. Surpreendeu-me sua acolhida ao convite, porque, durante o período em que Osmar participara das reuniões da Associação de Catadores, muitas vezes ele resistira a participar de reuniões,

¹⁷ À exceção dos nomes dos sujeitos integrantes da pesquisa, todos os demais são fictícios.

alegando que elas não o alimentavam. Outro argumento que ele apresentava era a dificuldade financeira da categoria para atingir seus propósitos e ausência de apoio do Poder Público a essa iniciativa que nasceu no seu bairro. Muitas vezes reticente, preferia não sonhar com as possibilidades de mudanças em suas condições de vida por ver a sua situação como “definitiva”.

b) O encontro com a câmera fotográfica

Um segundo encontro foi realizado com aqueles que aceitaram participar da pesquisa nos dias seguintes. Nesse encontro, levei a câmera fotográfica e enfatizei a autonomia que teriam em fazer escolhas ao registrar em imagens a cidade. Aos catadores que aceitaram o convite de fotografar a cidade, foi disponibilizada uma câmera fotográfica manual¹⁸, 35 mm, modelo EC70, contendo um rolo de filme Kodak Ultra Max 24 poses e uma pilha alcalina Kodak AA de 1,5V cc para que, durante suas atividades laborais e horas livres, pudessem fazer registros imagéticos dos lugares pelos quais cotidianamente se lançam “catando vida”. Combinei que retornaria para pegar os filmes para revelação em um segundo momento. Conversei com eles sobre o tempo que precisariam para fotografar, e eles fizeram suas estimativas. Depois do tempo combinado eu retornei, porém todos solicitaram mais tempo. Observando o ritmo de cada um nesse processo, eu retornava e esperava a conclusão da etapa de fotografar. Cada retorno, mesmo se eles não houvessem concluído as fotos, constituía-se em nova oportunidade de diálogo e espaço para compreender suas relações com/na cidade.

Fotografar é uma atividade criadora. Ao fotografar, o sujeito tem a possibilidade de escolher o ângulo da imagem a registrar. O movimento de fotografar captura um instante, porém os sentidos que poderão ser desvelados a partir da leitura da imagem são vários, a depender do olhar daquele que a produz e daqueles que a leem.

Tassinuri (2008), ao discorrer sobre a fotografia, assegura que esta transcende o instantâneo fotográfico por se constituir em uma linguagem que significa. O autor, ao escolher uma imagem fotográfica de Henri Cartier-Bresson¹⁹ para escrever um ensaio, enfoca a fecundidade dessa obra, posto que

¹⁸ Essa câmera possui recursos limitados, não dispõe de zoom.

¹⁹ Considerado um dos maiores fotógrafos do século XX.

[...] o instante que cada uma de suas fotografias eterniza não é o simples instante do clique da câmera, mas um instante grafado na própria fotografia, que dela não se desgruda, e que estabelece correspondências de toda sorte entre diferentes aspectos do mundo. (Tassinuri, 2008, p. 10)

Contudo, para além do instante, o ato de fotografar aponta escolhas, (im)possibilidades, desvela ângulos e cenários diversos, textos, pretextos, subtextos e contextos.

c) O processo de catar imagens

Pesavento (2008) destaca que estudar a cidade requer pensar a complexidade do urbano a partir de olhares que partam de um espectro multidisciplinar, posto que esta “carrega uma dimensão simbólica inegável, [...] é polimorfa, polifônica, polissêmica” (p. 10). Cada lugar em que se transita na cidade suscita múltiplas possibilidades de leitura. A memória e o imaginário urbano também se fazem presentes no universo citadinho. Contudo, cada pessoa olha para esse universo a partir de sua trajetória, do que conhece ou desconhece sobre ele, das relações que estabelece com locais conhecidos.

Os CMR, ao perambularem pela cidade em suas carroças, bicicletas, carrinhos ou mesmo a pé, percebem-na de diferentes ângulos. Na pesquisa, eles registraram a cidade a partir do modo como a veem, como a (re)produzem e são constituídos nesses trajetos. Suas narrativas fotográficas²⁰ revivem a polifonia da cidade. Os registros apresentaram momentos dessas histórias como uma “colcha de retalhos”, que precisariam ser “costurados” de mil maneiras para abarcar a complexidade de suas vidas, constituídas com diversas cores, linhas e texturas.

As imagens produzidas pelos catadores através do ato de fotografar aludiram tanto a lugares familiares como inusitados, posto que cada um, a partir de sua singularidade e dos diversos caminhos que percorreu

²⁰ Maurent e Tittoni (2007) e Dias, Giroto e Tittoni (2011) consideram que ato fotográfico é um ato criativo e pode surpreender, sendo que cada imagem fotográfica apresenta seu potencial narrativo. Nessa perspectiva, Dias, Giroto e Tittoni (2011), ao falarem sobre a utilização das narrativas fotográficas em pesquisas acadêmicas, afirmam que elas configuram-se como uma série de fotos relacionadas entre si, que compõem um conjunto de informações visuais que desvelam um discurso sobre um olhar, o qual não só comporta uma escolha empreendida por aquele que fotografou, mas evoca sentidos outros, revelando visibilidades e invisibilidades a partir da composição de seu texto visual.

no cenário urbano, teve infinitas possibilidades de registrar variadas situações. Apresentaram narrativas do trabalho, condições de moradia, seus itinerários, problemas ambientais da/na cidade, o modo como veem o lixo e como dele se apropriam, entre outros aspectos.

Cada um empreendeu a atividade de modo e em tempos diferentes. Maria Denis fez um planejamento prévio das imagens que “cataria” pela cidade, produzindo uma narrativa fotográfica sobre seu trabalho, suas condições de moradia, sobre como significa a cidade. Quanto à narrativa do trabalho de Titi, foi principalmente produzida pela filha adolescente, que descreveu, através de fotografias produzidas com a direção de Titi, o trabalho que a mãe desempenha ao retornar para casa com os produtos da catação. Zênia, além do planejamento que fez das imagens que iria “catar” na cidade, tomou a iniciativa de fotografar com duas máquinas, a disponibilizada para esse trabalho e a sua própria, preocupada com a falta habilidade de seu marido. Quando retornei à casa de Osmar verifiquei que ele tinha mais fotos a fazer, então combinamos meu retorno para outro dia. Terezinha foi a que levou mais tempo para produzir as imagens. Quando eu ia à sua casa buscar o filme para revelar, juntas verificávamos que ainda tinha filme disponível, o que gerou um novo encontro à espera da conclusão de seu processo de capturar imagens. Da última vez, ela concluiu as fotos quando eu cheguei, e constatamos que ainda lhe restavam algumas a fazer. A última ela tentou fazer de mim, para me “guardar” de recordação, mas foi nesse momento que constatamos que o filme havia acabado.

d) As fotos e o que elas narram

As narrativas fotográficas produzidas por Zênia, Titi e sua filha, Osmar, Terezinha e Maria Denis foram revistas por eles assim que receberam as fotos reveladas. Esse re(ver) aconteceu em encontros individuais, em suas respectivas residências. Não havia um planejamento de quantos encontros haveria para que falassem sobre as imagens, mas, empolgados, eles falaram sobre todas as imagens produzidas sobre a cidade no dia que as receberam, o que durou entre uma hora até mais de duas horas, de acordo com o que cada um se dispôs a falar sobre elas.

O processo aconteceu do seguinte modo:

Levei as fotografias reveladas. Eles ansiosamente me aguardavam para ver como haviam ficado as fotos. Primeiramente viram os resultados das fotos. Depois de apreciar as imagens, eu pedi que me falassem

sobre cada uma delas. Esse processo eu registrava com a videocâmara²¹ e, ao mesmo tempo, dialogávamos sobre o que as imagens significavam para eles. Falaram a partir das imagens produzidas, como foi o processo de “captura” de tais imagens, quais as relações deles com os lugares registrados, como viam a cidade, como significavam o seu trabalho, suas relações com as ruas, com a arquitetura da cidade, as lojas, com o material reciclável, com os atravessadores, com a família; como lidavam com seu tempo livre, entre outros aspectos.

Essas diversas temáticas foram abordadas a partir das imagens registradas por eles, portanto, a conversa aconteceu de modo que eles se sentissem à vontade para expressar suas respectivas trajetórias como “catadores de imagens”. A partir daquilo que diziam, na condição de audiência ativa, eu atentamente acompanhava as imagens e os discursos, incentivando-os a contar o percurso feito por eles, através de palavras, tom de voz, olhar e gestos. Desse modo, dialogamos a partir do discurso produzido por eles, sem perguntas pré-definidas da minha parte.

As emoções desses catadores ao verem suas fotos reveladas denotaram orgulho pela atividade desbravada e, ao mesmo tempo, a possibilidade de poder recordar de pessoas que são especiais para eles, lugares diversos e trajetórias de vida. Maria Denis e Zênia manifestaram o desejo de continuar fotografando independentemente da pesquisa. O processo de catar imagens se deu de modo diferente da catação do MR, posto que não tinham nenhuma experiência em fotografar, à exceção de Titi, que relatou já ter tido uma câmara.

Com as fotos em mãos, os familiares logo foram chamados para vê-las e conversavam a respeito, animados.

Foi possível observar que alguns fizeram um planejamento daquilo que tinham interesse em fotografar, com base em temáticas que gostariam de exprimir sobre a cidade, como problemas de ordem ambiental, estradas em condições precárias, descuido com a higiene e animais, e a atividade de catação em seu cotidiano.

Ao possibilitar a essas pessoas fazerem leituras das imagens urbanas que constituem seu cotidiano e os constituem sujeitos, pretendi, a partir dos discursos produzidos por eles, compreender seus itinerários na cidade, suas formas de resistência, suas relações com o trabalho, com o espaço doméstico e as relações estéticas que são tecidas nesse processo.

²¹ A videocâmara utilizada durante todo o processo de pesquisar é do seguinte modelo: Sony HDR – XR100.

Esses encontros em que eles falaram das fotografias foram filmados. Como afirma Jobim e Souza (2006): “[...] o sujeito que se coloca disponível para uma câmera sabe que a sua imagem ao descolar-se de si ganha uma existência própria e poderá, portanto, ser retomada por outras pessoas, desencadeando interpretações infinitas” (p. 86). Os catadores foram esclarecidos sobre as formas como eu usaria as filmagens, e desse modo sabiam que essas imagens possibilitariam infinitas reflexões acerca das imagens produzidas por eles em seu cotidiano. Tal questão foi vista por eles com grande interesse, uma vez que expressaram desejo de tornar públicas as imagens e os discursos tecidos nesta pesquisa.

No tocante às filmagens das entrevistas, estas aconteceram no segundo semestre de 2009, com exceção da que realizei com Terezinha, que aconteceu no segundo semestre de 2010, quando retornei de meus estudos na Universidade La Sapienza, em Roma²². Embora ela tivesse recebido a máquina em 2009, seu filme queimou. Ela ficou frustrada e não entendeu, a princípio, porque os demais já tinham as fotos em mãos e ela não. Após conversarmos a esse respeito, ficou acordado que quando eu retornasse de viagem iria à sua casa e lhe ofereceria outro filme, e foi o que fiz.

As filmagens possibilitaram revisitar aqueles momentos de produção do discurso de cada sujeito na interação comigo e com a mediação das fotos, e nessas filmagens ficaram registrados diversos tons de voz, pausas e entonações. Consistiu em memória daqueles momentos que compartilhamos e em que cada um falava a partir das imagens fotográficas que produziram.

e) Das visitas domiciliares à saída de campo

Após os encontros para a leitura das fotografias, retornei à casa de cada sujeito da pesquisa para fazer caminhadas com eles pela cidade enquanto trabalhavam. Algumas vezes não os encontrei em casa; outras, chovia; outras, não iriam catar naquele momento por motivo de saúde, porque aguardavam em casa o atravessador para vender os materiais, entre outros motivos. Essa se tornou uma tarefa difícil quando compara-

²² Para aprofundar meus estudos de Doutorado, optei por realizar o PDEE – Programa de Doutorado com Estágio no Exterior, com bolsa de estudo pela CAPES. Nesse processo, participei do Laboratório LInC (Interaction & Culture Laboratory) vinculado ao “Dottorato in Psicologia dell’Interazione, Comunicazione e Socializzazione” da *Università degli Studi di Roma - La Sapienza* e, ao mesmo tempo, realizei estudos junto ao Doutorado de Antropologia da La Sapienza. Em setembro de 2011, retornei àquela universidade, apresentando esta pesquisa na modalidade Seminário para os doutorandos em Psicologia.

da à prática de catar imagens, já que não estavam habituados a ser filmados nessas circunstâncias. Apesar das dificuldades, o caminhar com eles e o registro fílmico de suas peregrinações pelas vias da cidade aconteceram com três catadores; outros dois optaram por não serem filmados.

Andei com eles pela cidade percorrendo seus itinerários ao coletarem o MR, observando a forma como se relacionam com a cidade. Videografei esse processo. Filmar essas caminhadas e percorrer as trajetórias na mesma velocidade dos catadores não foi fácil. Em alguns momentos, ainda com a máquina ligada, precisei correr para alcançá-los; em outros, desligava a filmadora e seguia com eles.

Diferente dos demais, Maria Denis organizou toda a atividade e me dirigiu durante as filmagens.

f) Revisitando as andanças

Os textos imagéticos/contextos descritos no item precedente foram revisitados pelos catadores em encontros individuais. Ao reverem-se em sua atividade de trabalho, olhavam atentamente a câmera e faziam comentários. Revelaram-se alegres com esse momento.

No decorrer de todo o processo, também realizei registros em forma de diário de campo, posto o contexto informal ter tanta importância quanto o formal, uma vez que ali se tecem intensos diálogos e configuram-se momentos únicos da/na pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES E ANÁLISE DOS DADOS

Várias foram as formas de produção e registro de informações para esta pesquisa, conforme descrito no tópico anterior: diálogos, fotografia, filmagem, diário de campo. O tratamento dessas informações e análise dos dados, em decorrência, precisou ser diversificado.

Para proceder à análise das entrevistas/conversas que foram filmadas, o primeiro passo implicou a transcrição, que consiste em transformação de materiais sonoros em texto. Portelli (2007) sustenta que a transcrição não se constitui em reprodução do mesmo modo como na tradução, mas ambas implicam “[...] uma *representação* com outros

meios, sujeitos e outras gramáticas da quais é necessário se dar conta”²³ (p. 7).

A transcrição de fontes orais não é uma tarefa simples: ritmo, emoções, pausas, musicalidade, entonações diversas, entre outros aspectos encontram-se nas narrativas dos sujeitos. Desse modo, “Uma lentidão pode significar uma ênfase ou uma incerteza; uma aceleração pode significar o desejo de omitir, mas também familiaridade e facilidade de expressão”²⁴ (Portelli, 2007, p. 9).

Na investigação, a posição do pesquisador é central, na medida em que formula suas indagações, incentiva o diálogo, o modo como se relaciona e também como lê e realiza movimentos implícitos. Aquilo que o pesquisador significa para o sujeito pesquisado, a dimensão ética e afetiva presente nessa relação, a história que teceram juntos desde o primeiro encontro, implicam diferentes possibilidades de diálogo. Para além do discurso, enquanto pesquisadora, procurei ler os subtextos, contextualizar os posicionamentos, compreender o sofrimento, o sonho interrompido, a esperança, a complexidade de habitar uma cidade multifacetada que contribui para restringir a potência de agir no mundo dessas pessoas.

Com relação às análises das caminhadas, procedi do seguinte modo: mediante tabelas, registrei os lugares que caminhamos na cidade, seus movimentos, suas relações estéticas com/na cidade (ver Apêndice 2).

Como procedimento de análise dos dados, recorri à análise dialógica do discurso. De acordo com Fernandes (2008), a AD a partir da perspectiva bakhtiniana tem como propósito evidenciar os sentidos do discurso levando em consideração as condições sócio-históricas e ideológicas em que foram tecidos. “As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social” (pp. 15-16). Os sentidos são produzidos pelos sujeitos a partir da trama de relações sociais, portanto, são polifônicos, constituem-se de múltiplas vozes. Tais vozes emergem de diferentes lugares sociais e díspares discursos que se amalgamam no sujeito discursivo. Para Fernandes, “[...] a polifonia é um aspecto constitutivo dos diferentes discursos, e os sujeitos sofrem (trans)formações no cenário histórico-social que lhes possibilitam, pela dispersão dos sentidos, constituírem-se discursivamente” (2008, p. 34).

²³ Tradução livre do original: “[...] sua rappresentazione con altri mezzi, soggetti ad alter grammatiche di cui è necessario tenere conto”.

²⁴ Tradução livre do original: “Un rallentamento può significare una sottolineatura o un’incerteza; un’accelerazione può significare il desiderio di sorvolare, ma anche familiarità facilità di espressione”.

Desse modo, o extraverbal e o verbal foram considerados, posto que, “como a perspectiva de análise não separa conteúdo e forma (o percebido), a situação, o extraverbal integra-se ao enunciado, constituindo sua significação” (Da Ros, 2006, p. 227). Nessa perspectiva, textos/pretextos/contextos não podem ser dicotomizados, uma vez que estão intimamente relacionados. Afinal, “o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (Bakhtin, 2003, p. 401). Todo texto/contexto suscita outras reflexões, novos sentidos, em um inesgotável campo em que murmuram inquietações, desejos, necessidades, embates, diálogos diversos, e assim constitui-se “[...] o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (Bakhtin, 2003, p. 409).

Ao analisar os dados, imprimi a minha posição singular na leitura dos textos imagéticos e nas narrativas dos sujeitos da pesquisa. Contudo, esse “acabamento” produzido nas análises não coincide com o “inacabamento” da vida de cada sujeito investigado, posto que cada pessoa “[...] vive cada instante de sua vida como inacabado, como devir incessante. Seu olhar está voltado para um horizonte sem fim. O sentido da vida para aquele que vive é o próprio viver” (Amorim, 2006, p. 96). Assim, o meu lugar como pesquisadora é exterior, não coincide com a vida dos CMR em seu devir incessante, uma vez que estudei suas relações estéticas com/na cidade por um período restrito, de alguns ângulos, e também a partir da minha trajetória. O meu lugar é marcado por outros trajetos, lugares e modos de subjetivação. O encontro dessas diferenças engendra novas possibilidades na estética de nossas existências.

3.3 AS PEDRAS NO CAMINHO: ALGUNS PERCALÇOS

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra.*

(Carlos Drummond de Andrade)

Pesquisar leva a universos desconhecidos. O imprevisível acontece, o inesperado, o surpreendente. É um processo feito de sim e de não, de talvez, até logo, quem sabe; de desencontros, encontros, de reencontros, de adeus, de eu não quero mais e de querer mais, entre outras tantas

possibilidades que só a experiência nos revela. Essa investigação foi empreendida com a compreensão de que a pesquisa, como a vida, é entremeada de infinitas possibilidades, mas que nos é possível conhecer alguns trajetos e trajetórias, desconhecer outros, ter algumas situações negadas e outras realizadas. Nesse ínterim, é o trilhar embevecido que nos leva a conhecer a poética da vida. Assim, neste projeto de pesquisar, a cada “não posso”, ou “não quero” segui ao encontro daqueles que quisessem tecer essa história junto comigo. Apesar das pedras e percalços no caminho, encontrei-os. A seguir, descrevo as pedras que me fizeram dar outros passos, as quais me levaram aos sujeitos da pesquisa que serão apresentados no próximo capítulo.

No bairro Anita Garibaldi, um casal de catadores que eu conhecia e pretendia realizar a pesquisa preferiu não participar. Disseram-me que ser filmados não combinava com o estilo deles. Apresentaram-me uma vizinha, que me pareceu muito tímida, e ela também não se interessou pela pesquisa.

No bairro Renascer, meu primeiro contato foi com uma catadora que já participara de outras pesquisas minhas, contudo soube que o marido conseguira retornar ao mercado de trabalho formal, e ela havia deixado de catar por estar muito doente. Dois anos depois, essa catadora me ligou contando que havia voltado a catar e que gostaria de integrar a pesquisa, mas eu já havia iniciado com os demais. Ao sair do bairro, fui abordada por dois policiais, que apontaram uma arma diretamente na minha cabeça. Revistaram o meu carro à procura de drogas e nada encontraram. Não apresentaram seus documentos de identificação. Ao questioná-los sobre a abordagem inadequada que realizaram, disseram que tal procedimento era rotina, por ser ali uma área de traficantes. Um dos policiais ficou muito irritado com o meu questionamento e começou a gritar de modo desrespeitoso. Após o episódio, conversei com moradores que presenciaram a cena, e eles disseram que a polícia tem agido assim frequentemente, e que eles não concordam com esse tipo de abordagem agressiva. Durante os anos que frequentei esse bairro, tive a liberdade de caminhar com tranquilidade. Recordo que os catadores diziam que cuidavam de mim ali.

Tempos depois, quando retornei ao bairro, entrei em contato com outro catador que também conhecera em época anterior ao Doutorado. Ele concordou em participar da pesquisa. Contente, ele contou que registraria seu trabalho e também o tempo de lazer, geralmente dedicado à pescaria. Contudo, ele abandonou a pesquisa antes de fazer todas as fotos. Fiquei sabendo do episódio que provocou a desistência através de

sua filha, quando estive em sua casa. Ela disse que seu pai ficou indignado com as restrições impostas aos catadores no centro da cidade. O que mais lhe indignava era o fato de não poder andar com sua carroça e cavalo para trabalhar no centro. Aliás, ele fez parte de um pequeno grupo que resistiu apesar da proibição gestada mediante uma lei municipal que impedia sua circulação com cavalo e carroça no centro e outras localidades. Desde a implantação da lei, a maioria dos catadores passou a usar os carrinhos que eles puxam. Ao entender que a universidade local apoiava as medidas adotadas pela Prefeitura em relação à coleta e seleção, e com a restrição da circulação dos veículos de tração animal, associou minha pesquisa àquela instituição de ensino, segundo sua filha. Convencido de que as medidas adotadas pela Prefeitura prejudicariam seu trabalho como catador, indignado, destruiu o filme, inutilizando o trabalho que havia realizado parcialmente. Desse modo, ele deixou a máquina em casa, aos cuidados da sua filha, para que em meu retorno à sua casa para buscá-la ela me comunicasse da sua desistência da pesquisa. Ela disse que seu pai estava nervoso com o que estava presenciando na cidade, e quando isso acontecia costumava agir subitamente. Esclareci que eu não tinha nenhuma relação com tais fatos que cerceavam o trabalho do seu pai na cidade. Eu havia exposto que a minha pesquisa de Doutorado era vinculada à UFSC desde o primeiro contato com esse catador, o que reiterei no momento em que sua filha entregou-me a máquina. Porém, a universidade que havia no imaginário dele é a local. A jovem disse ter me compreendido. Além de esclarecer, agradei.

Ficou evidente que ele confundiu minha imagem com outras atividades da universidade local, e atribuo o acontecimento ao fato de que, durante o Mestrado em Psicologia, desenvolvi concomitantemente um projeto de extensão com os CMR, do qual ele participou, vinculado a essa IES. Como estava prestes a viajar para Roma, não tive tempo de retornar para falar com ele pessoalmente. Então, acolhi sua decisão.

4 PASSOS QUE ESTETICIZAM A VIDA DA/NA CIDADE

O transitar pelas ruas da cidade na contemporaneidade é marcado pela lógica da velocidade. Com pressa, as pessoas nos aeroportos, ônibus, motos, a pé ou em seus carros deslocam-se de “olho” no relógio. Nos carros, os vidros escuros e fechados dão a sensação de maior segurança, sobretudo nos semáforos, onde se estaria supostamente mais suscetível a um assalto. Os passeios pelas ruas da cidade dão lugares a espaços fechados, clubes, parques privados, entre outros. Assim, “O espaço público serve apenas à passagem, ao deslocamento. É apenas uma via asfaltada entre os pontos-privados onde se está seguro; não remete a qualquer possibilidade de parada, descanso. Marcado pela impessoalidade do transeunte, do rosto que passa e não diz nada [...]” (Mizoguchi, Fonseca & Costa 2004, p. 183). Assim, pouco se conhece sobre aqueles que habitam a cidade carente de encontros. O tempo para estar ou falar com o outro é cada vez mais reduzido, muitas vezes cronometrado. Tempo, tempo, tempo... Sob essa lógica, “hoje as próprias residências ‘engordam’ seu espaço, tornando mínima a necessidade de abandoná-lo. Assim, com a velocidade das vias e a estagnação segmentada, cada vez mais se deteriora a função de espaço de socialização, que a cidade outra já efetuou” (Mizoguchi, Fonseca & Costa, 2004, pp. 177-178). Mas, como cada um vive a cidade e produz suas relações estéticas nesse contexto diz respeito ao modo como se desloca, a concebe, a habita, (re)visita.

Se, por um lado, há aqueles na cidade que limitam seus percursos ao tempo destinado ao cumprimento de suas tarefas cotidianas, “[...] a cidade pode, por sua vez, abrir-se diante do transeunte como uma paisagem sem limiares” (Benjamin, 2007, p. 466). O que é visível aos olhos de alguns pode não ser visto por outros. A (in)**visibilidade** urbana diz respeito a questões históricas, culturais, ambientais, estéticas, políticas, econômicas, entre outros aspectos. A “**invisibilidade**” pode ser lida de diferentes modos: tornar invisível aos olhos os lugares que nos mantêm distantes ou sequer imaginamos; “invisível” por não ser uma prioridade na gestão da cidade; “invisível” por estar escondido da maioria por outros lugares que lhe circundam; “invisível” por ser periférico; lugar empobrecido, não nobre; “invisível” para que as pessoas dali conformem-se com sua condição e lugar; “invisível” porque foi descartado do cenário urbano; **invisível** por ser silenciado, **invisível** porque a “pedra” está no caminho; “invisível” simplesmente porque nada se quer fazer a respeito, entre outras possibilidades. Mas o “**invisível**” contém o *visível*: é visível

porque dali murmuram inquietações, angústias, sofrimentos, medo, esperança, sonhos, desejos, projetos. É visível porque dali *intensamente* se tecem trajetórias diversas. Visível, uma vez que os passos dos que ali habitam e circulam deixam marcas afetivas, estéticas, posto que a cidade como a vida está inacabada. Aliás,

[...] não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente. (Bakhtin, 2003, p. 11)

Os habitantes deixam marcas na cidade pelo modo como a habitam. Todos, a seu modo, produzem relações estéticas na/com a cidade. Cada encontro com o outro, sejam lugares, objetos, pessoas, possibilita a criação estética.

A passos miúdos ou grandes, mas determinados, os catadores percorrem as ruas da cidade, descobrem detalhes inusitados. Caminhar implica desvendar cenários, assinalar sua presença.

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes. Para este coletivo, as brilhantes e esmaltadas tabuletas das firmas comerciais são uma decoração de parede tão boa, senão melhor, quanto um quadro a óleo no salão do burguês; muros com o aviso “Proibido colocar cartazes” são uma escrivaninha; bancas de jornal, suas bibliotecas; caixas de correio, seus bronzes; bancos de jardim, a mobília de seu quarto de dormir; e o terraço do café é a sacada de onde ele observa seu lar. Ali, na grade, onde os operários do asfalto penduram o paletó, é o vestibulo; e o corredor que conduz dos pátios para o portão e para o ar livre, esse longo corredor que assusta o burguês é, para eles, o acesso aos aposentos da cidade. A passagemera o aposento que servia de salão. Na passagem, mais do que em qualquer outro lugar, a rua se apresenta como o

intérieur mobiliado e habitado pelas massas.
(Benjamim, 2007, p. 468)

Nas ruas mora o coletivo e o singular. Ali sucedem diversos acontecimentos éticos e sociais, cada um deixa sua *assinatura*. Há movimento. Nas ruas da cidade a vida transforma-se a partir das relações estéticas que ali coexistem. É possível reinventar a rua, a vida e a cidade.

Os catadores percorrem as ruas das cidades tecendo itinerários nos quais vasculham as lixeiras públicas, dos edifícios e de casas, recolhem MR de diversos pontos comerciais e inclusive o que está jogado pelas ruas, terrenos baldios, entre outros lugares. Fazem uso dos objetos que encontram, além do reaproveitamento de restos de produtos de limpeza, sandálias usadas, celulares, painéis, tapetes, talheres, sofás, cadeiras, eletrodomésticos e uma infinidade de “tesouros”. Grande parte dos catadores encontra nas lixeiras a decoração da sua casa. Assim, objetos diversos passam a compor a estética de suas casas e a estética de suas existências.

Em suas andanças, os passos velozes denotam a necessidade de retornar à casa com os carrinhos abarrotados de MR. Os passos vagarosos indicam pés calejados, corpos extenuados de um trabalho de longas horas puxando o carrinho. Problemas de coluna, insistentes dores de cabeça, inchaços nas pernas e pés, olhos cansados da atenção acentuada à visibilidade dos resíduos sólidos na urbe, entre diversos outros problemas de saúde são comuns entre eles, o que aponta para suas condições laborais precárias e à falta de cuidado com a saúde, relegados à necessidade eminente de, em primeiro lugar, assegurar o sustento, independentemente se seus corpos exauridos pelo tempo, fadiga e doenças requeiram pausas mais sucessivas e cuidados especiais à saúde.

Ao andar a pé pela cidade levando o carrinho ou em suas carroças, os catadores não atingem a velocidade dos carros e dos ônibus, mas também não realizam o mesmo movimento que os demais pedestres em seus percursos. Suas trajetórias são marcadas pela busca incessante do que é descartável que se transformará em suas escassas possibilidades de consumo. Enquanto parte da população contempla as vitrines das lojas ao caminhar para saber as novidades do mercado, eles vasculham as lixeiras. Enquanto muitos nas cidades têm pressa de realizar suas atividades as mais diversas, os catadores têm esperança de encontrar lixeiras contendo o MR que procuram: plásticos, papéis, papelões, alumínio, ferro, cobre, entre outros. Atentos ao material de seu trabalho, reconhecem as lixeiras mesmo nos cantos mais inesperados. Do mesmo modo,

caminham atentos ao tráfego e ao movimento de pedestres, posto que inúmeras vezes transitam na direção oposta.

Em suas andanças, eles evidenciam as desigualdades sociais que assolam nosso país. Partem de suas casas e desempenham sua atividade pelas ruas da cidade, o que lhes permite vislumbrá-la diariamente produzindo sentidos diversos sobre o contexto citadino. Xavier de Maistre, citado por Benjamin, fala desse olhar sobre a cidade que se tece sob diferentes ângulos:

O industrial passa sobre o asfalto apreciando sua qualidade; o velho procura-o com cuidado, seguindo por ele tanto quanto possível e fazendo alegremente ressoar nele suabengala, lembrando-se com orgulho que viu construir as primeiras calçadas; o poeta... anda pelo asfalto indiferente e pensativo, mastigando versos; o corretor da bolsa o percorre calculando as oportunidades da última alta da farinha; o desatento, escorrega. (2007, p. 466)

Assim, a cidade vista pelos catadores não é a mesma do médico que passou o dia dentro do hospital atendendo seus pacientes, do arquiteto que cria seus projetos e os acompanha, do pedreiro que constrói as obras, do escultor que passou o dia no seu ateliê experimentando novas criações. O espaço de trabalho deles é a rua. São capazes de descrevê-la muito bem, desde a casa verde à árvore grande que faz parte de seu jardim. São tantos passos pela cidade, tantas vezes trilhando as mesmas vias, as quais se tornam familiares. Íntimos das ruas, mas não de seus transeuntes, embora parte deles teça “bons encontros” com a população que se sensibiliza e coopera com a atividade de catação, guardando o MR para o momento que por ali passa o catador. Outra parte prefere deixar o MR restrito ao caminhão de coleta. A preferência por este refere-se a diferentes aspectos, entre eles: dias fixos para coleta e regularidade na atividade.

Ademais, a maioria da população não separa o MR e as campanhas de conscientização ambiental têm sido insuficientes para com a adequada destinação e descarte dos resíduos sólidos. De quem é o MR é uma questão complexa. O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) defende o direito dos catadores à cidade, às ruas e ao MR. Contudo, o CMR é uma categoria frágil, apesar do reconhecimento pelo Ministério do Trabalho e Emprego que estabelece que

tenham os mesmos direitos que qualquer outro trabalhador autônomo; do empenho (MNCR) fundado em 2001 no *campus* da Universidade Federal de Brasília (UnB). Naquele ano, aproximadamente 1.500 catadores e suas assessorias uniram-se para reivindicar, assegurar direitos à categoria e fortalecer sua articulação em redes de ação coletiva. Mais de uma década depois, muito necessita ser feito nesse âmbito. As pesquisas de Conceição (2003) e Barboza (2003b) apontam que, mesmo nas cidades onde existem associações ou cooperativas formalizadas, grande parte das vezes a autogestão não é dos catadores. A autogestão implica ter autonomia na gestão da cooperativa ou associação sem que outras entidades ou pessoas que não sejam da categoria gerenciem por eles. Além disso, implica que todos os associados possam participar das decisões a serem tomadas. Para tanto, precisam sentir-se potentes para agir em prol da democracia, cidadania e direitos humanos. Essa questão envolve questões de ordem econômica, política, ética, estética, ambiental, histórica, entre outros aspectos. Os catadores sujeitos desta pesquisa não estão associados a nenhum grupo de gestão participativa, embora existam registros de algumas organizações na cidade. Eles contaram que durante esta pesquisa foram convidados a participar de reuniões locais com entidades da cidade, mas relataram não haver gostado do que lhes foi proposto. Segundo a catadora Zênia, as toneladas de materiais recolhidos seriam divididas igualmente para todos, não importando o quanto cada um trabalhou, e isso ela não achou justo.

O fato de não estarem organizados coletivamente acarreta desvantagens, uma vez que maior quantidade de material acumulada para as vendas representa possibilidades de ganhos econômicos mais elevados; mas, para aproveitar essa oportunidade precisariam vender o MR para grandes empresas sem a presença da figura do atravessador. Contudo, haver organizações na cidade sem a autogestão efetiva da categoria não assegura os interesses deles. A Lei Federal 12.305/2010, no que diz respeito à gestão de resíduos urbanos, prevê para 2012 que as cidades devem cumprir diversos requisitos na área ambiental, e constituírem cooperativas e associações de MR para receberem recursos da União. Contudo, o fato de essas organizações associativas passarem a existir não garante que se enquadrem nos parâmetros dos empreendimentos cooperativos se as práticas consolidadas não corresponderem a essas premissas. Essas questões foram abordadas por mim durante minha pesquisa de Mestrado, e por ora não são o foco, mas cabe lembrar que Terezinha e Osmar integraram-se a uma associação de catadores, gestada por eles ao longo de anos a fio e com reuniões constantes, cuja iniciativa popular foi cerceada pelas políticas públicas empreendidas na cidade.

Osmar, Maria Denis, Terezinha, Ximirruga, Zênia e Titi serão não só meus conhecidos, mas nossos, posto que compartilharei com os leitores desta tese parte de suas trajetórias na cidade. Caminhar com eles pelas ruas, estar em suas casas, ouvir suas histórias foi um privilégio. Cada diálogo, cada encontro, possibilitou-me adentrar esse universo como se eu fizesse a leitura de um livro infindável. A cada novo encontro novas páginas lidas, mas essa história continua para além das minhas possibilidades enquanto pesquisadora, posto que estou de passagem por suas vidas. Estar de passagem para mim é como estar diante do Coliseum pela primeira, segunda, terceira, quarta vez... e em cada uma delas saber que, para além do seu conteúdo simbólico, a história deixou inúmeras marcas, não só nas pedras que o sustentam, mas para cada um que se relaciona esteticamente com o monumento histórico, seja em uma breve passagem ou por ter uma história mais longa e/ou significativa com esse lugar. Outras “marcas” e passagens ainda estão sendo tecidas diariamente. Sentidos murmuram a cada instante. Assim é para os catadores nas ruas da cidade, que esteticizam suas vidas e lugares a cada nova passagem. Em suas andanças pela cidade carregam o sonho de viver com dignidade.

4.1 UM POUCO SOBRE A CIDADE



Figura 1. Vista parcial da cidade de Criciúma, Santa Catarina

Fonte: Felipe Ghisi. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=908832>>

Durante a imigração europeia no Brasil, no final do século XIX, 22 famílias italianas advindas do norte da Itália chegaram a Criciúma²⁵ com esperança de fazer dessas terras catarinenses seu novo lar. Segundo Napolini Filho (2009), esses 145 italianos chegaram ao Brasil, no porto da ilha das Flores, no estado do Rio de Janeiro, no dia 16 de dezembro de 1879, de onde pegaram outro navio para Santa Catarina, chegando a Criciúma no dia 06 de janeiro de 1880, depois de viajarem a pé e de carroça. Foi assim que as terras que hoje a compreendem, até então habitada por alguns índios de tribos carijós²⁶, começaram a ser desbravadas. “Aos poucos o mato foi sendo cortado e a madeira utilizada para construir as casas. No lugar do mato foram feitas roças. Nas roças os italianos plantavam milho e feijão cujas sementes foram doadas pelo governo brasileiro” (Napolini Filho, 2009, p. 35). Nessa época, a principal atividade econômica era a agricultura. Apesar das inúmeras dificuldades encontradas nas novas terras, os italianos decidiram permanecer e começaram a construir casas, escolas e estradas. E assim,

[...] aos poucos, foi iniciada a urbanização do centro, daquele banhado que era cortado por um pequeno rio. Nas margens desse rio – que é o rio Criciúma – foram construídas algumas casas e a colônia foi tomando jeito. E no sul foi crescendo... [...] de todas as vilas fundadas e colonizadas pelos italianos, de Santa Catarina, a que mais prosperou foi Cresciúma²⁷ (Napolini Filho, 2009, p. 37)

Enquanto a vila foi crescendo, mais imigrantes chegaram. Napolini Filho (2009) descreve que os poloneses chegaram em 1890 e quase duas décadas depois vieram os alemães e os congolezes da África, sendo que os espanhóis foram os últimos a chegar. Cada um contribuiu com sua cultura para a construção da cidade de Criciúma, atualmente com aproximadamente 200 mil habitantes.

Para homenagear as diferentes etnias que passaram a habitar a cidade todos os anos, no mês de setembro, acontece a tradicional Festa das Etnias, onde, além de diferentes apresentações artístico-culturais, a feira gastronômica é destaque. Inicialmente essa festa era realizada na

²⁵ Criciúma pertencia à comarca de Araranguá - SC, cuja emancipação ocorreu em 1925, após desmembramento desta.

²⁶ Não existem registros históricos de como eles desapareceram.

²⁷ Como era chamada inicialmente.

Praça Nereu Ramos²⁸, a principal da cidade, que paulatinamente assumiu notoriedade e tornou-se uma tradição entre as festas de Santa Catarina. Em decorrência, o espaço físico para a festa ampliou-se. Recentemente, a festa vinha sendo realizada no Pavilhão de Exposições José Ijair Conti, mas, com a inauguração do Parque das Nações no final de setembro de 2011, lugar que rememora as etnias, além ser destinado a lazer e esporte, a festa das etnias passará a acontecer ali.

Em 1913, foram descobertas as primeiras jazidas de carvão, cujo auge foi entre 1940 e 1970, período em que Criciúma ficou conhecida como a “Capital Brasileira do Carvão”, o que gerou empregos e atraiu investidores. Nascimento (2004) afirma que o espaço urbano dessa cidade foi constituído nesse período que teve a mineração como a principal atividade econômica. As mudanças em suas características urbanas implicaram mudanças nos modos de habitar a cidade. Assim,

Na medida em que a cidade se modernizou, no sentido da difusão e do aprofundamento de relações capitalistas de trabalho, a vida urbana foi se transformando, morrendo aquela modalidade de relações mais íntimas e pessoais no espaço público, e surgindo relações de distanciamento e impessoalidade, que caracterizam a moderna vida pública [...]. (Nascimento, 2004, p. 168)

As possibilidades que a cidade oferecia fizeram com que a população fosse crescendo notavelmente, e assim a imigração continuou sendo a marca da cidade.

Criciúma é a quinta maior cidade de Santa Catarina, e é referência econômica e industrial no sul do Estado. Também é a cidade em que cresci ouvindo falar dos mineiros, trabalhadores que durante muito tempo foram os mais lembrados nesse lugar, seja pelos feitos ou pelos riscos. Com o passar dos anos, vi seus contornos mudarem, assumindo ares de cidade grande. Inúmeros edifícios, diversas concessionárias de veículos, restaurantes, bares, pizzarias, escolas, igrejas, *shoppings*, grandes supermercados, indústrias têxteis e cerâmicas, diferentes construtoras, entre outros lugares agora compõem a cidade do “amarelo, branco e preto”. Essas são as cores do time de futebol – o Criciúma – conhecido como Tigre, time catarinense que possui mais títulos e “orgulho” da cidade. Em 1991, o Criciúma foi campeão da Copa do Brasil, o que ajudou a

²⁸ Considerada o coração da cidade.

cidade a ficar conhecida no âmbito nacional. Um fato que chama a atenção dos que aqui circulam é que os ônibus da cidade e as placas de trânsito são amarelo e preto lembrando o “Tigre”, apesar das cores da sua bandeira serem as mesmas da bandeira da Itália. Nesse contexto citadino encontram-se automóveis circulando, pessoas chegando, saindo, habitando, (re)visitando. São milhares tecendo relações nessa urbe. Como catarinense, já percorri esse Estado de Leste a Oeste, Norte a Sul, e de incontáveis cidades que conheci em minhas andanças, Criciúma está entre aquelas que vi seu desenvolvimento econômico expandindo-se significativamente. Por outro lado, vi também seus problemas ambientais agravaram-se.

Criciúma é a única cidade brasileira que tem uma mina de carvão aberta à visitação pública. A **Mina Modelo Caetano Sônego**, inaugurada em 1984, foi desativada em 2009 por questões de segurança, e substituída em 2011 pela **Mina de Visitação Octávio Fontana**. A cidade também possui um **monumento** em homenagem **aos homens do carvão** de Criciúma, gestado em decorrência do impacto do carvão na história da cidade e a importância dada aos mineiros que enfrentaram os riscos à saúde e segurança para desempenhar um trabalho que foi preponderante para o seu crescimento econômico. Enquanto as reflexões acerca do trabalho do mineiro enalteciam o fortalecimento da figura do trabalhador na cidade, via movimentos sociais, as famílias tradicionais de alto poder econômico preocupavam-se com o signo da cidade, que deixava de ser dos imigrantes europeus para ser associada principalmente ao que gerara a sua expansão econômica: o “carvão”. A imagem da capital do carvão destoava dos ideais de beleza e deixava a imagem dos imigrantes e de seus descendentes como algo superado pelo “carvão”. Foi assim que a cidade passou a ser repensada por grupos de empresários e políticos ligados aos ideais de modernização, que tinham como escopo retomar a imagem da cultura da imigração gestada no início, mas, sobretudo transformá-la em seus aspectos urbanos, e garantir a diversificação da sua economia, o que de fato ocorreu. A mineração que impactou tanto essa cidade foi enfraquecendo, por um lado, porque esses recursos se esgotam e, por outro, porque a gestão política da cidade visava assumir outros desenhos nesse cenário. Além disso, do ponto de vista econômico, o carvão internacional tornou-se mais barato. Em consequência, o Governo Federal fechou as carboníferas públicas, incentivando a importação do carvão. A Escola Técnica General Oswaldo Pinto da Veiga – SATC, hoje também Faculdade SATC, cumpriu o papel educativo de dar suporte técnico para as carboníferas, estendendo esse trabalho para as demais indústrias posteriormente. As indústrias carboníferas entendi-

am o desenvolvimento baseado na exploração dos recursos naturais como se fossem inesgotáveis, e sob a lógica de que os recursos naturais, ao serem extraídos, utilizados e descartados, poderiam ser considerados lixo. O principal lixo do carvão, pirita, era normalmente jogada a céu aberto, poluindo o ar, as águas e causando problemas de saúde à população, como, por exemplo, doenças respiratórias.

Desse ponto de vista, Ruver (1992) considera que o desenvolvimento deve ser pensado como de natureza multifacetada, abrangendo os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais. A autora investigou as políticas de saúde na cidade de Criciúma correlacionando-as à problemática ambiental, ressaltando que, dentre os recursos destruídos pela mineração do carvão na cidade, a água está entre os principais agravantes, posto que atualmente todos os rios da cidade estão destruídos. O Shopping Della Giustina, localizado no centro da cidade, foi construído em cima do rio Criciúma. Seu estacionamento, nos momentos de tempestade, alagava, causando prejuízo aos seus usuários. As lojas do centro da cidade também eram tomadas pelas águas da chuva, várias vezes, principalmente durante o verão, prejudicando o comércio.

Atualmente a Prefeitura, com uso de verbas federais, está realizando obras na tentativa de solucionar o problema. Isso aponta que a lógica de “progresso” da cidade desconsiderou sua sustentabilidade. Grande parte da cidade é minerada em seu subsolo, mas nos bairros enobrecidos, como, por exemplo, o Pio Correa, que também era coberto de pirita, o solo foi recuperado, enquanto historicamente os pobres foram morar nos terrenos piritosos, em situação de degradação ambiental, o que afetava significativamente a saúde dessa população (Ruver, 1992). Cabe dizer que as reivindicações desses moradores junto ao Poder Público foram sendo atendidas gradativamente. Contudo, ainda restam as áreas degradadas que não foram recuperados em decorrência do alto investimento necessário, e com isso foram desvalorizadas financeiramente. Uma parte dessa área culminou no “lixão”, conhecido como aterro sanitário e depois transformado em Centro de Triagem de Resíduos Sólidos.

Nesse cenário em que os setores dominantes exploravam os recursos naturais, priorizando o aspecto econômico em detrimento dos demais, os catadores emergiram no contexto citadino, apropriando-se do descarte cotidiano na cidade, e inscrevendo-se nela sob a lógica da sustentabilidade, combinando os aspectos sociais, econômicos e ambientais às premissas dos movimentos ambientalistas e às atuais políticas de desenvolvimento sustentável.

No contexto da cidade, o carvão visualmente representava a poluição, o que foi sendo modificado nas décadas seguintes, ao ser coberto por camadas de terra que transformaram sua estética. Apesar disso, a “recuperação” do solo, se por um lado trouxe suas contribuições para a qualidade do ar, na cidade continua sendo limitada às condições de arborização. A cidade tem poucos parques e áreas de preservação. É comum encontrarmos catadores habitando nessas áreas de precarização ambiental.

Com o enfraquecimento do setor carbonífero, emergiu o setor cerâmico. A partir de 1947, a indústria cerâmica passou a assumir papel de destaque no contexto econômico da região e a cidade tornou-se a **Capital da Cerâmica**. Nesse setor, a cidade é referência não só em nível nacional, mas conquistou projeção internacional. Além disso, o setor de vestuário, metalomecânica e plástico também são referência.

Se, por um lado, a cidade investiu em uma economia diversificada, por outro, o desenvolvimento foi marcado pelo aumento das desigualdades sociais. Criciúma é uma cidade de médio porte, que enfrenta problemas presentes nas grandes cidades, como: agravamento da poluição ambiental, engarrafamento no trânsito, violência e tráfico de drogas. Há muito a ser feito no contexto cidadão.

4.2 OS BAIRROS EM QUE HABITAM OS SUJEITOS DA PESQUISA – BREVE RELATO

[...] *O bairro penetra se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével [...]*
(Mayol, 2003, p. 44)

O sujeito “assina” seu lugar no bairro. O bairro representa uma parte da cidade cujos lugares, trajetos cotidianos, a vizinhança, os pontos comerciais, postos de saúde, escolas, creches se inscrevem a partir de relações estéticas que contribuem para o sentimento de pertencimento e reconhecimento de si no lugar. O bairro é marcado pelas particularidades de quem o habita cotidianamente.

A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos “práticos” se oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande “desconhecida” que é a vida cotidiana.

Tereza Cristina: o lugar de Zênia, Ximirruça e Titi

O bairro Tereza Cristina tem o mesmo nome da Ferrovia Tereza Cristina, localizada em Criciúma e é onde moram Zênia e Ximirruça²⁹ e Titi, sujeitos desta pesquisa. Historicamente, esse lugar é marcado por muitos preconceitos. Diferente da ala nobre da cidade e também de outras partes, tem um apelido que o desqualifica, Pedregal. Conforme pesquisa realizada por Generoso (2001), o bairro ganhou o apelido de Pedregal devido a uma novela que passava na TV Tupi, onde se desenrolava muita confusão na trama.

Na cidade, o bairro ficou mais conhecido pelo apelido que pelo nome. Zênia relata que, quando alguém de fora do bairro lhe pergunta onde habita, ela sempre cita o nome Tereza Cristina, isso porque, segundo ela, as pessoas da cidade têm medo dos moradores do “Pedregal” e evitam circular por lá. Episódios como mortes de usuários de substâncias psicoativas devedores para traficantes, disputas entre traficantes, embates de grupos de tráfico com policiais fizeram com que o lugar fosse temido e conhecido como palco de violências. É comum ouvir relato de alguém da comunidade que soube de uma morte relacionada ao tráfico. Entretanto, ali existem pessoas batalhando honestamente para sobreviver, como, por exemplo, os catadores que integraram esta pesquisa. Sobre lugares e cidades, cabe dizer que

[...] são feitos de nomes, de significados fabricados pela história dos homens. Não há uma cidade, um lugar que não seja feito de seu nome. O contrário disso é a negação da existência da vida dos lugares. Os lugares são produtos da existência – feita dos homens, do seu trabalho, da sua arte e dos significados que encaminham a cada objeto, a cada ser, a cada movimento. Por isso, os lugares são, também, o nome que os representam. A supressão do nome implica o ocultamento da história, da identidade, a extinção de uma tessitura de vida, o distanciamento do significado que se dá ao *pequeno pedaço de mundo*. (Hissa & Melo, 2008, p. 299).

O termo Pedregal, inicialmente intitulado por seus moradores, transformou-se em um estigma, ao qual não querem estar associados.

²⁹ Brutalmente assassinado durante esta pesquisa.

Esse bairro já foi uma vila e, após muitos anos de luta e resistência, tornou-se o bairro Tereza Cristina, nome pelo qual querem que o reconheçam.

O bairro é formado por apenas quatro ruas. Ali a precariedade se apresenta de diversas formas: ausência de lugares ao ar livre para o lazer, pobreza, além da natureza degradada.

Viver para suprir apenas as necessidades básicas não é evidentemente o que sonham. O acesso ao mínimo para qualidade de vida já devia estar assegurado, mas a condição que vivem denuncia que muito ainda precisa ser feito nesse lugar e no país. Outro aspecto a ser destacado é que, como ali vivem ex-presidiários e famílias de presidiários, é taxado como bairro de bandidos. De modo geral, os lugares mais pobres são associados à violência e a estereótipos diversos.

O sentimento de desqualificação social é evidente. Só o fato de morarem ali já implica serem olhados de outro modo, bem como pelas roupas que vestem e a aparência que revela a pele envelhecida pelo sol, como o caso de Zênia e Ximiruga. Os seus olhares, como os de Titi, por exemplo, são de trabalhadores que lutam em seu cotidiano para assegurar, além da sobrevivência, o mínimo de dignidade.

Anita Garibaldi, o lugar de Osmar e Terezinha

O lugar em que moram Osmar e Terezinha é uma pequena vila que foi ocupada em 1992, mas seus moradores a chamam de bairro, por isso, ao longo do trabalho, também chamarei a vila Anita Garibaldi de bairro Anita Garibaldi. Nos bairros que o contornam, a população tem melhor qualidade de vida. Um fato que me chamou a atenção é que não são mencionados no mapa de Criciúma. Isso me surpreendeu, posto que foi ocupado há quase vinte anos. O Anita Garibaldi ocupa parte do território do bairro São Luiz, e outra do bairro Fábio Silva.

Segundo o presidente da associação de moradores local, inicialmente o lugar ficou conhecido como Moca, devido a um banheiro coletivo construído por seus moradores no início da ocupação e assim nominado por eles. Embora conheça essa comunidade desde 1999, a primeira vez que ouvi seu apelido foi através de moradores do bairro Tereza Cristina, pois seus habitantes se referem ao bairro por seu nome.

Tenho um carinho muito especial por essa comunidade, por ser em que conheci o primeiro catador de material reciclável. Quando vou lá, recordo-me com alegria das primeiras vezes que adentrei esse lugar procurando por catadores.

O presidente da associação dos moradores esclareceu que as terras que ocupam foram concedidas ao INSS devido às dívidas da Carbonífera Catarinense, e até então os moradores aguardam pela legalização do loteamento. Segundo ele, a vila Anita Garibaldi foi escolhida por seus moradores em homenagem às mulheres que, no início da ocupação, travaram uma batalha, colocando-se na frente dos homens para defender a apropriação do lugar. Atualmente a comunidade é uma ZEIS – Zona Especial de Interesse Social, ou seja, uma porção do território destinada a atender prioritariamente assentamentos habitacionais para a população de baixa renda, ou para urbanização e regularização fundiária.

São Luiz, o lugar de Maria Denis

O bairro São Luiz é um dos mais antigos da cidade. Parte dele foi ocupada pelos moradores do Anita Garibaldi. Em termos de infraestrutura, o bairro São Luiz possui creche, posto de saúde, igreja, campos de futebol, restaurantes, pizzarias, farmácia, uma igreja com arquitetura diferenciada, indústrias, padarias, mercados, dois postos de gasolina, floricultura, transportadoras, estacionamentos, frutarias, centro comunitário, entre outros. Segundo a presidente da associação de moradores, 90% das ruas são pavimentadas com calçamento ou asfalto, algumas ruas de lajota necessitam de revisão e outras de pavimentação. Aguardam a academia ao ar livre. A presidente esclareceu-me que os moradores do Anita Garibaldi são atendidos pelo Programa Saúde da Família – PSF do bairro Milanese porque não necessitam da assistência desse programa. Maria Denis, catadora integrante desta pesquisa, habita no bairro São Luiz, a rua que ela mora é asfaltada e próxima a uma madeireira.

4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA E NOSSOS DIÁLOGOS

A catadeira Zênia e o catador de papelão Ximiruga: o casal

Desde o primeiro contato, Zênia mostrou-se muito interessada pela pesquisa. Foi iniciativa dela que Ximiruga participasse: “*É bom ter duas máquinas, assim fazemo os dois, que nois catemo junto*”. Ele concordou com o proposto por sua companheira e, junto com ela, convidou-me a visitá-los. Empolgada por nesse momento dar início à pesquisa, fui acompanhando-os à casa para saber onde moravam. Combinei de retornar em breve, eles ficaram contentes e eu também. O fato de eles não me

conhecerem previamente e logo aceitarem foi uma experiência muito potencializadora para mim, senti-me muito bem acolhida.

No meu retorno, expliquei que as fotos seriam sobre a relação deles com a cidade. Mas o que poderiam ou não registrar? Perguntavam-se e perguntaram-me. Eu disse que teriam autonomia para escolher o que gostariam de fotografar. Zênia disse que iria desde então começar a se organizar para sua aventura como fotógrafa.

Em nosso encontro seguinte, dialoguei novamente sobre a pesquisa e deixei as máquinas com eles. Zênia contou-me contente que já havia planejado as fotos que gostaria de fazer; disse que mostraria seu trabalho como catadores e como vivem, locais que coletam, entre outras ideias que teve. A possibilidade de ter uma máquina para fotografar fez seus olhos brilharem; ela jamais havia feito fotos em toda a sua vida.

Após a primeira tentativa de Ximirruga de iniciar o trabalho fotográfico, Zênia percebeu que o marido tremia para bater fotos e por isso decidiu tirar as fotos nas duas câmeras. Entretanto, o marido não foi excluído do processo, pelo contrário, foi clicado em várias fotos. Sobre a experiência ela descreveu: *“Gostei mesmo, eu pensei até que ia queimar tudo porque eu nunca bati foto na minha vida. 49 anos e nunca bati foto de ninguém”*. Toda sua narrativa fotográfica tem sua autoria, nas fotos em que Zênia aparece, contou com a colaboração de sua filha. Sobre a filha, mencionou que considera seu trabalho muito digno, em determinadas ocasiões cataram juntas. É uma jovem que entende da atividade de catação, definiu Zênia. Atualmente a jovem trabalha com faxinas e faz cursos de cabeleireira e manicure.

Ao receber as fotos reveladas, Zênia ficou muito satisfeita e disse contentíssima: *“Eu sou mesmo uma fotógrafa!”*. Essa descoberta de poder fazer outra atividade além da catação a deixou encantada: *“Adorei! Ficaram bem bonitas as fotos memo. Olha, foi mágica. Bah, legal mesmo”*. A atividade definida como algo incrível, como mágica, denota que para ela foi muito importante viver essa experiência estética. Além de coletar pelas ruas, pôde criar imagens, escolhendo seus ângulos preferidos, definindo os locais, escolhendo as imagens. Essa outra experiência estética na sua relação com a cidade fez imaginar-se em mundos além da catação: ser “fotógrafa”, uma experiência de descoberta, de criação. Descobriu-se capaz de realizar outras atividades de trabalho além daquela em que está imersa todos os dias, a catação: *“Bah, eu posso até trabalhá di fotógrafa, quem sabe, né. Saio de catadeira e vou tirá foto por aí”*. Vislumbra outra possibilidade. Acrescenta: *“Bah, foi legal memo. Eu bem curiosa já fui apertando e pá, né. Pegava as coisa assim*

certinho, é a ideia da pessoa, né. Eu olhei as fotos, gostei, adorei. Não saiu torto, não saiu nada, saiu tudo certinho, né. Ficou bom mesmo. Eu agradeço [...]”. Ela descreve que foi experimentando a câmera, observando seus botões, os ângulos, foi colocando em prática suas ideias e ao final considerou ter tido uma experiência bem-sucedida. Fez tudo “certo”, afirmou. Ela teceu a narrativa de sua vida como catadora, imaginada e potencializada na sua criação estética fotográfica.

A cada visita minha, Ximiruga e Zênia apresentavam mais a realidade em que vivem. Nos fundos da casa de Zênia eu conheci sua pequena horta: “*Ali é a hortinha que eu faço! Tem couve, cenoura... Bonito, né? Eu molho todo dia. Tem pé de tomate, couve, tá bem pequeninho, mas tá criando, funciona. Pinheirinho, óh, dá bem grande. Isso aqui é pêssego!*” Ela mostra com orgulho, pois, afinal, foi ela quem plantou e quem cuida do quintal.

A bicicleta pequena do neto foi achada durante as atividades de catação e reaproveitada: “*é para reformar para o menino. A bicicleta é pra reformar pro Natal!*” (Zênia). Como não poderia comprar uma bicicleta nova, reaproveitaria a que encontrou pelas ruas como alternativa de presente para o neto.

Ela segue narrando sobre o seu terreno: “*Ali é os plásticos que eu junto. Eu ajunto tudo, até tapete! Tenho gato!*”. Ao falar do gato, ela afirma que não recolhe só os materiais que encontra nas ruas, acolhe também alguns animais em sua casa. Ela já teve cavalos, éguas, cães, gatos e galinhas, as últimas para consumo.

Zênia tem uma vida sofrida, mas uma vida de fé, relata. Jamais deixou a linha de pobreza. Já passou fome, mas com coragem e trabalho superou muitos problemas, ressalta. Desse modo, se orgulha das suas qualidades e assim as define: honesta, generosa e simpática.

Sua vida tem uma trama e um drama presente diariamente, conseguir assegurar a alimentação para todos da casa e pagar as contas. As frutas e as verduras Zênia, Ximiruga e o filho adolescente catavam das lixeiras de uma feira. Ela sabe que consumir frutas e verduras é algo imprescindível para a saúde, porém custa caro. A horta da casa é muito pequena, posto que o terreno é minúsculo, e ela ainda divide o espaço com seus animais.

Ela conta com uma pequena ajuda do programa Bolsa Família e uma cesta básica doada mensalmente pela Igreja Católica. Descreve que nem sempre *dá conta do recado*. Além da catação, o casal faz eventualmente outros serviços, quando têm oportunidade, roçam lotes, entre outros bicos. Mas para eles, a catação é a principal atividade.

Zênia contava ainda com a ajuda da mãe, a qual morreu no primeiro semestre de 2010, quando eu não estava no Brasil, e as únicas fotos que restaram como recordação foram as que ela tirou durante esta pesquisa. Zênia teve duas mortes na família durante o ano de 2010, a mãe, no início do ano, e o marido, no final do ano.

Ela contou-me que se sente mãe dos dois netos que vivem com ela, filhos de sua filha: “*Eu dou carinho e cuidado deles*”. O neto mais velho a chama de mãe, diz com orgulho. Ele não conta com a presença do pai. O menor, ao contrário, vê o pai frequentemente, que namora sua mãe.

Ximirruga era quem puxava o carrinho, enquanto Zênia o acompanhava trabalhando na coleta e seleção do MR. Segundo ela, é muito fraca para carregar tanto peso.

Zênia contou que um temporal atingiu sua casa, causando estragos. Com desalento, Ximirruga descreve seu sofrimento:

É sofrimento no sol dia a dia. Í sol... Eu queria uma coisa, que todo mundo orasse por nós, a gente que cata esse papelão, plástico, tudo, eu só queria um negócio assim. É que nós semo sofrido, mas só que ninguém olha pra gente. Ninguém olha! Penso que nós semo iguais um cachorro. Não é por aí, nós semo catador de papelão e eu quero ganhar alguma coisa. Que o governo olhe pra nós que semo catador de papelão. Eu queria alguma coisa, qualquer coisa. A gente sofre tanto só isso que eu tenho que falá. Obrigado. (Ximirruga)

Ximirruga se “compara” aos cachorros abandonadas que vivem pelas ruas da cidade, conhecidos como cachorros “sem-donos” ou viralatas. O cachorro vira-lata habita as ruas da cidade, geralmente magro, sujo, ignorado e desprezado. Ximirruga gostaria que as pessoas o tratassem como um “amigo”. O trabalhador Ximirruga não compreende as pessoas que o desprezam, não entende porque as políticas públicas deixam os catadores tão desamparados. Como *catador de papelão* é um homem sofrido. Como católico, pede orações. Entende que as pessoas de baixa renda precisam ser ajudadas pelo governo.

Disse que tem pessoas que não os deixam vasculhar suas lixeiras, o que ele critica alegando que é disso que vive:

*Não é só porque nós catemo papelão, vivemo di-so aí, mas tem que ter alguma coisa pra ajudá a gente. Não é por aí o caminho. É porque tem gente: “Vocês não! Vocês não sei o quê!” Não! Eu quero ganhar o meu dinheirinho, também é suado. Não precisa de roubá, não preciso de matá nada. Eu e a mulhé sofremo puxando o carrinho. Sofremo. Dia e noite nós sofremo. E catemo no-so papelãozinho, não precisamos di roubá. Eu só quero que alguém olha por nós, né. Dê um troquinho, um dinheirinho assim, alguma coisa. Faça alguma coisa por nós porque senão nós vamo morrê tudo da fome. Eu dependo disso aí, ela também depende. Eu e minha mulhé nós sofremo. Eu quero depende disso aí o resto da minha vida, até morrer. Só que eu quero que o governo olhe por nós também, **que nós temo muito humilhado.** (Ximiruga)*

Ximiruga declara que ele e a mulher são humilhados fazendo seu trabalho, o que contribui também para sua condição de sofrimento. Sus-tenta que não quer deixar a catação enquanto viver. Continua:

*Às vezes a gente mexe num pacote, eles reclamam. Só porque **não é nós**, tem muitos que mexi, a gente passa naquele local e reclamam comigo e com ela. Às vezes, se nós levamo um saquinho de lixo, nós botemo o que quer dentro e amarremo. É só isso aí. Eu quero uma coisa qui... Eu quero uma coisa bonita pra nós também, já que nós tamo limpando a cidade tem qui... cooperar com a gente. (Ximiruga)*

Ximiruga lamenta ser confundido com outras pessoas que mexem nas lixeiras, deixam os sacos abertos e o lixo jogado no chão. Para ele, reclamarem de seu trabalho é visto como desqualificação social, considera que merece ser reconhecido pela contribuição ambiental que dá à cidade com seu trabalho. O não acesso a essas lixeiras significa a negação do seu arroz, feijão, ovos, farinha, entre outros. Ele enfatiza a discriminação como condição de sofrimento, orgulha-se de limpar a cidade e do fato de que abre as lixeiras, recolhe o que precisa e fecha novamente. Se é organizado e limpa a cidade, por que é humilhado? Essa é a angústia com a qual ele vive.

O fato de não terem uma estabilidade financeira lhes fragilizava. Zênia preocupa-se com a aposentadoria:

Ei! Podia ter uma lei também, que é um serviço igual ao outro. Que o governo pegasse e aposentasse os catadores de papelão também porque nós fizemos serviço igual ao outro, né, pior que outro. Tem gente que trabalha na sombra sentadinho, né, na hora da comida pega a marmita e come. E nós não, nós além de trabalhar na rua com sol, chuva, vento, nós temos ainda que chegá em casa pra fazê o almoço, pra comer, né. Às vezes cansado, só descarreguemo o carrinho e já temo qui trabalha di novo. O governo devia di pensar mais di aposentá, as vez a pessoa que não pode mais trabalhá na rua, né, porque tá doente, tá com a coluna e pá! Devia pegá e dizê: eu vou aposentá esse coitado aqui que não pode mais trabalhar na rua, né. Que não é fichado, não é nada, né. Ali se tu ti pisa, tá ali pode ficar dentro di casa e morrer de fome porque não tem aposentadoria, não tem nada. Não é fichado, não é nada. Eles deviam ter mais respeito com todos os catadores de papelão [...]. (Zênia)

Com mais de cinquenta anos de idade, ela preocupa-se com a aposentadoria. Ao falar que o governo deveria aposentar aqueles que não podem mais trabalhar nas ruas, refere-se à sua trajetória e a de tantos outros catadores que enfrentam esse dilema. Ela tem problemas graves na coluna e não tem forças para puxar o carrinho carregado sozinha, tarefa que era atribuída ao seu companheiro. Ela também fala das dificuldades do trabalho insalubre. Trabalha no sol, não usa protetor solar e luvas. Ao machucar-se, diz que ficaria “morrendo de fome dentro de casa”, por não ter os mesmos direitos que os outros trabalhadores. Não tem direitos trabalhistas por não pagar o INSS. Fica impossível pagar o INSS quando o valor que recebem é irrisório diante das necessidades básicas da família.

Zênia, além de cuidar dos netos que vivem com ela, relatou-me que ajudou um sobrinho a ser encaminhado para tratamento para dependentes de substâncias psicoativas. Ela disse que teve dificuldades para conseguir que o atendimento fosse assegurado, posto que em algumas ocasiões o carro da Prefeitura não fora pegá-lo, mas não desistiu. Pude

constatar que é mulher guerreira, que luta muito pela família e por seus direitos como cidadã. Busca estar informada sobre os benefícios da assistência social, pois reconhece que necessita. Contudo, foi esse sobrinho que a agrediu na noite do assassinado de seu companheiro.

Ximirruga faleceu na madrugada de 14 de novembro de 2010, assassinado a facadas e pauladas na frente da sua casa. Ele e Zênia, sua companheira, catavam juntos, comiam no mesmo prato, e um, inclusive, acompanhava o outro quando iam ao “banheiro” do lado de fora da casa. Zênia, ao ver que estavam assassinando seu companheiro, embora sozinha para defendê-lo de um grupo de mais de dez pessoas, tentou intervir. Entre os agressores estava uma irmã e um sobrinho dela, dos quais recebeu pauladas enquanto tentava salvar a vida de Ximirruga, o que a deixou ainda mais desolada. Ela contou que o delegado lhe deu uma faixa para amarrar no braço e seu pulso foi deslocado. Enquanto o SAMU levou Ximirruga ao hospital, ela foi prestar denúncia na delegacia. Minutos depois soube que ele não resistira aos ferimentos, enquanto o esfaqueador³⁰ dormia na casa ao lado, e apenas acordou-se com a chegada da polícia ao ouvir os latidos de seu cachorro. Então, tentou fugir, inutilmente. Foi preso, mas alegou legítima defesa. Os demais envolvidos fugiram da cidade.

Segundo Zênia, Ximirruga queria receber o dinheiro dos dias que trabalhara como ajudante de pedreiro na casa da irmã de Zênia e de seu principal almoz. Ele havia me dito anteriormente que os demais que ali trabalharam tinham recebido o dinheiro, menos ele, e que na casa deles já faltava alimentos. Aguardavam naquela semana o caminhão que vinha buscar o MR coletado por eles, que, aliás, demoraram mais para juntar devido aos dias em que não foram trabalhar, posto que Ximirruga ocupava-se na obra. Nessa madrugada, houve uma discussão e ele foi morto brutalmente. O fato foi noticiado em jornais locais e na TV como mais um crime no bairro Teresa Cristina. O modo pontual como os crimes que ali acontecem são apresentados pela mídia não consideram os contextos de sofrimento das vítimas, e o bairro torna-se sinônimo de violência.

Mello (1999), ao refletir sobre os contextos de violência nas cidades, problematiza como a mídia apropria-se da violência urbana:

Os meios de comunicação não se limitam a informar. Tomam partido, julgam e condenam. Ao assim fazerem, aprofundam o temor e a ignorância do público que deveriam informar, usando men-

³⁰ Traficante morador na comunidade, com outros antecedentes criminais.

sagens e códigos profundamente estereotipados. O preconceito alimenta-se dos estereótipos e gera os estigmas. [...] Trata-se de caracterizar toda uma população como perigosa, indigna de confiança. (pp. 138-139)

O medo é tecido numa trama de relações sociais calcado no imaginário que se concebe sobre os lugares. De modo geral, os discursos sobre esses lugares são produzidos a partir de uma ótica universalista, esquecendo-se das particularidades dos contextos que, assim como seus moradores e frequentadores, nunca estão prontos e acabados. Para conhecer um lugar é necessário adentrá-lo em sua complexidade.

Zênia, com o impacto da morte do companheiro, falou constantemente em morrer. Além da dor do corpo machucado pelas pauladas que levou, o sofrimento pela morte do companheiro deixou-a muito abalada. Com o braço engessado, nos meses seguintes ficou impossibilitada de trabalhar. Outrora, era o companheiro quem puxava o carrinho. Zênia nunca imaginara que iria presenciar o assassinado de seu companheiro em frente à sua residência.

Para enfrentar a depressão, ela passou a frequentar o grupo CAPS-Ad (Centro de Apoio Psicossocial). Ela disse que achou muito bom, por ter pessoas com quem compartilhar sua tristeza, receber medicamentos e principalmente porque assim seria uma pessoa a menos a comer em casa, dadas as condições atuais. O neto mais velho comia na escola do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), onde ficava em tempo integral. Para o outro, ainda não havia conseguido creche em período integral. Restava ainda a filha, que faz as unhas de vizinhas e faxina, e o filho adolescente, o qual encaminhou a um centro de reabilitação para dependentes de substâncias psicoativas logo após a morte de Ximiruga, mas ele fugiu, retornando para casa.

Zênia também me contou que teve outro filho, que estava envolvido com drogas e teve um problema com a “ganguê” (assim denominou) da Tereza Cristina, por isso “ninguém” pode saber onde ele mora nesse momento; considera perigoso. Disse estar contente porque seu filho que não mora com ela deixou as drogas e trabalha, mas lamenta que ele não possa visitá-la por correr risco de vida.

Ela assinala que na ala mais empobrecida também encontramos os “muros” que cerceiam os direitos de ir e vir, limitam o diálogo com/na cidade. São reféns da violência que aprisiona os “corpos”, mesmo que seja pelo temor de ser violentado por outros. Na sua comunida-

de, sente-se em parte segura porque a reconhece como o lugar em que cresceu, onde conhece todos os moradores e fez amigos, mas, por outro lado, seu direito é violado, posto que não tem o direito de receber a visita de um de seus filhos, devido ao domínio que o tráfico assumiu ali.

Zênia também gosta muito de se arrumar. No Natal de 2009, estava preocupada em conseguir um vestido emprestado, posto que queria estar bonita para essa ocasião especial. Na entrevista, colocou brincos grandes, boné, camisa do Che Guevara, enfim, “arrumou-se”. Seu companheiro Ximiruga também caprichou no visual.

Osmar

“Eu, na verdade, lazer nunca tive na minha vida.” (Osmar)

Osmar compartilhou comigo as tristezas que alimenta, seus sonhos, sua inserção na atividade de catação, sua indignação com as administrações públicas da cidade. Com relação ao bairro e à cidade, não poupa críticas. Em seu discurso deixa claro que não é a favor de esmola e sim de trabalho para todos, pois assinala que, se tivesse melhores condições de trabalho, poderia atingir seus objetivos, entre eles a reforma da casa.

Osmar reclamou que recentemente a Prefeitura havia arrumado o esgoto do bairro São Luiz (vizinho e coligado), mas onde começa a vila Anita Garibaldi, onde vive, não continuaram. Como o lajotamento acaba exatamente na divisa, é fácil para o visitante que vai à primeira vez ao local reconhecer quando acaba o São Luiz e começa a área de ocupação. Segundo Osmar, apesar da aproximação de seu bairro com o centro da cidade este é a parte esquecida:

[...] porque já um lugar bem perto da praça, um bairro bem perto da praça e o prefeito não faz nada, não fez nada até agora, só botou a luz e a água encanada mesmo e já faz vinte ano já di existência desse bairro aqui, mais até agora entra prefeito, saí prefeito, promete, mais não faze nada. Não faze nada a respeito do bairro. (Osmar)

Quem passa pela avenida Santos Dumont em Criciúma não vê a vila Anita Garibaldi, aos fundos do bairro São Luiz. Em seu discurso,

Osmar aponta o contraste entre a “praça” e os contornos da cidade. Quando perguntei sobre o que falta no bairro, ele declara:

Falta é arrumá estrada ou colocá asfalto, lajota porque é muita poeira, poeira demais, é muita poeira. Vem pra dentro di casa, a gente limpa, limpa e a poeira é todo dia aí. Empoeirado e faz mal pra saúde também porque dá falta de ar e provoca um monti di coisa. O nome do bairro é Anita Garibaldi, Criciúma – SC. (Osmar)

Ao citar o nome do bairro Osmar quer que o futuro público ouvinte ou leitor saiba exatamente como localizá-lo.

Osmar relatou que devido ao alcoolismo enfrentou diversos problemas e que abandonou o vício depois que entrou para a igreja evangélica.

O desemprego se transformou em sofrimento e falta de esperança. A catação implicou uma opção frente à sua condição de desempregado que se arrastava há anos, mas o sofrimento continua. Ele deixa claro que não gosta do trabalho que faz e afirma:

É que a gente trabalha com reciclage e é obrigada, assim..., o que... porque não tem outra condições, né. Não tem outro tipo di condições. O certo era trabalhar, trabalhar fichado, coisa assim, mais eu já tô nisso aqui há 7 anos e até agora eu não consegui um serviço fichado. Fichado até o ano de 2002 e di lá pra cá tô desempregado. Se tivesse mais condições a gente mudava, mais é coisa até errada juntá coisa assim no pátio onde eu moro. Tinha que tê assim outro tipo di condições. As autoridade do lugar não, não ajuda! Não dão esse tipo di ajuda e não fazem esse tipo di coisa pra gente. Então, eu vou ficá assim até quando Deus quiser, no caso. (Osmar)

Ao ver de forma depreciativa o seu trabalho e sem vislumbrar alternativa, sente-se desolado. Relatou-me que nem sempre sai para a catação, está cansado dessa atividade que faz com a bicicleta, porque ganha pouco, e sente-se desqualificado constantemente também por alguns vizinhos que não gostam do MR exposto em frente à sua casa. Pensava em se mudar, por isso me disse que após meu retorno da Itália,

se não o encontrasse mais ali, deixaria um recado com sua filha que mora perto com o seu novo endereço. Pensava, além de deixar o bairro, desistir da catação, mas isso “somente se” conseguisse um emprego. Seu filho o ajuda no trabalho, mas diz que ele não é “bom catador”, porque traz muita sujeira para casa, além de eletrodomésticos velhos, entre outros. Diz que não seleciona bem como ele, e aí, em casa, o trabalho é redobrado.

Osmar atribui o fato de estar fora do mercado de trabalho formal à idade:

Fiz inscrição em várias, firma, mercado, coisa e não me chamaram não sei porque. Não sei se é por causa da idade que eu tô com 57 ano. Tem muita gente nova pra trabalhá, né. Eu penso qui seja por causa disso, né. Por causa di estudo não é também porque quando eu fazia a inscrição eles falavam que não precisava tê aquele estudo sobre o serviço, sobre assim o ramo di serviço qui vai trabalha no caso, mas aí não me chamaru e eu tô aguardando até agora. [...] Eu fiz aquele, o currículo, né, que eles diz, né. A folha de currículo. Eu fiz várias aqui, aqui no centro, mais até agora não me chamaram. Uns dizem que é porque Deus que tem que abrí a porta di serviço. Ah, todas as porta são aberta por Deus, né. [...] Acho que o outro lado não abre porta pra ninguém, só quem abre a porta pra todo mundo é Deus mesmo. Então, esse é o meu modo di pensá. Não sei se eu falei coisa errada, me desculpa, né. (Osmar)

Diz que alguns atribuem a Deus o fato de as portas serem abertas para o trabalho, mas ele parece não acreditar na possibilidade de estar fichado novamente, já que há anos não consegue outro trabalho, apesar de dizer que ainda está aguardando.

Depois de meu retorno à sua casa, após um longo período, a sua aparência era muito abatida, conversei com ele a esse respeito. Ele disse que o médico do Posto de Saúde suspeitava que pudesse ter câncer e aguardava uma consulta com um especialista. Até então, não revelara tal fato para a família. O terreno já estava diferente, não havia mais material reciclável jogado por todas as partes. Ele falou que não ia catar mais, pois o lixo traz doença, mas esse já é um discurso antigo dele que se repete, quer deixar a catação e mudar de cidade. Em seu discurso asso-

ciou ainda sua doença com o trabalho. Disse que faria um depósito para os materiais, afinal o filho continua na atividade. Vendeu parte pequena do lote para sua filha que coabita o terreno. Declarou que seu objetivo era adiantar mais a sua casa. Pouco tempo depois fez um pequeno depósito na parte externa do terreno, na frente da casa e continuou sendo catador, embora inúmeras vezes negasse.

Para Osmar, o Natal não o deixa alegre, posto que os seus filhos não gostam dos presentes usados que ganham de pessoas ou entidades, gostariam de ganhar brinquedos novos e ter acesso àqueles que conheceram através da televisão. Disse que o Natal assumiu um caráter muito comercial. Quando era criança, também não gostava do Natal, era pobre e praticamente não ganhava nada.

Nessa época, fica preocupado com os filhos, o que poderá dar de presente? Será que poderá? Certamente não. Gostaria de atender aos desejos dos filhos, mas também não consegue acabar a casa, não encontra trabalho com carteira assinada, e essas situações cotidianas o deprimem. Um dia após o outro se sente “estacionado” no mesmo lugar. Mas, por outro lado, o Natal o deixa nostálgico, por recordar-se de sua própria infância quando pensava que o Papai Noel não gostava dele. Assim descreve Osmar:

[...]. Eu tava comentando agora dentro di casa com a minha esposa ali. Qui ela se preocupa com esse negócio di Natal, di comprá um brinquedinho pra criança í coisa e tal. Eu disse assim óh: o brinquedo ou outra coisa que seja um presente assim que a pessoa quer comprá, tem que ser pra quem tem condições, não precisa ser época di Natal, não precisa ser época di feriado, dia da criança, dia disso e dia daquilo, na minha opinião, né, que aquela pessoa, os bem di vida, no caso, podi presentiar, presenteia. Agora, o pobre não pode, o pobre não pode, não tem condições. Tem que ensiná pra criança desde pequeninho assim: meu filho é assim, assim e assim. Ensina a verdade, né. A verdade desde di pequeninho porque quando eu era pequeno a minha mãe ensinava a verdade pra mim. Dizia assim, óh. Ela até falava di um modo qui hoje em dia muitos não gosto qui falo, né. “Papai Noel não existe”, ela dizia. Isso aí é invenção do homem pra pude vender as coisa. Ensina desde pequeninho pra mim. Isso eu ain-

da não falei pros meus filho, mais a minha mãe me falava [...]. Eu sempre fui pobre desde pequeno, não tive sorte, meu pai morreu com 43 anos de idade í mi deixou pequenininho, mais um monti di irmão, né. Então, a minha mãe, ela gostava di ensiná a verdade pra nós. Gostava di ensiná a verdade porque dentro da bíblia sagrada. Ela dizia assim óh: “isso aí é invenção do homem. Papai Noel é o dinheiro”. O dinheiro que é o Papai Noel, se tivé o dinheiro compra, se não tivé o dinheiro não compra, né. Qui eu nasci em 1952, 16 di setembro í naquela época era mais difícil que agora ainda. Então, ela sempre me ensinou a verdade í eu, por isso que eu sou assim. Claro que eu não obedeço a Deus também, mais a verdade eu conheço. A verdade é essa. Então, eu acho que seria bem melhor a pessoa ensiná a verdade pra criança desde pequenininho porque na própria bíblia tá escrito assim óh: ensina a criança no caminho que devi di andá e depois di grande ele não se apartará dele. Nunca mais vai saí da memória dele a verdade que foi ensinada pra quela criança, í na minha opinião, assim ó, passando pra outro assunto, né, que é quase a mesma coisa, hoje em dia esse negócio di muito banditismo no mundo í revolta, é adolescente assaltando, é droga é tudo um monti di coisa, né. É tudo por causa di que? Porque não foi ensinado a verdade desde pequeno. Porque se fosse ensinado a verdade desde piqueninho, eu acho que seria um pouco diferente, um pouco melhor, né. Teria menos criminalidade, né. Eu acho que teria, na minha opinião teria menos, mais começô a ensiná a criança desde pequeninhano caminho errado... Porque toda mentira vem do maligno. Toda mentira vem do maligno, seja pequeninha ou grande. Então, a pessoa devia ensiná assim óh: o Papai Noel, isso é uma brincadeira. [...]. Como tá correndo o mundo, a gente como diz os outro, eu sou apenas um na multidão, uma formiguinha na multidão. Então pra mim é isso. Povo é uma coisa só, né. Porque o mundo corre assim desde... Isso é uma árvore que já tá plantada faz muitos anos e não dá mais pra arrancá. Tá muito enraizada como se fosse uma árvore que não dá mais pra arrancá de

maneira nenhuma. Se cortá vai ferí muita gente como diz osotro. Então é isso que eu tenho pra dizê, né. Quando eu era pequeno, como eu tava falando ali, eu olhava aquelas criança que ganhava brinquedo, bem di vida. Ganhava brinquedo bonito, bicicleta, triciclo na época tinha um valor, carrinho bonito e eu não ganhava nada, mais eu não ficava revoltado por causa disso. Eu só ficava pensando assim: que Papai Noel é esse qui dá [pausa] eu me achava inferior a outra criança. Eu me achava inferior! Entendeu? Porque o Papai Noel dava presente pra outra criança e pra mim não dava nada, então ele não gosta de mim. É isso que eu pensava. Eu acho que assim como eu pensava dessa forma, eu acho também hoje em dia as criança pobre também pensa assim, né. Muitas pensa assim, né, ou eu tô errado? (Osmar)

Em sua fala, há um misto de resignação e também de reconhecimento da miséria, da divisão social de classes, das injustiças sociais que assolam a vida de milhões de pessoas em todo o mundo. Osmar fala das amarguras da vida, do sofrimento que passou desde a infância, onde os sonhos de ganhar presentes como os das demais crianças lhe foram negados. Descreve-se como uma pessoa sem sorte, que perdeu o pai muito cedo. Na infância, não pôde sonhar com presentes, sua mãe deixou claro que Papai Noel não existia. Por um lado, Osmar afirma que é preciso conformismo com a situação de pobreza, ficar revoltado, ir para a criminalidade, usar drogas ele apresenta como desconhecimento da “verdade”, da bíblia. Aqui ele atribui a sua condição de pobreza como se fossem os “desígnios” de Deus, e por isso devesse aceitá-la. Em contrapartida, Osmar fala com ressentimento da sua infância, da escassez que vivia, e ainda vive. Agora são seus filhos que não recebem os presentes que gostariam. O mundo é dividido entre os que podem comprar – *os bem de vida* – e os que não podem. Sente-se impotente para mudar essa situação. Sente-se inferior, como uma *formiguinha* na multidão, como poderá ser visto? A tristeza que ele atribui a seus filhos é a sua tristeza. Ele não pode comprar os presentes, mas também não disse aos filhos que Papai Noel não existe. O Natal constitui para ele tempo de recordar sua própria infância sofrida, quando pensara que o Papai Noel não gostava dele.

Ele também sinaliza que seus filhos gostariam de ter acesso aos brinquedos que veem na TV, por isso se sente desencorajado para levá-los a conhecer uma loja de brinquedo:

[...]. *Meu filho, o pequeninho, já falou para mim: o pai eu quero. Se eu levo ele em uma loja de brinquedo, até nem levo. Ele vai escolhe o brinquedo mais bonito que tivé ali, mais caro. Onde que eu vou comprá aquilo ali? Não vai escolhe o carrinho di plástico. [...] ah, eu já fabriquei para eles. Até bicicletinha di madeira, já fiz. Agora não, porque agora eles passô com o caminhão e dão, né. Eles dão, aquela arrecadação que eles fazem assim. Di, di brinquedo usado, coisa assim. Mais eles pego aquele, mais não fico contente não! Eles querem é brinquedo que vê os outro ganhá. Brinquedo mais caro, mais bonito, aqueles carrinho automático, coisa assim. Tocado a pilha.*
(Osmar)

Ele diz que agora não precisa mais construir os brinquedos das crianças porque existem as arrecadações, mas, ao mesmo tempo, aponta que eles não ficam alegres com tais brinquedos, querem os que veem outras crianças brincando, mais caros, automático, a pilha. Também a publicidade convoca as crianças a desejarem os brinquedos industrializados. Osmar gostaria de atender aos desejos dos filhos, mas há outras situações prioritárias no cotidiano deles.

O sofrimento vivido por Osmar, com tais situações contribui para que perca a esperança na vida e adoeça.

Ultimamente Osmar desempenha a catação em lugares próximos a seu bairro, porque na sua bicicleta não consegue carregar muito peso. Mas em outra época trilhou muitos lugares da cidade. Mas isso era no tempo que teve carroça e cavalo.

Quanto à gestão atual e anteriores da cidade, diz que não desempenham uma política justa para a população de baixa renda, é bom para aqueles que usufruem dos benefícios que a cidade pode proporcionar. Segundo ele: “*A cidade é boa! A cidade é boa, mais só qui no caso a cidade mais é feita pra quem ganha, quem tem possibilidade di morá na cidade, né, [...]. Por isso que eu digo, o Prefeito entra, ele fica, mais a cidade e os bairro ele vai deixando di lado, né*”.

Quando perguntado se tem esperanças de encontrar melhorais na cidade, ele ressalta que a saúde é dos aspectos que mais o deixa incomodado:

Não, eu acredito, só qui demora muito, né, eles invés di pregá dinheiro no que precisa ser empregado, eles emprego em outras coisa qui não precisa, é isso, né. Óh, a saúde aqui em Criciúma tá péssima! Tá péssima a saúde! Né. Tava péssima, né, naquela época, agora ficou mais péssima ainda. (Osmar)

Uma das queixas de Osmar refere-se ao atendimento médico nos postos de saúde estar restrito a cada bairro. Segundo ele, quando falta médico, tem que esperar, e no governo anterior poderiam se dirigir a outro local. Mas quando ele fala que a saúde nessa gestão está péssima, ele também se refere à sua própria saúde. Sobre suas condições de saúde relatou:

[...] o meu problema mais é gripe, é assim, é reumatismo, é problema di nervo também, eu penso muito também, daí eu fico nervoso. O médico já me deu internação várias vezes, eu não fui, eu não me internei porque se eu saí di casa aí a coisa fica mais preta ainda porque é que tenho qui corre, eu tenho qui fazê isso, fazê aquilo, né. Tenho que corrê com tudo. Não posso nem mi interná no hospital. [...] Se eu precisá di internação. Eu já digo pro médico: “Doutor, eu não posso mi interná”. Ah, por quê? “Porque é assim, lá em casa acontece assim, assim, assim í eu não posso mi interná, você me dá o remédio pra tomá em casa í pronto”. Então, o meu sonho é esse aí, qui é óh: é deixá uma casinha não muito boa, mais, mais ou menos assim, que dê pra morá certinho, que teje a coisinha. (Osmar)

A preocupação com a saúde, a casa e a família novamente é enfatizada. Cuidar da sua saúde é algo que ele define como “impossível”, já que são dele as preocupações com o sustento da casa.

Osmar segue falando sobre a cidade em que vive:

A cidade ali pra mim, na minha opinião, ela tá, tá... Como eu conheci a cidade aqui eu tinha pouca idade, não tenho muita idade 57 ano, quando eu conheci essa cidade aqui, eu vim pra cá com 6,

7 anos de idade, mas faz cinquenta ano que eu moro aqui. Na verdade eu tive em outros lugar, trabalhando fora assim, mais eu morava aqui no caso. Então, como eu conheci a cidade aqui o prédio mais arto aqui era, era aquele novomundo ali, hotel Brasília o aquele que tem do lado da Assembleia de Deus também. Û, o hotel dos viajante. O resto era tudo mato. Tudo poeira aqui em redor. Perto do Corpo de Bombeiro aqui era tudo mato, poeira, cinquenta ano é meio século, cinquenta ano di vida, 7 ano eu já trabalhava, engraxava sapato, carregava mala, com 7 ano di idade. Às vezes até nempodia coma mala, daí os outro maior chegavo, pegavo as maior e eu pegava as menor. Então, como tá hoje em dia nesse centro aí tá bom até demais, né. Só qui vai crescer mais, tomara que cresça mais. É só como eu já disse, eles deviam saber repartir o dinheiro, né. A verba que vem pra fazê as coisa, a verba dos impostos que as pessoapago. Devia repartir pra saúde também, porque aqui Hospital Santa Catarina eu vou dizê uma coisa: já faz tempo que tá daquela maneira ali! (Osmar)

Osmar conta que além de vir acompanhando o crescimento econômico da cidade há mais de cinquenta anos, teve uma infância mais difícil que a de seus filhos. Trabalhara muito pequeno carregando malas, sem sequer poder com o peso delas. Um aspecto importante que ele destaca é o uso do dinheiro público, questiona a forma como é investido na cidade. Assim, a cidade é para alguns e não para todos. A cidade “é boa”, mas não é para ele, morador de uma área ocupada, sequer regulamentada.

Osmar recorda da época em que o prefeito não colaborou com a associação de catadores que integrava, negando-lhes a possibilidade de melhorar de condições de vida³¹. Quando esse prefeito candidatou-se à reeleição, em visita à sua casa, Osmar negou-lhe o voto. Com isso demonstra consciência política e ao mesmo tempo sentir-se parte da categoria catador. Por que votar em que não lhes apoia?

³¹ Ver Barboza (2007).

Titi: “Agora o cavalo sou eu.”

Titi, integrante desta pesquisa, é também moradora do bairro Tereza Cristina, tem 36 anos. É a mais jovem entre os sujeitos desta pesquisa e demonstra grande vigor pelo trabalho, embora tenha me relatado que tem arritmia cardíaca e não segue o tratamento médico porque acha difícil conciliá-lo com sua rotina.

Na *meia aguinha* de Titi, além dela vivem seus cinco filhos, três meninas e dois meninos. No terreno existem quatro casas, nas outras três moram seus tios, mãe e irmãos. Titi tem cachorro em casa e adora cavalos. A sua casa tem uma peça única separada por um guarda-roupa, que divide a cozinha dos quartos. Quanto ao banheiro, utilizam o da casa da sua mãe.

Começou a catar com 17 anos e gosta desse trabalho.

Separada, conta que o fim do casamento para ela significou a ruptura da condição de uma mulher muito triste para uma mulher feliz: isso porque, além de haver sofrido violência doméstica, o marido usava o dinheiro que conseguiam para outros fins, e ela não podia sequer comprar um picolé para as crianças. Ficou evidente que sua preocupação com a educação e a saúde dos filhos é grande. Ela ocupa-se, além de mantê-los regularmente na escola, em guardar dinheiro para eventuais problemas de saúde, mas também é uma mãe que brinca com seus filhos, conforme descreve:

Eu sofri muito. Eu sofri porque quando eu trazia as coisa, ele botava fora, trocava tudo pra usa as coisa. Hoje em dia não, eu vejo que eu adquiero e não sai nada do lugar. Tem as minhas coisa ali, ninguém bota fora. Tenho meu dinheirinho guardado, que é assim como eu quero. Como essa aqui³² ficou doente eu pude gastá com ela, eu tinha dinheirinho em casa. Comele já não tinha essas coisa. Aí era diferente, totalmente diferente. [...] Agora eu brinco com eles, quando eles querem uma coisa eu vou lá, si eu posso comprá, si eu tenho dinheiro eu vou lá í dô. Quando eles querempicolé, uma outra coisa, eu vou lá í compro, tendo dinheiro eu vou e faço as vontadi deles. Agora, com o meu esposo eu não tinha essa possibilidade di í lá e dá o que eles queriu, era mais

³² Refere-se a uma das filhas pequenas.

difícil, agora não. Agora tudo fica facilitado, não é Valentina? Até eles tão mais diferente [...]. (Titi)

O uso de drogas ilícitas por parte de seu marido é visto por Titi como desperdício e negação para as crianças de usufruírem do trabalho dos pais. A sua autonomia para administrar o dinheiro que recebe lhe possibilita ter uma reserva, quando possível, para investir na educação e na saúde das crianças. O senso de responsabilidade dela em relação filhos é bastante aguçado. Titi comentou comigo que estava preocupada com a timidez de um dos meninos e solicitou atendimento psicológico para ele no serviço público oferecido pela Prefeitura. Nota-se que existe um senso de coletividade na sua família; eles habitam o mesmo terreno e se ajudam entre si. Titi notara que a separação fez muito bem para ela e para as crianças. Contudo, mantém as visitas ao ex-marido no presídio, fato que fiquei sabendo ao ir à sua casa para sair com ela na catação. Naquele sábado à tarde ela havia dedicado seu tempo à visita no presídio, relataram sua mãe e tia. Segundo elas, apesar de Titi ter denunciado o marido por violência doméstica, acreditam que ela queira ainda voltar com o marido. Contudo, Titi diz não considerar essa possibilidade.

Observando as crianças brincarem em minhas andanças em sua casa, pude notar que elas elaboram brincadeiras a partir do MR, quebrando o “protocolo” dos brinquedos industrializados. Mas estes, quando encontrados pelas ruas e lixeiras, passam também a fazer parte do seu universo. Eles criam os mais diversos tipos de brincadeiras no terreno e ali se divertem. Habitados a dividir o pouco que possuem e ao mesmo tempo convivendo com a alegria de sua mãe, é possível vê-los como crianças que, apesar das condições precárias de vida, têm na afetividade do núcleo familiar um ponto forte.

Titi fez um curso de artesanato proporcionado pelo CRAS, aprendeu a fazer bonecas e as vendia quando tinha encomenda; fazia também faxina esporadicamente, quando tinha oportunidade, mas a atividade central há anos vinha sendo a catação. Conforme me descrevera, saía para catar todas as manhãs às 7:15, e à tarde a partir das 13 horas. Cumpre dizer que, depois que concluiu o curso de artesanato, Titi começou a fazer curso de pintura.

A rainha da sucata: Maria Denis

*“No meio de tanto lixo se encontra
uma vida e uma cor linda.”*
(Maria Denis)

A trajetória de Maria Denis é diferente da maioria dos catadores que conheço. Ela estava cansada do trabalho repetitivo que exercia em uma fábrica de costura. Entre as quatro paredes e a repetição de afazeres, sentia-se estafada. Assim, depois de tantos anos nesse trabalho, decidiu romper e recomeçar. Para tanto, solicitou na empresa sua demissão. Logo após começou a trabalhar como catadora de material reciclável, tendo essa atividade como única fonte de renda. Assim descreve:

Eu trabalhei 27 anos na costura, como costureira, eu trabalhei em três empresas. [...] É, só que entrei num estress, peguei um estress i eu abusei, abusei, não podia vê patrão, não podia ver encarregado, não podia ver líder na frente. [...] Daí, eu peguei stress, fiz acordo com eles, eles pagaram direitinho. Consegui 5 meses de seguro desemprego, em 27 nunca tinha pegado. [...] nesses cinco meses eu já enfiei a cara na reciclagem. [...] faz três ano que trabalho direto i eu consigo tirar um bom salário. (Maria Denis)

A atividade de catação possibilitou a ela tecer novas relações consigo, com os outros e com/na cidade. Exaurida da rotina da costura, reinventou-se. Foi assim que deu um novo rumo à sua vida:

[...] Eu saía do trabalho todo dia com mil quilos em cima do ombro, eu saía com dor de cabeça, eu saía com dor na coluna e eu saí deprimida, saía... e agora não! Eu saio, eu converso com as pessoas, eu, eu, eu vou lá buscar. Eu quero dizer buscar meu ganha pão e aquilo ali me preenche, eu comecei a conversar com as pessoas, fazê amizades, vê a consciência de cada um, às vezes sobre a cidade como tá. Se a cidade está limpa, está suja, que tipo de trabalho que eu tô fazendo eu passo pras pessoas e aquilo ali eu fui saindo do stress. Faz três anos que eu tô trabalhando [na catação]. (Maria Denis)

Ao deixar a “rotina”, Maria Denis superou a depressão. No espaço urbano, entre ruas, ruelas e prédios, as mais diversas pessoas e o material reciclável Maria Denis foi fazendo novas descobertas, produzindo novos sentidos sobre a vida com/na cidade. Ela ressalta que essa atividade não é apenas um ganha pão, essa atividade a “preenche”. Sente que seu trabalho como catadora agrega mais na trama de relações interpessoais que o trabalho que fazia anteriormente de costura industrial. Assim discorre: “[...] *Fui pegando carinho pelo trabalho, eu vi que a cidade precisava não jogar tanta coisa fora que tinha coisa que podia ser útil*”. Como catadora ajuda a deixar a cidade mais limpa, também (re)inventa trajetórias e ao fazer isso (re)inventa a própria vida. Considera seu trabalho útil para a cidade, o meio ambiente, sente-se bem em contribuir nesse sentido. Ela esclareceu outras pessoas sobre a importância do seu trabalho.

Relatou que nessa atividade se sente livre por poder escolher os horários que vai sair de casa e retornar, também decide o que vai levar para casa, quando é o melhor momento para vender e como sistematizar a coleta. Enfim, a catação é associada por ela à liberdade de ir e vir, de escolher, decidir. A ruptura com tarefas repetitivas diante de uma cidade que ela descobre a cada dia é significada por ela como a superação do “estresse”.

Maria Denis mora sozinha, mas tem um gato, o qual ganhou quando sua única filha casou-se. A garota presenteou a mãe com o gato para lhe fazer companhia.

Ao me apresentar sua casa, fui surpreendida por uma imensa quantidade de latinhas que armazenava e ocupavam um dos quartos inteiro e parte da sala. Ela esclareceu que, como abaixaram o preço das latinhas, seria melhor acumular, e só iria vender quando os preços melhorassem. Menos de um ano depois, Maria Denis vendera para uma empresa que negociou diretamente por um preço que considerou justo. Ela sentiu-se orgulhosa da sua estratégia como empreendedora. Com o valor que conseguiu, começará a guardar para comprar um carro. A casa de Maria Denis fica em um morro, no qual encontra dificuldade para subir com o carrinho abarrotado de MR. Assim, o veículo facilitará esse trajeto e outros pela cidade, bem como fará percursos com mais rapidez, podendo assim acumular muito mais MR em menos tempo.

No imaginário social, ser catador é considerado uma atividade “inferior” em relação à atividade que exercia Maria Denis antes, devido ao fato de lidar com os restos da sociedade de consumo. Entretanto, para Maria Denis, foi exatamente essa atividade que a fez ver a cidade e sua

vida sob outra ótica. Fora das quatro paredes, Maria Denis começou a observar a cidade em que nasceu, seus cantos, encantos e desencantos. Foi no confronto cotidiano com a cidade que seu olhar sobre o espaço em que vive foi transformado:

O que eu penso sobre a cidade! Quando eu tava enfiada 27 anos dentro de quatro paredes trabalhando eu não via o que era uma cidade. Nesses três, quatro anos que eu tenho saído, eu tenho aprendido a ver o que é uma cidade. A gente vê muita sujeira nas beira das estrada, a gente vê muita ponta de cigarro, muito papel de chips, muito copo di..., muita latinha de cerveja, tudo jogado. Se tem alguma coisa que é reciclagem eu vendo, mas tem alguma coisa que tu passa e olha e não vai ter tempo suficiente para juntar que era vontade de eu fazer, só que como eu tem a Prefeitura, mas nem todos fazem como deveria ser feito. Então eu vejo a cidade assim, é muita sujeira e quando vem uma chuvarada eu penso assim, vai tudo pro esgoto!!! Vai trancar tudo lá onde é o bairro mais simples, aonde há classe mais pobre!... Vai trancá tudo o esgoto! (Maria Denis)

Maria Denis, em seu discurso, apresenta consciência tanto social como ecológica, para colaborar na tessitura de uma cidade mais limpa e que previna problemas ambientais para seus moradores. Para isso, Maria Denis empenha-se muito em seu trabalho, “*mas nem todos fazem como deveria ser feito*”, assinala. Seu zelo pela cidade implica uma dimensão ética, marcas que aqui cada um imprime na cidade com o que faz ou deixa de fazer. Ela coleta o que poderá ser reaproveitado, mas quando as pessoas deixam muito sujo, esse lixo geralmente acaba ficando para trás, despertando nela o desejo de recolher tudo que encontra para ser reciclado. Ela entende que a limpeza da cidade e o reaproveitamento dos materiais seja uma responsabilidade da Prefeitura, como também daqueles que se utilizam dos produtos e vão deixando por aí “tudo jogado”. Maria Denis ainda tem uma preocupação com aqueles que vivem em regiões mais pobres e “abandonadas” da cidade, pois, quando chove, todo esse lixo que ficou pode provocar enchentes, e são as regiões pobres as mais atingidas, segundo ela.

Maria Denis é muito organizada na catação, assim como na sua vida demonstra muita autonomia. A casa em que vive foi paga a presta-

ções, através do programa do governo federal “Minha casa, minha vida”, com o dinheiro da atividade de catação, além da sua saída da empresa. Paga seu INSS para a aposentadoria, mas pensa em continuar imersa nessa atividade mesmo após estar aposentada. Ao contrário do trabalho que fazia antes, para Maria Denis catar material reciclável é também sentir os ritmos da vida em diversas tonalidades e intensidades. Antes, seria para ela como tocar o piano sempre com os mesmos acordes, sempre a mesma canção. Agora, para ela, catar é reinventar-se, é ter possibilidades outras.

Maria Denis notou que as pessoas que a conheciam da época em que era costureira estranhavam porque passara a ser catadora, os olhares eram diferentes, antigas “amigas” não lhe cumprimentavam mais, viam seu novo trabalho como uma situação humilhante, desqualificante, sob a ótica da discriminação. Distante dessa lógica do preconceito, Maria Denis disse que esse trabalho é muito importante para sua vida. Graças a ele sua vida passou a ter mais cores. Quanto à condição econômica, Maria Denis disse que consegue ganhar até mais que quando trabalhava na empresa: *“Então, eu fui buscando e trabalhando e com isso eu tiro meu salário, que o salário de costureira tá 630 e vê esse mês em 36 dias eu tirei 800 reais! Trabalhando todos os dias, então é assim que acontece e consegui sair do stress”*.

Quando compara a renda de seu trabalho atual com o que fazia antes, reconhece que trabalhando com afinco na catação ganha mais, mas em sua narrativa fica claro que não é o salário que a impulsiona a seguir na atividade. Maria Denis vê a catação como um grande marco de mudanças em sua vida: fez amizades, ressignificou o espaço da cidade e suas relações com o material reciclável, superou o estresse, ganhou mais brilho e autonomia.

Disse que seu ex-patrão, quando a vê catando pela cidade, a cumprimenta. Sente-se respeitada com essa postura assumida por ele.

Maria Denis reconhece que sua atividade é importante na limpeza na cidade, bem como em relação ao meio ambiente. Sabe que sua atividade faz a diferença. Mas, por outro lado, afirma que a Prefeitura não reconhece a categoria como deveria, atuam como se fossem algo “a parte”, aqueles que ali estão, mas que para eles seria melhor que não estivessem. Uma contradição para uma cidade com tantos problemas ambientais. Maria Denis evidencia que a cidade tem muitos problemas, entre eles, a ausência de locais adequados para portadores de necessidades especiais, posto que andando com o carrinho percebe as dificuldades que pessoas em condições especiais enfrentam nesta cidade.

Seu amor à natureza se estende aos animais. Ela não consegue conceber maus-tratos com os animais, e quando vê esse tipo de cena pela cidade fica perplexa e questiona o porquê de existirem pessoas capazes de ser tão pouco sensíveis. “*Um animal atropelado poderá permanecer “ali” por muitos dias e mesmo com o odor forte, a maioria nada fará*”, afirma.

Sobre os encantos da cidade, me relatou que certa vez ficou contemplando o jardim de um clube que jamais entrou. Achou tão bonito..., mas disse que aquele lugar não é para ela; gostaria de adentrar aquele espaço porque aprecia, mas é restrito. Um local privado, aconchegante, em que pôde inclusive apreciar o barulho da água, mas que jamais frequentará, uma vez que custaria caro para seus padrões de vida.

A história de Maria Denis é um exemplo de superação, ela reconhece:

Meu nome é Maria Denis Cardoso de Souza e tenho 45 anos. E, para resumir, quando eu tinha oito anos, eu tinha leucemia em último grau e câncer no sangue, então, eu fui desenganada por 11 médicos. Daí, como a minha mãe era católica, ela serviu a Deus, procurou a Deus e eu fui curada. Hoje em dia eu trabalho e não sinto nada disso, quando eu tinha nove anos eu parava 20 dias no hospital e 10 em casa, eu estudei muito pouco. Estudei até a terceira série. Então era um sintoma horrível, a leucemia era um sintoma horrível, hoje em dia eu não sinto mais nada! (Maria Denis)

Maria Denis atribui a sua cura à fé que a mãe teve na sua recuperação, mas ao mesmo tempo se vê como alguém que foi capaz de vencer a leucemia. É uma mulher forte em muitos sentidos, percorre horas puxando seu carrinho sozinha pela cidade, e não retorna enquanto ele ainda tiver espaço disponível. Trabalha todos os dias, dificilmente se permite estar de folga. Teve ousadia de poucos anos antes da aposentaria pedir demissão e se estabelecer em outra atividade.

Maria Denis não deixa de lado o cuidar-se. Na atividade de catação, quando é muito quente, trabalha em horários que o sol não é tão forte, e usa protetor solar, sempre que considera necessário. Faz suas andanças pela cidade até de madrugada e se orgulha de fazer tão bem seu trabalho. É a sua filha quem pinta seus cabelos, dos quais não descuida.

Sobre a cidade, Maria Denis reflete que, se fosse prefeita, pensaria em seus detalhes e trabalharia muito para melhorar as condições de vida da população. Considera que muito pode ser feito e bem feito com um bom planejamento, com recursos e principalmente com muita dedicação e profundo respeito pela cidade. Para ela, o prefeito não faz o que deveria pela cidade, conforme segue:

É! Eu vejo a cidade desta forma, eu vejo muita coisa errada dentro da cidade! Eu vejo muita, muitas coisas erradas. Eu vejo... ah... é muro pinxado, poste com planfeto político de dez anos atrás que ainda tá lá. A cidade podia ser mais bonita!!! Se eu fosse no lugar do prefeito, eu botaria... eu botaria ordem na cidade!!! Se ele é prefeito ele tem direito, eu botaria ordem, consciência no povo, a cidade mais limpa, esse tipo de coisa! Que fica mais bonito tu viver em um lugar bonito, limpo, organizado! Fica mais bonito! (Maria Denis)

Assim, Maria Denis, nas suas andanças, pôde indagar: o que fazem ali e acolá panfletos antigos de políticos? Por que existem muros pixados? E outros questionamentos. Maria Denis sonha com uma cidade mais bem cuidada, mais limpa. Na sua concepção, caberia ao Poder Público contribuir para que a população tenha mais consciência sobre/na cidade.

Outro fato que constatei é que ela costuma recolher alguns objetos que precisam ser limpos; poderia deixá-los espalhados pela cidade, mas acredita que não deve fazer isso devido à questão ambiental. Como catadora, a consciência ambiental de Maria Denis expandiu-se, ela sabe que tudo que recolhe para a reciclagem preserva o meio ambiente, a vida. Assim, exerce sua cidadania protegendo o meio ambiente, limpando a cidade. A catação é seu veículo para conscientizar pessoas dos benefícios da reciclagem para o lugar que habitam. Aliás, Maria Denis vende tudo limpo, lava os sacos plásticos e deixa-os no varal secando. Também procede à limpeza dos demais materiais coletados, observando que a maioria da população não o faz. Essa etapa de seu trabalho Maria Denis fez questão de apresentar-me em visita à sua casa.

O mesmo cuidado ela teve com o fotografar e com as fotografias que produziu. Maria Denis considerou-se muito competente com relação às imagens que produziu nesta pesquisa. Gostou muitíssimo das fotos. Aliás, relatou que foi muito prazeroso fazer fotos e que gostaria de conti-

nuar fotografando, o que seria possível, já que a máquina que lhe concedi não é descartável. Maria Denis fez o planejamento das fotos que faria previamente. O zelo de Maria Denis com a atividade me impressionou.

Terezinha

*“Dói a cabeça direto, não posso nem mais trabalhá,
tenho bolsinha de remédios.”*
(Terezinha)

Terezinha, também moradora do bairro Anita Garibaldi, descreve sua vida na cidade destacando seu sofrimento. Conta que, quando sai de casa para trabalhar, retorna muito cansada devido aos problemas de saúde e precisa descansar antes de uma nova jornada. Todos na casa tomam medicamentos, inclusive o filho adolescente. O marido é alcoólista há mais de 15 anos e, nestes últimos, Terezinha está empenhada em conseguir uma internação para ele, mas ele não concorda.

O filho ela protege como uma “leoa”. Quando ele não está na escola, deve estar em casa ou catando com os pais, de acordo com as suas normas. No entanto, o garoto transgride as regras da mãe e, segundo ela, já foi confundido por policiais e acusado de um assassinato que ocorreu perto do cemitério, nas proximidades da sua casa. Quando os policiais estiveram em sua casa, tentando levar seu filho, ela usou uma das suas vassouras, impedindo que o levassem. Para defender o filho e acusar os policiais de abuso de poder, conseguiu um advogado público. Disse-me que os fatos foram esclarecidos e o assassino encontrado.

Observei que ela evita sair para trabalhar sem a companhia do marido e do filho; ela cuida deles incansavelmente, e quando o marido sai de casa “escondido”, ela fica muito tensa. Descreve que é nesses momentos que ele pede dinheiro para as pessoas pelas ruas e gasta com cachaça. Nesses dias, ele passa horas fora de casa e, quando chega implicando com Tereza e seu filho, ela pega uma das vassouras para impor ordem. Nessas circunstâncias, fica difícil saírem para trabalhar. Também declara que não pode sair de casa para procurar o marido, deixando o filho sozinho. Acha que deve ficar e cuidar dele. Falou que o garoto tem conflitos com o pai quando ele está bêbado. Quando tais conflitos estão apaziguados, os três saem pela cidade catando.

Na catação há mais de 20 anos, ela aprendeu muito sobre o ofício. Ao fazerem a pausa para o enfrentamento de uma nova jornada, uma outra questão os atormenta: o que irão comer? Como pagarão o gás, a

luz, a água? Além da renda da catação, ela ganha uma cesta básica da Igreja Católica. Quando falta comida, estraga a roda do carrinho ou falta gás, ela pede ajuda. Quando não consegue, cria outra estratégia de sobrevivência. Disse que as pessoas doam objetos para casa, já lhe deram alimentos, os bancos que têm fora de casa para sentar-se, canecas e muito mais. Em casa eles têm muitos cachorros. Antônio, marido de Terezinha, fez questão de apresentar-me os recém-nascidos, filhos da cachorra, eram seis. Perguntei o que ele faria com os filhotes, e ele disse que iria criar todos, e que o outro cachorro grande ele tinha desde criança.

A casa e tudo o que possui nela ganhou ou encontrou na catação.

Eu conheci Terezinha desde que fiz meu primeiro trabalho com os catadores na graduação. Como jamais a vi usando acessórios, imaginei que era algo que não lhe interessasse, apesar de saber de sua pouca renda. Mas, um dia desses, percorrendo a cidade de carro, eu a vi passando com seu carrinho lotado, junto com seu marido, seu filho e um amigo do filho. Estacionei diante de uma loja de acessórios diversos, andei em direção a eles. Contei-lhe sobre os desencontros na minha ida à sua casa, fato, aliás, que a deixou alegre, visto não saber que eu a estava procurando novamente, após meu retorno da Itália. Caminhamos juntos, pois eles faziam exatamente o caminho pela rua da loja em que estacionei em frente. Ali, ela entrou, e eu a acompanhei. Mostrando-se muito íntima das comerciantes, perguntou se tinham materiais para ela. Apesar da negativa, com os “olhinhos brilhantes”, disse: *“Eu vou voltar para comprar essa pulseira quando eu tiver dinheiro”*. Isso me chamou a atenção, para mim era novidade esse seu interesse por bijuterias. Eu observei que os valores eram muito baixos, mas ela havia dito antes para mim que precisavam conseguir dinheiro para arrumar uma das rodas do carrinho, que furou, inclusive mostrou-me. No entanto, estavam usando assim mesmo, apesar da dificuldade para transportarem. Ela disse que iriam trabalhar bastante nas próximas semanas porque estavam precisando juntar bastante material para então poder vender.

Depois, refletindo a respeito desse encontro casual, recordei-me de já tê-la visto usando uma pulserinha estilo *hippie*, mas não nessa ocasião. Contudo, dessa vez, ela estava interessada em uma que era imitação de pérolas, um estilo completamente diferente. Terezinha queixa-se frequentemente sobre tudo que falta em casa, principalmente a comida, mas revela-se uma mulher sonhadora. O sofrimento não a impede de sonhar.

Sobre as fotos que realizou para a pesquisa, apenas não produziu as que aparece. Nestas, contou com a colaboração do marido. Mas, foi ela quem dirigiu a produção imagética em todo o processo.

5 A VIDA NAS IMAGENS E AS IMAGENS NAS TRAMAS DA VIDA

Este capítulo foi dedicado à análise das imagens produzidas pelos catadores na cidade. Essas imagens objetivam retratar as relações estéticas que estabelecem com a cidade, o modo como se apropriam dos espaços urbanos e produzem sentidos em seu cotidiano. Para tanto, previamente serão apresentadas algumas considerações que dizem respeito a consumo, descartabilidade e meio ambiente.

Os catadores de MR vivem dos restos dos dispêndios gerados na sociedade contemporânea, os quais são produzidos excessivamente, enquanto eles vivem na penúria. Os excessos de alguns alimentam a escassez de outros. Os CMR dão uma contribuição relevante na área ambiental, ao mesmo tempo em que prestam um serviço de “mão de obra barata” para as indústrias da reciclagem, que, embora conjuntamente com os CMR contribuam para altos índices de reciclagem no país, visam para além de um mundo ecológico, **lucros**.

Cabe dizer que, o capitalismo ao longo da história visou a exploração da natureza, sem preocupar-se com suas implicações no longo prazo. Nos Estados desenvolvidos e em desenvolvimento, a modernidade se apresentou além do propagado pelos seus ideais de “progresso”. Para Hissa (2008b), a expropriação de outras culturas e a apropriação de outros continentes contribuíram para forjar classificações do humano, demarcando exterioridades e superioridades. Tais posturas hegemônicas afetaram também as cidades, cujas periferias foram consideradas inferiores aos centros urbanos. Nestas, também foram gestados lugares apenas para determinados públicos considerados de mais “valor” em detrimento de outros, pelo fato de poderem consumir em maior escala.

Hissa (2008b) afirma que a modernidade é anunciada pelas fábricas dos tempos modernos e “[...] se sumariza através do processo de acumulação capitalista, na expectativa de que a ampliação da produção e do consumo fará o mundo progressivamente mais moderno [...]”. (Hissa, 2008b, p. 16). Depreende-se que o “progresso” anunciado não foi alcançado, posto que grande parte da população mundial não teve acesso às tecnologias de igual modo, sendo uma parte subjugada pela outra. Além disso, a exploração extensiva dos recursos sob a ótica da mercantilização da natureza culminou em uma crise ecológica de grandes proporções. Por ironia, agora todos são conclamados a fazer a sua parte em nome do bem do planeta, como se todos houvessem poluído de igual modo, e como se a responsabilidade de o planeta ter sofrido tamanha

degradação ambiental fosse de todos na mesma proporção. Barcellos (2008) ressalta que, embora o desenvolvimento dos países desenvolvidos tenha se realizado à custa de recursos naturais globais, entre outros fatores, os demais estão incumbidos de superar suas limitações históricas sem lançar mão da dilapidação de tais recursos.

A ciência moderna tem uma grande responsabilidade na tessitura histórica desse cenário que conhecemos na contemporaneidade, posto que, ao legitimar a produção em massa, o consumo exacerbado contribuiu para firmar as relações calcadas no individualismo e na competitividade. “O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações” (Sennet, 2008, p. 360). Tal processo foi acontecendo gradativamente: “ao longo do século XIX, o desenvolvimento urbano valeu-se das tecnologias de locomoção, da saúde pública e de conforto privado, do mercado, do planejamento de ruas, parques e praças para resistir à demanda das massas e privilegiar os clamores individuais” (Sennet, 2008, p. 372).

A concepção do ambiente adotado neste trabalho não é entendida pela ótica da ciência moderna, que abalizou o ambiente como separado dos homens, que apenas atuaria sobre este como se fossem instâncias separadas. Sob essa ótica, veríamos o ambiente de modo reducionista. Ao contrário, compreende-se que todos – sujeitos, lugares, territórios – englobam o ambiente, jamais cindidos. No tocante às cidades, estas se transformaram com a proliferação das formas de urbanização e industrialização impondo outros cenários: “A cidade corpo, atravessando a modernidade do século XIX, se desfazela atingida pelos excessos que a urbanização e a industrialização impõem [...]”³³ (Giordano, 2005, p. 131).

O transcorrer da história mostrou que os sonhos modernos resultaram em promessas não cumpridas. Aliás, o século XX, “[...] com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – certamente deixou por terra esse otimismo” (Harvey, 2005, p. 23). Incorporou-se a lógica da velocidade, que progressivamente foi assumindo mais intensidade, incentivando o esvaziamento ético nas relações em prol do consumo exacerbado. Assim,

³³ Tradução livre do original: “*La città corpo, attraversando la modernità del XIX secolo, si smembra colpita dagli eccessi che urbanizzazione e industrializzazione impongono [...]*” (Giordano, 2005, p. 131).

[...] a segunda metade do século XX faz existir uma modernidade mais próxima da contemporânea: quimérica, virtual, cibernética, universal, global, imagética, movida a consumo – de todos os tipos e intensidades –, reforçada pela alteridade e, contraditoriamente, fantasiada de uma esperança que, ao se consumir pelo fracasso e pela tragédia, sempre se renova. (Hissa, 2008b, p. 17)

Nesse processo, a figura do consumidor que emerge na modernidade continua presente na contemporaneidade, afirmando a necessidade dos excessos como parte inerente à vida. Nessa perspectiva, “a lógica consumista insiste em perpassar as escolhas do homem, prisioneiro de uma hipervalorização da aparência e de uma visão materialista do mundo, dos outros e de si mesmo” (Caetano, 2008, p. 183). Desse modo, proliferam-se os excessos na descartabilidade das imagens, sejam publicitárias ou outras, dos objetos, dos recursos naturais das experiências urbanas, entre outras. Por ironia, na sociedade dos direitos “iguais”, o acesso ao consumo é desigual. Há os que sobrevivem apenas dos restos do consumo, pessoas às quais é relegado o lugar de *invisibilidade*.

Canclini (2005) destaca a dimensão do simbólico integrada à cultura e ao poder, agenciados de diferentes modos, revelando poderes oblíquos em um cenário marcado por culturas híbridas. Portanto,

Há um outro modo em que a obliquidade dos circuitos simbólicos permite repensar os vínculos entre cultura e poder. A busca de mediações, vias diagonais para resolver conflitos, dá as relações culturais um lugar proeminente no desenvolvimento político. [...] A luta entre classes ou entre etnias é, a maior parte dos dias, uma luta metafórica. Às vezes, a partir das metáforas, irrompem, lenta ou inesperadamente, práticas transformadoras inéditas.³⁴ (CANCLINI, 2005, p. 317)

³⁴ Tradução livre do original: “*Hay aún otro modo en que la oblicuidad de los circuitos simbólicos permite repensar los vínculos entre cultura y poder. La búsqueda de mediaciones, de vías diagonales para gestionar los conflictos, da a las relaciones culturales un lugar prominente en el desenvolvimiento político. [...] La lucha entre clases o entre etnias es, la mayor parte de los días, una lucha metafórica. A veces, a partir de las metáforas, irrompen, lenta o inesperadamente, prácticas transformadoras inéditas.*”

Segundo o autor, as “lutas” étnicas e de classes na contemporaneidade se traduzem na maior parte do tempo em embates metafóricos, e a discussão sobre signos se apresenta fundamental. Para Bakhtin e Volochínov (2002), todo signo desvela uma dimensão ideológica. Para haver uma apropriação crítica da realidade é necessário ler os diversos elementos semióticos, tais como: a moda, as grifes, os anúncios publicitários, as diferentes linguagens artístico-culturais, entre outros. Os signos imagéticos disseminam concepções, conceitos, saberes e contextos abalizados pelas ideologias. Nessa perspectiva, cabe dizer que

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. (Bakhtin & Volochínov, 2002, p. 31)

Os signos imagéticos nos possibilitam repensar as relações entre cultura e poder. Mas, afinal, que vozes expressam o contexto cidadão? Uma pluralidade de vozes, “passos”, projetos. É impossível homogeneizar tais contextos, considerá-los unívocos ou uniformizantes. Sob essa ótica,

[...] o maior interesse da política de levar em consideração o problema simbólico não reside na eficácia precisa de certos bens ou mensagens, mas nos aspectos teatrais e rituais do social, o que torna evidente que em qualquer interação há o obliquo, o simulado e o diferido.³⁵ (Canclini, 2005, p. 318)

No emaranhado de textos, contextos e subtextos, a cidade desvela sua complexidade. Canevacci (2004) afirma que “a cidade é o lugar do olhar. Por esse motivo a comunicação visual se torna característica” (p.

³⁵ Tradução livre do original: “[...] *el mayor interés para la política de tomar en cuenta la problemática simbólica no reside en la eficacia puntual de ciertos bienes o mensajes, sino en que los aspectos teatrales y rituales de lo social vuelven evidente lo que en cualquier interacción hay de oblicui, simulado y diferido.*”

43). Nesses panoramas visuais urbanos, “a comunicação urbana exacerba estas diferenças, multiplica, fá-las coexistir e entrar em conflito” (p. 43). Nas cidades, as contradições, os conflitos e as ambivalências coexistem.

A visualidade assume uma dimensão incomensurável em nossa cultura, suscitando múltiplas possibilidades de leitura. Novos sentidos a tensionarem o texto e subtexto, o algo que já foi dito por quem produziu a imagem, pelo seu design, tamanho, forma, linhas, ângulos e cores. Nesse movimento, o olhar se faz no encontro com uma diversidade de cenários imagéticos que suscitam diferentes possibilidades de se fazer “olho”: “olho lambido, cegado, alterado, deformado, dilatado, invaginado, verticalizado, embocado, enegrecido, embonecado, monocolidado. Os panoramas possíveis do olho são infinitos” (Canevacci, 2008, p. 238). Nesse âmbito, cada olhar se singulariza e se presentifica de diferentes maneiras, posto que qualquer olhar reducionista e que não seja capaz de abalizar criticamente os contextos citadinos em sua polifonia, será como um “olho” que não se faz ver.

Assim, as imagens dos sujeitos desta pesquisa são olhares sobre a/na cidade, tecidos a partir dos panoramas *infinitos* que aludem a como eles produzem sentidos ao viver na urbe.

Ao ler e reler essas diversas imagens produzidas por eles, observei que apresentam alguns temas comuns. Versam sobre a trajetória na cidade e o trabalho de catação, que considerei como unidades de análise: a) trabalho: a catação; e b) produção de outros olhares sobre/na cidade; o lugar de moradia e condições de vida, afetos, as ruas, a ressignificação do lixo. Tais análises serão apresentadas a seguir.

5.1 TRAJETÓRIAS NA CIDADE E O TRABALHO DE CATAÇÃO

As trajetórias dos catadores na cidade desvelam o campo multifacetado pelo qual circulam. Muitos lugares são restritos à circulação deles, por não haver condições econômicas de frequentá-los. Outros, eles conhecem muito bem: a vista da cidade a partir das suas jornadas a pé, as lixeiras dos condomínios, os lojistas e moradores que cooperam com eles. Mais um aspecto destacado por eles são as condições das estradas pelas quais circulam, o modo como os motoristas dos veículos automotivos os veem, uma vez que em grande parte dos trajetos dividem as ruas e avenidas com eles. Também conhecem bem os funcionários da empresa que vão até suas casas comprar o MR. No bairro, os vizinhos compartilham do seu universo. Alguns se solidarizam: mesmo tendo pouco para

si, dividem o que possuem. Há também os vizinhos temidos, como no caso de Zênia, cujo o marido foi assassinado por um vizinho, com apoio de moradores das proximidades.

A parte enobrecida da cidade para eles é onde se relacionam apenas para a aquisição do que foi descartado por outros. Embora inacessíveis como lugar de moradia, fazem-se presentes nesses espaços. Transitar é uma forma de resistência, posto que se a eles foi destinada a periferia, eles se fazem presentes em diferentes espaços da cidade, mantendo um diálogo com ela à medida que desenham e redesenham caminhos diversos ao afirmarem sua presença no espaço urbano.

5.1.1 Trabalho: a catação

Viver da catação de MR demanda o enfrentamento do frio, dos ventos, das chuvas e do calor, mesmo quando extremos. Requer sustentar o peso dos carrinhos abarrotados, implica sentir os mais diversos odores presentes nas lixeiras da cidade, selecionar criteriosamente o que será ou não levado para casa, condicionado ao que é imposto pelo mercado dos recicláveis. Requer cuidados por parte dos catadores para não se cortarem ao vasculharem as mais diversas lixeiras. Também requer resistir às mazelas do cotidiano. As longas caminhadas e o corpo exaurido fazem parte do cotidiano dessa profissão. É possível notar entre esses trabalhadores que o descuido com a pele, devido à exposição excessiva ao sol, faz com que pareçam mais velhos. Em detrimento da sobrevivência, as condições sanitárias e de saúde apresentam-se secundárias. Trabalhar como catador significa lidar diariamente com a polissmia que o *lixo* assume.

As pessoas deixam no lixo suas marcas, assinalam hábitos, percursos de suas trajetórias. Constroem o lixo na medida em que escolhem consumir determinados produtos e não outros e, dessa forma, o lixo fala de alguns aspectos da sua vida. Paradoxalmente, há os que desprezam o lixo e os que vivem dele, se “alimentam” do lixo. Para grande parte da população são apenas restos, ou ainda sujeira, aquilo que deveria simplesmente ser eliminado, descartado. Para outros, significa uma responsabilidade ambiental, a produção e o desfecho que se dá a tais materiais. Para aqueles que vivem do lixo, este ocupa diferentes posições em sua vida. O que era intitulado meramente lixo pode, por exemplo, se transformar em um objeto de sua casa, em dinheiro que possibilita a aquisição de alimentos, pode também ser descartado por ele por ser considerado de baixa qualidade, entre outras possibilidades.

Para exemplificar como a desqualificação social sobre as pessoas que trabalham com o lixo vem sido tecida cultural e historicamente, cabe citar que, no final da Idade Média e na Modernidade, as pessoas responsáveis por dar seu destino final eram escolhidas a partir dos estigmas imputados a elas. Sendo assim, “as tarefas ligadas aos restos, inclusive o destino de cadáveres, eram delegados a prostitutas, prisioneiros de guerra, condenados, escravos, ajudantes de carrascos e mendigos. [...]” (Velloso, 2008, p. 1958). A autora esclarece que o lixo passa a ser valorizado no período industrial, a partir da Primeira Guerra Mundial, por resultar em matéria-prima: “O lixo deveria ser transformado em dinheiro” (p. 1959).

No contexto citadino, a catação promove o sustento de diversas famílias brasileiras, assegurando-lhes a condição de trabalhador na esfera da informalidade. Apesar de a catação ser uma atividade antiga, apenas nas últimas décadas assumiu importância no cenário nacional, devido aos movimentos ambientalistas, campanhas diversas em prol da sustentabilidade e à necessidade de políticas públicas voltadas para essa área. Nesse processo, o MR passou a ser visto com valor agregado, e essa atividade informal ganhou notoriedade, mas ainda assim os catadores enfrentam a condição de subalternos na cadeia do MR, uma vez que desenvolvem um trabalho cuja renda principal é determinada pelos interesses dos “empresários do lixo”, enquanto eles lutam pela sobrevivência dia após dia. Isso foi evidenciado no cotidiano dos catadores desta pesquisa. O que coletam e vendem tem como destino principal o sustento, o pagamento da água e da luz. Mas foi possível notar que a significação que eles empreendem nessa atividade denota diferentes sentimentos, formas de resistência e estratégias de sobrevivência.

As narrativas fotográficas que os catadores produziram de seu trabalho objetivam essas características. Cada imagem revela as trajetórias singulares e os contextos cujas tramas e dramas estão enredados.

Este tópico é dedicado a discutir as imagens que os pesquisados produziram, relativas à atividade de catação, o que possibilita problematizar as condições do trabalho, as relações com os comerciantes e com a população em geral que não separa o lixo e com o Poder Público. Neste item, evidenciam-se suas possibilidades e dificuldades, os diferentes modos de como se relacionam com a atividade de catação e com o próprio lixo (MR). Para apresentar essas narrativas, inicio com a catadora Titi.

A princípio, Titi mostrou-se retraída, dizendo que não gostava de aparecer em fotos. Mas pude notar que ficou contente em se ver nas fotos pela sua expressão facial.

Titi recebeu-me em sua casa com um sorriso acolhedor. Logo percebi que este é o modo peculiar com que ela se relaciona com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano: sua família, vizinhos, suas colegas do CRAS. Notei que em algumas ocasiões Titi traduz com seu sorriso certa timidez ao trazer à tona sua trajetória, mas, na maioria das vezes, o que vemos é uma mulher alegre com as conquistas que tem tido na vida nos últimos anos. Com as crianças em torno dela brincando pelo pátio e a filha, adolescente, atenta ao seu discurso, Titi contou-me um pouco da sua trajetória como catadora:

Eu comecei bem novinha a catar quando eu era casada com o meu marido. Aí depois eu parei, comecei a trabalhar fora, e depois eu continuei de novo, e como eu tô até hoje. [sorriso]. [...] Uma é que eu gosto de ficar assim, de andar, gosto de cavalo, nós tinha cavalo, né? Daí eu tinha cavalo e eu gostava do animal. Uma égua bem gorda, bembonita, até que roubaram. [...] Aí, depois eu peguei, fui e comprei outra, roubaram de novo, daí eu desisti dos cavalos e ele comprou o carro, trabalhava com a caminhonete. Daí na época que ele trabalhou com a caminhonete eu não fui, daí depois eu comprei uma égua que roubaram faz um ano, tava grávida até. Daí, eu desisti do cavalo, agora o cavalo sou eu! [risos].

Ela esclarece que, apesar de sua afeição pelos cavalos, após ter sido roubada três vezes, foi “obrigada” a ocupar a função que outrora era do animal à medida que ela tem que puxar o peso do carrinho. Pude presenciar que ela fala com muito bom humor ao referir-se ao fato de que agora ela é o “cavalo”. Ela conta que gosta de caminhar e gosta de ser catadora, isso a impulsiona a resistir na atividade de catação, apesar dos problemas de saúde que enfrenta.

Titi realizou algumas fotos pela cidade, as demais pediu para a sua filha mais velha assumir a posição de fotográfica para registrar o seu trabalho ao chegar em casa após suas andanças pela cidade.

Ao chegar em casa com o carrinho cheio (Figura 2), Titi inclina-o para começar a descarregar.



Figura 2. Titi chegando em casa e descarregando o MR

Fonte: Filha mais velha de Titi

Então, ela organiza o material que recolheu em seu itinerário pela cidade, inclinando gradativamente o carrinho para facilitar o acesso ao material recolhido, esvaziando o carrinho paulatinamente, e realizando a separação do material reciclável em bergs³⁶, para posterior venda. Os bergs são deixados em sua casa pela empresa para a qual vende os resíduos sólidos, sendo um modo de o material ficar protegido das intempéries, além de devidamente separado. Para aqueles que veem os catadores pela cidade sem conhecer como trabalham, pode parecer que o serviço termina pelas ruas, mas, ao contrário, a jornada segue em suas casas. Se a população separasse devidamente os materiais previamente, parte do trabalho deles em casa seria poupado, e eles poderiam aumentar a renda dedicando esse tempo à catação. Titi afirma que em muitas casas as pessoas acostumadas com sua jornada de trabalho ajudam-na separando previamente o MR.

Somente após uma grande quantidade de material acumulado é que o caminhão vai buscá-lo em sua casa. E só depois disso é que Titi receberá pelo seu trabalho. E assim, as longas jornadas se transformarão na renda que será logo utilizada para as necessidades básicas da família. Nesse ínterim, o terreno da casa de Titi transforma-se em depósito desses materiais.

³⁶ Bergs são sacos grandes de nylon utilizados para armazenar o MR.

Na Figura 2, vemos Titi com seu carrinho inclinado e já descarregando, direcionando cada material para o respectivo berg destinado para a separação dos recicláveis do seguinte modo: plástico com plástico, papel com papel, e assim segue a seleção e separação. Seu olhar está voltado para o carrinho, seu companheiro de trabalho. Notamos que ela usa boné para proteger-se do sol, os cabelos amarrados para melhor enfrentar o calor. A jornada de Titi ainda não termina quando ela conclui essa tarefa, afinal ela é mãe de cinco filhos. Separada, e com o pai das crianças na prisão, ela é a responsável integralmente por cuidar deles. Notei que ela conta com o apoio de familiares e vizinhos nessa tarefa.

Observei que seus filhos sentem-se contentes em ajudá-la com seu trabalho quando ela retorna para casa: “*As crianças, eles ajudam, separam e guardam*”. Ela relatou que quando as crianças iam com ela catar MR pela cidade, gostavam de ir brincando pela estrada, procurando brinquedos que lhes agradassem: “*É festa!*”, diz. Contudo, ela foi denunciada ao Conselho Tutelar³⁷ e não pôde mais deixar as crianças acompanhá-la.

Na Figura 3 a seguir, Titi está segurando com a mão direita o saco plástico colorido e, com a outra, abrindo o berg, onde vai depositá-lo. Seu olhar está direcionado para o berg. Vemos que seus dois filhos a ajudam, ao mesmo tempo em que parecem curiosos quanto ao que a mãe encontrou nas suas andanças na cidade nesse dia. Tímida por saber que está sendo fotografada pela filha, novamente não olha para a câmera, mas sutilmente sorri. Ao fundo, vemos a sua casa de tijolos sem reboco e um cobertor estendido, o que evidencia que ao mesmo tempo em que dá continuidade ao seu trabalho pelas ruas da cidade também se ocupa dos afazeres domésticos.

Titi passa a ocupar posição central na Figura 4, o carrinho aparece parcialmente. É possível notar que alguns dos seus bergs já estão lotados. Nas mãos ela possui duas garrafas pet entrecruzadas. Uma delas contém água que ela usa para limpeza das mãos. Observamos que ela não utiliza luvas em suas tarefas diárias, o que acarreta na possibilidade de aquisição de doenças por estar mais exposta.

³⁷ Essa intervenção do Conselho Tutelar aconteceu a partir de uma denúncia anônima, e se por um lado atende ao Estatuto da Criança e do Adolescente, por outro, tensiona modos de vida e intervém em estratégias de sobrevivência. Titi compareceu ao Conselho Tutelar e atendeu à solicitação de que as crianças não a acompanhassem em suas atividades de catção pela urbe, posto que tal fato foi considerado como trabalho infantil. Porém, como consequência, passou a deixar as crianças em casa sozinhas no contraturno da escola, enquanto trabalha.



Figura 3. O trabalho de Titi com a separação do MR nos respectivos bergs

Fonte: Filha mais velha de Titi



Figura 4. Titi em seu trabalho, sem luvas, exposta a riscos de ferimento e/ou doenças

Fonte: Filha mais velha de Titi



Figura 5. Titi em seu quintal concluindo o trabalho de separação do MR encontrado

Foto: Filha mais velha de Titi

Na Figura 5, Titi segue seu trabalho sem olhar para a câmera. Com o carrinho em ângulo de 90 graus, com mais da metade do material retirado e organizado, Titi continua realizando a separação. Ela vasculha uma sacola de papel encontrada nas suas andanças, e dali retira caixas de ovos. Na caixa, ao lado, vemos sacos plásticos pretos. Nesse trabalho, vemos que parte do lixo se espalha pelo terreno, apesar do empenho de Titi de deixá-lo limpo e organizado.

A garrafa azul de café está do lado contrário da parte do carrinho em que acontece o descarregamento, e compõe o cenário das suas andanças, mantendo-a próxima enquanto realiza seu trabalho. Também vemos um garrafão encontrado na catação, está no chão fora do carrinho, separado por Titi para guardá-lo junto a outros. Seu trabalho na organização dos materiais está se aproximando da fase de conclusão.

Na Figura 6, vemos que um dos seus filhos se aproxima. Titi está dentro do carrinho, agora mais vazio, inclinado para facilitar o acesso aos últimos materiais que faltam ser retirados. Uma das sacolas de papelão encontra-se quase vazia, o que indica que o trabalho está avançando.

A filha de Titi, responsável por transformar em imagens a narrativa de autoria de sua mãe, empenhou-se em cooperar com a mãe, registrando seus movimentos de trabalho. Demonstra tanto conhecer quanto valorizar o trabalho dela.



Figura 6. Titi e um de seus filhos no quintal. Trabalho de separação quase concluído.

Fonte: Filha mais velha de Titi

A narrativa aponta que Titi é uma catadora cuja jornada segue quando chega em casa, é uma mulher que batalha pelo sustento da família. Com suor, pés cansados, pernas e corpo exaustos, Titi entende que precisa concluir o trabalho do dia, feito geralmente em duas jornadas consecutivas pela cidade. Afinal, outras jornadas virão.

Maria Denis e o universo da catação

Na narrativa fotográfica de Maria Denis a vemos trabalhando pela cidade, depois quando chega em casa com seu carrinho abarrotado e ainda quando o caminhão chega para comprar o resultado do seu trabalho. É possível notar que Maria Denis planejou fazer os registros imagéticos nessa sequência. Ela dirigiu a produção e operou a câmera. As fotos em que aparece, ela também dirigiu e escolheu como operadora sua filha na maioria das vezes.

Na Figura 7, pode ser vista usando um avental branco de cozinha, posando com a mão na cintura para a foto, próxima a uma árvore enfeitada para o Natal. O lugar é a praça Nereu Ramos, em Criciúma, o que pode constatar pelos ladrilhos, iluminação e árvores.



Figura 7. Maria Denis na praça Nereu Ramos, Criciúma

Fonte: Um transeunte anônimo

O carrinho está lotado. Vemos que ela amarrou um pano no ferro na parte frontal em que puxa o carrinho para tentar evitar dores nas mãos e calos, o que sugere que sua jornada foi fatigante. O material está organizado no carrinho, pois Maria Denis usa sacos para fazer essa sistematização. Vemos que ela deixou as garrafas plásticas de refrigerante e água, entre outras embalagens plásticas, na parte inferior. Um dos sacos contém as latinhas separadamente, o mesmo acontece com outros materiais que selecionou ao realizar sua coleta. Esse procedimento adotado por Maria Denis mostra que ela realiza durante a sua catação o que Titi faz depois que chega em casa: a separação do MR.

O avental branco lhe dá um ar de trabalhadora formal, embora Maria Denis trabalhe como autônoma. Talvez isso seja resultado de seus vários anos de experiência na costura industrial. Na atividade de costureira, todas as etapas do trabalho são previamente planejadas e existem metas a serem cumpridas. Observei que Maria Denis, na atividade como catadora de MR, estabelece seus objetivos, os quais cumpre criteriosamente. O modo como Maria Denis trabalha destoa dos adotados pelos demais catadores desta pesquisa, e de tantos outros que já conheci. Eles costumam organizar o material que recolhem quando chegam em casa, e ela faz isso antecipadamente. Essa estratégia adotada por ela poupa tem-

po posteriormente, o que lhe permite dispor de mais tempo para a atividade de catação.

Ainda na Figura 7, vemos duas bolsas amarradas do lado de fora do carrinho, nas quais contêm os objetos pessoais de Maria Denis, o seu kit de trabalho.

Maria Denis demonstra ter preocupação com o conforto no trabalho, como vemos também pela roupa que usa e o tênis, o que denota alguns cuidados que consegue ter com seus pés submetidos a longas jornadas diárias. Entretanto, na Figura 7, vemos que ela não está usando luvas, um cuidado importante nesse trabalho.

Cumprir dizer que no período que antecede as festas natalinas o comércio funciona também à noite. Nessa época, Maria Denis opta por sair para o trabalho depois das 16 horas, porque o sol é mais brando. Mas não só nesse período Maria Denis puxa seu carrinho pela cidade nesse horário. À noite, o tráfego de veículos costuma ser menos intenso e Maria Denis pode transitar com mais tranquilidade. Fora da época de datas comemorativas, a maioria dos catadores não trabalha à noite, mas Maria Denis segue firme em seus propósitos.

Na Figura 8, vemos Maria Denis chegando em sua casa, sorrindo. O carrinho está lotado, organizado, como de praxe, as latinhas de cerveja e de refrigerante estão separadas das garrafas pets e o mesmo ocorre com os diferentes materiais coletados.

Vemos que a grama na entrada do lote está morrendo: é por ali que Maria Denis transita diariamente com seu carrinho, retornando com ele lotado de suas jornadas, adentrando seu terreno para descarregá-lo. As marcas na grama são evidências do seu trabalho.

As fotos feitas pela filha, a seu pedido, mostram como Maria Denis é a protagonista dessa atividade, que faz com esmero e dedicação, como relata:

[...] Eu trabalhei 36 dias direto, eu trabalhei, não falhei nem um dia pra conseguir um bom resultado no meu salário, adquiri um pouquinho porque quando chega no inverno há escassez do reciclável. [...] No verão as pessoas consomem mais líquido, mais água, refri, mais refrigerante em lata. Então sai muita reciclagem no verão e em junho mês do inverno é muito pouco. Mês de inverno, tu fica quase parada, tem que andar quase oito horas pra trazer um meio carrinho de reciclagem. (Maria Denis)



Figura 8. Maria Denis chegando em casa com seu carrinho lotado

Fonte: Filha de Maria Denis

O sorriso de Maria Denis estampado na Figura 8 revela o orgulho do trabalho que realiza com competência e determinação. Em seu discurso, Maria Denis enfatiza que não faltou em 36 dias, o que denomina como *não falhei*.

Outra estratégia adotada por Maria Denis em seu trabalho diz respeito ao consumo de MR em quantidades diferentes ao longo das estações do ano. Ela sabe que o período de verão possibilita mais acesso a garrafas pet e latinhas, por isso empenha-se indubitavelmente nesse período. O inverno ela significa como o tempo da escassez. Então, o verão lhe dá mais motivos para sorrir.

Na Figura 9, o carrinho está no centro; com uma mão apoiada no carrinho e a outra fazendo sinal de “legal” está Maria Denis. A alegria do objetivo atingido está traduzida no seu sorriso. A sua casa, vista parcialmente nessa imagem, revela cuidado, o mesmo que vemos em seu modo de trabalhar. Do lado esquerdo da imagem vemos plantas e, na parte inferior da casa, um portão. O que não é possível imaginar para aqueles que veem essa foto que atrás desse portão existe um depósito de papelões.



Figura 9. Maria Denis em frente à sua casa, depois de dia de trabalho

Fonte: Filha de Maria Denis

O caminhão da empresa escolhida por Maria Denis para vender seu MR está estacionado a frente de sua casa na Figura 10, imagem na qual Maria Denis registrou o resultado do seu trabalho. Para chamar a empresa desejada, os catadores costumam telefonar, geralmente a cobrar, para informar que acumularam material suficiente para poder realizar a venda. Depois precisam aguardar a disponibilidade da empresa. Na foto acima, vemos o funcionário da empresa que compra o MR amarrando-o no caminhão. O caminhão está superlotado com os materiais recolhidos em 36 dias de trabalho de Maria Denis, exceto as latinhas, o alumínio e o ferro, que ela preferiu acumular devido ao preço excessivamente baixo no mercado dos recicláveis.

Então, eu trabalhei deu um bom resultado para mim. [...] 36 dias eu arecolhi uns 1.100 quilos de plástico que resultou esse caminhão cheio, [...] só não tirei foto do caminhão que eu vendi o papelão. O papelão eu consegui 900 quilos em 36 dias. Então pra mim rendeu ao todo, eu não vendi a latinha, o alumínio e o cobre, esse eu não vendi porque o preço tá meio baixo. Mas na minha soma rendeu 800 reais, 600 reais rendeu o salário do que eu vendi e 200 reais eu deixei guardado

nas latinhas. E é assim, então, compensa às vezes o esforço, é meio puxado, mas compensa. (Maria Denis)



Figura 10. Caminhão da empresa compradora de MR, em frente à casa de Maria Denis

Fonte: MariaDenis

As latinhas são guardadas dentro de sua casa e ocupam quase todo o espaço. Ela não as registrou em suas fotos, mas, quando apresentou-me a casa por dentro, eu pude vê-las.

Na imagem seguinte (Figura 11), o rapaz está finalizando o acoplamento dos materiais no caminhão, para evitar eventuais quedas ao transitar pela cidade. O material será levado à empresa de recicláveis, que venderá posteriormente por um valor muito mais alto do que aquele que Maria Denis recebeu.

O foco da imagem está no fruto do trabalho de Maria Denis, que resultou em uma quantidade suficiente para encher o caminhão. Vemos duas pessoas, a que está sobre o caminhão amarrando as cordas, e outra, no chão, à direita, que, pela posição que ocupa, dá suporte ao seu colega de trabalho.



Figura 11. Amarração do MR no caminhão da empresa compradora
Fonte: Maria Denis



Figura 12. Caminhão transportador de MR, visto de frente
Fonte: Maria Denis

Na Figura 12 vemos, de frente, o caminhão que irá levar o MR, da rua de Maria Denis para a empresa, onde será agregado valor ao material e que seguirá uma cadeia produtiva. Essa sequência Maria Denis desconhece, pois ela não teve a oportunidade de acompanhar o que acontece depois da entrega do MR coletado por ela.

Com os bergs devidamente amarrados ao caminhão, ele está pronto para partir. Vemos que a rua em que mora Maria Denis no bairro Santos Dumont é asfaltada, tem iluminação pública, mas falta calçamento para pedestres.

Essa foto exprime que a tarefa de Maria Denis foi cumprida e ela fez questão de registrá-la em sua narrativa fotográfica.

O trabalho de Zênia e Ximiruga

Zênia, autora da narrativa fotográfica, conta-nos um pouco sobre sua vida:

Eu sou uma catadeira de papelão, faço reciclagem! A gente aqui trabalha nas ruas, tem o bairro, tem tudo, como vocês estão vendo, é que eu bati foto, tudo como a gente trabalha, né! A vida da gente não é fácil, tem gente que respeita, tem gente que não respeita! A gente trabalha como dá! Ajuntando plástico, papel, ferro, alumínio, a gente vai vivendo como dá, eu e o meu marido. (Zênia)

Ximiruga carrega o carrinho pela cidade (ver Figura 13). Nessa imagem produzida por Zênia, o carrinho contém alguns objetos: capacidade amarelo, além de papelões e outros materiais já coletados, como uma cadeira azul. A bolsa está separada e amarrada no carrinho, nela encontram-se objetos pessoais do casal, o que ele e Zênia consideram que podem precisar nas caminhadas, como água e café.

Do outro lado da rua, em sentido contrário ao que trafega Ximiruga, aproxima-se um carro. O casal circula por um bairro afastado do centro de Criciúma. Vemos pela imagem que não existe calçada para os pedestres caminharem e o único lugar por onde eles podem transitar com o carrinho é pelo asfalto, dividindo o espaço designado aos veículos automotivos. Nessa imagem, vemos que Ximiruga segue o mesmo sentido dos carros, do lado direito dessa pista. Não há um espaço específico para a circulação dos carrinhos dos catadores na cidade, eles têm que “disputar” o espaço urbano ora com os veículos automotivos, ora com os pedestres. Criciúma não foi uma cidade planejada e o mesmo acontece com os ciclistas, para quem não tem pista própria.



Figura 13. Ximurruga puxando o carrinho pela cidade

Fonte: Zênia



Figura 14. Ximurruga recolhe MR espalhados em terrenos baldios

Fonte: Zênia

Nesse íterim, transitando pela cidade, Ximiruga é fotografado também pegando um pedaço de cano em um terreno baldio (Figura 14) entre restos de material de construção. Lamentavelmente, há pessoas que deixam MR espalhados por terrenos baldios ao invés de dar o destino adequado para eles. Em torno, o mato cresce. No lote ao lado, a casa parece abandonada. O trabalho de Ximiruga é minucioso, olha atento a todos os lugares que passa. Vemos que Ximiruga em seu trabalho não usa luvas.

Na sua narrativa fotográfica, Zênia nos apresenta a continuidade do trajeto que fizeram nesse dia. Ximiruga segue puxando o carrinho quase cheio, e olha para uma loja no bairro Pinheirinho, em Criciúma (Figura 15). Os pontos comerciais geralmente são constantemente visitados pelos catadores, posto que parte deles guarda os papelões, entre outros resíduos sólidos, para quando os catadores passarem. Diversos catadores têm vínculos estabelecidos com comerciantes e funcionários que lhes destinam o MR do local. O local que aparece na foto é um desses postos de coleta de MR.

Geralmente os CMR costumam coletar nos estabelecimentos comerciais que já receberam doações. O comerciante que lhes doa ou funcionário passa a ser visto por eles como uma pessoa amiga, que entende sua profissão e os apoia.



Figura 15. Estabelecimentos comerciais guardam MR para os catadores

Fonte: Zênia

Nessa foto, Zênia dá ênfase ao registro do estabelecimento comercial que pode ser visualizado de frente e na sua parte lateral, enquanto Ximiruga e o carrinho deles são enquadrados parcialmente. Assim, ela reconhece esse estabelecimento como parceiro de suas jornadas.

Outro detalhe é que Zênia deixou suas digitais impressas nessa imagem, seu dedo aparece do lado direito da fotografia. Toda foto traz as marcas do olhar de seu autor e, nesse caso, o corpo e identidade dela ali se inscrevem literalmente.

A Figura 16 diz respeito à trajetória de trabalho deles, que continua ao chegarem em casa.

Após realizarem a coleta, compete a eles descarregarem o MR do seu carrinho de modo sistemático. Para venderem o MR, precisam acumular, e os bergs devem conter materiais específicos, uma vez que os preços de venda variam conforme o tipo do MR. Na Figura 16, vemos o carrinho um pouco inclinado, e Ximiruga retirando o MR. Ao fundo vemos os bergs. O mais próximo do carrinho está aberto, uma vez que ele está destinado parte do MR recolhido nesse dia. Observa-se que parte do terreno está coberto com lajota, como a estrada da frente da casa deles.

À esquerda vemos parcialmente a beirada da casa de madeira de Ximiruga e Zênia. Na casa de material ao lado, que ocupa o mesmo terreno, mora a irmã de Zênia; vemos pedaços de madeira encostados verticalmente.



Figura 16. Ximiruga chegando em casa após o trabalho de catação e iniciando a separação

Fonte: Zênia

Na Figura 17, o trabalho dele está mais adiantando: inclina o corpo para ter acesso aos materiais que restam no carrinho e, pela pequena quantidade, vemos que está concluindo esta tarefa.

É possível observar que pelo chão ao redor estão espalhados pequenos pedaços de resíduos sólidos, especialmente na parte de chão de terra. Talvez já estivessem ali, ao menos em parte, já que Ximiruga costuma descarregar o carrinho naquele lugar. Devido ao trabalho constante com MR, resíduos desses materiais espalham-se pelo terreno passando a compor a paisagem.



Figura 17. Ximiruga finalizando o trabalho de separado de MR

Fonte: Zênia

Na Figura 18, onde aparecem os fundos da casa, vemos roupas estendidas no varal, papelões acumulados de modo irregular, que não foram dispostos nos bergs. Estão dispostos à mercê do tempo. Do lado direito, vemos a estrebaria.

Para Zênia, o grande problema da sua categoria são as condições em que vivem:

Aqui é outro problema também dos catadores, né, qui é uma pobreza, né! Tem gente que paga mais, tem gente que paga menos, tem gente que rouba na balança. A gente vai vivendo dessa maneira, é obrigado! [...] A gente tá nessa aí, né, tem que ir

em frente! Quando dá temporal derruba as paredes, o prefeito não ajuda! Não dá uma força pra gente! Essa é a vida da gente, né, que vai... Carrinho, roubaram duas égua minha, agora eu tô com o carrinho, tem que subir morro, descer morro, tudo. Sabe que é forçado. A gente tá vivendo nessa aí porque é obrigado! (Zênia)



Figura 18. Fundos da casa de Zênia e Ximiruga

Fonte: Zênia

Zênia deixa evidente seu descontentamento com suas condições de vida, diz que vive assim porque é obrigada, não escolheu essa condição de vida, mas a vida continua independentemente das dificuldades que enfrenta. Zênia e seu companheiro tiveram duas éguas roubadas. Na esperança de poder reaver a condição de trabalhar com auxílio de um animal, passaram a criar uma pequena égua, tão magra que parecia que não teria forças para puxar o peso do carrinho deles. Empenhado em torná-la forte, Ximiruga a levava todos os dias para comer capim em lotes baldios próximo de sua casa. Embora a pequena égua estivesse fraca, eles acreditavam que ela poderia ficar forte e ajudá-los no trabalho de catação.

Terezinha e Antônio e a catação em suas vidas

Terezinha, ao produzir as imagens fotográficas solicitadas por mim, dá mais ênfase às suas condições de moradia que ao trabalho que ela e seu marido desenvolvem na catação pela cidade, como veremos no item 6.2. As suas condições de saúde, moradia e alimentação estão fortemente presentes em seus discursos orais e imagéticos.

Dentre as poucas imagens cujo foco é o trabalho de catação encontra-se a Figura 19, onde vemos seu marido, Antônio, puxando o carrinho quase completamente cheio pela cidade.



Figura 19. Antônio, companheiro de Terezinha, puxando o carrinho pela cidade

Fonte: Terezinha

Pela posição de Antônio e pela forma como o carrinho está disposto, parece que pretende atravessar a rua. Pode-se observar que ele posa para a foto ao olhar em direção à fotógrafa, Terezinha, ao invés de ater-se ao movimento dos carros. O asfalto molhado é sinal que choveu. Embora preferencialmente tenham que manter os materiais secos para a venda, principalmente o papelão, e como o carrinho não tem proteção

para chuva, nem sempre isso é possível. Por esse fato, os catadores evitam saídas quando percebem que vai chover e buscam realizá-las em períodos que não está chovendo. Apesar de terem esse cuidado, diversas vezes são pegos desprevenidos. O que costumam fazer nessas situações é aguardar embaixo de uma marquise ou seguir velozmente para casa. Um aspecto que observei é que se preocupam com a previsão do tempo à medida que tentam observá-lo antes de seguirem para o trabalho, e também para retornarem, com o objetivo de reconhecerem as condições mais adequadas para seu trabalho pela cidade.



Figura 20. Antônio e sua bicicleta na residência do casal

Fonte: Terezinha

Na Figura 20 o cenário é outro: a residência do casal.

No varal, vemos um travesseiro estendido, e na janela da casa, um cobertor. No terreno, vemos caixas de papelão acumuladas e expostas. À esquerda de Osmar vemos uma lona preta, à direita e do lado da casa vemos dois sacos de bergs onde acumulam material reciclável. Nota-se que o ambiente é arborizado.

Ocupando posição central na imagem, vemos Antônio com sua bicicleta preta com detalhes amarelo e azul. Com as mãos, segura o guidom, enquanto está de pé ao lado dela. A garupa da bicicleta está ocupada por um caixa de plástico verde escura. O boné, a posição em

que se encontra a bicicleta e a caixa vazia indicam que segue para uma jornada de trabalho.

Terezinha relata sobre a bicicleta:

Essa aqui é a bicicleta que o Antônio vai trabalha, qué pra ele arruma um serviço. É pra ele cata latinha, ferro essas coisas assim porque eu não consigo trabalha sempre. Se eu trabalho direto eu fico doente, fico de cama. [...] ele ganhou a bicicleta. Daí peguemo e botemo a caixinha atrás que quando eu fico na rua direto, eu fico doente, ele vai busca o papel na bicicleta. (Terezinha)

Ela fala das suas condições de saúde precárias associadas a seu trabalho: “*Dói a cabeça direto [nesse momento levou as mãos à cabeça], não consigo nem trabalha mais, tenho dor nas costas, tenho uma bolsinha de remédio*”. O trabalho é difícil e o sofrimento que engendra está associado a diversos aspectos: condições insalubres de trabalho, exposição climática excessiva, alimentação inadequada, condições de habitação pauperizadas, sentimento de desamparo, entre outros.

Terezinha e Antônio criaram uma estratégia para os dias em que ela se sente impossibilitada de trabalhar. É um modo de resistirem aos problemas cotidianos eminentes e reafirmarem seu lugar de trabalhadores informais na urbe.

Osmar e seu desejo de abandonar a catação

Osmar não descreve sua trajetória como catador pela cidade em sua narrativa imagética, embora aborde dificuldades que têm em virtude do trabalho de catação, especialmente os cuidados com a saúde. Osmar, diversas vezes, dispõe o MR no seu terreno espalhado na parte frontal. Tal atitude poderia ser abalizada como mero relaxamento da sua parte, mas vejo como indício de desqualificação do trabalho que realiza. O modo como que ele descarta o MR sobre o terreno, deixando à mercê do tempo e acumulando sem organizá-lo por longos períodos, denota rejeição ao trabalho de catação, que não consiste apenas em coletar os materiais pelas ruas, lixeiras, edifícios, terrenos diversos, mas requer um trabalho que continua em casa com a sua seleção e separação. Essa segunda etapa Osmar renega ao deixar tudo espalhado, posto que, apesar de viver como catador, reconhece-se ainda como pedreiro: “*Eu sou pedreiro bom*”. Vê-se como um pedreiro desempregado, relegado à condição de catador.

No início da filmagem, Osmar disse-me que queria que o vídeo fosse para Brasília, assinalando que gostaria que seu discurso pudesse se transformar em uma denúncia. Ele relaciona a poeira como parte de suas preocupações, devido aos problemas de saúde ocasionados por ela.

Ao mesmo tempo em que se sente excluído do mercado de trabalho formal, recusa assumir-se integralmente como catador. Nesse sentido, para Osmar, o lixo está para sua vida como ele está para o mercado de trabalho formal.

5.1.2 Produção de outros olhares sobre/na cidade

Osmar, Maria Denis, Titi, Zênia, Ximirruga e Terezinha conhecem bem os problemas da cidade. É uma cidade com desigualdades sociais, problemas ambientais, injustiças sociais, entre outros, como ocorre em tantas outras cidades brasileiras e pelo mundo. Historicamente, esse cenário foi sendo gestado. Para eles, fotografar suas relações com/na cidade emergiu como uma oportunidade de denúncia a situações cotidianas que os indignam e que foram evidenciadas em suas narrativas. Nas imagens, eles retratam suas relações estéticas com os diversos lugares com os quais dialogam e constituem, ao mesmo tempo em que são marcados por eles.



Figura 21. Destaque dado ao buraco, no meio da rua, evidenciando descuido por parte do Poder Público

Fonte: Titi

Na Figura 21, produzida por Titi, vemos que na rua lajotada uma mulher caminha de costas em relação à posição da fotógrafa, segurando sacolas, provavelmente de compras. A placa indica que os motoristas não devem ultrapassar 40 km/hora, posto que nas proximidades há uma escola onde crianças estudam. Na imagem, vemos um buraco no meio da rua que, apesar dos outros detalhes da fotografia, é ao que mais foi dado ênfase pela posição central que ocupa no contexto imagético. O buraco indica que existe um descuido nesse lugar com a pavimentação.

Essa aqui é do buraco que a prefeitura bem bonita faz, olha aí! [...] Isso entorta tudo a minha rodinha. A gente vai tentar desviar, mas... na velocidade que eu vinha, não deu de desviá. (Titi)

Titi fez questão de registrar esse buraco que entortou a roda do seu carrinho e, ao comentar essa imagem, em sua casa, foi buscar a roda entortada para mostrar-me: “*Como é de alumínio, não aguenta muito, a de ferro guenta mais*”, esclareceu. Sem a roda não pode trabalhar. Consertá-la ou providenciar outra, tem um custo.

Essa situação apresentada por Titi é um problema comum para os catadores. Os buracos nas ruas da cidade aumentam a chance de terem problemas com as rodas dos seus carrinhos que, devido às grandes jornadas que fazem diariamente e às condições das ruas, constantemente precisam de manutenção. Resolver esse problema é um tempo designado a não trabalhar e, sem trabalho, não há renda!

A seguir vemos outra imagem da cidade, esta produzida por Maria Denis (Figura 22). Ao redor das escadas o mato cresce de modo notável. Vemos uma passagem feita com troncos de madeira envelhecidos, rachados na parte do meio. A escada com aparência de abandonada dá acesso ao outro lado através de troncos de madeira velhos e frágeis.

Trata-se de um lugar de passagem de um bairro a outro, e diversas pessoas precisam atravessar esse local para ter acesso à outra parte, inclusive a uma parada de ônibus urbano nas proximidades. Maria Denis descreve:

[...] essa aqui é um trilho de trem, mas depois tem uma passarela que descem pessoas do meu bairro pro outro bairro. É uma divisa. Então, é assim, ó: tem uma escadaria e um trapicho di madeira qui a Prefeitura colocou. Aquilo quando dá chuva fica muito liso! E uma vez eu fui descer ali e eu caí

com as costa no chão e eu não me machuquei porque eu era resistente, mas se é uma pessoa de idade como a minha mãe, que atravessa ali pra trabalhar? Ela pega o ônibus do outro lado do trilho. Então, ela desce aquele peral ali e ela pode um dia cair. É uma senhora de idade, ela pode se machucá. [...] (Maria Denis)



Figura 22. Imagem da cidade – passagem feita com troncos de madeira envelhecidos
Fonte: Maria Denis

As fotos de Maria Denis têm uma intenção clara de denunciar esse cenário que liga seu bairro a outro, cujas condições pioram quando chove. Maria Denis relata que fica liso e por isso já caiu ao atravessar. Ela registra que naquele “trapiche” diversas pessoas todos os dias passam correndo o risco de cair e se machucar. Menciona que gostaria que suas fotos fossem vistas pelas autoridades nesse momento. O trapiche parece ter sido esquecido pela Prefeitura, assim como as escadas e as pessoas que precisam transitar por ali diariamente. O que a deixa incômoda é que nada tem sido feito pelo poder público municipal. Fotografar foi uma forma de trazer a público a situação de precarização desse lugar.



Figura 23. Foto denunciando descaso das autoridades em relação ao saneamento básico

Fonte: Osmar

Na Figura 23, vemos uma rua que se encontra na curva com outra, indicando que os percursos continuam. O calçamento é inexistente. Observamos que o mato cresce em um terreno localizado na esquina à direita, o mesmo ocorre nos lugares onde deveria haver calçamento. Ali flores amarelas contrastam com o lugar que, pelo que a imagem indica, tem estado relegado pelo Poder Público. Aos fundos, entre as casas, o cenário é arborizado. Nesse lugar invisível para os que circulam apenas pela área nobre da cidade, o esgoto emerge a céu aberto, o que contribui para situações de risco no âmbito da saúde para a população que ali vive.

Sobre a imagem, cabe dizer que vemos as casas, as ruas, um carro, não há pessoas nessa foto. O foco está no lugar, algo está sendo dito exatamente sobre esse lugar. Assim descreve Osmar:

Essa aqui é a estrada di novo do mesmo bairro. Aqui é o esgoto a céu aberto, óh! Dá pra ver o esgoto a céu aberto, tá vendo? Cria muito mosquito e eles não fazem nada a respeito disso. Não fazê nada. Eu sei que tá no mundo inteiro, mais a gente tem que mostrar, a gente tem que mostrar porque se não mostrá vai ficando, ninguém sabe di nada. [...]. (Osmar)

Osmar coloca em evidência problemas de seu bairro e o descaso do poder público municipal: “*Não fazê nada.*”. Ele reconhece que os problemas sociais acontecem no mundo todo, mas ele pode falar a partir da posição que ocupa: morador do bairro Anita Garibaldi, cujos lotes ainda não foram repassados oficialmente para os moradores após anos de ocupação. Em decorrência, seus habitantes encontram-se não situados no mapa da cidade enquanto pertencentes a esse lugar. Ali, o esgoto e as ruas não foram implementados, como aconteceu com outros bairros que fazem divisa com o seu. Afinal, ali é apenas um cantinho fora do mapa, fora da vista de tantos, deixado de lado. Contudo, é um lugar de moradia de pessoas que sonham com o direito de serem respeitadas com igualdade a despeito dos demais.

Na Figura 24, a lixeira municipal está lotada e quebrada. Na lateral direita, o material depositado cai, espalhando-se pela calçada. Na lixeira adiante, ao fundo da foto, acontece o mesmo. Essas lixeiras municipais registradas por Maria Denis estão destinadas ao depósito de lixo de modo geral, indicando que até esse momento a separação do MR na cidade não está devidamente organizada. Ali se misturam papéis e plásticos, entre outros objetos. Após essas duas lixeiras, ao fundo vemos um carrinho de material reciclável com rodas vermelhas estacionada, é de Maria Denis. Apesar da inadequação do tratamento aos resíduos sólidos, é com esse material que Maria Denis trabalha: 1) população que não separa o lixo adequadamente; 2) prefeitura que não destina locais adequados para essa separação e não contribui para que isso aconteça; 3) os riscos de saúde que Maria Denis enfrenta.



Figura 24. Lixeira municipal lotada e quebrada

Fonte: Maria Denis



Figura 25. Lixeira quebrada com parte do material esparramada pela calçada

Fonte: Maria Denis

Nesse outro cenário, a situação se assemelha, porém com um agravante: o material disposto na lixeira não está distribuído adequadamente em sacolas plásticas, ali tudo se mistura. Com a lixeira quebrada, parte desse material está esparramado na calçada. Nota-se que algumas pessoas depositaram seus restos de consumo em sacolas, mas, com o acúmulo de materiais, o conteúdo se espalhou. Provavelmente não amararam os sacos. Do lado de fora da lixeira podem ser vistas algumas sacolas devidamente fechadas; elas contêm os materiais que Maria Denis separou para levar para casa. O carrinho de Maria Denis estacionado ao lado da lixeira contém os materiais de modo organizado, destoando da lixeira pública. Seu carrinho tem uma roda acoplada na parte traseira, prevenida, ela transporta um estepe ao transitar pela cidade com seu carrinho.

Com essas imagens, Maria Denis estabelece uma relação entre essas lixeiras municipais e seu trabalho, denunciando a situação caótica das lixeiras pela cidade. Para Maria Denis, elas deveriam ser consertadas ou substituídas. Lixeiras nessas condições tendem a expor a população a riscos de saúde, o que poderia ser facilmente evitado. Na rua vemos carros estacionados e, mais adiante, edifícios, parecendo ser um lugar da cidade bastante movimentado. Fica evidente que a relação estética de Maria Denis com o MR é diversa da relação que as pessoas que depositaram o lixo nessa lixeira estabelecem com esse material. Maria Denis valoriza o MR, enquanto as pessoas que o depositaram ali apenas descartaram, banalizando-o. Na imagem a seguir o lixo também é desprezado e, ao invés de lixeiras, ocupa o chão, como se não tivesse nenhuma utilidade, como se não fosse MR.

Na outra imagem (Figura 26), vemos pedaços de isopor espalhados pelo chão junto a canos, plásticos, borracha, entre outros objetos. As cinzas no local sinalizam que alguém tentou eliminar parte desse lixo colocando fogo. Esse lugar situa-se nas proximidades do Fórum da cidade, local de intenso fluxo de pessoas. Na Figura 27, temos uma visão panorâmica desse mesmo lugar.



Figura 26. Lixo espalhado pelo chão, nas proximidades do Fórum da cidade

Fonte: Titi



Figura 27. Visão panorâmica de depósito de lixo a céu aberto, nas imediações do Fórum da cidade

Fonte: Titi

Nessa estrada de chão da cidade, Titi registrou o local onde encontrou um cachorro morto entre os sacos plásticos. Segundo ela, o cheiro era insuportável: “*Muito fedegoso, maré muito forte lá*”. Entretanto, não só o lugar estava abandonado como o próprio cachorro, um dos motivos de sua indignação. Titi defende os animais; ela entende que eles devam ser respeitados e também ter seus direitos na cidade, ao invés de serem descartados como esse lixo, cujos restos do cachorro se misturava, agregando-lhe um odor indesejável para aqueles que por ali circulam. Sobre a rua, vemos que está em condições intransitáveis por parte de veículos automotivos, pois, além da lama que se acumula quando chove, o lixo ocupa boa parte do espaço do que deveria ser a estrada.

Queimar o que poderia ser reaproveitado enquanto o mundo enfrenta crises ambientais é um paradoxo. Enquanto os catadores limpam a cidade e vivem do MR, o desprezo pelo lixo, considerado inútil e sendo eliminado de qualquer modo, ainda persiste. Titi mostra que, enquanto ela percorre a cidade em busca do MR, há pessoas que simplesmente ateiam fogo para livrarem-se dele. Indigna-se ao imaginar que depois disso as pessoas simplesmente voltam para suas casas como se não tivessem nenhuma relação com o meio ambiente. O descarte do lixo desse modo aumenta os riscos de saúde para os catadores e demais pessoas que tenham contato com esse lugar, e agride notavelmente o meio ambiente. A consciência ambiental dos catadores é grande. Assumem uma responsabilidade social e ambiental que deveria ser de todos. Se no início a catação teve como foco principal a renda, a vivência cotidiana transmuta suas relações com a cidade, transformando-as em relações estéticas.

5.2 O LUGAR DE MORADIA

Para Zênia, Osmar, Maria Denis e Terezinha, a casa é o espaço de maior importância em seu cotidiano. Ali é o lugar para descansar das exaustivas jornadas de trabalho, onde estão protegidos do sol e da chuva. Mas, nem sempre, já que na casa de Zênia e de Terezinha chove dentro.

Descrevem a casa como o lugar privilegiado de suas relações afetivas e estéticas, no qual compartilham suas vidas com os familiares. Por outro lado, é o lugar em que conjeturam suas maiores preocupações: as contas para pagar, o alimento, a espera pelo atravessador, entre outras. A casa é o ponto de partida e de chegada de suas longas jornadas pela cidade.

A casa é o abrigo, é o sonho realizado, no caso de Maria Denis, ou a ser realizado, na descrição dos demais. Titi não dá a mesma ênfase em seu discurso imagético para a casa ou *meia aguinha*, como ela costuma dizer. Embora ela queira ter uma casa em condições melhores, é a educação e a saúde dos filhos que mais se presentificam em sua fala.

A seguir, apresento suas condições de habitação.

Na Figura 28, é possível visualizar, da perspectiva frontal, a casa de Osmar:



Figura 28. Casa de Osmar, vista de frente

Fonte: Osmar

Osmar: *Essa é parte da casinha que eu moro que tá em construção já faiz muitos anos, mais não consigo, não consigo terminar, tenho até vergonha di levar as pessoas dentro da minha casa porque não tem repartição, não tem nada, né. Até essa pessoa que tá filmando isso aqui me conhece, é amiga minha, é Daiani, né.*

Daiani: *Sim.*

Osmar: *Í até ela queria entrá dentro di casa, mais eu tinha vergonha di botá ela dentro di casa. Qui a gente sabe como é que é, não é vergonha da pobreza, é vergonha das maus condições dentro di casa. A gente não deve ter vergonha de ser pobre, mais é [pausa] Eu acho qui [pausa].*

Daiani: *Querias ter uma casa diferente, é isso?*

Osmar: *Eu gostaria de ter uma sala de visita pra botá as pessoa pra conversá sentado, mas até agora eu não tive essas condições. Quero ver se Deus mi ajude que eu tenha essas condições aí.*

A depressão faz com que Osmar passe dias sem sair de casa. A casa é ao mesmo tempo seu sonho inacabado e seu refúgio.

Como a casa não tem divisões, disse-me que preferia que conversássemos em frente, posto que, apesar do grande calor que fazia, e me considerar sua *amiga*, tem vergonha das condições em que vive. A vergonha é algo que restringe suas possibilidades de diálogo, sua abertura para a vida. Quanto à casa, sentia-se impotente para concluí-la devido às suas condições objetivas.

Na Figura 28, vemos as paredes feitas de tijolos sem reboco, a janela aberta e a cortina a indicar que ali residem pessoas. A escada dá a ideia de obras sendo feitas no telhado ou manutenção. Os objetos largados sobre uma máquina de lavar roupas denotam que ela assumiu outra utilidade. Sobre resíduos de construção há um balde verde, onde uma planta contrasta com a aridez do ambiente.

Nessa parte da casa Osmar sonha com uma varanda. A casa foi construída por ele, mas continua inacabada. Osmar é o pedreiro, autor de sua obra inacabada.

Em seu discurso, Osmar fala que tem vergonha da casa, o que está intimamente vinculado ao fato de jamais ter conseguido concluí-la. A falta da *sala de visitas* restringe encontros, afirma. Embora tenha se referido a mim como amiga, passamos mais de duas horas na rua, conversando em frente da casa, em pé, com uma temperatura superior a 30 graus, e isso foi atribuído por ele à falta da sala de visitas. Considera que esta sala é necessária para haver um espaço destinado a visitas que, de acordo com ele, deveriam conversar sentadas.

Ao falar da sua vergonha Osmar também fala do abandono por parte do Poder Público. Afinal, o fato de ele não possuir uma casa que considera “decente”, de habitar um lugar com problemas de saneamento básico, terreno cuja ocupação é discurso de governos municipais na cidade há anos, mas cuja situação ainda se perpetua como ocupação, entre outros problemas, está vinculado ao contexto econômico, político, cultural, social, ético e estético, cuja rede de relações sociais ele faz parte. Osmar fala de descaso por parte das autoridades públicas com suas condições de vida.

Ainda que Osmar afirme ter vergonha de apresentar-me a casa e não ter me convidado para entrar, ele a apresenta em suas produções imagéticas, conforme vemos na Figura 29.

Nela, vemos a porta aberta e supostamente um fogão à lenha, à direita da imagem, ao fundo, com panelas sobre ele. Já o fogão a gás está com a tampa abaixada e tem um liquidificador sobre ele, que parece só ter uma parte e pela posição que ocupa parece uma peça ornamental. À esquerda e na parte inferior, uma gaiola vazia sobre a cadeira nos permite imaginar que um pássaro havia sido feito “prisioneiro” por algum tempo. Vemos uma bicicleta pequena ao lado da gaiola e próxima à janela. Ao lado, no balcão da cozinha, o filho caçula de Osmar distrai-se com um brinquedo que tem nas mãos. O cenário é a cozinha, mas, embora a criança esteja de costas, ela ocupa uma posição privilegiada na imagem, está no meio, no centro do contexto. Para a criança, aquele lugar da casa também é espaço para o lúdico, condição revelada pelo pai Osmar que produziu essa imagem.



Figura 29. Vista do interior da casa de Osmar

Foto: Osmar

Na cristaleira, vemos alguns objetos decorativos, entre outros utensílios domésticos. Em uma das partes da janela, um papelão cobre a lacuna deixada pelo vidro quebrado, e denota os problemas econômicos

do seu cotidiano. O papelão assumiu uma função utilitária, impedir que a chuva e o frio adentrem a casa e assim fez-se parte da janela, parte dessa casa. Nessa família, a prioridade é a alimentação, depois a conta de luz e água. Se houver dinheiro para gás, ele poderá ser comprado.

Sobre seus sonhos, Osmar descreve:

*Pra mim eu não tenho sonho nenhum, pra minha pessoa. Óh, eu não tenho ideia di tê carro, eu não tenho ideia di tê isso, tê aquilo! Eu queria tê a minha **casinha**, não pra mim, pros filho. **Bem feitiinha, terminadinha**, pra deixá quando eu saí desse mundo, pra deixá pra eles, né. **Esse é o meu maior sonho!** Mais não pra mim, tu tá entendendo? Pra eles, pra ela, pra deixa alguma coisa.*

Daiani: *Pra sua esposa?*

Osmar: *Ï junto com isso também eu pega í arruma um **serviço fichado** porque eu não sou aposentado, não sou nada. Í deixa ela ganhando alguma coisa. Antes di eu morrer deixa ela ganhando assim, né, ganhando no caso. Porque ela é doente também, né. Então... Ela tem problema di pressão alta í é um monti di coisa. É nervosa! Toma Diazepan, toma uns remédio. Toma remédio pra pressão í a pressão dela é bem alta mesmo. Ela tem medo, tem medo di médico, tem medo di enfermeiro, tem medo di tudo. (Osmar)*

Osmar preocupa-se com a família e gostaria de, no caso de sua morte, deixá-los amparados. Osmar problematiza a finitude da vida. Como o trabalho da esposa está restrito a tarefas domésticas, gostaria de deixar uma aposentadoria para ela. Ele fala da esposa com zelo, recorda-se dos seus problemas de saúde e preocupa-se com ela. Caso ele “partisse” antes dela, o cuidado e a responsabilidade com os filhos menores de 18 anos de idade passariam a ser exclusivamente dela.

Osmar reconhece o trabalho formal como a possibilidade de aposentadoria, daí sua grande preocupação com *trabalho fichado*. Como catador, ele vive na informalidade e não contribui para o INSS, o que implica a perda de direitos trabalhistas, que outrora ele tivera. Diante dessa problemática, Osmar exprime que suas condições de trabalho atuais lhe impõem uma condição de sofrimento ao negar-lhe a dignidade: “*não sou nada*”. Osmar entende que o homem da casa é que deve

prover a família e sente-se um “fracassado” ao não poder oferecer à esposa sua aposentaria, caso ele faltasse, e também por sequer conseguir acabar a casa construída por ele: seu maior sonho!

Enquanto Osmar está preocupado com suas condições de moradia, saúde, trabalho, o mundo capitalista vive dos excessos. Entretanto, os excessos do mercado consumidor mobiliam as casas dos catadores, ocupam o lugar do vidro da janela, decoram paredes, móveis, transformam-se em bens de consumo ou são revertidos em dinheiro destinado prioritariamente para necessidades básicas.

Quando perguntado se gostaria de ter um pouco mais de conforto em casa, disse:

*Não, não é o conforto, tá entendendo? Não é aquele conforto! Eu não sou disso, eu não mi acho digno disso aí, di conforto. Assim, eu digo assim óh: a casa normal, né, normal entendesse? (Uhum) **Que seja forrada, que teje repartição**, porque até agora eu não ganhei um tijolo di ninguém. Nada. Pra não dizê que eu não ganhe, eu ganhei esse aterro que quando eu vim morá aqui era um buraco. Ganhei esse aterro di uma mulher ali, qui até depois eles proibiro aí. Era entulho. A Prefeitura eu pedi uns caminhão di arião mi negaram, só prometeram, disseram que iam dar e não deram pra botá aqui. Isso aqui quando eu vim mora aqui, ti lembra? Isso aqui era um buracão. Fui obrigada a aterrá com entulho, desses qui saí di materiais di construção. Mais é proibido, daí proibiram, aí não trouxeram mais. Foi proibido. Então, quer dizer. Aí o meu sonho como eu tava falando era esse aí, né, perguntasse né, era tê um, assim uma casinha mais decente pra morar. **Todo mundo sonha, todo mundo tem esse sonho**. Carro, eu não mi interesso em carro, não mi interessa qui eu não sei nem dirigi í nem quero aprendê. Si algum dia alguém, assim fosse contemplado com algum carro, né, porque comprá eu não vou comprá. Eu já pegava ele na hora í: “Não quero nem vê esse carro”; eu já vendo na hora pra comprá as coisa di necessidade. Mais isso aí Deus qui sabe se vai ganhá algum dia. Mais, não. O meu sonho é esse mesmo! (Osmar)*

Ele quer ter a casa forrada, com repartições, com varanda, sala de visitas. Coisas simples, mas que ele jamais teve. Embora possa parecer um sonho modesto, a dura realidade que enfrenta não o permite realizá-lo. A casa é como seu ponto de referência na vida: seu porto seguro em mares “estremecidos”. É expressão de sua impotência para agir no enfrentamento dos problemas cotidianos e também um objetivo, já que visa concluí-la. Osmar vê a casa como expressão de uma condição humana de dignidade. Ao carro atribui o valor de supérfluo, mesmo que ganhasse um, venderia para comprar o “necessário”.

Em seu discurso é evidente que vê a Prefeitura como alheia a seu mundo, aquela que não o ajuda a ter condições de moradia decente. Osmar define a prefeitura como aqueles que prometem, mas não cumprem. Ao dizer que não ganhou um tijolo de ninguém, Osmar problematiza sua impotência em relação às suas condições de habitação, delegando ao Poder Público a tarefa de auxiliar as famílias de baixa renda. Por outro lado, ele se exime dessa responsabilidade, quando deixa os resíduos jogados no pátio, protela a separação do material e as andanças pela cidade à procura de MR.



Figura 30. Frente do terreno da casa de Osmar, com MR acumulados a céu aberto

Fonte: Osmar

Na Figura 30, o muro, o portão e a vista para as casas do outro lado da rua indicam que se trata da frente do terreno. Na imagem vemos

uma grande quantidade MR acumulado e espalhado sem critérios claros. A presença de alguns bergs contendo MR remete à ideia de uma separação que foi iniciada, contudo a maior parte dos materiais continua espalhada pelo terreno: mesclam-se garrafas pet, caixas de ovos, canos, madeira, latas de tinta vazias, entre outros. Osmar elenca como um dos motivos de querer deixar a catação o fato de o MR ocupar seu terreno e os vizinhos reclamarem. Mostra-se incomodado com a situação de ser criticado por vizinhos, mas a imagem revela que é o responsável junto com o filho mais velho pelo modo como dispõem o MR no terreno. Ele também culpa os compradores do MR, alegando que eles não deixam à sua disposição bergs suficientes para que organize os resíduos no terreno da sua casa. Mas Osmar revela, com seu modo de habitar, o mesmo descaso que diz que os vizinhos têm em relação ao seu trabalho, posto que, ao deixar os materiais espalhados pelo terreno, a relação que estabelece com o MR assume a conotação de lixo, uma vez que, embora reconheça que viva desses materiais, ele diversas vezes o “rejeita”. É catador porque não consegue trabalho como pedreiro, não porque goste ou queira.

Atribuo ao modo como ele deixa o MR no seu terreno um modo de dizer: “eu coletei lixo e os deixo assim, para que todos vejam minha condição humana”. Sente-se ora ser humano, ora lixo. Ele não só vive do MR, mistura-se a ele.

Na Figura 31, vemos parcialmente a casa de Zênia e Ximurruga, uma meia-água mista que foi doada pela igreja católica, com três repartições pequenas – dois quartos e uma cozinha. A casa tem uma parte pintada, a outra, não. Os tijolos sem reboco se encontram com as madeiras envelhecidas, e a pequena varanda está repleta de diversidade: o carrinho de bebê de uso doméstico com a criança dentro, uma cadeira para os familiares e visita ao lado do carrinho, uma toalha pendurada no varal, uma faixa com o símbolo do Flamengo onde está escrito: “Campeão Estadual”; um *rack* usado, onde o gato preto da família acomoda-se, poderá ser reaproveitado na composição da casa, assim como a fruteira de madeira e a espuma de colchão, um balcão branco com uma boneca escondida atrás dele e de uma caixa amarela, entre outros; os demais objetos, como o latão e as caixas de papelão, terão como destino a venda para reciclagem. Nesse pequeno espaço, um mundo se desdobra.

Sobre a casa, ela contou que não foi terminada porque o padre foi embora para a Argentina. A iniciativa do padre aparece aqui como uma ação isolada, e que por ele ter ido embora não teve continuidade. Zênia conta que as pessoas a ajudam na cidade, elas lhe doaram os móveis e os

eletrodomésticos que possui em casa. Ela esclarece que são objetos usados, mas que lhe servem. Por parte de Zênia, a espera de ajuda constituiu-se mais como resignação do que indignação.



Figura 31. Vista parcial da casa de Zênia e Ximurruga

Fonte: Zênia

Carvalho (1998) problematiza que a cultura do apadrinhamento está enraizada no cenário brasileiro, e que as relações intituladas de solidariedade ocorrem nos setores periféricos da cidade do seguinte modo:

A **solidariedade parental e conterrânea** é expressa cotidianamente através de empréstimos para pagar uma prestação, uma conta de luz ou água, para o táxi (por alguém da família que ficou doente e precisa ir ao hospital...) alguém que tome conta das crianças em uma emergência. Estas são situações a que todos estão sujeitos e a única forma de enfrentá-las é com a solidariedade. [...] Na sobrevivência cotidiana destas famílias observa-se outro fator importante: uma dependência estratégica da chamada **solidariedade apadrinhada**. [...] Este vínculo assegura um canal de doação de

roupas, remédios, eletrodomésticos... fundamental na composição do consumo das famílias em situação de pobreza. [...] A **solidariedade missionária** é um terceiro componente nesta difícil e precária sobrevivência das famílias empobrecidas. (1998, pp. 97-98)

O apadrinhamento passa a ser uma estratégia de enfrentamento da pobreza, mas também é uma relação de dependência que se perpetua. Apadrinhar é visto como atitude solidária, mas não engendra políticas públicas efetivas para a superação da pobreza. No que diz respeito às igrejas como espaços de convivência, vinculam-se ao cotidiano dessas pessoas como os que levam a esperança, inclusive assumem atividades assistenciais que, embora paliativas, respondem a situações emergenciais. Por outro lado, “É também contraditoriamente, muitas vezes, o amortecedor da revolta e indignação com a justiça. Por isso, em muitos casos, as obras da igreja criam uma cumplicidade com a pobreza, reproduzindo o ‘apartheid’ social que se assiste” (Carvalho, 1998, p. 98).

A casa de Zênia não tem acabamento e pintura, não tem banheiro e suas dimensões são reduzidas. “*Aqui em casa nós vivemô em seis. Tenho três repartição, né. A gente tá vivendo como pode aqui*”, diz Zênia. “Viver como pode” significa, apesar da precariedade, lutar pela vida, resistir, apesar de ser uma vida sofrida:

Nós semo em seis aqui dentro de casa, né, eu, a minha filha, meus netos, meus filho, a gente tem que pagá água, luz. Tem que trabalhá, né, com sol, chuva, vento. Óh! esse aí é o serviço da gente, a gente trabalha, tem que dar conta, né, do recado, né? Às vezes, já cortaram a luz um monti de vezes, a gente foi lá ligar de novo, é qui baixaram o preço de papelão, do plástico, tudo. [...] A gente tem que viver nessa, trabalhando. Às vezes um fíca doente o outro tem que trabalhar no lugar dele, né.

O terreno em que está a sua casa faz parte do terreno que era da sua mãe, falecida em 2010, e cuja casa de material está localizada ao lado da sua. Com a morte da mãe, essa casa passou a ter como proprietária a irmã de Zênia e sua família, que já habitavam ali antes do falecimento dessa senhora.

Do lado externo da casa de Zênia há a construção inacabada de um banheiro, que, apesar de precário, está destinado aos banhos e necessidades fisiológicas (Figura 32): “*Aí, essa é minha casa, meu banheiro é na rua, que eu não tenho dentro di casa! Deu um vendaval, derrubou tudo!*”, relata Zênia. Segunda sua filha, usam ali uma banheira de bebê com água quente para o banho ou usam o banheiro da casa da avó quando estão muito sujos do trabalho, pois a banheira não é adequada para a limpeza corporal nessas condições: “*Quando estou muito suja, vejo que só a banheira não vai dar, daí vou na casa da vó que tem chuveiro*”. O telhado do “banheiro” foi levado por um vento forte que aconteceu na cidade e “*ficou assim, falta dinheiro para arrumar*”, destacou Zênia. Embora tenha uma porta encostada na entrada dessa construção, ela não está colocada. Está ali para imprimir mais privacidade ao local. Também não tem janela, uma abertura na parte lateral espera por ela.



Figura 32. Lado externo da casa de Zênia – construção inacabada de um banheiro

Fonte: Zênia

Na imagem acima, vemos a pequena construção do “banheiro” inacabado. Próximo, mesclam-se “achados” de garrafas de vinho e de outras bebidas, suporte para engradado de bebidas com garrafas dentro, capacetes, uma cadeira quebrada e outros objetos. Tábuas de madeira aguardam para serem reutilizadas. Vemos na foto uma mangueira azul

estendida até a parte interna do “banheiro”, aparentemente improvisando as instalações hidráulicas.

Residir em uma casa sem banheiro é quase inimaginável para nós que vivemos longe dos elevados índices de pobreza, mas ainda é a realidade de tantos brasileiros. Zênia falou sobre sua precária condição de vida, com destaque para o banheiro, com um tom de voz de desapontamento, mas descreve-se contente por ter recebido a casa da igreja católica, apesar de seu inacabamento.

Na Figura 33, foto produzida por Zênia, vemos um cobertor estendido aos fundos da moradia, sobre um telhado, ao lado da estrebaria. Ali também está um tanque e caixas de papelão, entre outros materiais. Nota-se que pelo terreno da casa estão espalhados vários materiais obtidos durante a catação, tanto os que se transformam em utensílios domésticos como o MR destinado à comercialização. Pode-se observar que o “morar” está intimamente relacionado ao universo da catação.



Figura 33. Fundos da casa de Zênia, onde se vê o “morar” relacionado à atividade de catação

Fonte: Zênia

Na Figura 33, vemos o filho de Zênia mexendo nas caixas de papelão, supostamente à procura de algo: ao lado de muitas caixas de papelão, vemos tijolos acoplados de modo a darem sustentação à panela. Como diz Zênia: “Aqui é o meu filho, óh, quando falta gás a gente cozi-

nha na rua! Fogão a lenha na rua, feito no tijolo!”. Um pouco à frente, na lateral direita vemos um berg onde foram armazenados vários plásticos esperando para serem vendidos.



Figura 34. Filho de Zênia improvisando um fogão à lenha, devido à falta de gás
Fonte: Zênia

Na foto acima vemos que as condições são precárias e que junto ao *fogão de rua* encontra-se material reciclável, especialmente o papelão. A proximidade do fogo ao material inflamável faz dessa situação um enorme risco.

O filho de Zênia está posicionado junto ao *fogão à lenha de tijolos*, acrescentando madeira para fazer fogo. Esse é um recurso utilizado quando falta gás, e dinheiro para comprá-lo. Uma cena incomum em tempos tecnológicos digitais, mas real no cotidiano da população de baixa renda.

Zênia esclareceu-me que faz questão de mostrar as condições de pobreza em que vive, uma vez que faz parte do seu cotidiano e, no seu caso, esteve presente desde o dia em que “chegou ao mundo”. Ela nasceu no bairro e sempre ocupou esse terreno. Daquela época até hoje, o bairro recebeu muitas melhorias, e ainda assim Zênia continua vivendo na miséria.

Ao apresentar a foto do quarto (Figura 35), relata:



Figura 35. Vista do quarto de Zênia

Fonte: Zênia

*Aí ele nem sabia, tava dormindo [ela ri e ele também]. Bati essa foto no meu quarto. Aah! Aqui é o **pinico** que eu faço xixi porque não tem banheiro dentro de casa. Ah, o meu guarda-roupa é assim óh: é prateleira, bota as roupa, né? É onde a gente vive no quarto que é só nós dois, né? As prateleirinha, né? Não tem guarda-roupa decente, não tem nada, porque a gente não tem condições, né? Essa aí é nossa vida cotidiana. (Zênia)*

O que ela mais valoriza no quarto é o fato de ser exclusivo do casal. Além de referir-se à garantia da intimidade, com simplicidade ela descreve o que possui no quarto e também o que não tem. Zênia lamenta a ausência de um guarda-roupa. Como estratégia para “guardar” seus pertences, ela usa pregos na parede, um pedaço de madeira pregado ao lado da cama transforma-se numa prateleira, um varal quebrado acoplado a uma cadeira, próxima à janela, sustenta o peso das roupas do casal. No chão estão sandálias de dedo. Sobre as caixas encontram-se roupas e outros pertences do casal. O balde amarelo que assumiu a função de *pinico* tem grande importância, assegura-lhe a possibilidade de fazer *xixi* dentro de casa, “compensando” a ausência do banheiro. A cortina e

uma árvore de Natal enfeitada decoram o quarto. Diversas cores vemos no cenário da cama e à direita vemos uma cadeira branca.

Após a morte do marido, Zênia contou-me que as fotos que ela realizou nessa pesquisa são as únicas que possui dele.

Quando conheci Terezinha, em 1999³⁸, ainda na graduação, ela morava em uma casa com condições de moradia mais precárias que a que vive atualmente. O terreno era baixo, e com as chuvas intensas ela teve perda total. Com o desabamento da casa anterior, ela mudou-se para outro terreno no bairro Anita Garibaldi, em melhores condições; foi ajudada por vizinhos e ganhou do Canal 19³⁹ outra casa.



Figura 36. Vista da casa de Terezinha

Fonte: Terezinha

“A casa tem duas peça e o banheiro é na rua” (Terezinha).

A residência tem dois cômodos, um quarto e uma cozinha. Uma pequena escada dá acesso à casa, cuja madeira com aparência de nova contrasta com o envelhecimento da casa. No lado direito da escada encontram-se duas cadeiras. A casa possui apenas uma porta e uma janela sem vidros, recebendo pouca claridade externa e pouca ventilação. No

³⁸ Ver Barboza (2000).

³⁹ Emissora de TV com sede na cidade de Criciúma. Transmite para sua região de cobertura a programação da rede NGT, cuja sede é em São Paulo, além de programação local.

terreno, encostadas na casa, vemos vassouras. Nos varais, as roupas estão estendidas. Entre a janela e a porta vemos, na parede, uma corda amarrada com um grampo de roupas pendurado. Alguns objetos estão apoiados na janela que possui uma cortina. Abaixo da janela uma tábua retangular de boa aparência, parece ser uma porta. Uma tábua larga é utilizada como recurso para levantar o varal, impedindo que as peças grandes estendidas ao sol arrastem-se no chão.

Apenas nos últimos anos, Terezinha passou a ter energia elétrica em casa; antes usavam velas para não passar a noite inteira no escuro. Evidentemente, o acesso à energia melhorou a qualidade de vida da família. O filho pode ouvir música em um aparelho de som usado que encontrou pelas ruas. Podem assistir TV, mas, ainda assim, as condições precárias continuam. Faltam alimentos e gás inúmeras vezes.

Terezinha também registrou seu banheiro improvisado, anexo à casa.



Figura 37. Vista do banheiro improvisado, na casa de Terezinha

Fonte: Terezinha

Como é possível ver na Figura 37, o “banheiro de rua” da casa de Terezinha tem a abertura coberta por um pano, e o telhado é feito de plástico. No lado esquerdo, o pano está amarrado e, do outro, encontra-se a entrada. Na parede da casa vemos uma mangueira e uma sacola azul

penduradas, porém a mangueira não está coligada a nenhum encanamento de água. Vemos ainda parcialmente um balde branco. Uma cadeira branca quebrada está do lado esquerdo do seu *banheiro de rua*, e a seu lado uma pequena plantação de aipim, supostamente.

Sobre a foto, ela comenta:

É que eu não tenho banheiro, o banheiro fica lá atrás. Meu banheiro é feito só assim, de tábuas. É banheiro de rua. [...] Quando chove, eu tenho que ir na rua. Dentro de casa para gente se lavar tem que buscar água lá na rua. Não tem chuveiro, nem pia, nem nada. Torneira não tem. Pra se lavar é na bacia, a água vou buscar com esse balde aqui. Esse aí é o balde que eu vou na rua buscar a água. [...] Fui obrigada a botar uma cortina na frente, um plástico por cima. Botei um pano na frente e o plástico para tampar. Aqui é a parede do banheiro. Fui obrigada fazer porque eu não tenho banheiro, não tenho nada, não tem nem o banheiro, o banheiro nosso é na rua. Não tenho nem um banheiro dentro de casa. (Terezinha)

Ao referir-se que sequer possui banheiro em casa, Terezinha diz não ter nada. Dentro desse contexto, as condições de higiene são prejudicadas, seus banhos são restritos à bacia e acontecem dentro de casa.

Na construção do banheiro apropriou-se de objetos encontrados na catação para fazer o “teto” e a “porta”.

A condição de moradia de Maria Denis difere da dos demais CMR com quem pesquisei, como é possível ver na Figura 38.

Maria Denis reconhece essa condição diferente: “*Tu que anda por aí e conhece várias casas de catador, debes ter notado que a minha não parece de catador*” (Maria Denis).

Localizada no bairro São Luiz, a casa de Maria Denis tem boa aparência e está em ótima condição de moradia. Foi sonhada, planejada e concluída. É pintada nas cores verde e branca. Tem água encanada e energia elétrica. É composta por dois quartos, sala de visitas, cozinha e banheiro, além de uma pequena área. Tem muro sem reboco e portão de madeira marrom. As prestações foram quitadas em 2009. No meio da foto, vemos Maria Denis e seu carrinho lotado. A casa ocupa metade da imagem e o telhado não aparece completamente. Vemos ainda a grama

maltratada pelo trajeto cotidiano de Maria Denis chegando com seu carrinho.



Figura 38. Vista da fachada da casa de Maria Denis

Fonte: Filha de Maria Denis



Figura 39. Vista interna da casa de Terezinha

Fonte: Terezinha

Ao contrário das boas condições da casa de Maria Denis, Terezinha vive em condições precárias. Essa foto aponta para essa situação: “*Aqui chove tudo dentro*” (Terezinha).

Terezinha registrou seu telhado (Figura 39). Preocupa-se com sua condição, posto que tem chovido dentro de casa nos últimos tempos. Com essa imagem, ela quer levar a público a situação em que se encontra. Entre as vigas de sustentação do telhado de telhas de fibrocimento, tipo Eternit, vemos os fios da instalação elétrica dispostos, conquista recente. É possível observar na foto que a janela da cozinha foi encoberta por um plástico e sobre ele encontram-se utensílios de cozinha dispostos através de pregos que servem como suporte para pendurá-los. No lado direito, vemos alguns objetos de plástico sobre algum suporte.

Os fios da energia elétrica estão expostos de modo desordenado e sem nenhuma forração. As cores da parede, assim como a cobertura de telhas, mostram que nesse cenário contam com a arte da improvisação. Na parte superior da foto (Figura 39), vemos o telhado em péssimas condições.



Figura 40. Vista da parte interna da casa de Zênia

Fonte: Zênia

Enquanto Terezinha na foto anterior mostra que lhe faltam telhas, Zênia apresenta sua cozinha equipada com os objetos que encontrou na catação e através de doações. Na Figura 40, vemos que a mesa tem quatro cadeiras, todas pintadas de branco. No centro da mesa, uma fruteira a ornamenta. Sobre uma das cadeiras, à esquerda da imagem, um par de tênis compõe esse cenário. Sobre o armário, diversos utensílios. O fogão possui um bujão atrelado. Na pia, cor azul, apenas alguns objetos de uso diário empilhados à esquerda. No cenário, vemos parcialmente a geladeira branca. A parede é decorada com algumas imagens. Ainda vemos no chão um cachorro. Pela cozinha, registrada na foto (Figura 40), Zênia demonstra um grande afeto: ali tem muitos objetos que encontrou pela cidade na atividade de catação. Ao falar da casa assim a descreve:

É onde a gente vive. As coisinha que eu tenho aqui foi tudo ganhada, as pessoa me ajudam, né, catando papelão. A pia eu ganhei, o fogão eu ganhei. [...] E as coisinha lá em cima lá óh, do armário fui eu que ganhei também dos pessoal, a mesa, as cadeira, tudo que teu tenho é tudo ganhado, a geladeira. Coisinha velha, mas me serve, né? (Zênia)

Zênia valoriza cada objeto que possui. Não se importa com o fato de serem usados, o que interessa é a utilidade deles para sua vida doméstica.

Diferente dos demais, Titi não produziu imagens internas da sua casa, e na sua narrativa fotográfica não dá ênfase a sua moradia. Mas cabe registrar que isso se presenfica quando, em visita à sua casa para falar das fotos, convida-me a conhecer esse ambiente. Na *meia aguinha* de Titi, grande parte dos objetos que possui foi encontrada durante sua atividade de catação, outros, doados, como acontece com os demais sujeitos envolvidos nessa atividade de catação. Em visita, ela apresentou-me os objetos encontrados durante a catação que passaram a fazer parte do seu cotidiano, entre eles: uma bateadeira, um liquidificador, pote de vidro para guardar alimentos, um bidê que assumiu a função de um armário na sua cozinha, o fogão, televisão preto e branco, um abajur, televisão em cores, aparelho de som, enfeites que usa no quarto, quadro de parede. Para ela, o que importa é que funcionem, o acabamento e o designer dos aparelhos não importam.

A casa foi construída por um amigo (ver Figura 51, adiante). É uma meia-água de apenas um cômodo, dividido por um guarda-roupa em duas partes: o lugar em que dormem e a cozinha. O guarda-roupa, que foi doado por sua mãe, assume duas funções: parede e lugar para guardar objetos pessoais. Como tem cinco filhos, Titi dorme no chão da cozinha, mas, quando uma das crianças adocece, as demais se revezam com ela, para que ela possa dar atenção especial a quem está doente. No quarto, há um beliche e uma cama de solteiro.

5.3 DAS LIXEIRAS E RUAS À CASA: RESSIGNIFICANDO O MR

Homens diversos podem ser afetados de diversas maneiras por um só objeto, e um só homem pode ser afetado por um mesmo objeto de diversas maneiras e em diversos tempos. (Espinoza, 2005, p. 246)

No percurso das lixeiras e ruas até a volta para casa, os objetos que os catadores apropriam-se extrapolam a esfera do MR que irão vender, compõem a estética dos lugares que habitam. Em parte, tais objetos, principalmente os móveis e eletrodomésticos, são doações de terceiros que os chamam ao verem passar pelas ruas da cidade. Também é comum encontrá-los em terrenos baldios, onde foram largados por seus

antigos proprietários. A maioria dos objetos encontram nas lixeiras e são reaproveitados de diferentes modos, dependendo da relação estética que o catador tece com ele.



Figura 41. Vista interna parcial da cozinha da casa de Terezinha

Fonte: Terezinha

Na Figura 41, foto produzida por Terezinha, vemos canecas de diferentes cores e formatos, em parte doadas pela escola que frequentava seu filho, e, em outra, encontradas por Terezinha e seu marido durante a catação. Como vemos, decoram a cozinha dispostas em uma das paredes. A quantidade que possui está muito além da necessidade de sua família, mas o que mais impressiona é seu arranjo estético. As canecas estão dispostas na parte superior da parede, que, embora seja pequena, sempre tem espaço para mais uma. À primeira vista, parece colecionar as canecas, contudo elas ocupam tanto função decorativa como utilitária. Ela usa as canecas no dia a dia. Nessa mesma parede, vemos uma tábua de carne e uma peneira de chá penduradas entre as canecas. Porém, são as canecas que se aglomeram. A falta de armários e de espaço levou Terezinha a construir uma alternativa: dispôs as canecas pregadas à parede. Ela explica que é devido à falta de espaço, mas, quando olhamos, percebemos que a disposição delas assume um caráter decorativo. Poderia ainda ser cunhada como uma instalação de canecas. Por outro lado, Terezinha explica que tem dificuldades com essa exposição das

canecas, pois precisa lavá-las várias vezes devido à poeira que ali se acumula.

Ainda na Figura 41, vemos sobre o teto outra lógica de decoração mais voltada para as festividades do Natal. Na geladeira, há diversos calendários anexados com metal e outro maior sobre o eletrodoméstico. Um pequeno varal está entre um canto da mesa e a parede. Na mesa, estão dispostas apenas duas cadeiras, uma delas corroída pelo tempo, e uma toalha branca de plástico trabalhada com detalhes de flores. Outros objetos de uso cotidiano encontram-se sobre a mesa e em prateleiras.



Figura 42. Vista parcial interna da entrada da casa de Terezinha

Fonte: Terezinha

Na Figura 42, a porta da casa está entreaberta, e por essa fresta é possível ver a natureza. Vemos um armário, mas quase no centro da imagem as vassouras são destacadas. Elas encontram-se amarradas ao teto. É curioso que, além das canecas, ela acumula vassouras. Seria uma colecionadora? Benjamim (2007) fala sobre o colecionador, na relação estética com as coisas:

Elas vão de encontro a ele. Como eles as perseguem e as encontram. [...] o colecionador consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê, mas enxerga diferentes coisas do

que o olhar do proprietário profano, e o qual deveria ser melhor comparado ao olhar de um grande fisiognomista. [...] para o colecionador, o mundo está presente em cada um de seus objetos e, ademais, de modo organizado. Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. Este arranjo está para o ordenamento e à esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem num dicionário está para uma ordem natural. (pp. 240-241)

De fato, os arranjos estéticos de Terezinha surpreendem, mas, diferente de um colecionador, ela não está preocupada com a história desses objetos, seus detalhes, mas eles se configuram, assim como para o colecionador, como “mágica” à medida que dialogam entre si em sua composição estética. Esses objetos, em menor quantidade e dispostos de modo aglomerado, assumiram dimensão afetiva e estética em sua vida. Como um colecionador, ela os acolhe e os deixa adentrarem sua vida de modo íntimo.

A função da vassoura é retirar os resíduos que se acumulam nos mais diferentes lugares, da mesma forma como Terezinha retira os restos da sociedade de consumo e os transporta para sua casa. Enquanto a vassoura limpa sua casa e o terreno, o trabalho de Tereza é limpar a cidade.

Na Figura 43, contemplamos a outra peça de sua casa, o quarto do casal, que é dividido com o filho. Na parte inferior da foto, vemos parcialmente as camas: do lado direito a do casal, e do lado esquerdo a de seu filho. Terezinha disse que gostaria que seu filho tivesse seu próprio quarto.

Nessa instância se mesclam os objetos pessoais do filho de Terezinha e os de uso dela e de seu marido, assim como objetos que usam em comum, como o guarda-roupa e a pequena TV (não vislumbrada na foto). As paredes, os objetos dispostos seguem a mesma lógica estética adotada por ela na cozinha: o uso dos pregos. Consiste em uma estratégia para melhor apropriação do espaço, mas é onde se colocam em evidência objetos pessoais e decorativos da família.

Na parede sobre a cama de Terezinha vemos um rosário de madeira pregado, simbolizando sua fé em Deus. Ali também se encontram um ursinho de pelúcia, uma bolsa, entre outros objetos. Na parede sobre

a cama do jovem estão três bonés, e outro mais próximo à cama do casal. A posição indica que foi delimitado quais e a quem pertencem.



Figura 43. Vista parcial do quarto da casa de Terezinha

Fonte: Terezinha

Sobre o guarda-roupa, em uma caixa, vemos parcialmente um ventilador. Vemos também o guidom de uma bicicleta pendurada no barrote do teto. Pendurado no teto, do lado esquerdo, há um coração vermelho, e próximo a ele, também amarrado à viga, vemos outro urso. A apreciação por objetos de pelúcia também é notada pela presença de um cachorro e outro urso de pelúcia, próximos aos aparelhos de som. Na frente do cômodo em que estão os aparelhos de som, há um palhaço pendurado.

Os bonés utilizados por eles na catação são de uso constante do adolescente, já Terezinha e Antônio usam-nos com especial interesse para protegerem-se do sol. Os bonés estão entre os objetos que encontram nas lixeiras e assumem, para Terezinha, caráter utilitário.

O cenário indica ainda o interesse em ouvir música, constatado pelos dois aparelhos de som que possuem, um disposto sobre o outro.

Aspecto a ser também destacado são os panos que, atrelados ao teto, servem como um “guarda-chuva” para os dias chuvosos.



Figura 44. Vista parcial do interior da casa de Zênia

Fonte: Zênia

Na Figura 44, entre uma abertura sem porta de um quarto e um guarda-roupa branco com alguns adesivos colados, vemos na parte central da foto objetos que dão a ideia de um altar: na parte superior e central dessa imagem aparece o quadro de uma santa, Nossa Senhora de Fátima, e, acoplado a ele, um crucifixo; há também uma imagem de Jesus Cristo, logo abaixo do quadro da santa; um cartão com um anjo está situado abaixo do crucifixo, e ainda veem-se flores, que tanto podem ter sido guardadas como recordação de alguém querido que a presenteou como podem ter sido um achado, com o qual ela própria presenteou-se para adornar a sua casa. Embora muitos objetos componham a parte central da imagem, é a santa que está em destaque. Na parte inferior, situa-se um caixote de madeira coberto por um pano bordô e detalhes na cor preta na sua abertura. Dentro dele, alguns objetos coloridos e não identificados na imagem estão guardados. Sobre ele há um porta-joias de madeira e outro de lata na cor azul. À esquerda, vemos um frasco de material de limpeza da casa, e à direita, produtos de higiene corporal, como shampoo, talco e sabonete. Entre eles, uma escova de cabelo. Ao lado do “altar” há uma bolsa plástica branca pendurada. Nessa imagem, a relação estética de Zênia com os objetos encontrados por ela assumem um papel significativo entretecido à sua vida. Falam, ao mesmo tempo, tanto da sua fé como dos cuidados que dedica ao seu corpo e aparência.

5.4 AFETOS

A categoria afetividade desdobra-se do processo de afetar. Nas diversas relações cotidianas, os afetos estão presentes. O modo como afetamos as pessoas podem aumentar ou diminuir a potência de ação no mundo; depende de como essa trama de relações é tecida e da produção de sentidos dos sujeitos.

Embora a afetividade perpassasse os mais diversos contextos em que se inscrevem os sujeitos dessa investigação, elenquei-a como categoria de análise por entender que essa temática merece um lugar de destaque nesta pesquisa. Sawaia (1999) traz à tona a discussão de que a afetividade tem sido uma categoria negada em grande parte das produções acadêmicas que abordam o tema da pobreza. Evidentemente, mesmo com poucos recursos para viverem, a população de baixa renda tece seus vínculos afetivos. Tristezas, alegrias, medo, sentimento de desqualificação social, entre tantos outros, são gestados na trama de relações sociais que vivenciam.

Crianças, adultos, familiares e vizinhos são pessoas significativas para os CMR que participaram da pesquisa. Na relação com vizinhos, laços de “solidariedade”. Os familiares configuram os vínculos mais estreitos. Nas fotos de todos os catadores participantes desta pesquisa, seus familiares são registrados. Em família, dividem os poucos recursos que possuem; não há espaço para o abandono, ao contrário, os filhos e netos acentuam o sentido de suas vidas.

Na Figura 45, o ambiente está escuro, é noite. Apesar de ser uma foto noturna, é possível observar que existem objetos espalhados pelo pátio, entre eles vemos uma geladeira. Pela janela aberta constatamos que há luz acesa dentro de casa e na parte externa da casa; o que é enfatizado na imagem é o filho mais velho de Osmar. Ele olha em direção à câmera e posa para o registro de seu pai. Segura uma garrafa plástica na mão e um sacola amarela. Esse é o filho que o ajuda no trabalho de catção, e está próximo aos materiais coletados por eles no pátio. O filho aprendeu com o pai a atividade de catar MR. Osmar reclama que o filho não cata tão bem quanto ele, alega que traz muitos objetos que não são reaproveitados por eles, enquanto Osmar faz uma seleção prévia, mais criteriosa, durante esse processo. Ele questiona o trabalho do filho como catador, não nos apresenta o jovem nessa atividade, mas na condição de seu filho, do qual se orgulha, mesmo questionando o modo como trabalha. Essa imagem é mais que um mero registro, há uma relação afetiva com o filho. Aliás, a família está presente em quase todas as suas fotos.



Figura 45. Filho mais velho de Osmar nas imediações da casa

Fonte: Osmar

Na Figura 46, entre as paredes brancas com pintura desbotada e sem reboco, vemos a porta da entrada da casa de Osmar, da qual seus filhos menores emergem. O menino, com o corpo inclinado para fora, está sorrindo, e é segurado pela irmã, que também sorri. A relação estética deles com o ato fotográfico do pai gerou alegria, notada em seus rostos e expressão corporal. A escolha de fotografá-los, em contrapartida, fala do sentimento que o pai tem pelas crianças e da valorização da família como centro da sua vida.

No cenário da Figura 47, as paredes não são pintadas. Uma panela repousa sobre uma cadeira. Um carrinho de mão com alguns fios dentro e uma caixa de madeira para uso de preparação de massa de cimento, a qual está encoberta por resíduos desse material. No lado direito vemos um latão preto com listras verde-abacate. Do lado da porta, atrás de Salete, esposa de Osmar, vemos portas de madeira encostadas à parede. Osmar está apresentando as paredes que estão sendo revestidas com cimento.



Figura 46. Filhos menores de Osmar

Fonte: Osmar



Figura 47. Imagem de parte da casa de Osmar que está recebendo cimento nas paredes

Fonte: Osmar

Diversos panos esperam pelo trabalho de costura manual que está sendo empreendida pela esposa de Osmar. O trabalho que realiza é no espaço privado, enquanto a catação, atividade realizada no espaço público, está sob a responsabilidade de Osmar e do filho mais velho. É possível notar que Osmar fez a foto da cama, enquanto descansava. A foto inclui sua presença através de parte de um dos pés que aparece.



Figura 48. Imagem do filho de Titi, junto ao MR depositado em seu terreno

Fonte: Filha de Titi

Na Figura 48, vemos o carrinho de trabalho levantado, ainda com materiais dentro dele. Titi continua a separação, mas quem faz pose é seu filho. Ele está em pé, do lado direito do carrinho, e se posiciona, quase “abraçando-o”. Como os demais irmãos, ele conhece bem esse cenário. Nessa narrativa, ele está próximo à mãe, e intimamente relacionado ao trabalho dela. Nesse momento, Titi tem em mãos um brinquedo que encontrou nesse dia na atividade de catação.

Na Figura 49, o filho de Titi segura um brinquedo, encontrada por Titi (ver Figura 48), e olha para a câmera. Na imagem, ele ocupa uma posição central. No cenário, ainda observamos bergs com material reciclável. Um está cheio e fechado com um nó. Os demais ainda serão preenchidos. Titi está virada em direção ao saco azul, agachada, quase “escondida”, não deseja protagonizar a cena. É possível ver, à esquerda, um cobertor estendido no varal, e o muro, que estabelece os limites das propriedades, bem como nota-se na imagem que as casas ao redor foram

construídas muito próximas umas das outras. Titi está abaixada trabalhando, o carrinho aparece parcialmente à direita e está quase vazio. Nessa foto, o filho de Titi posa com um brinquedo que ela trouxe nesse dia de trabalho para casa. Ao fundo, os bergs mostram o trabalho quase finalizado, ela continua trabalhando. Sua filha Valentina, registra o irmão, incluindo a mãe. Em mãos, o garoto tem o brinquedo conquistado pela mãe em suas andanças. Nesse caso, o foco não está no trabalho de Titi, mas na criança. Ela solicitou à filha que fotografasse essa cena.



Figura 49. Imagem do filho de Titi segurando um brinquedo encontrado na catação
 Fonte: Filha de Titi

Na Figura 50, Maria Denis está na cama, abraçando seu neto, na casa de sua filha. Seu olhar e sorriso estão radiantes, exprime alegria diante da câmera fotográfica, por meio da qual sua filha registra esse momento entre avó e neto. Já a criança não dá atenção à câmera fotográfica; seu olhar está voltado para a caixa de onde foi retirado o filme que o registra.

Maria Denis e seu neto estão no centro da imagem. A cena destaca a relação afetiva de Maria Denis com a criança. Em um bidê, ao lado da cama, vemos alguns objetos de uso pessoal, entre eles: uma cesta vermelha, uma boneca, uma sacola plástica contendo outros objetos e um papel. Atrás da cama, ocupando a maior parte da parede, há uma cortina branca. Do lado esquerdo da imagem, vemos que outra pessoa está na cama de casal, o que podemos evidenciar pelos dedos que aparecem parcialmente.



Figura 50. Maria Denis com seu neto, na casa de sua filha

Fonte: Filha de Maria Denis



Figura 51. Seu Chico, amigo, responsável pela construção da casa de Titi

Fonte: Titi

“*Esse é o seu Chico, foi ele quem fez minha meia-aguinha*” (Titi)

Na Figura 51, entre os buracos da rua de chão, quatro crianças transitam. A rua ocupa metade da imagem, e esta é a rua em que Titi mora. Pelo ângulo escolhido por Titi para fotografar, vemos que ela destaca intencionalmente seu amigo, a quem chama carinhosamente de *seu Chico*. A casa que aparece parcialmente não é a sua, mas ocupa o mesmo terreno. O senhor grisalho aparece sorrindo, apoiado no muro em frente a uma das casas do terreno em que mora Titi. Ela esclarece que ele foi muito importante na sua história e na de sua família, afinal, a meia-água em que ela vive com os cinco filhos foi ele quem fez. Ela diz que ele não cobrou nada. Isso foi visto por Titi com um ato de grande generosidade. Um lugar para ficar com os filhos, os maiores afetos de Titi. A *meia-aguinha* não tem divisões e nem banheiro.

Seu Chico mora nas proximidades da casa de Titi, em outro bairro, e sua casa é um dos seus postos de coleta. Ele tem melhores condições econômicas que ela, e solidarizou-se com sua luta para criar os cinco filhos, todos menores de idade, com a atividade de catação.



Figura 52. Casa da irmã de Zênia (sua vizinha), com a família

Fonte: Zênia

Na Figura 52, o cenário é a casa da irmã de Zênia (sua vizinha), que usa um vestido preto e está em pé ao lado de sua filha “Luciana”, à

direita da foto. A irmã de Zênia olha para a amiga da família, que está sentada com o filho de Luciana no colo (bebê) e o irmão do bebê ao lado (ambos netos de Zênia) e para seus sobrinhos. Luciana sorri e seu olhar está voltado para a mãe: Zênia, a fotógrafa de ocasião. No período pós-parto de Luciana, essa amiga trouxe alimentos e deu atenção à família, contou-me Zênia. Assim, tornou-se uma pessoa especial para ela, merecendo o seu registro fotográfico. A senhora segura o neto mais novo de Zênia no colo, e seu outro neto, ao lado e em pé, sorri enquanto leva uma bolacha à boca. Os três olham em direção à fotógrafa Zênia. O bebê arregala os olhos. A embalagem da máquina Kodak que forneci está sobre a mesa, fazendo parte desse cenário.



Figura 53. Filha de Zênia e seu bebê

Fonte: Zênia

Paredes e cortinas brancas se mesclam na imagem. A cena central é a filha de Zênia, que sorri de modo exuberante ao lado do seu bebê que dorme. Eles dividem a cama e o cobertor. Ela segura um pano de boca do bebê em suas mãos, enquanto o bebê dorme tranquilamente com a chupeta na boca. Na cama, vemos um brinquedo próximo à cabeceira. A mãe, ao lado do neném, está feliz nesse encontro estético em que sua mãe (Zênia) a fotografa. A foto exprime afetividade e o que a família representa para eles: admiração, respeito, vida compartilhada.



Figura 54. Zênia com sua mãe e neto

Fonte: Luciana (filha de Zênia)

“Foto é uma lembrança que a gente guarda para o resto da vida”
(Zênia).

A Figura 54 exprime outra imagem em família! No sofá, vemos Zênia, sua mãe, e entre elas (no centro), o seu neto. Todos olham para a sua filha, Luciana, que as fotografa. A imagem mostra um encontro entre diferentes gerações da mesma família: a bisavó (mãe de Zênia), o bisneto e Zênia (avó do bebê), e a filha, autora da foto.



Figura 55. Antônio, marido de Terezinha, dormindo na cama

Fonte: Terezinha

No quarto, deitado na cama sob uma colcha vermelha, Antônio parece estar dormindo. Através dessa foto, notei, pela primeira vez, que falta a ele um pedaço do dedo mindinho. Terezinha revela, com essa imagem, o sentimento de afeto por seu marido. Ela descreve a imagem:

Essa aqui é quando ele tava doente. Ele ficou doente, fui obrigada a levá no hospital, tudo, para ele tomá soro, tudo, ele atacô tudo a ursa [úlceras], começou a vomitá e não parava mais. [...] A dor de cabeça dele forte chegou a dá febre e tudo. Meu menino anda doente direto também. [...] Pior quando a gente vem embora ataca a dor de cabeça nele direto não dá nem di trabalhá mais. [...] Quando nós viemo em casa tem que descansá pra depois í trabalhá di novo. Quando ele chega em casa tem que tomá o comprimido. Dói tudo a cabeça na estrada. Tem que descansá um pouquinho porque não dá. Depois eu tenho pouca comida, tem que andá pedindo comida por aí. (Terezinha)

Ao falar do adoecimento do marido, ela aponta o sentimento de insegurança que a redução da jornada de catação provoca, pois até a

comida falta. As jornadas tornam-se intercaladas quando o corpo exaurido anuncia não poder mais seguir em frente.

As imagens apresentadas neste capítulo falam das relações estéticas que constituem as vidas dos CMR na cidade, suas relações com os objetos que encontram e recolhem, com as pessoas que estão entretidas nas tramas de suas vidas. A catação é o trabalho, é a esperança de, através dela, alimentarem-se, protegerem suas famílias, encontrarem objetos para sua casa. Por outro lado, a catação também é marcada pelo sofrimento, pelo adoecimento causado por um trabalho insalubre, marcado por longas jornadas, sustentando o peso dos carrinhos. A alimentação é escassa, fragilizando ainda mais a saúde desses trabalhadores. Contudo, eles resistem, deixam suas marcas na cidade. Cumprem o papel de agentes ambientais, limpam a cidade e cooperaram com a reciclagem. Não contam com apoio do Poder Público, realizam seu trabalho como trabalhadores informais e autônomos pelas ruas da cidade; enfrentam os medos, as injustiças sociais, a precariedade de suas moradias e reafirmam sua condição de catadores. Mesmo encontrando tantas dificuldades, eles sonham que as pessoas e o Poder Público um dia sensibilizem-se e os acolham na cidade, assim como eles acolhem a cidade e cooperam efetivamente como desbravadores do mundo da reciclagem e catadores de vida.

A constituição do sujeito e das cidades está intimamente relacionada:

As cidades são os homens e a espacialidade encontrada pelas sociedades no mundo da dimensão urbana. As dificuldades de compreensão da cidade, da sua natureza e dos seus dramas são do mesmo caráter das que se referem ao próprio homem. O mesmo pode ser dito sobre as realizações futuras da cidade, que são as dos homens. (Hissa & Melo, 2008, pp. 295-296)

Portanto, é preciso compreender a complexidade da cidade e dos sujeitos que a habitam, seus tramas e dramas, seus encantos e desencantos, para que possamos assumir a corresponsabilidade de habitá-la com ética e compromisso social e ambiental.

A seguir apresento nossas caminhadas nas cidades que percorremos.

6 ANDANÇAS NA CIDADE

A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar. (Calvino, 2008, p. 21)

Andando pelas ruas de Roma, nos meus primeiros dias na cidade, permiti-me perder-me. Apesar de reconhecer-me como não sendo “brava” em geografia física, meu jeito comunicativo e o conhecimento da língua italiana possibilitaram-me andar sem mapas, desvelando os lugares. Nas ruas estreitas, foi fácil concluir que, para conhecer mais a cidade romana, é melhor andar a pé. Tais caminhadas foram realizadas por mim inúmeras vezes, e confesso não me cansar de rever até mesmo os lugares que já estivera outrora.

Busquei observar em detalhes cada monumento, os romanos, os imigrantes, o movimento intenso dos turistas. Nesse movimento, empenhei-me para apropriar-me melhor do idioma e, de modo geral, da cultura romana e italiana. Cada dia lá foi como mergulhar em uma pesquisa etnográfica sobre aquela cidade. A descoberta de novos vocábulos, de hábitos locais, como, por exemplo, o tradicional café que os romanos tomam em pé em cafés e bares da cidade, enquanto os turistas, na grande maioria, exaustos de suas caminhadas, preferem beber acomodados em mesas com o intuito de também descansar.

Roma é uma metrópole diferenciada, lembra uma cidade provinciana, com sua arquitetura antiga e hábitos que, apesar do tempo, os romanos buscam preservar. Pessoas de diversas partes do planeta encontram-se em Roma de passagem, e a veem sob a ótica dos turistas. Aqueles que a habitam conhecem seus encantos, mas também seus desencantos. Ao mesmo tempo em que fiquei encantada com a beleza e a história da cidade, também pude ver os problemas sob a ótica do olhar estrangeiro e daquele que, a partir de sua condição exterior, dialoga com os romanos visando compreender os modos de habitar Roma. Vislumbrei o trânsito caótico, a redução significativa de investimentos na área da educação, a crise econômica que vem afetando o país e a Europa, acentuando as taxas de desemprego, entre outros aspectos, bem como observei como eles veem os imigrantes que ali se instalam. A imigração na Itália é vista às avessas do modo como o Brasil vislumbra e acolhe os imigrantes.

Meu tutor estrangeiro disse-me que estava perplexo com os rumos que o país vinha tomando, definido por ele como decadente. Eu

refleti sobre o Brasil, historicamente marcado pela exploração de países estrangeiros, mas que vem despontando como país emergente. Confesso que, apesar dos encantos da Itália, ao habitar terras estrangeiras, meu sentimento de brasilidade ficou mais aguçado. Como descendente de europeus, diversas vezes fui confundida na Itália como europeia, mas logo afirmava com orgulho: “*Io sono Brasiliana*”.

Todo esse movimento aguçou meu olhar sobre a própria cidade em que eu cresci e que, observada em detalhes, toma outra dimensão. Sobretudo, caminhar com os catadores possibilitou-me, em Criciúma, encontrar outras cidades. Os ângulos e os lugares que escolhem para percorrer mostram o que a maioria não vê no cotidiano da urbe.

Em minhas andanças com eles, os principais temas⁴⁰ que emergiram foram: trânsito (dificuldades e conflitos); meio ambiente (descarte inadequado dos resíduos urbanos), catação (coleta e seleção do MR), relação com os consumidores e os comerciantes (cooperação e até mesmo ausência dessas relações), e riscos à saúde (principalmente devido à não utilização de luvas). A seguir, relato minhas andanças com eles.

O prazer de caminhar com Maria Denis: “A rainha da sucata”

Maria Denis nasceu em Criciúma, em uma família de baixa renda. Muito pequena, conheceu os problemas de viver nos extremos da pobreza. Já passou fome, adoeceu gravemente quando criança, mas foi superando cada problema do seu cotidiano. Com mais de quarenta e cinco anos habitando Criciúma, Maria Denis disse que só soube como era a cidade caminhando como catadora. Foi assim que encontrou lugares inusitados, conheceu os problemas mais a fundo e passou a ter um olhar mais sensível e crítico sobre a sua cidade.

A cidade da infância de Maria Denis foi desdobrada em outras cidades à medida que ela passou a conhecê-la em suas múltiplas dimensões. Isso nos permite refletir que a cidade imaginada por nós é uma entre tantas outras que ali se inscrevem. Cada um (re)conhece a cidade conforme a desvela, e isso ocorre a partir de suas condições históricas e culturais.

⁴⁰ Para construção dos temas, foram revisitados os vídeos produzidos nas andanças pela cidade e os diários de campo. No Apêndice 2 encontra-se o tratamento das informações registradas com a videocâmera. Cabe lembrar que, no caso de Osmar e Zênia, as tabelas pautam-se nos diários de campo, uma vez que eles optaram por não serem filmados.

Maria Denis caminha no centro da cidade puxando seu carrinho com muita velocidade, facilmente localiza as lixeiras públicas, bem como de estabelecimentos comerciais e condomínios. No primeiro dia que caminhei com Maria Denis, vi que as pessoas nos observavam porque eu estava usando uma videocâmera, mas não presenciei diálogo entre ela e os demais transeuntes. No segundo dia, o processo também se deu dessa forma. Mesmo quando eu ficava mais distante com a videocâmera, e até nos momentos que eu a desligava, foi notório o fato de que o trabalho de Maria Denis era solitário à medida que sua comunicação com o espaço urbano estava focada entre os prédios, os jardins e as lixeiras.

No terceiro dia, uma síndica desceu de um prédio para falar conosco. Ela observara que eu estava filmando e que a catadora realizava seu trabalho com esmero. A síndica falou sobre suas preocupações ambientais quanto à cidade e o planeta. Assim, Maria Denis, a síndica e eu dialogamos sobre a problemática dos resíduos sólidos na cidade, a falta de cooperação da população e o baixo número de lixeiras públicas destinadas à separação do material para reciclagem. Como já vira Maria Denis outras vezes vasculhando sua lixeira e ter aprovado seu trabalho, a síndica propôs eleger Maria Denis como a catadora responsável por recolher o material reciclável do edifício. Maria Denis saiu animada dizendo que, se todas as pessoas tivessem essa consciência, a cidade estaria melhor. Desde então, esse local passou a ser de praxe na trajetória de Maria Denis em sua atividade de catação.

Para trabalhar, ela leva consigo um kit, contendo garrafa com água, faca para abrir os sacos de lixo, e sacos extras grandes de reserva para depositar o material reciclável que encontra entre alimentos orgânicos, os quais, ao coletar, lava quando chega em casa para evitar o mau cheiro na sua propriedade. Raramente usa luvas. Cada garrafa ou latinha que coleta esvazia antes de colocar no carrinho. Para decidir quais sacos plásticos irá abrir nas lixeiras, ela apalpa com as mãos para sentir se tem garrafas ou latas. Somente se tem o que procura ela abre. Ao recolher o que precisa, ela amarra novamente o saco que abriu e o devolve organizado nas lixeiras. Geralmente ela caminha vinte quilômetros por dia ao realizar seu trabalho.

Ao coletar, ela faz a separação que a população deixa de fazer, organiza o carrinho, separando as latinhas das garrafas plásticas, papelão, entre outros materiais. Têm materiais recicláveis que ela deixa de coletar devido ao baixo valor no mercado: materiais que custam um centavo o quilo, por exemplo, como os plásticos barulhentos. O isopor

ela deixa para trás, uma vez que não compram na cidade, assim como as caixinhas de leite que, segundo ela, não tem comprador. Ela mencionou que o ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva – Lula, havia orientado na televisão que não deixassem de reciclá-las, porém, sem destinação a esse material, é difícil atender ao apelo presidencial.

Outra dificuldade é quando as pessoas deixam os vidros quebrados espalhados nos sacos, expondo as pessoas que os recolhem suscetíveis a cortar-se. Além disso, se a seleção fosse feita previamente nas casas e estabelecimentos, comerciais ou não, grande parte do trabalho que fazem seria poupado.

Muito habilidosa, Maria Denis enfrenta as subidas, descidas, o vento, a chuva e até os buracos das estradas e calçadas, administrando o peso do carrinho.

Convidada por Maria Denis, fui à sua casa acompanhar o trabalho que realiza após a coleta dos materiais. Maria Denis organiza-os, separando em razão do tipo e da condição. O material que recolhe sujo, ela lava antes de juntar aos demais. Vislumbrei um varal apenas com sacos plásticos que, dispostos ao sol, secavam. O que ela já separou nos sacos para vender posteriormente, dispõe na garagem, abarrotada de materiais que aguardam a vinda do caminhão, do intermediário.

Além disso, sob orientação da sua cunhada, fomos de carro conhecer alguns lugares da cidade onde, em meio à natureza, árvores, flores e rios, encontramos muito lixo jogado. No bairro Sangão, adentramos uma rua sem saída e, pelo caminho, encontramos diversos materiais ali atirados: entre lixo orgânico e não orgânico, árvores cresciam. Mais à frente, elas apresentaram-me o rio poluído. Próximo à avenida Luiz Rosso, um terreno baldio era ocupado do mesmo modo. Ao lado da avenida Imigrantes Poloneses adentramos uma pequena mata, e ali encontramos desde pneus de caminhões jogados, até um sofá. Elas ficavam se questionando: por que as pessoas destroem tanto a natureza? A degradação ambiental não é uma questão atrelada a classes sociais, mas é responsabilidade de todos. Para Amália, cunhada de Maria Denis, as pessoas não pensam em preservar o planeta para as futuras gerações. Maria Denis sempre fica indignada com o fato de as pessoas tratarem o espaço urbano também como lixeira. A consciência ambiental delas é tão grande e intensa que eu fiquei pensando: se os meios de comunicação social ocupassem mais o seu tempo com tais questões, poderíamos fazer do planeta e das cidades lugares melhores para se respirar e reinventar a vida. O pouco investimento em políticas públicas nessa área também é preocupante.

Conversamos ainda sobre a lógica do consumo, rimos ao lembrar que há pessoas que consideram ser “chique” a marca ou a roupa que usam, os lugares que frequentam e sequer fazem o mínimo para preservar o planeta, contribuindo com a reciclagem. Dialogamos sobre a falta de parques em Criciúma, onde a população pudesse aliar lazer ao meio ambiente. Maria Denis disse que faria daquele lugar um parque, se fosse prefeita. Para elas, o prefeito não conhece bem a cidade.

Ao final da tarde, elas retornaram alegres por terem me mostrado mais essa faceta da cidade que poucos conhecem. De fato, ao passar de carro por esses lugares, a velocidade impede os motoristas de observarem a degradação produzida pelos seres humanos.

Caminhando com Titi

Titi me fez trilhar outros caminhos. Enquanto Maria Denis foi a “diretora”, Titi estava mais tímida para assumir essa tarefa.

Cumprir dizer que, depois de muitos desencontros em sua casa, soube que ela havia sido contratada pelo CRAS. Ali, Titi realiza atividades artesanais e de pintura junto com outras mulheres do bairro. O projeto tem como objetivo, a partir dessas oficinas, que essas mulheres possam vender os produtos produzidos e ter uma renda a partir desse trabalho.

Após minha visita ao CRAS, quando estive em sua casa, ela apresentou-me as pinturas das toalhas concluídas por ela; também contou aos familiares que eu fizera umas fotos muito bonitas dela, segurando uma boneca que fizera.

Sua função é auxiliar de monitora, mas, entre as quatro paredes, ela sente falta da catação, porque gosta muito de caminhar pela cidade, assegura. Titi ainda não está acostumada a passar o dia todo dentro de uma sala, sentada. Seu universo cotidiano vinha sendo as ruas da cidade.

No CRAS, a diretora contou-me que resolveram dar uma oportunidade a Titi, posto que, além de haverem se sensibilizado com sua história de vida, ela vinha demonstrando habilidades no curso de artesanato. Titi frequentava os cursos porque gosta de artesanato. Ali aprendeu a pintar toalhas e a fazer bonecas artesanais.

Embora já tenha trabalhado como empregada doméstica, além de catadora, Titi teve pela primeira vez sua carteira assinada no CRAS. Ali eu agendei um encontro para o dia seguinte com Titi: um sábado. Quando cheguei para caminharmos juntos, ela mostrou-se surpresa, disse que achava que eu não iria, mas mostrou-se interessada em estar nas filma-

gens, ela quis saber se iria aparecer na televisão. Esclareci que futuramente gostaria de usar as imagens para um documentário independente. Titi estava na expectativa de ser filmada: como seria? As outras pessoas ficariam sabendo?

Empolgada com a minha presença, mostrou-me a finalização das toalhas que a vi pintando no dia anterior no CRAS.

A seguir, mostrou como fazia para retirar o cobre de um monitor velho que achara no lixo. Ela elaborou um método para melhor reaproveitamento deste sem lascá-lo ao utilizar a faca. Ressaltou que tem muita experiência na catação. Seus filhos, que estavam ao seu redor, observavam-na com admiração. Explicou-me que decidiu aceitar o trabalho no CRAS, mas continua catando aos sábados, domingos e feriados. Apesar dos dias reduzidos, observei em sua casa que já tinha uma quantidade grande de MR acumulado.

Em seguida, ela pegou o seu carrinho e boné, e saímos pelas ruas da cidade. Um das primeiras ruas por que passamos foi a que habita seu amigo – seu Chico. Ela mostrou-me a casa e elogiou-o por tê-la ajudado.

Andando com Titi pela cidade, observei que ela era conhecida de várias pessoas que guardam o MR para ela. Nesses anos de catação, ela conquistou a simpatia de muitas pessoas.

Titi contou-me que voltou a estudar e está matriculada no CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos, uma das condições que lhe impuseram para sua contratação. Ao fazer os exames médicos para sua contratação, ela descobriu que tem arritmia cardíaca, mas não tem seguido as recomendações médicas.

Caminhando com Titi, ela contou-me que, para escrever, tem dificuldades com o som de X e Z, acha confuso, posto que peixe tem som de ch, mas se escreve com x.

Em uma livraria do bairro Pinheirinho, eles passaram a não deixar mais o material nas lixeiras da rua, e o entregam a Titi quando ela passa. Em um edifício, o guarda deixa a lixeira trancada até ela passar. Titi esclareceu que desde que foi implementada a lei⁴¹ que coíbe a circulação das carroças dos catadores pela cidade, ela teve seu circuito de catação reduzido. Disse-me que achou essa intervenção da Prefeitura negativa, posto que, com a exclusão dessa possibilidade, levam mais

⁴¹ A Lei municipal 4.580, sancionada em 2003, dispõe sobre o sistema de transporte e tráfego de veículos de tração animal, coibindo a circulação destes em determinados espaços urbanos, o que afetou as condições de trafegabilidade e os modos de trabalho dos CMR na urbe. Sobre as relações dessa Lei com o cerceamento da cidadania dos CMR de Criciúma, ver Gambalunga (2005).

tempo para a catação, percorrem distâncias menores e continuam tendo problemas no trânsito. Outro fato que relatou foi quando um motorista bateu no carrinho que ela guiava, disse que ele a xingou muito. Ela considerou que o prejuízo maior foi dela, que ficou com o carrinho “rengo”, enquanto ele pensou unicamente em seu veículo. Esse fato faz refletir sobre a falta de segurança no trânsito para os catadores. Quando circula pela rua, no meio dos demais carros, é por ser necessário, mas os motoristas buzina, e, segundo ela, até xingam, mas ela precisa trabalhar, menciona. Então, se a calçada é dos pedestres, as ruas dos carros, que opção lhes resta?

Em nossa caminhada, ela levou-me ao lugar onde fez a foto do cachorro morto (Figura 27). Lá, novamente, sentia-se cheiro de animal morto, embora ela tenha relatado que a Prefeitura havia limpado o lugar recentemente. Contou ser comum encontrar garotos fumando crack. Mas enfatizou que eles a respeitam, e às vezes até ajudam a colocar alguns materiais no carrinho, isso porque ela sempre os trata com respeito. Perdeu a oportunidade de recolher MR em um edifício próximo a esse local, devido ao fato de que garotos drogados rasgavam as lixeiras, e isso foi associado aos catadores, os quais foram impedidos de ter acesso ao material daquele edifício. Sua relação com os garotos do crack é próxima, porém marcada por tensões. Se, por um lado, ela considera que eles respeitam o seu trabalho, deixando-a caminhar em segurança, sem importunarem-na quando passa, por outro, ela e outros catadores perderam alguns postos de coleta devido ao comportamento deles ao vasculharem algumas lixeiras e ao deixarem tudo desorganizado. Titi prefere apaziguar suas relações com eles, evitando conflitos; ela entende que assim pode caminhar por toda a cidade em segurança, pelo fato de eles também sentirem-se respeitados por ela. Há um acordo implícito aí, ela não os confronta, não os denuncia, e eles não a importunam. Assim, não se temem mutuamente.

Sobre o lixo espalhado pela cidade de modo indevido, ela afirma que falta cooperação da população. Pelas estradas, encontramos diversos MR jogados e, um a um, foi recolhendo. Fiquei impressionada com a quantidade de lixo em algumas ruas.

Nesse dia, retornamos antes do previsto porque parecia que iria chover. O carrinho voltou quase cheio, mas ainda havia espaço. Os materiais coletados eram leves. Titi disse que fica pesado sempre que recolhe ferro. Quando voltávamos, em uma rua dos trilhos que cortam o bairro Pinheirinho, um adolescente pediu uma latinha e ela entregou. Ela disse que essa é uma cena comum na cidade. Querem latinhas para fumar crack e ela as concede para evitar problemas.

Caminhando com Terezinha

Pela quarta vez, cheguei à casa de Terezinha, na tentativa de acompanhá-la na atividade de catação, isso porque, das vezes combinadas anteriormente, ela, o marido e o filho acabavam não saindo de casa devido ao mau tempo ou por seu marido não estar em boas condições de saúde de sair para trabalhar.

Nesse dia, seu marido disse que iriam à igreja buscar cesta básica e depois pagar a conta de água e luz, e pediu-me para retornar no outro dia. Apesar de eu ter o consentimento dela para acompanhá-la na atividade de catação, o marido apresentou resistência. Em seu discurso, apareceram alguns indicadores para tal atitude, entre eles: não viu qualquer vantagem em acompanhá-los, posto que ele queria dinheiro e estava impaciente; ressentiu-se por não estar na pesquisa. Devido ao alcoolismo de seu marido, Terezinha é quem administra o dinheiro da catação. Mas, quando ele sai sozinho com a bicicleta, pede ajuda para pessoas e, ao receber uns trocados, usa-os para comprar cachaça, relatou Terezinha. Nesse dia, ele não havia bebido, apenas no dia anterior, explicou Terezinha. Com a autorização de Terezinha, segui com ela pela estrada atrás do carrinho puxado por seu marido e acompanhado do filho adolescente. Eles andavam apressados e, no início, eu e Terezinha não conseguimos alcançá-los, já que Terezinha tem dores nas pernas e não consegue andar velocemente. No caminho, Terezinha contou-me que, quando chove, a rua alaga e o terreno também. Devido às telhas quebradas, chove dentro de casa. Além disso, ela comentou que estava preocupada com a despensa vazia, sem carne! O fato de não ter carne é motivo sempre de descontentamento para ela. Ao perguntar-lhe sobre uma comida que gostaria que nunca faltasse em sua casa ela logo respondeu: “*Carne, nunca tem carne!*”.

Continuamos andando. Antônio estacionou o carrinho em um posto de gasolina para calibrar as rodas. Então, o alcançamos. Mas, depois, novamente seguiram rapidamente. Terezinha ficou irritada porque começava a encontrar MR pelos lugares em que passávamos e ele não esperava. Achou uma frigideira em uma lixeira, mas um pouco depois abandonou a caixa com tudo dentro quando perdemos Antônio de vista. Ao passarmos por um colégio particular, antes de chegarmos na igreja do bairro Michel, Terezinha perguntou para uns estudantes se teria vaga ali para seu filho. Eles responderam que ela deveria falar com a diretora, posto que não sabiam. Preocupada com o filho, ela reiterou que precisa que ele consiga uma vaga. Seguimos na direção da igreja, ele estava lá, estacionado com o filho. Terezinha foi pegar a cesta básica

doado pela igreja católica, mas, para isso, ela teve que participar de uma reunião. Na reunião, após as boas-vindas das integrantes, rezaram. A seguir, a coordenadora da Pastoral Social fez um discurso sobre a importância da participação dessas mulheres na sociedade e as convidou para participarem de uma atividade na praça Nereu Ramos em defesa do Hospital Santa Catarina, para que ele não seja privatizado. Terezinha ouviu tudo impaciente, ela disse que falaria com a coordenadora para lhe entregar logo a cesta básica, porque ela queria sair para catar, e ainda tinha que procurar vaga na escola para o filho na AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma. Ao solicitar a antecipação de sua cesta, a coordenadora não acatou o pedido, e Terezinha precisou continuar ali, esperando. Quando chamadas para a atividade de construção de um puf com garrafas pet, ela declarou em tom alto de voz que não tinha interesse pela atividade. Enquanto as outras mulheres estavam envolvidas na tarefa proposta, Terezinha inquieta aguardava o momento de receber sua cesta básica. Ela deixara a sala das atividades algumas vezes para tentar falar com o padre e pedir ajuda, mas ele não estava. Falou também com outra pessoa da igreja para que lhe antecipassem a cesta, mas disseram que a responsável pela autorização seria a senhora que estava coordenando a reunião. Ela observou atentamente o conteúdo de cada cesta básica para ver qual seria de seu maior interesse. Então, não tendo êxito em alcançar seu objetivo, voltou à sala de atividades e começou a participar com as demais. Nesse momento, a atividade estava chegando ao fim. Ao concluírem, ela se dirigiu imediatamente à outra sala onde as cestas seriam distribuídas. No local, ouvi duas senhoras envolvidas na atividade da igreja conversarem preocupadas; concluíram que nesse dia havia mais mulheres que cestas para distribuir. O marido de Terezinha disse para mim que isso não era motivo de preocupação, já que sua esposa era sempre a primeira a pegar a cesta. E assim foi. Terezinha carregou a cesta pesada sozinha, enquanto Antônio e o filho continuavam sentados na calçada ao lado do carrinho. Então, pedi que a ajudassem. Antônio levantou-se e foi ao encontro dela, e colocou no carrinho a cesta básica. Pude observar que a cesta básica doada continha pouca coisa, mas, para eles, era indispensável. Devido ao horário, Terezinha decidiu que iria à AFASC, e pagar contas somente no dia seguinte. Então, começou a jornada de catação.

Cumprer dizer que, enquanto esperávamos o fim da reunião, observei que Antônio havia vasculhado as lixeiras da rua, mas disse não ter encontrado nada. Ele não abriu os sacos plásticos para ver, apenas apalpou. Seguimos em direção à farmácia que lhes doa MR. No caminho, Terezinha vasculhava as lixeiras enquanto Antônio guiava o carrinho

acompanhado do filho. A partir de então, caminhamos todos juntos. Na farmácia, convidaram Terezinha para entrar e buscar os papelões. O filho e o marido esperaram do lado de fora, na calçada onde o carrinho estava estacionado. Dentro da farmácia, ela foi conduzida aos papelões em sala interna. O farmacêutico explicou-lhe que seria melhor que retornasse a partir de terça-feira, porque é quando começam a receber os medicamentos. Também lhe ofereceu umas portas retiradas por eles, ela gostou das portas e disse que a sua casa precisava mesmo de portas novas. Assumiu o compromisso de vir buscá-las outro dia com seu carrinho. Embora, ela estivesse interessada em duas portas apenas, o farmacêutico disse-lhe que teria que levar toda a madeira que tinham ali. Ela concordou.

Dentro da farmácia, ela ficou encantada com as maquiagens. Contou que havia encontrado *blush* outro dia em uma lixeira, mas lamentou que as condições de uso já eram impróprias; ela experimentou, mas não teve como usar, era muito velho. Esse é um aspecto interessante: enquanto as pessoas vão descartando as coisas que não lhes servem, muitas vezes não imaginam que será encontrado por uma catadora que, em sua condição de mulher, sonha com cosméticos e outros produtos de beleza, os quais não tem condição de comprar.

Ainda estávamos dentro da farmácia quando começou a chover granizo. Foi aí que Terezinha ficou preocupada com a casa, posto que, devido às telhas quebradas, alaga quando chove. Esperamos a chuva passar para prosseguir. Ainda chovendo, mas em intensidade menor, andamos em direção à casa de Terezinha. Seu marido também estava preocupado com a casa. Contudo, Terezinha não queria retornar sem ter o carrinho cheio. Ela pediu papelões em uma loja logo a seguir. O marido reclamou com ela, dizendo que ela não estava preocupada com a casa, mas ela disse que estava preocupada com a casa e com os papelões. Logo depois, foi ele que estacionou o carrinho e vasculhou umas lixeiras. Seguimos apressadamente. Cada lixeira do caminho era vasculhada atentamente por eles.

Notei que as lixeiras dos condomínios apenas eram abertas quando eles identificavam conter latinhas ou garrafas pet. Terezinha apalpava os sacos de lixo e apenas os abria nesses casos. Ela explicou-me que muitas vezes já cortou a mão, por isso adotaram esse cuidado. Observei que parte dos condomínios só deixava do lado externo dos edifícios o lixo orgânico. A cada lixeira do caminho, Terezinha caminhava em sua direção para fazer a inspeção, mas ela obteve mais MR nos postos comerciais que reservam para ela o MR. Seu filho, nesse dia, encontrou chinelos usados e uma carteira nas lixeiras e ficou contente com seus

“achados”. Pude evidenciar que certos objetos são admirados por ele, como se tivessem sido comprados em um posto comercial. Próximo à sua casa na avenida Santos Dumont, obtiveram várias caixas de papéis grandes, que lotaram o carrinho. Por fim, voltaram para casa. Afinal, era preciso proteger seus móveis da chuva.

Caminhando com Zênia

Caminhar com Zênia não foi tarefa fácil. Ser filmada no bairro que habita, e isso ser visto como uma afronta aos traficantes a deixara receosa. Nas entrelinhas, e nas poucas palavras pronunciadas por Zênia, foi possível, nas minhas tentativas de caminhar com ela e Ximirruga, fazer observações e constatar esse fato. Diversas vezes eles agendaram comigo e depois justificaram, com os mais diferentes motivos, a não possibilidade de caminharmos juntos, sempre protelando. Ora Zênia deveria fazer o almoço, ora não iriam sair para catar, outras vezes o motivo era o mal tempo, mas sempre reafirmavam que fariam isso em outra ocasião. No início da pesquisa, Ximirruga perguntava: “*Quando você vai caminhar com a gente catando?*” “*Você vai caminhar com a gente ainda?*” “*Tem coragem de sair com a gente catando pelas ruas?*” Ele sorria quando eu dizia que era exatamente o que eu gostaria de fazer.

Com o passar do tempo, ficou evidente que, entre o desejo de cooperar e o medo em decorrência das regras do bairro pautadas na ilegalidade do tráfico, as leis dos traficantes predominaram. É proibido declarar aos visitantes do bairro que não têm nenhuma relação com o tráfico como ele se desenrola nesse contexto. Pessoas circulando pelas ruas, casas vizinhas quase coladas umas às outras, provocam a necessidade que Zênia fale baixo quando o assunto envolve o tráfico. Mas qual a relação dela com esse contexto? Em decorrência de seu filho mais jovem ser dependente de substâncias psicoativas, tem medo de fazer algo que desagrade os traficantes locais, sob o temor que ele seja assassinado.

Foi fácil constatar que os traficantes oferecem drogas aos jovens do lugar e que, ao tornaram-se dependentes, passam a ser seus reféns, aprisionados entre as dívidas do tráfico e o desejo incontrolável de consumir mais. As famílias, por sua vez, tornam-se escravas do “pacto do silêncio” para proteger esses jovens. Foi o que aconteceu com Zênia, cujo filho mais velho já vivera esse drama e deixara o bairro sob o risco de ser assassinado. E agora a situação se repetia com outro filho.

Sem recursos financeiros para o consumo das drogas, os jovens têm que pedir esmolas e até mesmo roubar para pagar os traficantes. O

filho de Zênia passou a usar o dinheiro da catação para comprar mais drogas, e prefere catar ferros porque assim consegue dinheiro mais rapidamente ao vendê-los em um ferro velho situado no seu bairro. No entanto, alguns tiros foram disparados contra a casa de Zênia, devido às dívidas assumidas pelo filho. Mas a família tem que manter o silêncio, é o preço a ser pago na tentativa de manter o garoto vivo. Com a morte de Ximiruga, todos esses medos ampliaram-se. A insegurança de morar em uma casa cujo próprio terreno foi palco do assassinato, cujas trancas nas portas não existem, onde as balas podem facilmente perfurar as paredes de madeira envelhecidas com muitas frestas, a deixa diversas vezes em pânico. Seu maior temor é a morte do filho caçula.

Recordo-me ainda da época em que Ximiruga era vivo, de uma ocasião em que me disseram que poderia encontrá-los no outro dia em um terreno baldio, onde trabalhariam na limpeza deste, mas não os encontrei. Quando posteriormente conversei com eles sobre isso, Zênia disse, através de gestos e com poucas palavras, que no bairro poderiam não gostar se os vissem sendo filmados. No subtexto do seu discurso, ficou evidente que a filmagem poderia registrar algo “proibido”. O proibido nesse cenário é dar visibilidade ao tráfico de drogas. O bairro em que ela mora está entre os cinco bairros da cidade considerados os cenários principais do tráfico.

Assim, após a morte de Ximiruga, primeiramente Zênia ficou sem catar – o braço engessado devido às pauladas que recebeu ao tentar defendê-lo dos seus assassinos a impossibilitou –, mas, alguns meses depois, ela voltou a catar com seu filho. Situação difícil, porque o adolescente apenas queria catar o que poderia vender imediatamente. Assim, entre os protestos dele e o esforço de Zênia em fazê-lo colaborar, consegui acompanhá-los em uma dessas andanças, **sem filmagens**. Partimos da casa de Zênia às 9 horas da manhã, eu chegara às 8:30 horas. O jovem queria ficar dormindo e foi difícil para Zênia fazê-lo levantar e seguir com ela. Desprovida de filmadora, fomos à casa de dona Inês. Simpática moradora do bairro, acolheu-nos muito bem. Adentramos o seu terreno e ela trouxe plásticos, definidos por Zênia como “plástico mole e plástico duro”. Dona Inês acumula esses plásticos para Zênia. Entre os *plásticos moles* havia sacolas plásticas, na grande maioria de supermercados, e as demais de outros pontos comerciais da cidade. A moradora também trouxe um pedaço de lona rasgado. Havia entre os *plásticos duros* uma bacia quebrada. Zênia comenta que o plástico aumentou um pouco o valor e que conseguiria vendê-lo por 50 centavos o quilo. Queixa-se que o mercado de papel está muito difícil: “*preciso juntar uma ‘tonelada’ para conseguir um troco*”. Seu filho estava impa-

ciente, logo querendo voltar para casa, mas o trajeto apenas começara. Zênia e o adolescente agradeceram a moradora do seu bairro e fomos até a casa de Mariana. Ele puxava o carrinho de mão, mas estava impaciente.

Mariana guardara para Zênia plástico, *bombona* e papel. As bombonas, como define Zênia, são os frascos grandes de produtos de limpeza, que são comprados de dona Joana, a outra moradora do bairro que também guarda o MR para Zênia. Zênia conta que as moradoras mais próximas à sua casa chegam e jogam o MR para ela em seu terreno, mas as “*mais longe tenho que buscar*”, diz. Além de plástico e papel, alumínio e ferro também lhe são designados.

Dona Joana guardou plástico e papel. Dona Joana não lhe dá as bombonas, esclarece Zênia, porque as utiliza em seu trabalho. Dona Joana vende produtos de limpeza nas casas das pessoas. Ela mostrou-me que compra em grande quantidade e enche em bombonas que, com um carrinho de mão, vai de casa em casa vendendo a preços que convêm mais que se comprados diretamente nos supermercados. Dona Joana ofereceu-me seus produtos, agradei e disse que no momento não estava precisando. Dona Joana também disse ter problemas com seu filho em relação às drogas. Ela e Zênia compartilham a mesma luta, inúmeras tentativas para conseguir internação para os filhos.

Zênia descreve as moradoras de seu bairro que visitamos: “*Essas são minhas amigas há muitos anos*”. Se, de um lado, Zênia teme a presença dos traficantes devido à situação em que se encontra seu filho, por outro, ela conta com a “solidariedade” das pessoas que reservam o MR para ela, as quais chama de amigas. Passamos pela casa de outra moradora do seu bairro, que mora na mesma rua, passa e deixa o MR em seu terreno, conta feliz. Moradora do bairro desde quando nasceu, Zênia conhece todos os seus vizinhos, e com eles divide sonhos, esperanças e desencantos.

Assim, de casa em casa, Zênia vai enchendo o carrinho de mão, ora carregado por seu filho, ora carregado por ela, que, apesar da fraqueza e dores na coluna, esforça-se em dividir o trabalho com o jovem.

Seguimos para o bairro Santa Augusta, em direção à padaria. Zênia disse que lá sempre a ajudam. No caminho, Zênia vasculhou as lixeiras das residências acopladas aos muros ou grades das casas, encontrou garrafas pet, algumas latas de cerveja, latas de ervilha, milho, entre outros. Ao vê-la parar com seu carrinho de mão na frente da padaria, uma das funcionárias chamou o cozinheiro que lhe entregou uma pequena quantidade de potes de plástico grandes, embalagens plásticas de azeite, papelões e *baldes de doces de pão*, assim intitulados por Zênia. Gentil-

mente o cozinheiro lhe explicou que no dia anterior havia doado uma quantidade grande de MR para outros catadores que passaram. Zênia disse: “*De vez em quando, quando eu não vou, ele dá para outro*”. Os comerciantes que costumam reservar o MR para os catadores doam para aqueles que primeiro passam no estabelecimento, isso porque, quando um catador demora muito para passar, o material que precisa ser recolhido começa a incomodar. Novamente Zênia e Júlio agradecem. Seguimos com o carrinho de mão ora no asfalto, ora na calçada em direção a uma oficina no mesmo bairro. No caminho, Zênia olha algumas lixeiras junto com seu filho. Júlio colabora, mas pede para voltar para casa, diz estar cansado e com sono. Chegamos à oficina e a funcionária a recebe bem. Explica que, como Zênia não passara antes, o caminhão do lixo já recolhera. Zênia lamenta-se comigo, disse que o caminhão da universidade passa e recolhe o material pelo bairro. Indignada diz: “*Eles não deixam pros pobres, eles estão tirando comida da boca dos pobres*”. Zênia conta que a senhora é quase parente dela, porque é tia do seu ex-marido Borracha, e por isso coopera com ela. Contudo, quando ela demora a passar, a senhora cede o MR ao caminhão da instituição de ensino, por não poder armazená-lo indefinidamente. Além de ferros da sua oficina, a tia de Borracha também guarda latinhas de cerveja (alumínio) para Zênia, que me conta “*é muito amiga minha, quase parente*”. Zênia queixa-se porque grande parte dos moradores prefere deixar o material reciclável à universidade, que recolhe alguns dias da semana nas casas desse bairro. Zênia, com seu carrinho de mão, não pode desempenhar seu papel de modo tão eficiente como o caminhão, não tem como competir com ele, esclarece. Assim, perde inúmeros postos de coleta.

Passamos em um pequeno mercado. Zênia vasculha a lixeira na lateral do mercado, mas nesse dia pouco encontra. Algumas caixas de papelão são rasgadas por Zênia em suas manobras para serem dobradas, e assim possibilitar que as leve no carrinho de mão. Aliás, no trajeto, os materiais são constantemente amarrados e desamarrados para melhor utilização do espaço no carrinho de mão.

Nesse processo, eles não usam luvas, mas Zênia usa um saco plástico amarrado nas mãos para apalpar algumas sacolas fechadas quando precisa assegurar-se de que não contêm objetos cortantes antes de abri-las. Em outras, é fácil perceber o que contém, porque nessas casas grande parte da população guarda separadamente os conteúdos. Zênia contou-me: “*Antigamente era mais difícil porque era tudo misturado*”. Observo que a cada saco plástico das lixeiras que ela abre, recolhe o que lhe interesse e em seguida fecha. Ela comenta que tem catadores que deixam tudo aberto, causando problemas com os moradores por

conta disso, “*Eu não faço estrago*”, assegura. Zênia diz que as pessoas agora “*separam a nojeira do MR*”.

Zênia vasculha as lixeiras das casas na rua da SATC, assim intitula a rua, no bairro Universitário. Zênia gosta dessa rua porque tem “*lanchonetes*”, esclarece. Diz que tanto na escola Técnica como na universidade o MR fica para eles, lamenta.

Na lixeira de uma das casas dessa rua, além dos plásticos que encontrou e algumas latinhas, achou “*roupa boa*”. Roupas boas, segundo Zênia: “*É aquela que não tem nenhum rasguinho, perfeita, quando tá rasgada eu não pego*”. Na lixeira de uma das casas encontrou banana, disse que estava boa e comeu.

No final da rua, na esquina de um restaurante, seguimos com o carrinho em direção ao bairro Pinheirinho.

Passamos em frente a um supermercado, mas Zênia disse que ali eles não doam o MR. Seguimos em direção à lanchonete, e lá ela encontrou na lixeira umas latinhas de milho e ervilha, além de plásticos. Na farmácia, lhe entregaram algumas caixas de papelões. Percorremos algumas casas e depois atravessamos a avenida Centenário. Passamos pela frutaria. Lamentou que não podia mais comer os restos da frutaria do bairro Pinheirinho, já que trancaram as lixeiras: “*às vezes até melancia eu já achei*”. Ela encontrava frutas e verduras que, segundo ela, eram boas para sua saúde, já que o médico recomendou para ficar *mais forte*.

Zênia conta que tem sempre cansada nas pernas. Diz que a fraqueza é porque não se alimenta bem. “*Detesto remédios*” “*sou alérgica a novalgina, a anador, dipirona diclofenato, porque na hora que eu tomo dá dor no estômago, adormece tudo a boca, dá palpitação no coração, tenho problema de depressão, dá tremedeira... Analgésico nenhum eu tomo*”.

Seguimos nossa andança. No posto de gasolina, Zênia e Júlio conseguiram algumas caixas de papelão nesse dia, além de garrafas pet e latinhas. Fomos em direção a outro ponto comercial, mas a dona da loja esclareceu nesse dia um casal de catadores passara e recolhera o MR antes de nós.

Dali retornamos para a casa de Zênia. Havíamos caminhado por três horas, e o carrinho de mão estava cheio.

Caminhando com Osmar: a demonstração

Osmar resistiu muito a fazer suas andanças comigo. Foram muitas as idas e vindas à sua casa. Ele combinava, mas quando eu chegava alegava diferentes motivos para protelar a caminhada. Disse que eu não poderia acompanhá-lo a pé, porque cata utilizando a sua bicicleta, e vai muito rápido; em outras ocasiões é por problemas de saúde (ele tem sérios problemas respiratórios); outras vezes porque não iria catar naquele dia devido ao tempo, ou porque “*não adianta, hoje é dia do caminhão passar*”. Mas percebi que Osmar tinha vergonha de ser visto, por mim, catando. O lixo para ele é algo que gostaria de dispensar de sua vida. Isso explica o fato de jogá-lo pelo pátio, deixar de catar e voltar a catar por necessidade, não por desejo. Propus, então, que ele me ensinasse, já que era o único catador a integrar a minha pesquisa que coletava com a bicicleta. Ele disse que iria “fazer uma demonstração”, por isso somente iria perto. Concordei.

Na bicicleta, Osmar mantém na garupa uma caixa plástica amarrada com arame. “*Quando eu saio para catar de bicicleta eu só cato latinha, alumínio, coisa que dá pra carregar na bicicleta, mais miúda assim [...] o que a gente acha a gente traz... Plásticos, bombonas, latinha, alumínio, cobre, só pega coisas miúdas que dá para carregar na bicicleta*”, explicou. Pegou os sacos de nylon, intitulados por ele de “saco de rafa”. Disse que iria levar quatro sacos de rafa, porque não iríamos longe. “*Já levei até oito saco de rafa*”, conta com entusiasmo. Antes de sairmos amarrou os sacos entre as frestas da caixa plástica com arame, com o objetivo de ampliar o espaço para armazenamento dos resíduos sólidos. Contou-me que já conseguiu a façanha de amarrar dez sacos de rafa, os outros dois entre o guidom e seu banco de motorista, seguindo a pé, empurrando a bicicleta. A caixa é para bombonas e plásticos, esclareceu. Enfatizou que sempre encontra muitas garrafas pet em suas andanças na cidade: “*Todo lugar tem garrafa pet, aquelas de bebida, Coca-Cola. Tem por tudo*”. Osmar prefere não coletar MR na rua em que mora, e a relação com o bairro é mais de repulsa do que de pertencimento ao lugar. Isso porque acredita que ali não gostam dele: “*não sei por que, mas os vizinhos não gostam de mim*”, diz. Ele acredita que os vizinhos não gostam do MR que se visualiza na frente da sua casa, mas diz que não tem condições de fazer de outro modo: “*Eu vivo disso*”. Contou-me que a vizinha da frente já lhe pediu para deixar de ser catador, ela reclama e ele sente-se depreciado.

Ao indagar se iríamos catar pelo bairro, ele logo disse: “*Não, não, aqui eu só faço duas ruas*”. Compara seu trabalho ao de um pescador: “*é*

a mesma coisa que um pescador, quando vai no mar não sabe se vai pegar peixe ou não vai, quando saio não sei se vou achar alguma coisa ou não vou achar". Os dias que ele deixa para catar são os que o caminhão do lixo não passa: "*Passa terça e quinta, às vezes sábado e domingo passa*", conta.

Caminhando pelo bairro, pegamos a esquina à direita da casa de Osmar e na próxima quadra descemos em direção à avenida Santos Dumont. Observamos que as lixeiras estavam vazias, porque, nesse dia, um outro catador da comunidade antecipou-se a seu Osmar. Esse fato não o incomodou: "*Eles são pobre, eles precisam como eu*". Osmar passou a empurrar a bicicleta a pé para que eu pudesse acompanhá-lo. Explicou que nessa parte vai pedalando, mas, por eu estar lhe acompanhando, iria caminhar, e por isso iríamos percorrer as proximidades de seu bairro para fazer uma *demonstração de como trabalha*. Seguimos por uma da rua paralela a que ele mora. Ele olhou algumas lixeiras. Vi que os vizinhos o conhecem e o tratam com cortesia. Consegui pouco MR nesse dia, no seu bairro também moram outros catadores, e "*o dono é quem chega primeiro*", me explica. Recolheu plástico, abriu o saco e fechou novamente. A cada lixeira selecionada, Osmar encosta a bicicleta no muro, enquanto a vasculha. Ele não usa luvas, mas, cada vez que encontrava uma torneira disponível, lavava as mãos. Ele contou que quando encontra objetos que lhe servem e não pode levar na bicicleta devido às suas dimensões ou porque naquele dia já está lotado, procura um terreno baldio perto e esconde; "*Porque se eu deixar o caminhão leva. [...] Não é por causa de outro catador, é por causa do caminhão da Prefeitura do lixo*". Mais tarde volta para buscar. Nos edifícios do bairro próximo à sua residência, ele encontrou canos de PVC, ficou contente porque vende separado a um real o quilo. Osmar elogia-se dizendo: "*Não é todo mundo que vai com a bicicleta que cata igual a eu. Eu vejo por aí, vão com a bicicleta e catam só latinha*". Já carregou 70 quilos na bicicleta "*mas tenho que vir de a pé*", explica Osmar. Ele esclarece que sai de casa guiando a bicicleta, mas quando a quantidade de resíduos que recolhe é grande, precisa voltar empurrando-a. "*É uma vida de sacrifício mesmo*", conclui.

A seguir, andamos um pouco pela avenida Santos Dumont, e dali Osmar disse que deveríamos voltar, já que teria que buscar remédios para sua esposa no PSF do bairro Milanese, próximo ao Anita Garibaldi. Explicou que o caminho que escolhe na catação é "*como dá na ideia*". Às vezes vai para um lado, outras, para outro, mas geralmente atravessa a avenida Santos Dumont e segue em direção à Joaquim Nabuco até o

mercado. Nesse trajeto, ele contou que consegue “*uma base de 15 reais*”. Outras vezes sai à noite, em direção à Quarta Linha.

O percurso que fiz com Osmar foi mais curto que o realizado com os demais sujeitos da pesquisa. Contudo, foi possível observar como ele trabalha, de modo reservado. Com os vizinhos de seu bairro, mantém relações distantes, marcados pelo sentimento de que não é aceito por eles.

Na catação, ele tece suas estratégias, organiza sua bicicleta de modo a caber mais MR e abre somente as lixeiras que irá selecionar materiais, evitando problemas com os moradores das residências e outros lugares.

Ao final, agradei Osmar por sua “demonstração”.

6.1 DIALOGANDO SOBRE NOSSAS ANDANÇAS

Eu e os sujeitos da pesquisa, em nossas andanças pela cidade, percorremos diferentes trajetos. Empenhei-me em acompanhar o ritmo dos passos de cada um deles, observando as estratégias que adotam em seu trabalho e suas relações com a urbe enquanto desempenham a atividade de catação. Como cada um se apropriou de cada lugar por que passou, esses espaços estão necessariamente atrelados ao modo em que se habita, tece e é constituído pela cidade. Os catadores habitam a cidade, cuidando dela. Segundo o boletim informativo do Centro Empresarial da Reciclagem – Cempre, são aproximadamente um milhão de catadores no Brasil, mas apenas dez por cento deles estão organizados em associações e cooperativas, tendo melhor infraestrutura e não dependendo dos intermediários. Os catadores desta pesquisa estão entre os outros 90%. Suas táticas de ação para a atividade de catação estão pautadas nas experiências cotidianas e nos critérios estabelecidos pelos intermediários para as vendas. Pude notar que cada um deles, a partir dos recursos que tem disponível para o trabalho e de sua singularidade, deixa sua assinatura na cidade de modo diverso. Em contrapartida, a cidade também os marca.

Além do carrinho de puxar, carrinho de mão ou bicicleta, cordas, sacos, faca, água e café estão entre os objetos que transportam no trabalho.

No cenário das ruas, entre casas, condomínios, jardins, estabelecimentos comerciais, entre outros, vasculhar cada lixeira é o principal objetivo. Cada uma é um mundo do MR reciclável que vai sendo desvendado. Ali encontram desde lixeiras vazias até objetos que reutilizam no dia a dia, entre eles chinelos, carteira, panela, brinquedos e roupas.

Em suas relações com/na cidade, notei que respeitam os demais catadores, reconhecendo-os como batalhadores como eles, sem lamentarem quando um catador já passou no local anteriormente, levando o MR. Por outro lado, tentam tomar medidas para conseguir acesso ao material reciclável antes que o caminhão da Prefeitura aproprie-se deles, esvaziando as lixeiras da cidade. Aqui é possível evidenciar que a Prefeitura tornou-se uma concorrente e não uma parceira deles.

Existem consumidores que preferem deixar o MR produzido por eles destinado exclusivamente à coleta empreendida pelo caminhão da Prefeitura, que a faz em dias fixos, enquanto os catadores não cumprem com o mesmo rigor essa tarefa. Andando na cidade, pude constatar que existem estabelecimentos em que o MR é cadeado nas lixeiras ou reservado internamente, impedindo que sejam vasculhadas pelos catadores que por ali transitam. Essa restrição dos lugares aos catadores está vinculada ao imaginário social produzido acerca deles. Vistos como desnecessários, descartados, a cidade lhes nega o direito à cidadania. Cumpre dizer que, não há nenhuma campanha na mídia regional que valorize o trabalho que realizam limpando a cidade, colaborando com a valorização do CMR.

Outro aspecto a ser destacado é que a escolha de seus trajetos pela cidade tem relação com a proximidade dos seus bairros. De carrinho de puxar, carrinho de mão ou de bicicleta, todos têm que sustentar o peso dos materiais coletados até o retorno para casa, o que limita suas trajetórias. Contar com a colaboração dos lojistas e dos moradores dos locais em que circulam é facilitado à medida que passam a ser conhecidos por eles ao repetir percursos. O modo como cada um dialoga com as pessoas e realiza seu trabalho com empenho e dedicação contribui para que as pessoas passem a confiar neles, colaborando ao conceder-lhes o MR.

Sobre as filmagens, sem dúvida, minha presença transformou o modo habitual de como realizam seus percursos. Jobim e Souza (2003) consideram “[...] a presença da câmera como um terceiro interlocutor que necessariamente favorece ou dificulta o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas, desejos que são incorporados na forma como o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico” (p. 87). Na urbe, enquanto filmava, os catadores entraram em evidência nesse cenário. A câmera suscitou olhares e perguntas por parte de transeuntes e moradores, bem como para os sujeitos da pesquisa. Durante as filmagens, notei que os catadores ficavam atentos ao que era registrado, ora querendo colocar em evidência determinado objeto, contexto, ora fazendo comentários sobre o uso que poderia ser feito das imagens.

A filmagem permeou o imaginário desses sujeitos e daqueles que observavam. Como pesquisadora, pude experimentar com eles a descoberta em cada lixeira dos diferentes resíduos sólidos e objetos que encontraram, enquanto eles explicavam-me sobre suas escolhas e estratégias adotadas durante seu trabalho.

Contudo, Osmar, do mesmo modo que não aparece nas fotografias, escolheu não ser filmado durante a atividade de catação; e Zênia quis estar em menos evidência devido aos problemas que tem enfrentado no lugar em que mora em relação ao tráfico e violência.

Por fim, caminhar com eles possibilitou-me vislumbrar como se relacionam com a urbe e como os lugares e as pessoas na cidade presentificam-se em suas vidas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quatro anos se passaram... A cada ano enfrentei desafios diferentes. A construção da Tese esteve nesses últimos anos amalgamada na minha vida. Assumir um compromisso de quatro anos é uma tarefa árdua. Nos mares da vida encontrei ondas turbulentas; em outros dias, deparei-me com a calmaria. Os ventos no confronto com o mar delinearão diferentes visibilidades e musicalidades. A configuração do mar nunca é a mesma, em movimento como a vida este surpreende: ora avança, ora recua. Assim foi também na tessitura desta Tese, ora senti-me avançando, em outros momentos recuei. Por muitos mares naveguei para chegar a este momento.

Muitas pessoas conheci nas minhas “navegações”. Algumas seguem navegando comigo, outras mantêm diálogos em mares distantes e outras sumiram no infinito do oceano.

Nesses últimos anos, as reflexões sobre cidades ocuparam minha vida incessantemente. Cada cidade por que passei foi tempo de reflexão, observação e de encontro com a temática que escolhi para esta pesquisa. Outras cidades ajudaram-me a pensar a cidade de Criciúma e nela tantas outras encontrei. Foi a partir dos olhares estéticos dos catadores de MR que encontrei a cidade: sonhada, desejada, questionada, abdicada, amada, indignada, omissa, indiferente, instigante, prepotente, realizada, desenhada, redesenhada, transgredida, injustiçada, transpassada, entre tantas outras. Vislumbrei também, a partir desses sujeitos que ali habitam, a cidade da esperança.

São inúmeros os problemas que os CMR enfrentam, mas eles não desistiram da vida, nem da catação, nem da cidade. Nela eles transformam o que tem acesso nas lixeiras, ruas e terrenos baldios da cidade em decoração para sua casa, em objetos utilitários, em toneladas de MR para vender. Além disso, aceitam a doação de móveis velhos, consertam os eletrodomésticos que encontram, quase tudo é reaproveitado. O cobertor velho e puído que encontram os aquece, a roupa usada torna-se sua melhor roupa. Os sapatos jogados nas lixeiras em condições de uso são reutilizados. Colheres, garfos, copos, canecas, panelas podem se transformar no *nada que vira um tudo*. Nada para os que depositam nas lixeiras, tudo para aqueles que recolhem e reutilizam. Os alimentos desperdiçados que ocupam as lixeiras também lhes servem. A cidade para eles está sobre o signo do sofrimento, da resistência e da esperança. O sofrimento transforma-se em luta; a família é o alicerce e ao mesmo tempo o motivo para viver; todos têm uma religião e essa crença contri-

bui para que não desistam das suas vidas; encontrar lixeiras vazias os deprime, mas a fé e a esperança reaquecem seus corações.

Os catadores cuidam da sua casa e daquilo que possuem, sobretudo da família, mas também cuidam dos animais. Essa relação de carinho para com a natureza e os animais vislumbrei presente na vida de quase todos os sujeitos da pesquisa. Osmar foi o único que não os mencionou, embora tenha cachorros em casa. Desde muito cedo, esses sujeitos aprenderam a dividir uns com os outros o que possuem: alimentos, esperança, fé, roupas, e nesse processo os animais são acolhidos.

As relações estéticas dos catadores com a cidade, analisadas a partir das fotos que produziram, engendraram outras relações estéticas nas suas relações com os familiares, a casa, o bairro, a cidade. O fato de eles terem tido nenhum ou quase nenhum contato anterior com uma máquina fotográfica parece ter ampliado o interesse pela pesquisa. Titi foi a única que já havia sido proprietária de uma câmera, porém ela emprestou certa vez a uma vizinha que não devolveu. Osmar não tinha, mas já sabia como proceder. Terezinha, no decorrer do processo de captação de imagens, na primeira vez deixou todas queimarem. Ela não entendeu o motivo, mas eu suponho que alguém a tenha aberto sem que ela tivesse conhecimento. Ficou muito frustrada quando soube que os demais já tinham as fotos reveladas, enquanto as dela queimaram. Ela declarou que gostaria de refazê-las, e eu lhe concedi um novo filme; posteriormente ela refez as imagens e saiu como o previsto. É característica dela lutar por seus objetivos, aprendeu com/na cidade.

O interesse deles em concluir as fotos e terem novas ideias para as próximas denotou envolvimento com a atividade de pesquisa, assim como daqueles que levaram mais tempo devido seu planejamento das fotos. Para eles, não era uma tarefa qualquer, esperavam para ver como ficaria seu trabalho como fotógrafos. As fotos em suas vidas e suas vidas nas fotos, relações estéticas marcantes e marcadas por trajetórias singulares desses sujeitos nas cidades que percorrem e habitam em Criciúma.

As fotos produzidas por Zênia para a pesquisa são as únicas imagens que possui de sua mãe e de Ximirruga e encontram-se guardadas dentro da sua bíblia. Ela as preserva como algo sagrado. A bíblia foi o lugar destinado a todas as fotos que produziu nesta pesquisa. As fotos se misturaram à sua vida de fé.

No armário da casa de Osmar, as fotos que produziu encontram-se junto às outras fotos do “álbum” de família, guardadas com zelo por sua mulher que juntou as produções imagéticas de Osmar às fotos que trouxe de sua família quando se casou.

As fotos de Terezinha se materializaram em novas imagens. Guiando pela rua da cidade, vi Terezinha, seu filho e seu marido. Sorrindo, eles vieram ao meu encontro. Parei o carro e da janela, ouvi: “*Vem na minha casa, eu tenho uma casa nova!*”, disse Terezinha. “*É nova, vem visitar*”, disse Antônio. Compartilho que em 1999 eu os conheci no bairro Anita Garibaldi, desde então eles tiveram duas casas doadas, ambas sem banheiro e sem luz. Logo pensei que seria outra casa de madeira, pequena, sob a lógica de que “*o que é dado não se reclama*”. Semanas depois fui à casa de Terezinha e, para minha surpresa, vi sua nova casa de material sendo construída. Terezinha contou-me sobre os acabamentos que faltavam: “*vai ter piso, vai ter muro e tem banheiro*”. Acrescentou: “*Pedi uma cozinha grande porque sempre tive cozinha pequena*”. Ela disse que levou as fotos na Prefeitura, onde já havia feito diversos memorandos pedindo ajuda do governo municipal, mas lá disseram que a situação dela era igual a de tantos outros e que deveria esperar, esperar e esperar... Então, Terezinha levou as fotos para mostrar na Paróquia onde ganha cestas básicas. Mostrou ao Padre Chico, contou-me, ele prometeu ir à sua casa no dia seguinte. Ela já falara tantas outras vezes de sua situação ali, mas as fotos o sensibilizaram. No dia seguinte, conta Terezinha, ele foi à sua casa e constatou que as fotos que vira representavam sua dura realidade. E foi assim que ela ganhou uma nova casa.

Maria Denis guarda as fotos em seu quarto em uma caixa que contém as fotos acumuladas ao longo de sua vida.

Titi guardou as fotos dentro de uma caixa de sapatos.

Todos guardam suas fotografias com apreço. Isso denota a importância da produção imagética na história desses catadores. Notei que serem fotógrafos foi uma atividade que assumiu grande importância em suas vidas. A oportunidade de escolherem os ângulos, produzirem narrativas, um diálogo com/na vida foi sendo produzido como criação estética. Essa atividade criadora foi vista por eles como possibilidade de denúncia, de visibilidade, de produção de recordações e memórias da família e de amigos. O modo como guardaram as imagens significa que a relação estética com elas continua.

Com relação às filmagens, alguns se mostraram mais resistentes, pois não são habituados com a filmadora e com a presença de uma pesquisadora interessada em tudo o que fazem. Tiveram posicionamentos diferentes em relação a ela: Maria Denis foi minha diretora, Titi esperava aparecer na TV, Terezinha queria mostrar sua situação para que as pessoas a ajudassem, Zênia queria evitar problemas com o tráfico e Osmar não quer ser conhecido como catador.

A pesquisa foi marcada por encontros, reencontros e desencontros com eles. Nem sempre os encontrei em casa em minhas visitas, o que gerava novas idas e vindas. Cada ida e vinda foi entremeada de inúmeras observações, o que me permitiu compreender melhor suas relações com a cidade.

Adentrar suas casas me possibilitou compreender o que lhes importa de fato, seus objetos de preferência. Os objetos coletados pelos CMR possuem sentidos diversos para cada sujeito. São carregados de histórias, trazem marcas de afeto, de rejeição, de acolhimento, desprezo. Cada objeto é destinado à reciclagem, reutilizado ou descartado a partir das relações estéticas estabelecidas com eles. A atividade criadora dos catadores potencializa que os objetos assumam diferentes finalidades, as quais, através do tempo e do espaço, são mutáveis. Cada diálogo com o objeto é um novo encontro, aberto a novas possibilidades de leitura, composição e manuseio. Um mesmo objeto em composições estéticas diferentes revela-se polissêmico. Cada sujeito pode experimentá-lo de modos diversos e é só no encontro com o outro que ele existe.

A relação deles com a cidade é marcada pela luta para assegurar a sua sobrevivência e de suas famílias: seus maiores afetos. A ajuda que recebem do Programa Bolsa Família e/ou entidades assistenciais atenua diversas vezes seu sofrimento, mas o que eles precisam é ter trabalho e renda para viver com dignidade.

A pesquisa permitiu ver como batalham, as dificuldades que enfrentam, a limpeza que fazem, como habitam a cidade e como esta os constitui.

Uma das dificuldades encontradas no trabalho de catação é o trânsito: não existe um lugar apropriado para a circulação dos carrinhos dos catadores, que trafegam entre os pedestres nas calçadas estreitas e também não acompanham a velocidade dos veículos. Ora na calçada, ora na estrada, transitar com seus carrinhos pela cidade não é tarefa fácil. O mesmo acontece para aqueles que optam por andar de bicicleta: não existe um espaço apropriado para eles. Talvez isso explique o fato de que são poucas as pessoas que se arriscam a transitar com suas bicicletas pelas ruas na cidade de Criciúma. No centro da cidade raramente se vê um catador circulando com carroças. Alguns resistem à lei municipal que proíbe a circulação deles com cavalos em diversas partes da cidade, e preferem continuar utilizando-os. Mas, para os demais, puxar os carrinhos é a alternativa. Os problemas com as rodas do carrinho faz com que usem carrinho de mão, bicicleta, entre outras possibilidades e alternativas. Há omissão por parte do Poder Público que editou a lei para impedir o trânsito deles com animais pela cidade, mas não contribuiu

efetivamente para melhorar as suas condições de trabalho. Não são reconhecidos pelo Poder Público: “*Agora eu sou o cavalo*”, como reconheceu Titi.

Somente Maria Denis paga o INSS, os demais não têm recursos para tal. Osmar e Zênia, que têm idade para aposentar-se, preocupam-se com essa impossibilidade. Eles sabem que não terão sempre condições de seguir com o trabalho que empreendem pela cidade.

Outra dificuldade encontrada diz respeito à não utilização de luvas. Embora seja um equipamento de segurança de primeira necessidade no trabalho que desempenham, os catadores precisam comprá-las, e esse é um dos aspectos que explicita o fato de serem relegadas à condição de utensílio supérfluo. Outro aspecto é que o hábito de catar sem luvas encontra-se incorporado ao cotidiano desses trabalhadores, é uma questão cultural. Por último, eles desconhecem que trabalhar sem utilizá-las pode trazer sérias complicações para sua saúde. É preciso uma campanha na área ambiental e de saúde pública que abarque essas questões e que o acesso às luvas para esses trabalhadores seja facilitado.

Os diversos problemas de saúde vividos pelos catadores acentuam-se à medida que não dispõem de recursos financeiros nem de tempo suficiente para cuidar-se. Quando reduzem suas jornadas por estarem doentes ou não a fazem, o problema com os poucos recursos para viver se agravam.

O MR gera trabalho e renda a milhares de família no Brasil. Contudo, as situações de risco à saúde a que ficam expostas são um problema de saúde pública. Compete ao Poder Público realizar campanhas voltadas à saúde pública que esclareçam os catadores acerca da prevenção e cuidados ao lidarem com os resíduos urbanos.

Os catadores são lutadores, cumprem um papel importante na dinâmica da cidade, do cuidado com o meio ambiente. Eles têm que ser reconhecidos pela sociedade pelo importante trabalho que desenvolvem – ambiental, econômico e social. Devem ter direito de cidadão na pólis. O trabalho individual deixa-os relegados à própria sorte ou dependendo da caridade. A experiência de organização desses trabalhadores em cooperativas e associações, em princípio, se apresenta como uma alternativa para ampliarem seus ganhos, mas, ao mesmo tempo, não tem contribuído efetivamente para as modificações das condições precárias de vida desses CMR. Notei que os sujeitos desta pesquisa não acreditam nas organizações associativas de catadores que existem na cidade. Essa é uma questão complexa. Para envolverem-se nessas ações, considero que deveriam ser os protagonistas dessas iniciativas, ter voz de decisão nesse processo, precisam sentirem-se parte da construção histórica dessas

ações coletivas. Um aspecto que criticam é o fato de, ao serem convidados, ter sido informado que, independentemente de quando cada um trabalhasse, todos dividiriam os lucros de igual modo, o que consideram injusto. Mas, não deveriam ser deles essas decisões?

As políticas públicas precisam ser repensadas em inesgotável diálogo com esses sujeitos. Uma parcela pequena de catadores está organizada em cooperativas e associações no Brasil. A maioria trabalha de modo independente, como os sujeitos desta pesquisa. É premente a tessitura de políticas públicas nesse campo. Também as cooperativas e associações apenas cumprem seus papéis, se suas práticas propostas se efetivam no cotidiano de seus associados e transformam suas condições de vida precárias.

No cenário urbano, compete a tessitura de políticas públicas efetivamente comprometidas com a superação da pobreza. Isso requer o cumprimento da Constituição Federal. Uma cidade não deveria destinar seu patrimônio histórico, econômico e cultural a determinados grupos, deixando outros em situação de desamparo e vulnerabilidade. Os catadores falam que, nas suas relações estéticas com a cidade, sofrem, veem problemas ambientais, entre tantos outros. Eles não devem ser silenciados, ao contrário, suas vozes devem ecoar pelos quatro cantos. Eles trabalham sob a ótica da sustentabilidade e cumprem um importante papel social em prol da defesa do meio ambiente, merecendo serem reconhecidos pelo trabalho que fazem. No Brasil, a Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, regulamentada em dezembro de 2010, deverá ser implementada pelos municípios até o segundo semestre de 2012. Prevê a participação dos catadores na gestão dos resíduos sólidos nas cidades via organização dos catadores em associações e cooperativas. Isso envolve os programas de coletiva e prevê campanhas de educação ambiental. Sem dúvida, ter diretrizes nesse sentido é um avanço, mas elas só se concretizam quando a vida dessas pessoas se transforma. Pela nova legislação, as prefeituras, que são responsáveis pela limpeza urbana e pela coleta e destinação final dos resíduos, deverão contratar as cooperativas e associações para atuarem em uma perspectiva de responsabilidade compartilhada. Nesse sentido, os catadores que não estiverem organizados em cooperativas e associações terão cada vez mais dificuldades no acesso aos resíduos urbanos. Os catadores, ao estarem organizados coletivamente em cooperativas e associações, podem vender os resíduos por valores mais justos, mas isso demanda cursos de capacitação, maquinaria adequada e a venda coletiva, que agrega mais valor aos resíduos. Também podem criar linhas de produto para vender reciclados, como bolsas, tecidos, brinquedos, entre tantos outros. Para tanto, é preciso investimento na profissionalização dos catadores, e a catação não

pode ser sinônimo de pobreza, imundície, nojeira, entre outros. Nesta pesquisa foi possível observar que a trajetória de Maria Denis como catadora é marcada por sua experiência como trabalhadora formal no universo da costura, o que fez diferença significativa no modo como lida com o MR. Entendo que compete ao Poder Público fomentar os cursos e destinar recursos a essas organizações, mas respeitando a autogestão. Sendo assim, essas iniciativas não podem ser empreendidas à revelia dos catadores. Eles precisam estar bem informados sobre a lei federal e as políticas de gerenciamento de resíduos urbanos, para poderem tomar suas próprias decisões nesse processo. É preciso potencializá-los para a construção da sua cidadania, para que sintam e façam parte efetivamente da perspectiva de uma gestão de resíduos urbanos coletiva. Os diferentes segmentos da sociedade podem cooperar nesse sentido.

Compete aos consumidores a corresponsabilidade do destino dado ao MR. Essa é uma questão de cidadania. Para tanto, a população precisa ser melhor esclarecida acerca da coleta seletiva, para que assim possa assumir sua responsabilidade ética nessa prática cotidiana. Fazem-se necessárias campanhas publicitárias amplas, que orientem a população quanto ao destino dos resíduos sólidos, bem como no que diz respeito à importância dos catadores nesse processo. Ao Poder Público compete dar condições à população de separar adequadamente o MR e contribuir para potencializar todos os setores da sociedade, a fim de envolverem-se mutuamente com essa questão ambiental que, ao mesmo tempo, é de ordem ética, social, cultural, econômica e estética.

Ao longo desse processo de pesquisar, foram inúmeros os momentos de reflexão sobre a minha vida, a vida na(s) cidade(s), a vida dos sujeitos desta pesquisa entremeada por complexos atravessamentos históricos, culturais, estéticos e sociais. Conhecendo mais sobre as relações estéticas dos catadores com a/na cidade, aprendi mais sobre a minha própria vida. Várias vezes perguntei-me o quanto a ciência pode contribuir na formação de conhecimentos que colaborem na construção de políticas públicas que contribuam para as transformações cotidianas em defesa da ética, da cidadania e dos direitos humanos. Quando falo de ética, falo do respeito aos direitos que fundamentam a vida, falo da potência de ação para a autonomia, da capacidade argumentativa, da livre expressão de ideias, da possibilidade estética de criar, recriar e resistir a todas as formas de violação dos direitos humanos. Até que ponto somos capazes de construir “uma ciência prudente para uma vida decente”, como questiona Boaventura de Sousa Santos? Há muitos anos, o cotidiano das pessoas que vivem em condições acirradas de desigualdades sociais me sensibiliza. Quando vejo suas lutas, sinto que a ciência pode

fazer mais. Vejo nos CMR a **esperança** de na cidade encontrarem o que precisam para viver decentemente. Entretanto, as cidades que eles conhecem e nos apresentam os “sustentam”, ora pelos excessos da sociedade de consumo, ora pelo assistencialismo e paternalismo, mas não lhes possibilitam o direito à superação das problemáticas enfrentadas por eles.

Para divulgação da pesquisa, além de publicações e apresentação do trabalho em congressos, será produzido um documentário que apresente as relações estéticas dos catadores com/na cidade. Para tanto, serão utilizadas tanto as filmagens como as fotografias que registram as relações dos CMR com/na cidade nos mais diversos lugares pelos quais circulam “catando” incessantemente “vidas”. Essa proposta se inscreve enquanto possibilidade de produção de conhecimentos a partir de códigos linguísticos, que poderão ser compartilhados por um número maior de “leitores”, que extrapola os que se disponibilizarem a ler a Tese, como os próprios catadores.

Os CMR integrantes da pesquisa terão uma cópia do documentário, que também será disponibilizada à Universidade Federal de Santa Catarina, à *Università Degli Studi di Roma La Sapienza*, ao Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável, ao Fórum Lixo e Cidadania e ao Ministério Público do Estado de Santa Catarina. Sobre a Tese, vale dizer que Maria Denis está aguardando a disponibilização na internet para ler. Sua filha irá providenciar que ela tenha acesso, a minha parte é avisá-la, solicitou-me.

Por fim, nem tudo que experienciei ao longo desses quatro anos foi traduzido em palavras, mas sei que essa pesquisa aconteceu a partir de uma responsividade ética compartilhada. Foi assumida por mim e possibilitada por Maria Denis, Zênia, Ximiruga, Terezinha, Osmar e Titi, que me apresentaram suas casas, suas famílias, seu trabalho, seus modos de habitar a cidade e tecer relações com ela. Ao escrever esta Tese, eu assumi o compromisso de escrever sobre o que eles me permitiram vislumbrar acerca das cidades que existem em Criciúma. Tarefa difícil, pois uma mesma “cidade” pode ser vista de incontáveis facetas, dependendo do olhar que cada um imprime sobre ela. Este trabalho não classifica essas cidades, não as define, ao contrário, a cidade é movimento, é devir; os que a habitam a ressignificam constantemente. Somos inacabados como a cidade, e só nas relações estéticas nos constituímos. A arte está para a vida como a cidade para as pessoas. A vida está para arte como as pessoas estão para a cidade. Um dá o acabamento ao outro. Como pesquisadora, esses sujeitos me constituíram e participei de suas vidas. Tecemos relações estéticas e sem estas este trabalho não existiria.

REFERÊNCIAS

- Akamine, P. C. (1999). *Os centros culturais e a cidade – formulações metodológicas, experimentações*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, M. C. de. (2005). *Identidade territorial – a geografia das construções e dissoluções culturais urbanas*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- Amorim, M. (2003). A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In M. T. Freitas, S. Jobim e Souza, & S. Kramer (Orgs.), *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 11-25). São Paulo: Cortez.
- Amorim, M. (2006). Cronotopo e exotopia. In B. Brait (Org.), *Bakhtin: outros conceitos-chave* (pp. 95-114). São Paulo: Contexto.
- André, M. G. (1995). *O olhar cinematográfico: rede de relações entre o vidente e o visível*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Araújo, R. de P. A. (2003). *A construção da imagem – estudo da imagem de São Paulo concebida pelos telejornais durante o pleito de 2000*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da Criação Verbal* (4a ed., P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M., & Volochínov, V. N. (2002). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (9a ed., M. Lahud, & Y. F. Vieira, Trans.). São Paulo: Hucitec e Annablume.
- Barboza, D. (2000). Cooperativismo, cidadania e a dialética da exclusão/inclusão: o sofrimento ético-político dos catadores de material reciclável. *Psicologia e Sociedade*, 12, 54-64.
- Barboza, D. (2003a). A constituição do sujeito excluído catador de material reciclável e a construção da sua cidadania. In K. S. Ploner, L. R. S. Michels, L. M. Schlindwein, & P. A. Guareschi (Orgs.), *Ética e paradigmas na Psicologia Social* (pp. 225-236). Porto Alegre: Abrapso-Sul.
- Barboza, D. (2003b). *O movimento de potência e/ou impotência de ação dos catadores de material reciclável de Criciúma/SC no que se refere à construção da sua cidadania*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Barboza, D., & Zanella, A. V. (2007, maio/ago.). O movimento de potência/impotência de ação dos catadores de material reciclável: o diálogo com a assessoria. *Pro-posições*, 18, (2[53]), 147-166.

- Barcellos, G. H. (2008). A crise ambiental e a mercantilização da natureza. In C. E. V. Hissa (Org.), *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar* (pp. 109-124). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Batista, V. M. (2003). *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan.
- Bauman, Z. (2009a). *A arte da vida* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2009b). *Confiança e medo na cidade* (E. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (7a ed., S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Brasiliense (Obras escolhidas, v. 1).
- Benjamin, W. (2007). *Passagens* (1a reimp.). Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico.
- Burgos, M. B. (2005). Cidade, territórios e cidadania. *Revistas de Ciências Sociais*, 48(1), 189-222.
- Caetano, M. J. (2008). Ética e meio ambiente: reflexões sobre os lugares do homem na contemporaneidade. In C. E. V. Hissa (Org.), *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar* (pp. 181-192). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Caldeira, J. M. (1998). *Praça: Território de Sociabilidade – uma leitura sobre o processo de restauração da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Caldeira, T. P. do R. (2003). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo* (2a ed., F. de Oliveira, & H. Monteiro, Trans.). São Paulo: Edusp.
- Calvino, Í. (2008). *As cidades invisíveis* (2a ed., D. Mainardi, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Canclini, N. G. (2005). *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad* (Nueva Edición). Buenos Aires: Piadós.
- Canevacci, M. (2004). *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana* (2a ed., C. Parda, Trad.). São Paulo: Studio Nobel.
- Canevacci, M. (2008). *Fetichismo Visuais – Corpos Eróticos e Metrôpole Comunicacional*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Carvalho, M. da S. de. (2006). *A saudade do Rio e o amor ao público: almas consumistas e almas rebeldes da Lapa do Desterro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

- Carvalho, M. do C. B. de. (1998). A priorização da família na agenda da política social. In S. M. Kaloustian (Org.), *Família Brasileira: a base de tudo* (3a ed., pp. 93-108). São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF.
- CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem. (2011). *Política Nacional de Resíduos Sólidos: Agora é Lei – Novos desafios para Poder Público, empresas, catadores e população*. Acessado em: 20 de dezembro de 2011, de: <http://www.cempre.org.br/download/pnrs_002.pdf>.
- Certeau, M. de. (2004). *A invenção do cotidiano* (10a ed., vol. 1, Artes de fazer, E. F. Alves, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Conceição, M. M. (2003). *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo*. Campinas: Átomo.
- Da Ros, S. Z. (2006). Imagem, discursos e dialogismo: questões metodológicas. In S. Z. da Ros, K. Maheirie, & A. V. Zanella (Orgs.), *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência* (pp. 221-238). Florianópolis: NUP/CED/UFSC.
- Dias, R. M. S. (2003). *Malícia, perícia e polícia – manobras subjetivantes nas ruas do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Dias, L. R. R., Giroto, W. M., Tittoni, J. (2011). *A análise de implicação na intervenção fotográfica nos campos jurídico e hospitalar*. Acessado em: 20 de dezembro de 2011, de: <http://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1353>.
- Espinoza, B. de. (2005). *Ética: demonstrada à maneira dos geômetras* (J. Melville, Trad.). São Paulo: Martin Claret.
- Faria, R. S. de. (2008). A cidade entre planos de remodelação e resistência popular: política e politização das questões urbanas no Brasil. In D. Nascimento, & J. B. Bitencourt (Orgs.), *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade* (pp. 217-237). Chapecó: Argos.
- Fernandes, C. A. (2008). *Análise do discurso: reflexões introdutórias* (2a ed.). São Carlos: Claraluz.
- Foucault, M. (2008a). *Microfísica do poder* (25a ed., R. Machado, Org. e Trad.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2008b). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (35a ed., R. Ramallete, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Freitas, M. T., Jobim e Souza, S., & Kramer, S. (2003). Apresentação. In M. T. Freitas, S. Jobim e Souza, & S. Kramer (Orgs.), *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 7-10). São Paulo: Cortez.
- Gambalunga, E. P. (2005). *Catadores de material reciclável de Criciúma: cerceamento da cidadania na elaboração da lei municipal n 4580/03*. Trabalho

de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Jurídicas) - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

- Generoso, E. da C. (2001). *Memórias da marginalização a fundação do bairro Vila dona Tereza Cristina: 1975-76*. Monografia (Especialização em História Local e Regional) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.
- Giacomel, A. E., Régis, V. M., & Fonseca, T. M. G. (2004). Que tal um banho de mar... para ativar a potência política do corpo! In T. M. G. Fonseca, & S. Engelman (Org.), *Corpo, Arte e Clínica* (pp. 89-103). Porto Alegre: Editora UFRGS.
- Giordano, V. (2005). *La metropoli e oltre: Percorsi nel tempo e nello spazio della modernità*. Roma: Meltemi.
- Harvey, D. (2005). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* (14a ed., A. U. Sobral, & M. S. Gonçalves, Trans.). São Paulo: Loyola.
- Heller, A. (2000). *O cotidiano e a história* (6a ed., C. N. Coutinho, & L. Konder, Trans.). São Paulo: Paz e Terra.
- Hissa, C. E. V. (2008a). Cidade e ambiente: dicotomias e transversalidades. In C. E. V. Hissa (Org.), *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar* (pp. 259-281). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hissa, C. E. V. (2008b). Fronteiras da transdisciplinaridade moderna. In C. E. V. Hissa (Org.), *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar* (pp. 16-31). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hissa, C. E. V., Melo, A. F. de. (2008). O lugar e a cidade: conceitos do mundo contemporâneo. In C. E. V. Hissa, (Org.), *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar* (pp. 293-308). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Jobim e Souza, S. (2003). Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e epistemológicas. In M. T. Freitas, S. Jobim e Souza, & S. Kramer (Orgs.), *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 77-94). São Paulo: Cortez.
- Leite, R. P. (2002, junho). Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 115-134.
- Lima, I. B. L. de. (2007). *Cantiga do despertar: uma leitura benjaminiana sobre a criança na clínica psicanalítica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- Maurense, V., Tittoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica de pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, p. 33-38.
- Mayol, P. (2003). O bairro. In M. de Certeau, L. Giard, & P. Mayol. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar* (5a ed., pp. 37-45). Petrópolis: Vozes.

- Mello, S. L. de. (1999). A violência urbana e a exclusão dos jovens. In B. Sawaia, (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 129-140). Petrópolis: Vozes.
- Mizoguchi, D. H., Fonseca, T. M. G., & Costa, L. A. (2004). Corpoartecidade: (Inten) cidades dos corpos urbanos. In T. M. G. Fonseca, & S. Engelman (Orgs.), *Corpo, Arte e Clínica* (pp. 171-190). Porto Alegre: Editora UFRGS.
- Nascimento, D. (2008). Para além do monumento: etnicidade e identidade urbana na cidade do carvão (Criciúma, 1966). In D. Nascimento, & J. B. Bitencourt (Orgs.), *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade* (pp. 83-104). Chapecó: Argos.
- Nascimento, D., & Bitencourt, J. B. (Orgs.). (2008). *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade*. Chapecó: Argos.
- Naspolini Filho (2009). *De Cresciúma a Criciúma: 1880-1960* (1a ed., 3a reimp.). Criciúma: Ed. do autor. (Original publicado em 2007).
- Pechman, R. M. (2008). Quando Hannah Arendt vai à cidade e encontra com Rubem Fonseca; ou da cidade, da violência e da política. In D. Nascimento, & J. B. Bitencourt (Orgs.), *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade* (pp. 189-215). Chapecó: Argos.
- Peixoto, C. E. (1998). Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. In B. Felman-Bianco, & M. L. M. Leite (Orgs.), *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais* (pp. 213-224). Campinas: Papirus.
- Peixoto, N. B. (2003). O olhar do estrangeiro. In A. Novaes (Org.), *O olhar* (pp. 361-365). São Paulo: Companhia das Letras.
- Pesavento, S. J. (2007). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, 27(53), 7-23.
- Pesavento, S. J. (2008). Prefácio. In D. Nascimento, & J. B. Bitencourt (Orgs.), *Dimensões do urbano: múltiplas facetas da cidade* (pp. 9-11). Chapecó: Argos.
- Piovesan, F. (2009). *Direitos humanos e o direito constitucional internacional*. (10a ed. rev. e atual.) São Paulo: Saraiva.
- Portelli, A. (2007). *Storie Orali: Racconto, immaginazione, dialogo*. Roma: Donzelli.
- Ramalho e Oliveira, S. (2005). *Imagem também se lê*. São Paulo: Rosari (Coleção Textos Design).
- Ruver, H. R. dos S. (1992). *Descentralização e Participação nas Políticas de Saúde: Uma crítica do Processo de Implementação das AIS e do SUDS em Criciúma na Gestão Hülse (1983-1988)*, Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (4a ed., 2a reimpr.). São Paulo: Edusp (Coleção Milton Santos; 1).

- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sawaia, B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp.97-118). Petrópolis: Vozes.
- Schroeder, M. N. (2009). *Cenas da sexualidade florianopolitana: incursões estéticas à centralidade urbana*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Sennett, R. (2008). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental* (M. A. Reis, Trad.). Rio de Janeiro: BestBolso.
- Silva, V. C. P. da. (2008). *Girassóis de Pedra: Imagens e Metáforas de uma cidade em busca do tempo*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente.
- Tassinari, A. (2008). Henri Cartier-Bresson: O instante radiante. In L. Mammi, & L. M. Schwarcz. *8 X fotografia: ensaios* (pp.9-34). São Paulo: Companhia das Letras.
- Tezza, C. (1988). Discurso Poético e Discurso Romanesco na Teoria de Bakhtin. In C. A. Faraco e col. *Uma introdução a Bakhtin* (pp.51-71). Curitiba: Hatier.
- Velloso, M. P. (2008). *Os restos na história: percepções sobre resíduos*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(6), 1953-1964.
- Véron, J. (2008). *L'urbanizzazione del mondo* (F. Grillenzoni, Trad.). Bologna: Società editrice il Mulino.
- Vieira, R. A. K. (2009). *Os modos contemporâneos de gestão do espaço urbano e a invenção de si*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis.
- Zanella, A. V. (2006). Sobre olhos, olhares e seu processo de (re)produção. In L. H. C. Lenzi e col. (Orgs.), *Imagem: intervenção e pesquisa* (pp. 139-150). Florianópolis: NUP/CED/UFSC.
- Zanella, A. V. (2007). Sobre olhares, fios e rendas: reflexões sobre o processo de constituição de educadores(as). In A. V. Zanella e col. (Orgs.), *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso* (pp. 143-152). Florianópolis: NUP/CED/UFSC.
- Zanella, A. V. (2009). Cidades, imagens e existências entretecidas: reflexões com a refração do encontro entre psicologia social, comunicação e arte. In J. Bernardes, Jefferson, & B. Medrado (Orgs.), *Psicologia Social e Políticas de Existência: fronteiras e conflitos* (pp.95-105). Maceió: ABRAPSO.

APÊNDICE 1

TABELA I – ÁREA TEMÁTICA A – LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Autor(a)	Título	Área do conhecimento	Breve descrição do resumo
Costa, Maria Auxiliadora Leite Orientador: Juan Guillermo D. Droguett Ano da defesa: 2007	O sujeito humano – máquina nas configurações sociais propostas pelo cinema de ciência-ficção	Mestrado em Comunicação (Universidade Paulista)	A pesquisa de Costa (2007) teve como objetivo caracterizar uma construção midiática da sétima arte, oferecida como um produto cultural de identificação ao grande público receptor. O trabalho analisa a obra cinematográfica “Blade Runner – O caçador de andróides” como um paradigma social da passagem da Modernidade à Pós-Modernidade na trama narrativa dessa ficção. Enfim, a dissertação discute, mais do que gênero de ficção, uma temática social como o mal-estar instaurado na cultura, através da clarividência do cinema.
Starostina, Irina Orientador: Paulo Astor Soethe Ano da defesa: 2005	Cartografia de sentido – cidade como espaço onde a subjetividade se inscreve.	Mestrado em Letras (Universidade Federal do Paraná)	A dissertação de Starostina (2005) trata de uma reflexão sobre as realizações estéticas da inscrição da subjetividade no cenário urbano. Para tanto, foram analisadas obras literárias, pictóricas e alguns poemas dos ciclos de Sevilla. As cidades invisíveis de Ítalo Calvino é uma das obras analisadas.

cont.

<p>Borges, Valdeci Rezende</p> <p>Orientadora: Maria Izilda Santos Matos</p> <p>Ano da defesa: 2004</p>	<p>Histórias românticas na Corte Imperial: o romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro – 1840-1870)</p>	<p>Doutorado em História (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)</p>	<p>A tese de Borges (2004) aborda a historicidade da visão de mundo e do imaginário romântico no romance urbano de Alencar e sobre os processos de constituição de suas representações, atento às concepções de amor, sociedade, natureza, religiosidade, masculinidade e feminilidade. Para tanto, investigou tais representações nos romances Cinco Minutos, A Viuvinha, A Pata da Gazela, Sonhos D'ouro, Encarnação, Lucíola, Diva e Senhora, além de textos autobiográficos, políticos e ensaios críticos.</p>
<p>Carvalho, Henri de</p> <p>Orientador: Antonio Rago Filho</p> <p>Ano da defesa: 2004</p>	<p>Ernesto Nazareth, rei do tango brasileiro: a transformação da estética musical na cidade do Rio de Janeiro (1880/1934)</p>	<p>Mestrado em História (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)</p>	<p>Carvalho (2004) teve como objetivo introduzir a música de Ernesto Nazareth no contexto histórico brasileiro, marcado por intensas transformações no campo social, político e cultural no Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX e início do XX. O autor considera que a música de Nazareth é uma referência para a composição musical das gerações futuras.</p>
<p>Pereira, Wani Fernandes</p> <p>Orientadora: Maria da Conceição X. de Almeida</p> <p>Ano da defesa: 1999</p>	<p>Por uma Pedagogia da complexidade – cartografia das idéias de Clarival</p>	<p>Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)</p>	<p>A tese de Pereira (1999) versa sobre a leitura da obra do historiador, crítico de arte e educador patrimonialista, Clarival do Prado Valladares. A autora destaca que realizou uma cartografia nas cidades de Natal, Salvador, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, mapeando e inventariando uma série de artigos em revistas e periódicos, ensaios, livros temáticos, exposições iconográficas, além de participação em bienais, salões e festivais de arte.</p>

cont.

<p>Garcia, Jane Pinheiro</p> <p>Orientadora: Danielle Perin Rocha Pitta</p> <p>Ano da defesa: 1999</p>	<p>Arte contemporânea em Recife nos anos 90: Grupo Camelo, Grupo Carga e Descarga e Betânia Luna</p>	<p>Mestrado em Antropologia (Universidade Federal de Pernambuco)</p>	<p>Garcia (1999), ao pesquisar arte contemporânea, elege como sujeitos da sua pesquisa artistas plásticos da cidade do Recife que utilizam na sua produção, além de uma grande diversidade de materiais, várias formas de expressão como performance, ação, instalação, pintura, escultura, vídeo e objetos. Constata que suas produções vêm sendo pouco respaldadas pelo circuito nacional de arte, a despeito de não realizarem um trabalho de cunho regionalista.</p>
<p>Ribeiro, Carlos Jesus</p> <p>Orientadora: Antonia Torreão Herrera</p> <p>Ano da defesa: 1999</p>	<p>Caçador de ventos e melancolias – um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga</p>	<p>Mestrado em Letras e Linguística (Universidade Federal da Bahia)</p>	<p>Ribeiro (1999) realizou um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga, situando a obra do autor em seu contexto histórico e cultural, abordando o percurso da crônica moderna desde suas origens até sua consolidação no Brasil. Ribeiro sintetiza em sua dissertação o universo literário desse autor, abordado como gênero requintado de importância estética.</p>
<p>Perez, Andréa Lissett</p> <p>Orientadora: Maria Amélia Schmidt Dickie</p> <p>Ano da defesa: 2003</p>	<p>Tatuar e ser tatuado: etnografia da prática contemporânea da tatuagem</p>	<p>Mestrado em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)</p>	<p>Perez (2003) realizou uma descrição etnográfica da prática atual da tatuagem, tendo como objeto de estudo a loja Experience Art Tattoo, localizada na cidade de Florianópolis, SC, Brasil. O problema abordado é a compreensão dessa prática como uma totalidade, vista a partir da ótica da interação e do processo vivido, através do ato de tatuar e ser tatuado. Depreende-se o posicionamento da tatuagem como uma nova normalidade estética e vivencial no seio da sociedade ocidental, e a configuração de uma nova subjetividade, a dos “tatuados”, como um processo aberto, fluido e dinâmico, onde a pele se converte numa forma de expressão e construção do sujeito.</p>

<p>Faleiros, Fabiana Amelio</p> <p>Orientadora: Giselle Beiguelman</p> <p>Ano da defesa: 2008</p>	<p>Eu ainda estou vivo: modos de existir e novas tecnologias de comunicação</p>	<p>Mestrado em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP)</p>	<p>Faleiros (2008) discute as formas pelas quais as tecnologias de comunicação criam modos de vida implicando como formas de subjetividade. A autora dialoga com a obra de Dominique Gonzalez-Foerster, buscando mostrar a forma como essa artista singulariza a relação com os espaços compartilhados através de seu projeto em vídeo e película Parc Central e com On Kawara, com foco na obra “I am still alive” - série de telegramas feita a partir de 1969. Assim, Faleiros (2008) analisou como esses dois artistas, cada um a sua maneira, articulam processos de subjetivação. A autora empreendeu uma “ação” na cidade de São Paulo, que incluiu cartazes com a frase “Eu ainda estou vivo” e a distribuição de um vídeo via correio eletrônico. Confrontando esta “ação” com os autores e artistas estudados, concluiu que através de intervenções nos modos de vida homogeneizantes criados pelas novas tecnologias de comunicação, podem-se criar espaços de singularização da subjetividade contemporânea.</p>
<p>Cavalcanti, Fabrício da Costa Alhadadas.</p> <p>Orientador: Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira</p> <p>Ano da defesa: 2009</p>	<p>Arquiteturas do Tempo: um estudo sobre o sentido da memória a partir do contexto pós-moderno.</p>	<p>Mestrado em Ciências da Arte (Universidade Federal Fluminense)</p>	<p>Nessa pesquisa, Cavalcanti (2009) observa a paisagem urbana em seus espaços de memória e suas marcas identitárias, a partir de uma prática no campo da arte pela realização de fotografias, intervenções e apropriações em urbes pós-modernas, operando um diálogo entre o campo das artes visuais e o campo da arqueologia contemporânea. A arqueologia vem estreitando seus laços com a investigação de um passado recente pela crescente evidência de que</p>

			vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela produção material, produzindo assim fósseis de uma cultura contemporânea. Nessa pesquisa são apresentadas possibilidades de investigação de tal sociedade ao realizar interações de ordem conceitual e estética pela articulação de sujeitos múltiplos – curador / arqueólogo e o artista / fotógrafo – e assim observar a cidade (um sítio arqueológico) como um museu aberto, um “museu urbano”.
Rostey, João Carlos Mayer Orientadora: Ismara Eliane de Vidal de Souza Tasso Ano de defesa: 2009	(In)visibilidade da violência e do preconceito em Cidade de Deus e Minha Alma: representações e identidades do homem negro brasileiro	Mestrado em Letras (Universidade Estadual de Maringá)	Rostey (2009) pesquisou a constituição identitária e a representação do homem negro e favelado. As identidades como processo e efeito de discurso, circunscritas a práticas discursivas midiáticas contemporâneas, estabelecidas por relações de saber e poder operam dispositivos disciplinares em busca do domínio sobre os corpos, nos campos sociopolítico, econômico e cultural de uma sociedade, posicionando o sujeito e estabelecendo quando e qual lugar ele deve ocupar nesse processo. Nas práticas discursivas midiáticas nacionais da contemporaneidade a representação do homem negro brasileiro institui-se na relação preconceituosa com o não negro? Tal relação pode ser identificada na produção cinematográfica Cidade de Deus, de Fernando Meireles, e na produção videográfica Minha Alma, do grupo O Rappa? As mídias constituem um espaço de conflito de ordem política quando colocam em circulação discursos acerca do homem negro e favelado no Brasil em contradição com a memória constitutiva de que se vive, neste

			<p>país, um regime de “democracia racial”. A pesquisa teve como objetivo determinar como, pelo funcionamento discursivo verbal/visual/sonoro, as mídias cinematográficas e televisivas representam o homem negro brasileiro da favela carioca no filme Cidade de Deus e no videoclipe Minha Alma. Para tanto, Rostey (2009) como os discursos imagéticos produzem dizeres e não dizeres, na opacidade de sua constituição. Os resultados obtidos nessa pesquisa indicam que é a partir das mídias ora analisadas que se estabelece uma relação de força ou de resistência do imaginário coletivo sobre o homem negro brasileiro da favela carioca.</p>
<p>Gomes, Juliana Neves Simões.</p> <p>Orientadora: Maria Arminda do Nascimento Arruda</p> <p>Ano da defesa: 2010</p>	<p>Entre o ar e o chão: Metier de bailarino na cidade de São Paulo.</p>	<p>Doutorado em Sociologia (Universidade de São Paulo)</p>	<p>Essa tese investiga a adesão ao metier da dança, atividade artística para a qual é atraída uma minoria que faz do corpo instrumento de trabalho e recurso privilegiado de transgressão das próprias condições de existência. Trata-se de um estudo sobre bailarinas e bailarinos profissionais, tomando como cenário analítico o contexto do meio coreográfico da cidade de São Paulo. O objetivo deste trabalho é compreender do ponto de vista social como tornam-se bailarinos, e em que medida os capitais econômicos, simbólicos e corporais podem ser traduzidos no âmbito dos estilos aos quais essas trajetórias se dirigem. A tese teve como fundamentos de pesquisa a etnografia de duas companhias paulistanas – uma tradicional e outra de vanguarda – e um conjunto de entrevistas com bailarinas e bailarinos, a partir das quais foram</p>

			geradas narrativas sobre os seus itinerários e um banco de dados morfológicos que permitiram a interpretação das trajetórias dos agentes desse meio. A produção de sentidos acerca da trajetória social e a feição do corpo dos bailarinos foram utilizados como fontes de dados para o pequeno grupo que realiza o salto para essa profissão e passa a vivenciar a dança como um trabalho, na condução metódica da vida; e para compreensão das condições sociais que orientam sua formação.
Louzada, Marcelle Ferreira. Orientador: Marcelo Kraiser Ano da defesa: 2010	Corpopsaagem: dança e experimentações urbanas.	Mestrado em Artes (Universidade Federal de Minas Gerais)	Louzada (2010) apresenta uma perspectiva sobre a dança inserida no contexto urbano. Ao utilizar a cartografia como referencial metodológico, através de diálogos com experimentações urbanas, descreveu previsibilidades e possibilidades que a cidade oferece. A cidade de Belo Horizonte serviu como um plano-piloto da pesquisa, sendo descrita a partir de suas inscrições históricas, políticas e artísticas. Constatou-se que as proposições artísticas que se desejam como intervenções urbanas conferem outra qualidade ao espaço, transformando-o. Pelo envolvimento com as experimentações de dança, no espaço urbano, foi possível o desenvolvimento de uma dramaturgia, intitulada Corpopsaagem. Trata-se de uma prática de dança que busca relacionar corpo e paisagens urbanas, em uma composição que acontece no instante da ação. O Corpopsaagem se dá enquanto exercício de improvisação, oferecendo outras possibilidades estéticas de ocupação do espaço urbano.

TABELA II – ÁREA TEMÁTICA B – EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Autor(a)	Título	Área do conhecimento	Breve descrição do resumo
<p>Astolfi, Maria Luciane Globo dos</p> <p>Orientadora: Graciela Rene Ormezzano</p> <p>Ano da defesa: 2007</p>	<p>Processo cultural e subjetividade humana: significações de uma oficina de educação estética</p>	<p>Mestrado em Educação (Universidade de Passo Fundo)</p>	<p>Astolfi (2007) buscou compreender as significações de um grupo de pessoas adultas da cidade gaúcha de Ipiranga do Sul em uma oficina de educação estética. Através da leitura transtextual na oficina a autora constatou ao longo dessa investigação que mediante essas atividades é possível analisar fatores culturais e subjetivos de cada integrante do grupo, bem como aspectos da cultura constituídos entre eles.</p>
<p>Boy, Tania Cristina dos Santos</p> <p>Orientadora: Maria Lúcia de Amorim Soares</p> <p>Ano da defesa: 2007</p>	<p>Teatro estudantil: as tecnologias do eu e a constituição ética de si</p>	<p>Mestrado em Educação (Universidade de Sorocaba)</p>	<p>A pesquisa de Boy (2007) promove uma reflexão acerca da relação educação, teatro e constituição da ética de si, mediante uma pesquisa ação realizada em uma escola pública na cidade de Sorocaba – SP, que mantém um grupo teatral. Para a autora, tais experiências apontam para a relevância da arte teatral no sistema educacional, destacada a partir das significações dos sujeitos da pesquisa na constituição da ética de si.</p>
<p>Diehl, Viviane</p> <p>Orientadora: Graciela Rene Ormezzano</p> <p>Ano da defesa: 2006</p>	<p>A educação do sensível: modelando o barro e (re)significando o corpo</p>	<p>Mestrado em Educação (Universidade de Passo Fundo)</p>	<p>A pesquisa etnográfica de Diehl (2006) aborda os significados da educação do sensível na cultura estabelecida na oficina de arte cerâmica para adultos na cidade de Carazinho – RS. A autora constatou que tais ações, envolvendo a sensibilidade, potencializam o ensino da arte para a construção da corporeidade na educação comprometida com o saber sensível e inteligível, produzindo novas relações dos educandos com a vida.</p>

cont.

<p>Souza, Antonio Vital Menezes de</p> <p>Orientador: Sérgio Coelho Borges Farias</p> <p>Ano da defesa: 2005</p>	<p>A estética da diferença na vida de professor</p>	<p>Doutorado em Educação (Universidade Federal da Bahia)</p>	<p>Souza (2005) investigou a estética da diferença na vida de um grupo de professoras de uma cidade na Bahia, buscando compreender aspectos tanto da sua vida profissional quanto pessoal. O objetivo da pesquisa foi identificar as marcas da diferença nos modos de ser professora do grupo em questão e como estas professoras lidam com os estados de devir no tocante à docência.</p>
<p>Speller, Maria Augusta Rondas</p> <p>Orientadora: Maria Cecilia Sanchez Teixeira</p> <p>Ano da defesa: 2002</p>	<p>Professoras em Peixoto de Azevedo/ Mato Grosso: das vicissitudes de ser mulher, uma história por contar</p>	<p>Doutorado em Educação (Universidade de São Paulo)</p>	<p>Speller (2002) realizou sua pesquisa com professores migrantes em Peixoto de Azevedo/Mato Grosso, as quais faziam parte do curso de Licenciatura Plena em Educação Básica na modalidade de ensino à distância vinculado ao Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso. A autora destaca que a possibilidade de ser professora e de cursar terceiro grau teve impacto na vida dessas mulheres, bem como o fato de serem migrantes foi constitutivo da sua condição de professoras naquele espaço geográfico, posto que vieram de outro lugar, desconhecendo e estranhando algumas características da região.</p>
<p>Benedetti, Sandra Cristina Gorni</p> <p>Orientadora: Maria Heloisa Correa de Toledo Ferraz</p> <p>Ano da defesa: 2001</p>	<p>Arte e transformações na cultura escolar</p>	<p>Mestrado em Artes (Universidade de São Paulo)</p>	<p>Benedetti (2001) realizou uma pesquisa de campo cartográfica em duas escolas estaduais da cidade de Campinas – SP, que investigou se a Arte pode, e sob quais condições, desencadear, entre alunos e professores, experiências estéticas, artísticas e culturais que contribuam para transformações na cultura escolar. Nesse processo foram levantados enunciados de alunos, professores de Arte, outros professores, professores coordenadores, diretores da escola, supervisores de ensino, assistente técnico-pedagógico de Arte e dirigentes regionais de ensino, sobre o papel e a situação da Arte no currículo.</p>

<p>Silva, Maria da Glória Duarte Ferro</p> <p>Orientador: Luís Carlos Sales</p> <p>Ano da defesa: 2001</p>	<p>O livro didático, a poesia e o leitor: um estudo das atividades propostas para alunos de 3ª série do Ensino Fundamental</p>	<p>Mestrado em Educação (Fundação Universidade Federal do Piauí)</p>	<p>Silva (2001) estuda a situação da poesia na escola, a partir de uma análise das atividades sobre o texto poético, propostas pelos livros de Língua Portuguesa da 3ª série do Ensino Fundamental, utilizados no ano 2000, em escolas públicas e particulares da cidade de Teresina – PI, como o objetivo de verificar no livro didático a qualidade estética dos textos, dos poemas em relação aos demais textos, a seleção de autores e obras, bem como a sua contribuição no processo de formação do leitor. Com isso, a pesquisa objetivou analisar se no livro didático o texto poético privilegia a formação do leitor crítico e criativo. A autora constatou nos compêndios analisados que a poesia é utilizada com finalidades não poéticas, restringindo a atividade criadora e a imaginação e, por fim, inibindo a formação do leitor.</p>
<p>Melo, Márcia Maria de Oliveira</p> <p>Orientadora: Marli Eliza Dalmazio Afonso de André</p> <p>Ano da defesa: 2000</p>	<p>A construção do saber docente: entre a formação e o trabalho</p>	<p>Doutorado em Educação (Universidade de São Paulo)</p>	<p>Melo (2000) analisa as implicações socioculturais e político-pedagógicas referentes à construção do saber de um grupo de trabalhadores docentes e estudantes dos Cursos de Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP. Analisou os discursos dos sujeitos da pesquisa com foco em seus princípios educativos, instrucionais e regulativos inscritos nos seus saberes prático-sociais, pedagógicos e docentes.</p>
<p>Deus, Ana Iara Silva</p> <p>Orientadora: Graciela Rene Ormezzano</p>	<p>Educação estética: uma reflexão sobre processos educativos resilientes com crianças em situação de vulnerabilidade social</p>	<p>Mestrado em Educação (Universidade de Passo Fundo)</p>	<p>Deus (2009) empreendeu uma pesquisa etnográfica de cunho fenomenológico. A autora visou investigar os processos resilientes por meio de uma oficina de educação estética visual com um grupo de crianças que moram no Lar de Amparo à Infância no Rio Grande do Sul. Para obter os resultados da pesquisa foram observadas</p>

Ano da defesa: 2009			as falas e atitudes dos participantes da oficina, e realizados registros no diário de campo. As essências fenomenológicas encontradas foram quatro: a) agressividade expressa através da arte, b) a subjetividade desabrochada na oficina, c) prazer e a manifestação do eu através dos materiais artísticos, d) processos resilientes percebidos nas crianças.
Soares, Diony Maria Oliveira. Orientadora: Marcia Ondina Vieira Ferreira Ano da defesa: 2008	Espelho, espelho meu, eu sou bela? Estudando sobre jovens mulheres negras, discurso estético, mídia e identidade	Mestrado em Educação (Universidade Federal de Pelotas)	Soares (2008) analisa o impacto do discurso estético hegemônico sobre jovens mulheres negras, estudantes e residentes na cidade de Pelotas – RS. Constatou que há uma tendência de aprisionamento de personagens femininas negras, bem como de mulheres negras, em um território de subalternidade, que está naturalizado e é pouco contestado. Já o contexto local do lugar do estudo revelou-se submerso em uma política de subjetivação que nega a presença-existência da população negra, a partir da manutenção da subjetividade colonial e da realimentação do dispositivo do branqueamento. Todavia, ainda que algumas das falas das estudantes apontem para um ideário estético embranquecido, contraditoriamente também demonstram que tais jovens negam aquilo que não é espelho. Elas identificam o discurso estético hegemônico/midiático reconhecendo imediatamente a ausência de imagens de pessoas negras. Constataram-se tensões relativas às questões étnico-raciais e de gênero.
Mello, Eliana Dable de	Trauma e sintoma social: resistências do sujeito entre história individual e história	Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio Grande	Mello (2010) empreendeu essa pesquisa na Unidade de Saúde de Atenção Primária, do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospital Conceição, na cidade de

<p>Orientadora: Rosa Maria Bueno Fischer</p> <p>Ano de defesa: 2010</p>	<p>da cultura</p>	<p>do Sul)</p>	<p>Porto Alegre (RS). Teve objetivo compreender manifestações sintomáticas, referidas a atos de violência por parte de portadores do estigma de exclusão social. A autora investigou as condições históricas e estruturais das quais adveio a captura dos corpos a quem foi atribuído tal estigma, assim como as operações psíquicas, necessárias para a constituição do sujeito em um laço discursivo. Na interface entre a psicanálise freudolaciana e o campo da historiografia, este trabalho ratifica que a não transmissão de uma herança simbólica, a ser apropriada como um lugar para o sujeito no Outro, situa, por consequência, o traumático da objetualização como legado. O ato violento, nesta condição, é afirmado como o recurso pelo qual o sujeito tenta salvar sua singularidade.</p>
<p>Strehl, Jussara Morandini</p> <p>Orientadora: Graciela Rene Ormezzano</p> <p>Ano da defesa: 2010</p>	<p>Narrativas de professores sobre o mal-estar docente</p>	<p>Mestrado em Educação (Universidade de Passo Fundo)</p>	<p>Strehl (2010) investigou o significado de mal-estar docente e as formas de prevenção para melhorar a qualidade de vida do docente. O trabalho tem embasamento teórico na educação estética e na dimensão humana. A pesquisa parte do pressuposto de que a concepção do estético é entendida como modo de ser e estar no mundo. Foi desenvolvida uma pesquisa de campo com oito educadores, de quatro escolas distintas da rede de ensino público estadual da cidade de Passo Fundo/RS, sendo necessário que os mesmos tivessem se afastado de suas atividades escolares por motivo de doença – com laudo médico –, mas que já tivessem retomado as suas funções. As indagações foram orientadas por entrevista. A autora investigou problemas profissionais e sofrimento;</p>

			<p>interação com a comunidade escolar; e, indicações de prevenção. A prevenção do mal-estar docente necessita de um olhar de toda a sociedade em torno da escola. Depende de políticas públicas, dos sindicatos dos professores, do setor administrativo da escola, para oferecer ao professor, o apoio de outros profissionais que o ajudem em seu objetivo, que é a aprendizagem do aluno e a formação inicial e continuada; necessita levar em consideração as diversidades encontradas na escola.</p>
<p>Barreto, Maria Elena Vilanova Lois</p> <p>Orientadora: Verbena Maria Rocha Cordeiro</p> <p>Ano da defesa: 2009</p>	<p>Caminhos feitos de palavras: a recepção da Literatura infantil em crianças de uma escola pública</p>	<p>Mestrado em estudo de linguagens (Universidade do Estado da Bahia)</p>	<p>Barreto (2009) analisa uma prática de leitura, proposta através de oficinas literárias, realizada em uma sala de aula da 3ª série da Escola Municipal Tomás Gonzaga, na cidade de Salvador, no formato de uma pesquisa-ação. A investigação elege como referencial teórico as contribuições das teorias da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura, com vistas à criação das oficinas literárias e uma reflexão acerca da mediação de leitura. Nesta pesquisa-ação, parte-se do entendimento de que o ato de ler demanda a interação entre o texto e o sujeito leitor - para a constituição de uma sensibilidade estética - e de que o mediador tem um papel significativo nesse processo.</p>
<p>Pereira, Reginaldo Santos</p> <p>Orientadora: Myrtes Dias da Cunha</p>	<p>O lúdico e a constituição de sujeitos no cotidiano de uma escola de educação infantil</p>	<p>Mestrado em Educação (Universidade Federal de Uberlândia)</p>	<p>As atividades lúdicas desempenham papel relevante no processo de ensino/aprendizado e no desenvolvimento da criança na educação infantil em seus múltiplos aspectos e expressam o modo pelo qual uma criança reflete, ordena, constrói e reconstrói o mundo à sua maneira. Essa pesquisou de orientação etnográfica visou compreender o processo de organização cotidiana do lúdico em</p>

Ano da defesa: 2008			<p>uma escola de educação infantil Brincando e Aprendendo, em Itapetinga/BA. O autor empreendeu entrevistas com professoras, equipe pedagógica; observações em sala de aula e em reuniões pedagógicas e análise documental. Os dados deste estudo apontaram que o cotidiano da atividade lúdica dessa escola configura-se como um espaço-tempo de aprendizagens, mesmo com as limitações de seu espaço físico; inexistem planejamentos para o recreio das crianças; o cotidiano escolar estrutura-se como um espaço formativo, e o lúdico torna-se uma ferramenta importante nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos apresentando-se como espaço potencial de aprendizagens e constituição do sujeito social; urge investir na formação continuada (e lúdica) das professoras e a garantia de melhores condições de trabalho.</p>
---------------------	--	--	--

TABELA III – ÁREA TEMÁTICA C – CORPO

Autor(a)	Título	Área do conhecimento	Breve descrição do resumo
<p>Pinheiro, Danilo</p> <p>Orientadora: Norma Missae Takeuti</p> <p>Ano da defesa: 2005</p>	<p>Da escala médica de saúde à experiência social do saudável: diálogo entre os espaços dos bares e das academias fisiculturistas na cidade do Natal - RN</p>	<p>Mestrado em Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)</p>	<p>Pinheiro (2005) empreendeu sua pesquisa junto às academias fisiculturistas e dos bares da cidade do Natal – RN para abordar como esses sujeitos têm lidado com a noção de corpo e saúde. Assim, o autor pôde realizar um intercâmbio entre tais espaços de lazer típicos do cenário urbano na atualidade, podendo contrastar a diversidade de narrativas e os modos de subjetivação dos sujeitos da pesquisa, entendidos como construídos a partir dos discursos e imagens que ocupam intensamente a cultura contemporânea acerca das concepções de saúde, corpo e juventude.</p>
<p>Lucinda, Maria da Consolação</p> <p>Orientador: Marcio Goldman</p> <p>Ano da defesa: 2004</p>	<p>Subjetividade e fronteiras: uma antropologia da manipulação da aparência</p>	<p>Mestrado em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio de Janeiro)</p>	<p>Lucinda (2004), através de uma pesquisa etnográfica no Rio de Janeiro, estudou dois salões de beleza especializados no tratamento de cabelos crespos para compreender as motivações da clientela no que diz respeito às suas escolhas estéticas.</p>
<p>Perez, Andréa Lissett</p> <p>Orientadora: Maria Amelia Schmidt Dickie</p>	<p>Tatuar e ser tatuado: etnografia da prática contemporânea da tatuagem</p>	<p>Mestrado em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina)</p>	<p>Perez (2003) empreendeu uma descrição etnográfica da prática da tatuagem, tendo como foco da pesquisa uma loja localizada na cidade de Florianópolis – SC. Para tanto, abordou o contexto atual da tatuagem, suas estratégias de “legitimação”, o processo de interação de tatuar e ser tatuado como modos de subjetivação, entre outros aspectos. Depreende-se dessa perspectiva, que a</p>

Ano da defesa: 2003			pele se converte numa forma de expressão e constituição do sujeito.
Marinho, Alcyane Orientadora: Heloisa Turini Bruhns Ano da defesa: 2001	Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva	Mestrado em Educação Física (Universidade Estadual de Campinas)	Marinho (2001) investigou as relações estabelecidas em ambientes artificiais. Para tanto, teve como foco de análise o muro de escalada do Grupo de Escalada Esportiva - GEEU da Unicamp. Os sentidos dados pelos participantes do grupo ao muro foram foco de análise, a qual foi respaldada no referencial da análise cultural proposta por Geertz. As relações estéticas dos sujeitos com tal atividade esportiva potencializaram outras formas de se apropriarem das suas relações com seus corpos, possibilitando rupturas com a lógica narcisista e hedonista.
Schwengber, Maria Simone Vione Orientadora: Valeska Fortes de Oliveira Ano da defesa: 1997	O silêncio e as falas dos corpos-sujeitos nas práticas de educação física de uma escola pública	Mestrado em Educação nas Ciências (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul)	Schwengber (1997) enfocou a temática da corporeidade numa abordagem multidimensional, tentando compreender as diferentes dimensões que caracterizam o corpo/movimento no cotidiano escolar e na particularidade da educação. O campo empírico de observação da pesquisadora foi o cotidiano, especialmente o da Educação Física, de uma escola pública da cidade de Ijuí. Ela apresenta uma análise dos silêncios e das falas no cotidiano observado sob o prisma das dimensões éticas e estéticas.
Carvalho, Catia Fernandes de. Orientadora: Méri Rosane Santos da Silva	Presenças femininas na dança de rua coreografando estéticas da existência	Mestrado Educação em Ciências Químicas e da Vida e Saúde (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	O presente estudo refere-se às presenças femininas na dança de rua, expressão que aparece como um dos elementos do movimento cultural hip hop. Atualmente, o <i>hip hop</i> tem se configurado como território predominantemente masculino nas suas manifestações, sendo atravessado por diferentes significados de corpos e

Ano da defesa: 2009			<p>gêneros. Nesse panorama a atuação dos corpos femininos é pensada dentro de uma rede de relações sociais e de poder, disputando e produzindo significados, inventando suas próprias táticas de inserção, de modo plural e dinâmico. Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo desse estudo, mapear como são exercidas as diferentes presenças femininas nos grupos de dança de rua, Original Dancer e Piratas de Rua, ambos da cidade de Pelotas/RS. Para desenvolvimento da pesquisa foi utilizado como caminho metodológico a etnografia urbana associada a elementos do método cartográfico.</p>
---------------------	--	--	---

TABELA IV – ÁREA TEMÁTICA D – CIDADE

Autor(a)	Título	Área do conhecimento	Breve descrição do resumo
<p>Araújo, Rafael de Paula Aguiar</p> <p>Orientadora: Vera Lucia Michalany Chaia</p> <p>Ano da defesa: 2003</p>	<p>A construção da imagem – estudo da imagem de São Paulo concebida pelos telejornais durante o pleito de 2000</p>	<p>Mestrado em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)</p>	<p>A pesquisa de Araújo (2003) versa sobre como foi construída a imagem da cidade de São Paulo, pelos telejornais locais que foram ao ar durante a campanha eleitoral municipal de 2000. O autor aborda a veiculação que a imagem da cidade apresentada por esses meios de comunicação teve sobre a formação da opinião de seus eleitores, observando os temas levantados e o diálogo entre a estética da urbe, alguns recursos visuais e auditivos do telejornalismo. Segundo o autor, trata-se de um olhar sobre o olhar da televisão.</p>
<p>Caldeira, Júnia Marques</p> <p>Orientadora: Maria Stella Martins Bresciani</p> <p>Ano da defesa: 1998</p>	<p>Praça: Território de Sociabilidade - uma leitura sobre o processo de restauração da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte</p>	<p>Mestrado em História (Universidade Estadual de Campinas)</p>	<p>Caldeira (1998) investigou de que modo a Praça da Liberdade, enquanto território urbano consolidado na cidade de Belo Horizonte, se insere no debate contemporâneo de “preservação” da memória histórica e do patrimônio histórico mineiro e qual a sua importância simbólica como espaço de sociabilidade para a cidade.</p>
<p>Akamine, Paulo Chutae</p> <p>Orientador: Nelson Brissac Peixoto</p> <p>Ano da defesa: 1999</p>	<p>Os centros culturais e a cidade – formulações metodológicas, experimentações</p>	<p>Mestrado em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)</p>	<p>O estudo de Akamine (1999) tem como proposta um exercício de conceituação referente à localização de arquiteturas de lazer, pautado em paradigmas urbanos e estéticos, formulando metodologias e experimentações possíveis. O autor discorre que a criação de um centro cultural a partir da ocupação de uma antiga fábrica têxtil no Belenzinho/SP foi a situação analisada em seu processo de devir.</p>

<p>Almeida, Marina Castro de</p> <p>Orientadora: Regina Célia Bega dos Santos</p> <p>Ano da defesa: 2005</p>	<p>Identidade territorial – a geografia das construções e dissoluções culturais urbanas</p>	<p>Mestrado em Geografia. (Universidade Estadual de Campinas)</p>	<p>Almeida (2005) investiga os elos entre Cidade, Indivíduo e Identidade, desvendando a cumplicidade entre essas categorias. O recorte proposto é o ponto que une e contempla a espacialização como obra dessa tríade, compreendida em sua constante construção e dissolução de referências e territorialidades.</p>
<p>André, Maristela Guimarães</p> <p>Orientador: Antonio Joaquim Severino</p> <p>Ano da defesa: 1995</p>	<p>O olhar cinematográfico: rede de relações entre o vidente e o visível</p>	<p>Mestrado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)</p>	<p>André (1995) aborda a fruição do conhecimento decorrente da multiplicidade de recortes teóricos que atravessam a contemporaneidade e a fruição do indivíduo devido ao modo como a vida é vivida nas grandes cidades. A autora discorre que tais mudanças podem ser evidenciadas nas produções culturais produto da experiência estética, especialmente a linguagem cinematográfica.</p>
<p>Carvalho, Mauro da Silva de</p> <p>Orientador: Luis Antonio dos Santos Baptista</p> <p>Ano da defesa: 2006</p>	<p>A saudade do Rio e o amor ao público: almas consumistas e almas rebeldes da Lapa do Desterro</p>	<p>Mestrado em Psicologia (Universidade Federal Fluminense)</p>	<p>Carvalho (2006) analisa as implicações políticas e subjetivas contidas nos projetos de restauração que vêm sendo instituídos na Lapa desde o início da década de 90, aliados ao incentivo à instalação de estabelecimento de lazer e entretenimento. O autor visa analisar a história e o cotidiano do bairro, recolhendo nessa trajetória os inúmeros passados esquecidos ou apagados pelos urbanistas e patrimonialistas, dando-lhe usos que apontem para a construção de diferentes possibilidades e para a formulação de cidades onde as singularidades dos lugares e alteridades sejam consideradas.</p>
<p>Dias, Regina Maria Santos</p> <p>Orientadora: Esther Maria de Magalhães Arantes</p>	<p>Malícia, perícia e polícia – manobras subjetivantes nas ruas do Rio de Janeiro</p>	<p>Doutorado em Psicologia - Psicologia Clínica (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)</p>	<p>Dias (2003) analisa a cena republicana dos anos iniciais do século XX, caracterizada por significativas transformações nas cidades. Por esse motivo, ela dedicou seu estudo sobre a literatura de Lima Barreto – obra que realça a reordenação política, a racionalidade</p>

Ano da defesa: 2003			cientificista e o exibicionismo literário, como diagrama privilegiado em que se enreda o panorama da modernização e as novas práticas de modelização da subjetividade.
Schroeder, Marcelo Nuernberg Orientador: Nelson Popini Vaz Ano da defesa: 2009	Cenas da sexualidade florianopolitana: incursões estéticas à centralidade urbana	Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (Universidade Federal de Santa Catarina)	Schroeder (2009) estudou a arquitetura e a sexualidade como construções sociais cujas trajetórias se sobrepõem. Nessa investigação sexualidade e o erotismo são visitados em suas apreciações locais e o lócus de estudo é o centro de Florianópolis. O sujeito se constrói mediante processos de subjetivação, seja através do seu assujeitamento a uma realidade institucionalizada, seja através de sua imersão num mundo da autocriação de si. Desta forma, sua eleição de espaços de sexualidade e identidades correlatas torna-se o reflexo deste processo e acompanha a criação da arquitetura. Através do recorrido pela centralidade que concerne ao centro de Florianópolis, fez-se o registro de cenas da cidade em momentos diferentes. Na apreciação de movimentos, a constatação de regimes de tempo para a realização de eventos locais associa-se à criação de corporalidades e espacialidades que se tornaram importantes para avaliar as construções subjetivas nas quais a arquitetura urbana se revela. A materialidade e a fluidez da arquitetura são examinadas a luz deste exercício estético. Por fim, associa-se o sexo, como um dos elementos desta subjetividade, à demarcação de territórios, mas sempre se admite a possível transitoriedade desta demarcação, sobretudo quando está submetida ao paradoxo que envolve tanto a sexualidade como o erotismo.

<p>Vieira, Rafael Augusto Kwiatko Ski</p> <p>Orientadora: Soráia Georgina Ferreira de Paiva Cruz</p> <p>Ano da defesa: 2009</p>	<p>Os modos contemporâneos de gestão do espaço urbano e a invenção de si</p>	<p>Mestrado em Psicologia (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis)</p>	<p>Vieira (2009) cartografou os modos contemporâneos de gestão do espaço urbano, no Brasil, no período compreendido entre a promulgação da Constituição Federal, em 1988, e 2006, abrangendo o processo de elaboração dos Planos Diretores municipais. O autor relacionou os modos de gerir a cidade com as formas de invenção do sujeito moderno na relação com o espaço. O Estado foi visto como gestor dos riscos sociais e a estatística como ciência fundamental para o gerenciamento da população, e o liberalismo como forma de pensamento que garante, por meio das governamentalidades, a manutenção da liberdade individual e a permanência do Estado. Foi problematizada a invenção da cidade contemporânea em sua relação com a modernidade e com a produção de ritmos de vida diferenciados, com o advento de novas tecnologias. A cidade foi tomada como instrumento para a construção da vida impessoal, oferecendo a oportunidade para a existência do espaço público e para o encontro coletivo, através das invisibilidades a que se pode atentar. O mundo e o homem foram vistos como objetos de cuidado para permitir durabilidade à vida humana e ao mundo enquanto produção política destinada às gerações vindouras. A partir dos textos oficiais que tratam da cidade foram analisadas as práticas históricas de gestão da cidade. Por fim, o autor teceu considerações sobre o homem visto como proprietário urbano e sobre o homem considerado gestor da cidade, destacando a invenção de mundos e de modos de viver como a potência do homem comum.</p>
---	--	--	--

<p>Silva, Valéria Cristina Pereira da</p> <p>Orientadora: Eda Maria Goes</p> <p>Ano da defesa: 2008</p>	<p>Girassóis de Pedra: Imagens e Metáforas de uma cidade em busca do tempo</p>	<p>Doutorado em Geografia (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Pr. Prudente)</p>	<p>Silva (2008) a partir do estudo da cidade de Palmas/TO, analisa o imaginário da cidade projetada e implantada, constituída num tempo compacto e, ainda, como esse espaço organizado no tempo ausente apresenta traços e encaixes na realidade do pós-modernismo. A cidade de Palmas foi projetada e surgiu na condição de compactação temporal, sua paisagem urbana detém imagens cheias de simbolismos que jogam com a subjetividade do tempo. Os monumentos são mapas temporais difusos, representam tempos diversos e forjados que ludibriam a percepção, produzindo ilusões cujo objetivo final é dar sentido a cidade. O trajeto para compreender a cidade e a temporalidade presente/ausente que a constitui detém-se na lógica da multiplicidade que esquadrinha e sobrepõe a polissemia da imagem urbana aos processos cognitivo-afetivos de percepção e linguagem. A cidade em busca do tempo é aquela da construção imaginária, que transforma o espaço urbano em território e lugar de construção de sentido. Nesse movimento surge estética, estilística e emocionalmente sua aproximação/mutação pós-moderna. Por fim, as imagens da cidade são os modos de vê-las e vivenciá-las. Sua polissemia incentiva à contemplação imaginativa e propõe uma cidade sensível aos sujeitos que a constroem e habitam, atenta aos universos plurais que a costuram.</p>
---	--	---	--

TABELA V – ÁREA TEMÁTICA E – OUTROS

Autor(a)	Título	Área do conhecimento	Breve descrição do resumo
Francisco, Deise Juliana Orientadoras: Cleci Maraschin e Margarete Axt Ano da defesa: 2007	Criando laços via recursos informatizados: intervenção em saúde mental	Doutorado em Informática na Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	Francisco (2007) destaca que sua tese se situa no movimento de desinstitucionalização da reforma psiquiátrica e do movimento da luta antimanicomial no Brasil. Essa pesquisa intervenção teve como objetivo cartografar as relações dos sujeitos da pesquisa em espaços virtuais configurados para convivência e trocas de experiências para pessoas em situação de sofrimento psíquico.
Sarzedas, Letícia de Melo Orientadora: Elisabeth Gelli Yazlle Ano da defesa: 2007	Criança negra e educação: um estudo etnográfico na escola	Mestrado em Psicologia (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis)	O trabalho de Sarzedas (2007) tem como objetivo conhecer a visão que a escola, a família, as crianças e a criança negra têm sobre ser negra. Foi realizada uma pesquisa etnográfica com uma turma do ensino fundamental de uma escola pública de Londrina – PR. De acordo com a autora o que pôde constatar foi um discurso que culpa o negro por sua condição, atrelado ao mito da democracia racial. Para a autora, uma luta antirracista não deve abarcar somente a instauração de leis, mas, sobretudo refletir sobre como as subjetividades estão sendo constituídas.
Barbosa, Makarios Maia Orientador: Armindo Jorge de Carvalhos Bião	Todo coco um dia vira Kenga: etnocenologia, performance e transformismo no carnaval potiguar	Mestrado em Artes Cênicas (Universidade Federal da Bahia)	Barbosa (2005) descreve e analisa o carnaval transformista das Kengas, um bloco de rua que ocorre no carnaval potiguar, na cidade de Natal/RN, com base nos acontecimentos espetaculares vivenciados no dia 22 de fevereiro de 2004, antes, durante e depois do

Ano da defesa: 2005			desfile do bloco carnavalesco. Barbosa considerou que essa pesquisa contribui para o entendimento da atitude do transformista como estratégia de agrupamento de sujeitos minoritários em torno da ocupação da cena festiva do espaço público, favorecendo a divulgação de ideias e atitudes no que diz respeito à diversidade de gênero.
Alverga, Alex Reinecke de Orientadora: Magda Diniz Bezerra Dimenstein Ano da defesa: 2004	A loucura interrompida nas malhas da subjetividade manicomial	Mestrado em Psicologia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)	Alverga (2004) teve como foco discutir a “loucura” e subjetividade numa perspectiva ético-estético-política. Para tanto, problematiza o processo de Reforma Psiquiátrica em curso no país, que por um lado vem avançando significativamente nas duas últimas décadas, mas por outro é marcado pela manutenção da lógica hospitalocêntrica, presentes, sobretudo, nos modos de subjetivação contemporâneos.
Avelino, Gilvanildo Oliveira Orientador: Edson Passeti Ano da defesa: 2002	Antologia de existências e ética anarquista	Mestrado em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)	Avelino (2002) estudou como velhos militantes anarquistas da cidade de São Paulo ligados ao Centro de Cultural Social articulam concepção de mundo e estilos de vida na militância política. Através da história de vida desses sujeitos o autor destacou que na ética anarquista essa dimensão não recai sobre o conteúdo exterior, mas nos modos de subjetivação destes marcados por práticas de liberdade de poder si.
Pereira, Henrique de Carvalho Orientador: Ued Martins Manjud Maluf	Mercúrio no jardim de Vênus: a <i>anima mundi</i> na psicologia de C. G. Jung e de James Hillman	Mestrado em Psicologia (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	Pereira (2001) empreendeu um estudo sobre a noção platônica de <i>anima mundi</i> (alma do mundo) a partir da abordagem junguiana e de James Hillman. <i>Anima mundi</i> foi entendida como metáfora. Tal estudo procurou mostrar que tal questão implica em uma relação não dicotômica entre o psíquico e o físico, o que

Ano da defesa: 2001			o autor considera interessante para que se repensem os limites da subjetividade.
Bezerra, Gomes Onilda Orientadora: Edvânia Torres Aguiar Gomes Ano da defesa: 2000	O manguezal do Pina: a representação sócio-cultural de uma paisagem	Mestrado em Geografia (Universidade Federal de Pernambuco)	Bezerra (2000) tem como objetivo compreender a relação do homem com o seu meio a partir das posturas que ele assume diante dos elementos naturais, evidenciados em seu ambiente vivido. Seu objeto de estudo foi o Manguezal do Pina por tratar-se de um representativo exemplar da paisagem e formação urbana da cidade do Recife. As representações reveladas expressaram o conteúdo da relação estabelecida entre esses grupos e aquele elemento natural evidenciando a dimensão psicossocial e cultural de cada grupo, considerando o seu ambiente vivido, a sua vivência e experiência em relação ao Manguezal, entre outros aspectos.
Bittencourt Jr., Iosvaldyr Carvalho Orientador: Ari Pedro Oro Ano da defesa: 1995	Relógios da noite, uma antropologia da territorialidade e da identidade negra em Porto Alegre	Mestrado em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	Bittencourt Jr. (1995), a partir de uma perspectiva etnográfica, estudou os segmentos negros que compõem territórios na área central da cidade de Porto Alegre/RS. O autor destaca que lá diferentes grupos sociais de negros ocupam pontos de encontro desde a década de 70, nos quais constituem um <i>ethos</i> específico, porém com subjetividade e estética singulares, relevando-se multifacetado.
Lima, Idenilza Barbosa Lima de Orientadora: Leônia Cavalcante Teixeira	Canta do despertar: uma leitura benjaminiana sobre a criança na clínica psicanalítica	Mestrado em Psicologia (Universidade de Fortaleza)	Lima (2007) em sua dissertação objetivou apresentar as concepções freudianas sobre os processos de subjetivação da criança, tendo como palco a metrópole compreendida tanto com suas histórias de construção como com suas ruínas. Para tanto, considerou o pensamento de Walter Benjamin. A autora sustenta

Ano da defesa: 2007			que tanto os postulados freudianos como benjaminianos propõem uma atuação clínica que entende a criança como um sujeito advir, potente para juntar os cacos e os restos da cidade e apresentá-los na cena lúdica.
Ahlert, Jacqueline Orientador: Luiz Carlos Tau Golin Ano da defesa: 2008	As miniaturas na imaginária missioneira - O acervo do Museu Monsenhor Estanislau Wolski	Mestrado em História (Universidade de Passo Fundo)	Ahlert (2008) analisou as miniaturas remanescentes da cultura material das Missões jesuítico-guaranis em exposição no Museu Monsenhor Estanislau Wolski, localizado na cidade de Santo Antônio das Missões, RS. Essas imagens de santos, da Virgem e de Cristo, produzidas por índios guaranis e missionários jesuítas entre os séculos XVII e XVIII na Província Jesuítica do Paraguai, não são compreendidas somente como objetos produzidos em tempos passados. A intervenção do guarani introduziu os ícones cristãos na historicidade que define a formação de um estilo construído a partir de ressignificações e interpretações fortemente marcadas pela cultura ancestral anímica guarani. As miniaturas evidenciam a transposição do ambiente sagrado da Igreja para o espaço individual do culto doméstico. No espaço da subjetividade a estética autóctone logrou emergir, ressimbolizando a iconografia católica.
Santana, Maira Passos Orientadora: Mônica de Oliveira Nunes	A experiência do tratamento da obesidade/sobrepeso em mulheres adultas num hospital público da cidade de Salvador na Bahia	Mestrado em Saúde Coletiva (Universidade Federal da Bahia)	A pesquisa de Santana (2010) estudou a obesidade como problema epidêmico, tendo como objetivo compreender a experiência do tratamento da obesidade/sobrepeso em mulheres adultas em um hospital público da cidade de Salvador, Bahia. Identificou-se a autorresponsabilização das pacientes e o uso de ironia

Ano de defesa: 2010			as como estratégia para lidar com o sobrepeso/obesidade. Este estudo visualizou o excesso de peso e a resistência a seu tratamento como um enfrentamento à cultura atual e à imposição do estilo de vida contemporâneo; trouxe uma noção de adesão ampliada ao tratamento, apostando numa perspectiva de redução de danos e alertou para a configuração do serviço de atenção à saúde do obeso, destacando a necessidade de desenvolver serviços transdisciplinares.
Aihara, Maria do Socorro Michiko Orientador: Flávio Leonel Abreu da Silveira Ano da defesa: 2008	Paisagens nipo-brasileiras na cidade de Tomé-Açu-PA. Estudo antropológico das memórias da família Onuma	Mestrado em Ciências Sociais (Universidade Federal do Pará)	Aihara (2008) investigou o início da colônia nipônica na Amazônia, que através da labuta e dos preceitos ético-estéticos japoneses mesclados aos saberes e fazeres locais, e teceu um conjunto de paisagens distintas no cenário amazônico, uma vez que sintetizam experiências civilizacionais diversas. Para tanto, a autora interpretou as diferentes formas de conformação das paisagens constituídas pelos patriarcas da família Onuma a partir das memórias de seus parentes e amigos, considerando que tais narrativas expressam elementos que auxiliam na compreensão da subjetividade do nipo-brasileiro no contexto paraense. Este estudo apresenta ainda, uma incursão ao universo do Bon-Odori – ritual que revela parte significativa das formas de sociabilidade vividas pelos nipo-brasileiros – o qual é realizado anualmente na localidade de Tomé-Açu.
Tordin, Giseli Cristina	Os itinerários do desassossego: análise comparada da obra contística de Haroldo Conti	Mestrado em Teoria e História Literária (Universidade Estadual de Campinas)	Tordin (2010) pesquisou a obra do Haroldo Pedro Conti (1925-1976), colaborador da revista Crisis, professor de latim, roteirista e premiado em 1975 pela revista Casa de las Américas. Conti teve sua produ-

<p>Orientadora: Miriam Viviana Gárate</p> <p>Ano da defesa: 2010</p>			<p>ção literária interrompida quando foi sequestrado no começo da ditadura militar argentina. Está na lista de desaparecidos políticos. A autora analisou comparativamente os contos do escritor argentino com contos brasileiros. Para tanto, privilegiou, além da cronologia – contos brasileiros pertencentes ao mesmo período em que Conti escreveu sua obra contística, entre os anos de 1960 e 1970 –, o aspecto geral da trama, comum a todas as narrativas analisadas: o amor dos protagonistas ou narradores por outrem – um pai, um tio ou um irmão – e o desejo de, na recordação, criar um vínculo com este outro. As narrativas brasileiras que compuseram a análise – “A terceira margem do rio” (Guimarães Rosa), “As voltas do filho pródigo” (Aurano Dourado) e “Frio” (João Antônio). Os personagens na “descoberta de si” precisam aprender a enxergar, a partir do outro, a presença de um mundo antes não sensível aos olhos. Através das “pequenas percepções” que se instalam gradualmente nestes personagens, eles tentam recuperar não apenas o espaço-tempo que ficou para trás, senão o encontro com o outro: um encontro que não se deu em vida e que tem, através da memória, a última chance de ocorrência.</p>
--	--	--	---

APÊNDICE 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Daiani Barboza, Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP da UFSC e estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “AS MÚLTIPLAS CIDADES NA CIDADE: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana”. O objetivo nesta pesquisa compreender as relações que os CMR estabelecem com a cidade, e tal escolha implica compreender as relações estéticas que se constituem nesses espaços. Para tanto, como procedimentos para coleta de informações, serão utilizadas fotografias que serão produzidas pelos próprios sujeitos da pesquisa e a videografia que integrará todo esse processo de pesquisar.

Você poderá escolher participar ou não desta pesquisa, o que não implicará quaisquer benefícios pessoais, bem como não resultará em prejuízos pessoais. Ao participar, estará contribuindo com a produção de conhecimento no âmbito da ciência psicológica.

Se tiver alguma dúvida em relação ao estudo, ou não quiser mais fazer parte dele, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone 9988-0585.

Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que, se assim o desejar, que a procedência das informações será confidencial e elas serão divulgadas somente em âmbito acadêmico, através da apresentação em eventos científicos e em publicações na área. Desse modo, você pode optar pelo anonimato ou não da pesquisa.

Daiani Barboza
Pesquisadora Principal

Profª Drª Andréa Vieira Zanella
Pesquisadora Responsável

Eu, _____ fui esclarecido sobre a pesquisa “AS MÚLTIPLAS CIDADES NA CIDADE: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana” e concordo em participar fornecendo imagens e opiniões que poderão ser utilizadas na realização da pesquisa.

Assinatura: _____ RG: _____.

Criciúma, ____ de _____ de 2009.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Trânsito	Avenida Centenário – Centro Próximo ao terminal urbano	1 minuto e 3 segundos	Dificuldades no trânsito	Maria Denis encontra dificuldades para atravessar a avenida Centenário com seu carrinho. Sinaliza com a mão para que lado devo segui-la.
Cuidado com o corpo	Avenida Centenário – Centro	7 segundos	Hidratação do corpo	Após pequena pausa para beber água, Maria Denis sinaliza para que lado devo continuar seguindo-a.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	7 segundos	A procura do MR	Maria Denis estaciona seu carrinho do lado de duas lixeiras municipais, mas também olha para outra lixeira anexada a um poste.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	35 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis retira a bolsa plástica azul para colocar uma latinha de refrigerante que encontrou fora da lixeira. Logo após, pega outro saco plástico preto e se dirige a lixeira da frente, onde recolhe papelões. Ao encontrar uma latinha nessa lixeira joga-a dentro do seu carrinho.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	58 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis usa sua faca para dividir em pedaços a caixa de papelão encontrada, os quais insere na sacola preta. As garrafas plásticas de refrigerante encontradas são depositadas em seu carrinho, junto aos demais plásticos que acumulou. Ao concluir a tarefa segue com o carrinho.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	59 segundos	Coleta e seleção do MR.	Em uma lixeira municipal Maria Denis explora os sacos deixados fora desta. Com as mãos ela divide os papelões em partes e dobra-os.
Resíduos urbanos	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	1 minuto	Descartado (sem valor para venda)	Maria Denis explica porque não recolhe os materiais de isopor encontrados: “ <i>Isso aqui não é reciclável, lá fora é! Aqui eles não compram</i> ”.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Riscos à saúde	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	1 minuto	Não utiliza luvas.	Maria Denis encontra dentro de um saco plástico MR com restos de alimentos. <i>“Resto de comida, óh! A gente tem pena de deixar esse material pra trás. Óh! Aí vem no meio do lanchinho. Daí, é tudo material bom, olha aqui que tanto!”</i> . Ela limpa um pouco com as próprias mãos e recolhe. <i>“Daí, no fim, se a gente esquece a luva...”</i> <i>“Isso aqui é lixo que faz as padaria, as lanchonete... Tem bastante coisa, só que tá no meio da comida, da laranja... tá no meio do pó de café, se o pessoal tivesse consciência separava já no saco para não ficar tudo misturado!”</i>
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	46 segundos	-Coleta e seleção do MR; - Organização da lixeira.	Maria Denis abre outro saco, encontra pouca coisa, recolhe resíduos e fecha-o imediatamente. Ela deposita no saco o que está caído ao seu redor, deixando a lixeira mais organizada do que estava antes.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	42 segundos	Coleta e seleção do MR.	Procede com a coleta e separação do MR.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	47 segundos	Coleta e seleção do MR.	Procede com a coleta e separação do MR. Coloca os papelões encontrados em um mesmo saco plástico.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	1 minuto e 20 segundos	Coleta e seleção do MR.	Pega outro saco vazio no seu carrinho. Começa a vasculhar os sacos plásticos imersos dentro da lixeira. Cada saco que ela termina de recolher o que gostaria, fecha novamente. Usa provisoriamente uma caixa de papelão para depositar garrafas plásticas.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	54 segundos	Coleta e seleção do MR.	Continua a coleta e seleção do MR. Encontra uma velha bota vermelha e comenta: <i>“Até isso se acha, mas não presta!”</i> .

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Resíduos urbanos	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	36 segundos	Descartado (lixo orgânico)	Encontra um saco cheio de laranja, esse ela não abre, apenas comenta: “ <i>Isso aqui é tudo orgânico</i> ”. Apalpa outros sacos, mas não encontra nada para coletar.
Riscos à saúde	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	53 segundos	Não utiliza luvas.	“ <i>Fica tudo isso aqui! Tudo! Í a gente quer trabalhar e encontra essas nojeiras assim! Às vezes tem que botar a mão para pegá o que é bom. O prefeito mandou limpar, mas...</i> ” “ <i>Da maneira que eu faço não fica nada fora do saco. Tu vê, quando eu rasgo um saco eu já boto dentro de outro</i> ” Enquanto fala esvazia as latinhas de cerveja. “[...] <i>às vezes acontece deles jogar sacola aberta também</i> ”, diz Maria Denis.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	36 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis trabalha em silêncio, enquanto ouvimos apenas o barulho que vêm dos carros na avenida.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	31 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis continua seu trabalho.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	36 segundos	- Coleta e seleção do MR; - Organização da lixeira.	Maria Denis começa a devolver os sacos dentro da lixeira, posto que já está concluindo essa atividade. Joga mais papelões junto aos demais que está acumulando para levar embora.
Resíduos urbanos	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	52 segundos	Descartado (sem valor para venda).	Ao encontrar sacos de bala coloridos comenta: “ <i>Eles não compram aqui! [...] Eles não reciclam. É um plástico barulhento, não tem valor nenhum [...] é muito barato para pagar os empregado pra separar [...] É da loja de doces ali, daí vem papel e plástico de bala</i> ”.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	51 segundos	Organização do material recolhido	Maria Denis divide em pedaços as caixas de papelão, dobra algumas partes e depois as empurra para o fundo do saco para caber mais.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Relação com os comerciantes	Calçadão ao lado da avenida Centenário – Centro	2 minutos e 49 segundos	Não estabelece vínculos com os comerciantes.	Ela explica para mim que coleta nas lixeiras públicas, mas nas lojas não, isso porque outros catadores recolhem nesses locais. Coloca o restante do material recolhido no carrinho, tudo separadamente. Ela me conta que ao sair de casa às 12:10 escolheu uma mensagem e sugere que ela leia e eu filme.
Catação	Praça Nereu Ramos - Centro	36 segundos	Coleta e seleção do MR.	Ela recolhe o material de uma lixeira menor e depois segue com o carrinho. Sugere que eu fique para trás filmando-a. Conduz seu carrinho e pára na próxima lixeira.
Trânsito	Praça Nereu Ramos - Centro	22 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis conduz seu carrinho que se mistura com a multidão.
Trânsito	Praça Nereu Ramos - Centro	6 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis continua puxando seu carrinho até se misturar na multidão novamente.
Catação	Praça Nereu Ramos - Centro	31 segundos	À procura do MR.	Maria Denis guia seu carrinho, estaciona para ver uma lixeira, não encontra nada que lhe interesse, por isso segue. Mas logo depois estaciona novamente.
Catação	Praça Nereu Ramos - Centro	24 segundos	À procura do MR.	O carrinho fica parado enquanto Maria Denis observa alguns pontos para coleta.
Catação	Praça Nereu Ramos - Centro	36 segundos	À procura do MR.	Maria Denis segue com seu carrinho e pára próximo às lixeiras municipais. Vasculha as lixeiras e segue imediatamente com o carrinho, não encontrou nada.
Catação	Praça Nereu Ramos - Centro	21 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis recolhe materiais em outra lixeira municipal, coloca em uma sacola e retorna em direção ao seu carrinho. Uma música toca ao fundo.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Texto reflexivo	Praça Nereu Ramos - Centro	1 minuto e quarenta segundos	Leitura do texto	Maria Denis escolhe o cenário (banco da Praça Nereu Ramos) e lê a mensagem que escolheu antes de sair para trabalhar nesse dia. Música ao fundo continua.
Trânsito	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	14 segundos	Dificuldades no trânsito	Maria Denis puxa o carrinho no calçadão em meio a transeuntes e lojistas.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	12 segundos	À procura do MR.	Maria Denis segue, a seguir estaciona e observa sacos depositados no chão ao lado da lixeira.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	26 segundos	À procura do MR.	Segue em direção à lixeira pública.
Catação	Calçadão ao lado da avenida Centenário - Centro	16 segundos	Coleta e seleção do MR.	Recomeça a coleta e seleção do MR.
Trânsito	Avenida Centenário - Centro	9 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis atravessa a avenida Centenário.
Trânsito	Rua Joaquim Nabuco - Centro	15 segundos	Dificuldades no trânsito.	Segue conduzindo seu carrinho em direção oposta a dos veículos.
Catação	Rua Padre Cícero - Centro	54 segundos	À procura do MR.	A seguir entra em uma rua em direção a rodoviária e estaciona para explorar uma lixeira.
Trânsito	Rua Padre Cícero - Centro	31 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis segue pela calçada. A rua está em obras. Ela estaciona ao lado da próxima lixeira. Ela comenta que acha melhor que estejam arrumando a rua, uma vez que: <i>“Daí quando eu tava descendo o carrinho eu perigava escorregar os pé na lajota, de tênis. Daí eu tinha que assegura bem o carrinho pra não cair. Daí, eu sempre descia pela calçada, mas agora eles tão arrumando, vão arrumã”</i> .

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Fundos da Rodoviária - Centro	1 minuto e 20 segundos	Coleta e seleção MR.	Maria Denis encontra uma caixa com latinhas de refrigerante cheias. Abre-as com uma faca e esvazia: “[...] <i>Olha aqui!</i> [...] <i>É tudo isso aqui, vou acabá jogando fora pra não levá peso. Até gás tinha!</i> [...]”. Comenta que terá que jogar água em cima das latinhas depois. Também encontra garrafas de água mineral quase cheias. Comenta que encontra muita areia no lixo dos ônibus que chegam da praia.
Estratégia para venda.	Fundos da rodoviária	31 segundos	Acúmulo de latinhas.	Ela disse que vai acumular as latinhas: “ <i>Vou procurar ficar no máximo 1 ano, daí vendo tudo!</i> ”
Risco à saúde	Fundos da rodoviária	10 segundos	Objetos quebrados na lixeira.	Encontra em meio ao MR um copo quebrado: “ <i>Isso aqui é um perigo! Por isso que a gente tem que se cuida.</i> [...]”
Catação	Fundos da rodoviária	07 segundos	Coleta e seleção MR.	Continua a seleção. Encontra café entre os sacos plásticos de latinhas de refrigerante.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	41 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis está fazendo a coleta e seleção de uma lixeira municipal.
Trânsito	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	45 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis sai do posto de gasolina e atravessa uma rua muito movimentada.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	31 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis explora a lixeira de um condomínio. Do outro lado da rua se vê apenas o carrinho, posto que, a lixeira fica atrás de árvores.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	31 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis vai colocando provisoriamente no chão os materiais que seleciona.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	19 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis continua colocando provisoriamente no chão os materiais que seleciona.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	37 segundos	Descarte inadequado do MR.	A faxineira do edifício se aproxima e disse que o estado da lixeira de manhã lhe deu embrulho no estômago. Maria Denis dialoga com esta enquanto continua seu trabalho, acrescenta que a situação piora no verão quando alimentos ficam acumulados ali.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	22 segundos	Descarte inadequado do MR.	A faxineira disse que os moradores do edifício como a pagam para limpar não estão nem aí se o saco do lixo está rasgado, se ela tem juntar do chão, eles não estão interessados no seu trabalho: “[...] <i>Eles não estão nem aí. Pior é que é!</i> ” (Maria Denis).
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	31 segundos	Coleta e seleção do MR.	Continua selecionando. Disse que se as pessoas separassem antes seria muito melhor. Acha que nesse local a catção rendeu.
Resíduos urbanos	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	19 segundos	Descartado (sem valor para venda).	Mostra parte do lixo que não coletará. Entres esses, os tais sacos barulhentos.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	34 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis recolhe as latinhas dispostas ao chão enquanto dialoga comigo. Depois prossegue com as garrafas plásticas de água mineral e refrigerante.
Trânsito	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	07 segundos	Puxa o carrinho pela rua.	Gira o carrinho, puxando-o em direção à rua e me diz: “Por aqui!”.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	30 segundos	Coleta e seleção do MR.	Do outro lado da rua, coleta em outra lixeira. Começa a depositar o que seleciona dos sacos plásticos no chão.
Objeto	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	54 segundos	Objeto utilitário.	Conversamos sobre as luvas que nesse dia ela levou. Eram muito finas. Ela encontra uma pantufa e verifica se está boa para levar para a neta: “ <i>Tomara que seja boa! Vou levar para a neta já!</i> ” Experimenta nas mãos, apalpando-a e aprova suas condições: “ <i>Tá boa, só porque usaram uns tempo, não gostaram...</i> ”. Ela mostra-me com as mãos inseridas no par de pantufa. Convido-a para a foto, Maria Denis faz pose com as pantufas, enquanto sorri.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	25 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis continua a seleção do material nos sacos plásticos.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	14 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis continua a seleção do material nos sacos plásticos.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	26 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis empreende a seleção do material em sacos plásticos.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	33 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis prossegue com a seleção do material em sacos plásticos.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	22 segundos	- Coleta e seleção do MR; - Organização da lixeira.	Maria Denis prossegue com a seleção do material em sacos plásticos. Maria Denis começa de devolver os sacos vasculhados por ela na lixeira. Antes ela fecha-os como sempre.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	5 segundos	Coleta do MR.	Maria Denis atravessa a rua com um saco plástico em uma mão e na outra uma caixa de papelão onde leva o que coletou. <i>Vai em direção ao seu carrinho.</i>
Trânsito	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	34 segundos	Dificuldades no trânsito.	Conduz seu carrinho primeiro pela calçada depois pela rua. Olha com atenção para o trânsito.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	5 segundos	A procura do MR.	Estaciona no terreno baldio ao lado de uma pizzaria, onde há uma lixeira pública.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	45 segundos	Coleta e seleção do MR.	Vai depositando em um saco plástico as garrafas de refrigerante.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	12 segundos	Descarte inadequado do MR.	Segue incluindo nesse saco latas de ervilha e milho tamanho grande. Ela não separa de imediato porque os materiais estavam inseridos junto com o lixo orgânico. Nesse caso, <i>leva-os para limpar em casa.</i>
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	1 minuto e 21 segundos	Coleta e seleção do MR.	Continua a coleta e seleção do MR. <i>ia é frequentada por evangélicos, esclarece. Maria Denis desiste de coletar em um saco plástico, devido ao excesso de comida acumulado ali junto aos plásticos.</i>
Risco à saúde	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	34 segundos	Objetos cortantes na lixeira.	Maria Denis encontra uma lata de tamanho grande de ervilha, com a aba aberta para cima: “Isso é um perigo, óh! [...]”. Ela conta que a moça que faz a limpeza ali já comentou que já cortou a mão por esse motivo. Maria Denis usa uma faca para tocar os objetos desse saco.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	36 segundos	Org. da lixeira e do carrinho.	Maria Denis organiza a lixeira, pois já fez sua coleta nesse local. Começa a organizar o espaço no seu carrinho.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	33 segundos	Organização do carrinho.	Maria Denis deposita um saco grande cheio em seu carrinho. Verifica se os materiais estão firmes.
Catação	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	31 segundos	Organização do carrinho.	É a vez dos papelões que encontrou. O carrinho já está cheio e ela comenta: “ <i>Até chegar em casa é 1 hora e 30 ainda</i> ”.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Cuidado com o corpo	Rua Desembargador Pedro Silva - Centro	30 segundos	Proteção para evitar calos nas mãos.	Maria Denis coloca uma toalha enrolada na parte em que puxa o carrinho com as mãos. Segue pela rua na mesma direção dos carros.
Trânsito	Rua Santa Catarina - Centro	9 segundos	Dificuldades no trânsito	Adiante atravessa a rua.
Catação	Rua Bulcão Viana - Bairro Comerciário	33 segundos	Coleta e seleção do MR.	Em direção ao campo do Criciúma pára em lugar onde eventualmente recebe ferros. Dizem-lhe que não tem nada desta vez. Maria Denis segue. A seguir pára na lixeira pública fora do campo de Criciúma e reinicia a catação.
Trânsito	Rua Bulcão Viana - Bairro Comerciário	09 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis caminha adiante pela rua na mesma direção dos carros.
Catação	Rua Treze de Maio – Bairro Comerciário	27 segundos	Coleta e seleção do MR.	Com seu carrinho estacionado em frente a lixeira de um edifício, Maria Denis continua a coleta e seleção do MR.
Trânsito	Rua Treze de Maio – Bairro Comerciário	16 segundos	Puxa o carrinho pela rua.	Maria Denis segue em direção à rua lateral do campo do Criciúma.
Trânsito	Rua Constante Casagrande – Bairro Comerciário	28 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis puxa seu carrinho no meio da rua em sentido contrário dos carros.
Relação com outros catadores	Rua Constante Casagrande – Bairro Comerciário	22 segundos	Cordialidade	Com o carrinho estacionado Maria Denis observa a lixeira de um edifício e tenta localizar outra catadora que estacionou seu carrinho próximo dali. Ela gostaria de apresentar-me, porém não a avistamos.
Trânsito	Rua Constante Casagrande – Bairro Comerciário	10 segundos	Dificuldades de locomoção do carrinho.	Maria Denis puxa seu carrinho pela estrada em direção contrária ao vento.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	31 segundos	Seleção do MR.	Maria Denis vasculha a lixeira.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	21 segundos	Coleta e seleção do MR.	Ela separa os recipientes de iogurte, explica que retira o plástico em volta para vender. Custa R\$ 0,80 o quilo.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	27 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis encontra pouca coisa para coletar em outra lixeira de outro edifício e segue rapidamente pela rua.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	33 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis trabalha na lixeira de um edifício, encontra apenas um potinho para reciclar. Fecha a lixeira e segue.
Trânsito	Rua da República – Bairro Comerciário	31 segundos	Dificuldade na locomoção do carrinho.	Maria Denis se esforça para puxar o carrinho na subida de um morro.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	32 segundos	Seleção do MR.	Maria Denis vasculha os entulhos a procura de materiais.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	31 segundos	Seleção do MR.	A convite do proprietário e dos trabalhadores de uma obra, ela vasculha uma caixa com resíduos de construção, mas acha difícil, posto que que as latas de tinta misturam-se a garrafas plásticas de refrigerante e outros materiais.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	26 segundos	Seleção do MR.	Maria Denis organiza os papelões, mas, ao continuar vasculhando a caixa com resíduos da obra, comenta que é por isso que em construção não pega.
Trânsito	Rua da República – Bairro Comerciário	6 segundos	Dificuldades no trânsito.	Maria Denis segue pela estrada, vê um caminhão vindo em direção contrária a sua e atravessa rapidamente a rua.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	27 segundos	Seleção do MR.	Comenta que o vento está muito forte nesse dia. Estaciona e começa a vasculhar outra lixeira.
Catação	Rua da República – Bairro Comerciário	23 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis vasculha outra lixeira e comenta: “ <i>Não tem muito coisa aqui hoje [...]</i> ”.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Trânsito	Rua Cecília Daros Casa-grande – Bairro Comerciário	08 segundos	Dificuldade na locomoção do carrinho.	Maria Denis segue e entra em outra rua. Venta bastante.
Catação	Rua Cecília Daros Casa-grande – Bairro Comerciário	31 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis prossegue a coleta e seleção de MR em outra lixeira, anexa a uma casa.
Catação	Rua Cecília Daros Casa-grande – Bairro Comerciário	30 segundos	Seleção do MR.	Maria Denis segue com seu carrinho em direção a uma lixeira de um edifício. Estaciona e começa a vasculhar.
Catação	Rua Duque de Caxias - Centro	50 segundos	Seleção do MR.	Maria Denis indica com as mãos que fará o percurso que já fiz outro dia. Mas observo que ainda vai em direção às lixeiras do calçadão da igreja evangélica, onde pára e começa a vasculhá-las.
Trânsito	Rua Duque de Caxias e avenida Centenário - Centro	51 segundos	Dificuldade no trânsito.	Maria Denis atravessa a rua, e depois a avenida Centenário.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Meio ambiente	Bairro Sangão	32 segundos	Poluição ambiental	Vemos em meio a árvores o rio poluído.
Meio ambiente	Bairro Sangão	32 segundos	Poluição ambiental	O cenário é repleto de árvores com lixo espalhado pelo chão e o rio poluído. A cunhada de Maria Denis comenta que tem pessoas que “ <i>se acham os tal e demole com a natureza</i> ”.
Meio ambiente	Bairro Sangão	33 segundos	Poluição ambiental	Árvores e lixo espalhado no chão.
Meio ambiente	Bairro Sangão	32 segundos	Poluição ambiental	Árvores e no chão lixo espalhado. Maria Denis lamenta que não tenhamos vindo de bota para percorrer melhor o local.
Meio ambiente	Bairro Sangão	54 segundos	<i>Lixo versus vida.</i>	Diante de várias sacolas com MR jogadas ao redor das árvores Maria Denis se pronuncia: “ <i>Olha lá! Não é lixo, é tudo reciclável!</i> ”. Maria Denis encontra uma orquídea entre as árvores: “ <i>Daí quando tu faz o trabalho tu diz assim: no meio de tanto lixo se encontra uma vida e uma cor linda</i> ”. Maria Denis achou bonita para plantar em sua casa.
Meio ambiente	Bairro Sangão	49 segundos	Descaso com o MR.	Maria Denis adentra um pouco a mata com cuidado para ver o que tinha dentro de um saco de nylon, abre-o e diz: “ <i>Só pra ti ver o que eles jogam fora e não precisava jogar</i> ”. Nele havia latinhas, plásticos e outros MR.
Meio ambiente	Bairro Sangão	18 segundos	Descaso com o MR.	Maria Denis encontra entre o MR lixo orgânico apodrecido: “ <i>Aqui é lixo orgânico que fica preto</i> ”.
Catação	Bairro Sangão	24 segundos	Coleta e seleção do MR.	Maria Denis abre outro saco, embora nesse dia não tivesse saído com o objetivo de catar coleta MR.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	1:30 segundos	Poluição ambiental.	Chegamos em outro local. Maria Denis é a primeira a descer do carro rapidamente. No asfalto os carros passam enquanto na beirada o lixo está acumulado em grande quantidade.
Meio ambiente	Avenida Imigrante Poloneses	32 segundos	Poluição ambiental.	Adentramos o local e o lixo continua espalhado em meio à natureza.
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	35 segundos	Poluição ambiental	Continuamos adentrando o local e vislumbrando o lixo jogado no meio da natureza. Maria Denis diz <i>“Isso aqui devia ser transformado em um parque ecológico para as pessoa passear com os filhos no final de semana”</i> .
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	40 segundos	Descarte inadequado do MR.	Vemos sacos plásticos, objetos e outros resíduos jogados nesse local.
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	27 segundos	Descarte inadequado do MR.	Andamos pela beirada do asfalto e vemos os resíduos urbanos espalhados.
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	40 segundos	Descarte inadequado do MR.	Vemos sacos plásticos, objetos e outros resíduos jogados nesse local.
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	25 segundos	Descarte inadequado do MR.	Vemos sacos plásticos, papelões, objetos e outros resíduos jogados nesse local.
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	05 segundos	Desrespeito à lei ambiental.	Há uma placa da Fundação do Meio Ambiente de Criciúma – FAMCRI, onde está escrito “PROIBIDO JOGAR LIXO” .
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	32 segundos	Poluição ambiental	Em meio à paisagem vemos um rio. Maria Denis preocupa-se com as chuvas que levarão os resíduos urbanos descartados inadequadamente para o rio.
Meio ambiente	Avenida Imigrantes Poloneses	19 segundos	- Descarte inadequado do MR.	Restos de cana e plásticos encontram-se acumulados nesse local.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Relação com os consumidores	Rua Imigrante Venzon – Bairro Tereza Cristina	4 minutos e 35 segundos	Cooperação dos consumidores	Enquanto puxa o carrinho, Titti diz que trabalhar fichada tem mais vantagens. Na catação, em dias de chuva, não pode trabalhar. Quando aconteceu acidente com o seu filho, também não pôde trabalhar. Apresenta-me as casas das pessoas em que coleta o MR, entre elas a do seu Chico. Ela disse-me que ele lhe entrega tudo separado para que apenas coloque nos bergs, alguns outros moradores fazem o mesmo. Outros entregam misturado, e ela separa em casa. Cruzamos com outro catador puxando o carrinho também. Relata que o que viveu quando o marido estava nas drogas “ <i>não desejo para ninguém, agora vi o lucro do meu sacrifício</i> ”. Aos moradores que falam com ela, ela diz contente que não gosta de ser filmada, nem fotografada, mas diz que está sendo filmada por mim e que no futuro vai estar em um documentário.
Relação com os consumidores	Rua Imigrante Venzon – Bairro Santa Augusta	2 minutos e 16 segundos	Cooperação dos consumidores	Continua apresentando-me as casas onde coleta. Mesmo quando encontra tudo misturado “ <i>O importante é que eles guardam</i> ”, declara. Perguntou-me se visitei a catadora Zênia depois da morte de Ximirru-ga. Esclareci que ela não estava bem.
Relação com os consumidores	Rua Imigrante Venzon – Bairro Santa Augusta	8 minutos e 22 segundos	Cooperação dos consumidores	Titi conta que de manhã já passara catando por essa rua. Lembra-se do morador que não avisara que agora passará somente nos sábados, domingos e feriados. Contou-me que encontrou uma máquina digital enquanto catava. “ <i>Não acredito que achei aquilo, fiquei bem contente, agora no final de ano eu quero é</i>

				<i>flash</i> ”, anuncia. Uma moradora a chama e lhe entrega várias garrafas pet para Titi. Ela quer saber se Titi vai passar no Canal 19. Esclareço que é uma pesquisa. Ela elogia o trabalho de Titi, qualifica como difícil. Expliquei a Titi de modo simples como é uma Tese. Ela disse que vídeo é melhor do que ler. Ela contou-me que deu a foto de seu Chico para ele. Segue pela rua. Cruzamos com outro catador que está de carroça e cavalo, ele lhe perguntou se encontrou seu maço de cigarros no chão. Ela disse que não. Ela nunca fumou. Titi me contou que tem arritmia cardíaca.
Trânsito	Rua Imigrante Meller – Bairro Pinheirinho	30 segundos	Dificuldades no trânsito	Titi puxa o carrinho e segue na mesma direção que os carros.
Trânsito	Bairro Imigrante Zanette – Bairro Pinheirinho	24 segundos	Dificuldades no trânsito	Titi puxa o carrinho e segue na mesma direção que os carros.
Trânsito	Bairro Imigrante Zanette – Bairro Pinheirinho	23 segundos	Dificuldades no trânsito	Titi puxa o carrinho e segue na mesma direção que os carros.
Trânsito	Avenida Centenário -Bairro Pinheirinho	1 minuto	Conflitos no trânsito	Titi atravessa a avenida Centenário, os carros buzina. Ela recorda de vários acidentes que já ocorreram ali.
Trânsito	Avenida Centenário -Bairro Pinheirinho	21 segundos	Dificuldades no trânsito	Após atravessar a Avenida caminha entre os carros e segue em direção a Avenida Santos Dumont.
Catação	Avenida Santos Dumont	2 minutos e 10 segundos	Coleta e seleção do MR	Pega MR da lixeira de uma loja. Comenta que agora não deixam mais no “latão”. Deve pedir dentro da loja. Conseguiu caixas de papelão e depois no terreno ao lado, encontrou pedaços de PVC.

Catção	Rua Visconde de Cairú – Bairro Santa Bárbara	30 segundos	Coleta e seleção do MR	Estaciona em frente o Albergue São José, apalpa os sacos. Não os abre e pega as garrafas pet que estão soltas na lixeira. Segue na calçada puxando o carrinho.
Relação com o lugar e os objetos	Rua Vandrillo M. Serafim	8 minutos e 36 segundos	Tensão na relação com os usuários de drogas; descarte inadequado do MR; objeto utilitário	Entramos em uma estrada de chão nas proximidades do Fórum Municipal, onde ela fez a foto do lugar que encontrou o cachorro morto. Ela vai puxando e relata que uns 15 dias atrás a Prefeitura mandou limpar, mas o lugar encontra-se novamente com lixo entulhado. Recolheu pedaços de plástico. Perguntei se ela nunca usa luvas e ela disse: “ <i>Aí não gosto, mi agoneia, já tentei usar</i> ”. Contou que naquele lugar encontraram um jovem morto em decorrência do uso excessivo de drogas. “ <i>Achei um tapete para minha casa. Tudo que eu acho assim eu levo, lavo e uso</i> ” (Titi). Titi coloca o tapete no carrinho, antes me mostra os dois lados, argumentando que ele está sujo de tinta apenas do lado avesso. Contou-me que ali diversas vezes encontra usuários de drogas, disse que a respeitam. Segue puxando o carrinho.
Relação com os usuários de drogas	Rua Vandrillo M. Serafim	2 minutos e 53 segundos	Conflitos com os usuários de drogas	Titi vai puxando o carrinho. Mostra os edifícios e conta que proibiram os catadores de catarem devido aos usuários de drogas que mexiam nas lixeiras, deixando-as desorganizadas. Retornamos e seguimos em direção à rua Henrique Lage. Titi comenta que acha que vai chover, por isso não irá até o Café Píheirinho.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua Cônego Aníbal Maria Di Francia	10 minutos e 20 segundos	Coleta e seleção do MR	Ela conta que o guarda do prédio deixa cadeada a lixeira. Então, geralmente ela pede para que ele abra para ter acesso ao MR. Nesse dia ele não estava, mas a lixeira estava aberta. Titi foi abrindo lixeira por lixeira e colocando o MR encontrado por ela em seu carrinho. Titi fechou todos os sacos e deixou a lixeira organizada. Também pediu que um morador jogasse as caixas de papelão que não tinha acesso pelas grades, ele cooperou. Ela agradeceu. Bem-humorada, coleta os materiais. Ela contou que alguns moradores depositam o material separado. Titi falou que sente o mau cheiro, mas está acostumada. Continua seu trabalho e o carrinho fica quase cheio.
Catação	Rua Cônego Aníbal Maria Di Francia	9 minutos e 47 segundos	Coleta e seleção do MR	Titi continua depositando o que escolhe no carrinho até que ele fica cheio. Nesse momento ela fecha a lixeira e me convida a retornarmos. Segue com o carrinho na calçada e nesse trajeto pára e vasculha a lixeira de uma casa. Titi encontrou mais garrafas pet. Encontrou um objeto plástico pelo chão e recolheu. Logo adiante, encontrou um papelão jogado e procedeu do mesmo modo. Titi contou-me que gostava quando as crianças a acompanhavam na catação. Atravessa a rua com o carrinho.
Trânsito	Avenida Centenário – Pinheirinho	44 segundos	Dificuldades no trânsito	Titi fica parada no sinal vermelho, na rua, juntamente com os veículos. Quando o sinal abre, ela atravessa a avenida ao mesmo tempo que os demais.
Trânsito	Rua Imigrante Meller – Bairro Pinheirinho	14 segundos	Dificuldades no trânsito	Empurra seu carrinho na mesma direção dos carros.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Trânsito	Rua Imigrante Meller – Bairro Pinheirinho	3 minutos	Conflito no trânsito	Continua empurrando o carrinho na mesma direção que os carros. Contou que outro dia um homem passou de carro e a xingou, por isso colocou o carrinho no meio da estrada. “ <i>Se eles tão de carrão, eu tô de carrinho, mas eu tô trabalhando. [...] Eles acham que são os maioral, melhor que a gente</i> ”. Disse que um carro deixou a roda do seu carrinho “ <i>toda torta, eu vim escomungando o cara</i> ” (Titi). Nesse momento passou um carro e buzinou. Ela disse: “ <i>Cortaram as carroças, botaru os carrinhos e ainda tão reclamando, o que eles querem que a pessoa faça?</i> ”. Foi ver a lixeira de uma residência e recolheu um saco cheio de garrafas pet. No chão encontrou pedaços de PVC que depositou em seu carrinho.
Trânsito	Rua Imigrante Meller – Bairro Pinheirinho	20 segundos	Dificuldade no trânsito.	Continua guiando o carrinho pela rua na mesma direção que os carros. Aproxima-se do trilho, segue na mesma rua. Aos fundos, ouvimos o barulho do trem passando.
Trânsito	Vira à direita na rua Imigrante Meller, em direção ao bairro Santa Augusta	3 minutos e 46 segundos	Transita com tranquilidade.	Seguimos pelo bairro Pinheirinho e depois dobramos uma quadra. Titi esclarece que nesse dia não foi longe devido ao tempo. Tem pouco movimento e ela caminha no meio da rua. Contou-me que no período da manhã encontrou mais resíduos, sendo que uns rapazes que consertam computadores lhe deram cobre. Dali Titi seguiu para casa.

TABELA VI – ITINERÁRIO DE TEREZINHA

Data: 09/11/2010

Itinerário: Bairro Anita Garibaldi,

São Luiz, Michel, Centro e

Santa Bárbara

Catadora: Terezinha

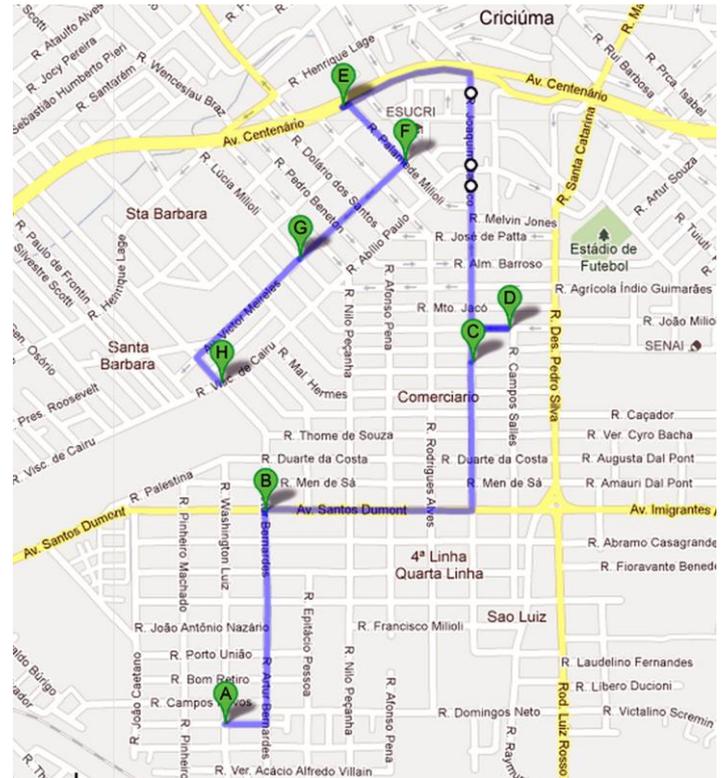


Figura 61. Mapa com o itinerário de Terezinha (Tabela VI)

Fonte: Google Maps

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Condição de moradia	Rua Mara Rúbia Fontana Mendes – Bairro Anita Garibaldi	18 segundos	Casa em condição precária.	Terezinha e eu saímos de sua casa e vamos andando pela rua. Olhamos para sua casa e ela disse que quando chove muito fica nervosa.
Relação com os comerciantes	Rua Artur Bernardes – Bairro São Luiz	1 minuto e 46 segundos	Relação de cooperação.	Caminho com Terezinha pelo bairro São Luiz. Ao passarmos por um bar, ela comenta que costuma pegar MR ali. Adiante, estão Antônio e Cassiano puxando o carrinho.
Condição de vida	Rua Artur Bernardes – Bairro São Luiz	2 minutos e 36 segundos	Resistência e luta cotidiana.	Na cena, Antônio e Cassiano continuam caminhando adiante e distante de nós. Ela comenta sobre a escassez dos alimentos em casa. Disse que se conseguir internar o marido não passará fome, trabalhará sozinha.
Condição de vida	Avenida Santos Dumont	1 minuto e segundos	Auxílio de entidade religiosa.	Terezinha e eu caminhamos rápido e conversamos. Ela conta que quando os pais eram vivos a ajudavam, os irmãos não a ajudam. Conta que vai na igreja buscar o rancho.
Carrinho	Avenida Santos Dumont	3 minutos	Calibração das rodas.	Continuamos a caminhada rapidamente. Antônio e Cassiano seguem na frente. Terezinha acha que vai dar trovoada. Chegamos no posto de gasolina, onde foram calibradas as rodas do carrinho.
Catação	Joaquim Nabuco – Bairro Michel	17 segundos	Coleta do MR.	Antônio e Cassiano seguem na frente. Eu e Terezinha continuamos caminhando e ela junta um caixa de papelão
Objeto	Joaquim Nabuco – Bairro Michel	32 segundos	Objeto utilitário.	Na lixeira de outra casa ela encontra uma frigideira e a coloca dentro da caixa.
Catação	Joaquim Nabuco – Bairro Michel	33 segundos	Leva nas mãos a caixa.	Terezinha continua carregando a caixa. Caminhamos e ela comenta que gosta das crianças da vizinha.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Joaquim Nabuco – Bairro Michel	33 segundos	Leva nas mãos a caixa.	Terezinha caminha na calçada com a caixa na mão.
Catação	Joaquim Nabuco – Bairro Michel	43 segundos	Leva nas mãos a caixa.	Terezinha caminha na calçada com a caixa na mão.
Catação	Joaquim Nabuco – Bairro Michel	1 minuto e 16 segundos	Abandona a caixa.	Terezinha caminha na calçada com a caixa na mão, porém decide deixar a caixa pela rua.
Caminhada	Rua Madre Tereza Michel – Bairro Michel	29 segundos	Seguindo para a igreja.	Eu e ela caminhamos em direção a igreja.
Familiares	Rua Madre Tereza Michel – Bairro Michel	20 segundos	Encontro com os familiares	Chegamos na rua da igreja do bairro Michel e encontramos Cassiano e Antônio sentados ao lado do carrinho.
Carrinho	Rua Madre Tereza Michel – Bairro Michel	36 segundos	Deslocamento do carrinho	Terezinha muda o carrinho do lugar.
Igreja	Rua Madre Tereza Michel – Bairro Michel	33 segundos	Atividade na igreja	Terezinha vai até a sala de reunião.
Igreja	Rua Madre Tereza Michel – Bairro Michel	32 segundos	Atividade na igreja	Na sala da igreja ela bebe água enquanto espera o início do encontro.
Igreja	Rua Madre Tereza Michel – Bairro Michel	2 minutos e 16 segundos	Atividade na igreja	Terezinha participa da atividade de construção do puf com garrafas pet.
Catação	Rua Madre Tereza Michel e rua Joaquim Nabuco, Centro.	6 minutos e 38 segundos	Coleta e seleção do MR	Seguimos da rua da igreja do bairro Michel em direção a Joaquim Nabuco. Antônio puxa o carrinho. Cassiano e Terezinha caminham ao lado. Descemos a rua Joaquim Nabuco em direção à Avenida Centenário. Terezinha abre a lixeira de um estabelecimento comercial, apalpa os sacos, nada encontra e fecha. Atravessamos a rua. Terezinha encontra papelões no

				<p>chão, junta-os e joga dentro do carrinho. Fomos a uma das ruas transversais ao ver uma lixeira lotado de MR. Ela apalpou os sacos da lixeira e localizou uma bombona de 5 litros de água mineral e um bolsa de papelão, contendo outros resíduos não identificados.</p>
Catação	Rua Joaquim Nabuco - Centro	3 minutos e 48 segundos	Coleta e seleção do MR	<p>Retornamos a Joaquim Nabuco. Foi encontrada outra lixeira de condomínio, onde a seleção do MR foi realizada previamente dividida em lixo orgânico e seco (vidros, alumínio, papel, plástico). Terezinha e Antônio cataram alumínio, papel, plástico. Em outra lixeira de condomínio recolheram uma proteção da hélice do ventilador, bolsas de papelão, garrafas pet e restos de alimentos para o cachorro. Terezinha atravessa a rua vai à outra lixeira e recolhe papelão, plásticos e garrafa pet. Adiante Terezinha vasculha outra lixeira de condomínio, onde está escrito lixo orgânico. Nada encontra e seguimos pela rua. Na lixeira seguinte ela encontrou uma sacola com garrafas pet e papéis. Na lixeira ulterior ela recolheu uma caixa de papelão e um pão para o cachorro.</p>
Catação	Avenida Centenário - Centro	4 minutos e 17 segundos	Coleta e seleção do MR	<p>Terezinha vasculha uma lixeira de condomínio e recolhe uma bolsa de papelão contendo outros resíduos. Na lixeira seguinte Terezinha e Antônio encontram diversas caixas de papelão. Dobramos a rua à direita e chegamos na avenida Centenário. Ao chegarmos na Drogaria Catarinense, eu e Terezinha entramos. Antônio e Cassiano ficaram do lado de fora com o carrinho.</p>

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Relação com o lugar	Avenida Centenário - Centro	17 segundos	Observa as maquiagens	Terezinha observa as maquiagens dentro da farmácia. Relata que outro dia achou no lixo, mas não dava mais para passar no rosto.
Relação com os comerciantes	Avenida Centenário - Centro	34 segundos	Doação de portas de madeira	O farmacêutico oferece as portas de madeira usadas para que ela levar para casa. Ela pede que ele guarde, pois irá buscá-las outro dia.
Catação	Avenida Centenário - Centro	39 segundos	Coleta do MR	No depósito da farmácia ela recolhe papelões.
Catação	Avenida Centenário - Centro	20 segundos	Organização do material no carrinho	Terezinha com ajuda de seu filho coloca os papelões no carrinho. Chove granizo nesse momento.
Chuva (granizo)	Avenida Centenário - Centro	1 minuto e 50 segundos	Abrigo (farmácia)	Eu e Terezinha ficamos dentro da Farmácia, fora chovia granizo. Ela vai até a balança e se pesa. Seu marido e filho ficam na rua, embaixo da marquise.
Relação com os comerciantes	Avenida Centenário - Centro	1 minuto	Reconhecimento.	A chuva estiou, observo que eles têm sobrinhas. Antônio puxa o carrinho, Terezinha agradece aos funcionários da farmácia e seguimos.
Catação	Rua Palamede Milioli	47 segundos	A procura do MR	Terezinha apalpa uns sacos de plásticos que estão no chão, na frente de uma lixeira cadeada. Nada encontra e seguimos. Antônio mostra-se preocupada com a casa.
Catação	Rua Palamede Milioli	1 minuto e 58 segundos	Coleta do MR	Em um estabelecimento comercial ela ganha várias caixas de papelão. Continua chovendo. O filho diz que ela não está preocupada com a casa.
Catação	Rua Palamede Milioli	1 minuto e 21 segundo	Organização do MR no carrinho	Antônio e Terezinha organizam as caixas no carrinho, depois Antônio começa a puxar o carrinho rápido porque chove.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua Palamede Milioli	48 segundos	Coleta do MR	A chuva estia e Terezinha traz caixas de papelão de uma lixeira de um edifício e deposita no carrinho estacionado. Seguimos adiante.
Catação	Avenida Victor Meireles	5 minutos e 18 segundos	Coleta e seleção do MR	A seguir Terezinha recolhe caixas de pizza de uma lixeira e coloca no carrinho. Antônio está preocupado com a casa. Um pouco depois Terezinha encontra caixas de papelão em uma calçada, ela agrupa-as e coloca no carrinho. Terezinha olha outra lixeira, mas nada encontra. Nesse momento Cassiano ajuda o pai a puxar o carrinho.
Relação familiar	Avenida Victor Meireles	22 segundos	Cooperação	Na subida Terezinha ajudou empurrando o carrinho, enquanto o marido puxava.
Trânsito	Avenida Victor Meireles	23 segundos	Dificuldades no trânsito	O marido puxa o carrinho, Terezinha segue atrás. Caminham na estrada na mesma direção dos carros.
Risco à saúde	Avenida Victor Meireles	3 minutos e 21 segundos	Não utiliza luvas	Enquanto caminhamos converso com Terezinha. Ela diz que não usa luvas porque não tem. Mostra os lugares do braço e das mãos em que já foi picada por cacos de vidro. Continuamos caminhando.
Catação	Avenida Victor Meireles	34 segundos	Coleta do MR	O filho de Terezinha puxa o carrinho e ela junta caixas de bolsa plástica contendo garrafas pet que encontrou pela rua.
Catação	Rua Domênico Sônego – Bairro Sta. Bárbara	1 minuto e 48 segundos	Deposita o MR no carrinho	O carrinho está estacionado e Terezinha deposita a bolsa plástica que encontrou, mas antes retira a água.

Tema	Local	Tempo	Temática	Observação
Catação	Rua Domênico Sônego – Bairro Sta. Bárbara	4 minutos e 20 segundos	Coleta do MR	Nesse estabelecimento, o proprietário traz grande quantidade de papelões e Terezinha e Antônio vão depositando no carrinho. O carrinho fica abarrotado e Antônio amarra uma corda para os resíduos não caírem. Depois ele puxa o carrinho e Terezinha empurra para ajudá-lo.
Trânsito	Rua Domênico Sônego – Bairro Sta. Bárbara	23 segundos	Dificuldades no trânsito	Passamos próximo à Prefeitura, Cassiano puxa o carrinho com o pai e Terezinha caminha atrás deles. Caminhamos no asfalto na mesma direção dos carros.
Trânsito	Rua Domênico Sônego – Bairro Sta. Bárbara	41 segundos	Dificuldades no trânsito	Cassiano puxa o carrinho com o pai e Terezinha caminha atrás deles. Caminhamos no asfalto na mesma direção dos carros.
Trânsito	Rua Domênico Sônego – Bairro Sta. Bárbara	19 segundos	Dificuldades no trânsito	Caminhamos no asfalto na mesma direção dos carros. Terezinha comenta sobre o tempo que está fechado.
Trânsito	Rua Domênico Sônego – Bairro Sta. Bárbara	50 segundos	Dificuldades no trânsito	Cassiano puxa o carrinho com o pai e Terezinha caminha atrás deles. Caminhamos no asfalto na mesma direção dos carros. Encontram uma placa que está apenas escrito “rua”. Próximo da casa deles nos despedimos.

Tema	Local	Temática	Observação
Relações com os consumidores	Rua Bom Jardim da Serra, Bairro Tereza Cristina	Cooperação	Eu, Zênia e Júlio (seu filho) partimos da sua casa em direção à casa de Inês, moradora do bairro. Ela trouxe plásticos que acumulara e entregou a Zênia. Também entregou um pedaço de lona rasgado.
Relações com os consumidores	Rua Bom Jardim da Serra, Bairro Tereza Cristina	Cooperação	Chegamos à casa de Mariana, outra moradora do seu bairro. Ela entregou a Zênia e Júlio plástico, bombona e papel.
Relações com os consumidores	Rua Bom Jardim da Serra, Bairro Tereza Cristina	Cooperação	Seguimos à casa de Joana, no mesmo bairro, que doou plástico e papel. Zênia contou que essas moradoras são suas amigas.
Catação	Avenida dos Italianos – Bairro Santa Augusta	Coleta e seleção do MR	Zênia e Júlio vasculham as lixeiras das residências acopladas aos muros e grades das casas. Encontram algumas latas de cerveja, ervilha e milho, entre outros resíduos.
Relação com os comerciantes	Rua Imigrante Meller - Bairro Santa Augusta	Cordialidade	Zênia e Júlio solicitam o MR da padaria; gentilmente um senhor explica que havia doado para outro catador que passou no dia anterior.
Trânsito	Rua Imigrante Meller - Bairro Santa Augusta	Dificuldades no trânsito	Caminham ora na calçada, ora no asfalto, na mesma direção que os carros.
Catação	Rua Imigrante Meller - Bairro Santa Augusta	Coleta e seleção do MR	Ao caminhar ,eles vasculham lixeiras pelo caminho e recolhem alguns resíduos. Ao chegarmos a um mercado, encontram caixas de papelões que recolhem.
Catação	Rua Pascola Meller – Bairro Universitário	Coleta e seleção do MR	Vasculham as lixeiras das lanchonetes e casas. Entre diversos resíduos, Zênia encontra roupas, as quais disse que são boas por não estarem rasgadas.
Trânsito	Rua professor Nicolau Destri Napoleão	Dificuldades no trânsito	Júlio puxa o carrinho de mão na mesma direção dos carros.
Catação	Avenida Centenário – Bairro Pinheirinho	Coleta e seleção do MR	Em uma lanchonete eles encontram latas de milho e ervilha. Na farmácia, conseguem caixas de papelões. Após atravessarem a avenida, no posto de gasolina, encontram na lixeira garrafas pet e latinhas. Ao retornamos para casa, eles continuam vasculhando o que encontram no caminho.

Tema	Local	Temática	Observação
Catação	Rua Raymundo Pucher, bairro Anita Garibaldi e rua Júlio de Castilho, Bairro Anita Garibaldi e São Luiz	Coleta e seleção do MR	Osmar organiza sua bicicleta para sairmos para a catção. Amarra uma caixa para depositar o material encontrado na garupa desta e leva sacos de nylon. Ele empurra a bicicleta e eu caminho ao seu lado. Entramos na rua Júlio de Castilho. Ele vasculha as lixeiras dessa rua. Nesse percurso, encontrou plásticos e os recolheu. Algumas lixeiras estavam vazias.
Risco à saúde	Rua Júlio de Castilho, Bairro São Luiz	Não utiliza luvas	Osmar não usa luvas e cada vez que encontra uma torneira pela rua lava as mãos.
Catação	Rua Júlio de Castilho, Bairro São Luiz	Coleta e seleção do MR	Em um edifício, Osmar encontra canos de PVC; alegrou-se porque os vende a R\$ 1,00 o quilo.
Catação	Rua João Caetano, Bairro São Luiz	Coleta e seleção do MR	Osmar vasculha as lixeiras e coleta alguns resíduos urbanos.
Catação	Rua Mil Setecentos e Vinte Dois, Bairro São Luiz	Coleta e seleção do MR	Osmar vasculha as lixeiras e coleta alguns resíduos urbanos.
Catação	Rua Mil Setecentos e Vinte Dois, Bairro São Luiz	Coleta e seleção do MR	Osmar vasculha as lixeiras e coleta alguns resíduos urbanos.
Trânsito	Avenida Santos Dumont	Dificuldades no trânsito	Quando chegamos na avenida Santos Dumont, transita ora pela calçada, ora no asfalto. O trânsito de veículos é intenso. Dali ele decide voltar devido ao horário; alega que necessita ir ao PSF do bairro Milanese.

